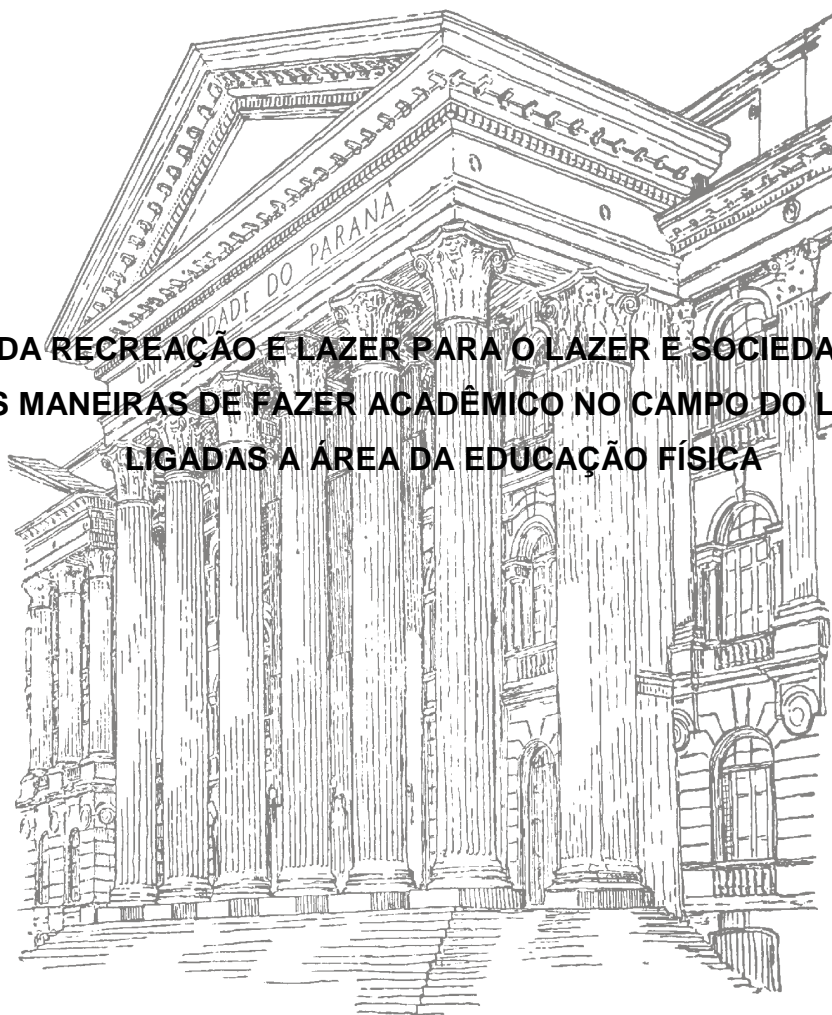


ALINE TSCHOKE

**DA RECREAÇÃO E LAZER PARA O LAZER E SOCIEDADE:
AS MANEIRAS DE FAZER ACADÊMICO NO CAMPO DO LAZER
LIGADAS A ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**



ALINE TSCHOKE

**DA RECREAÇÃO E LAZER PARA O LAZER E SOCIEDADE:
AS MANEIRAS DE FAZER ACADÊMICO NO CAMPO DO LAZER
LIGADAS A ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutora em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. SIMONE RECHIA

**CURITIBA
2016**

Universidade Federal do Paraná
Sistema de Bibliotecas

Tschoke, Aline

Da recreação e lazer para o lazer e sociedade: as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer ligadas a área da Educação Física./ Aline Tschoke. – Curitiba, 2016.

198 f.: il. ; 30cm.

Orientadora: Simone Rechia

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Recreação. 2. Lazer. 3. Educação física. I. Título II. Rechia, Simone. III Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física

CDD (20. ed.) 613.7



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Educação Física





TERMO DE APROVAÇÃO

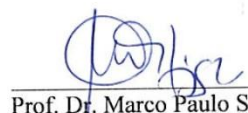
ALINE TSCHOKE VIVAN

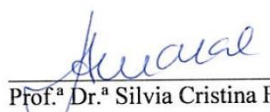
“Da recreação e lazer para o lazer e sociedade: as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer ligadas à área da educação física”

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação Física – Área de Concentração: Exercício e Esporte; Linha de Pesquisa: Esporte Lazer e Sociedade; do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:


Prof.ª Dr.ª Simone Rechia
Presidente / Orientadora - UFPR


Prof.ª Dr.ª Cristina Carta Cardoso de Medeiros
Membro Externo


Prof. Dr. Marco Paulo Stigger
Membro Externo


Prof.ª Dr.ª Silvia Cristina Franco Amaral
Membro Externo


Prof. Dr. Sílvio Ricardo da Silva
Membro Externo

Curitiba, 29 de Abril de 2016.

DEDICATÓRIA

Dedico essa tese de doutorado á Professora Doutora Simone Rechia, por me mostrar sua paixão pela docência e por me acompanhar na minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Ao povo brasileiro pelo financiamento de toda minha trajetória acadêmica.

À minha madrinha acadêmica e orientadora Simone Rechia pela inspiração e parceria.

Aos professores da banca: avaliativa: Marco Paulo Stigger, Silvia Cristina Franco Amaral, Silvio Ricardo Silva, Cristina Carta Cardoso de Medeiros pelas valiosas contribuições em todo processo de construção dessa pesquisa.

Aos sujeitos da pesquisa pela disponibilidade e generosidade em compartilhar um pouco de suas trajetórias.

Ao GEPLEC por ser solo fértil, espaço onde me desenvolvi academicamente e conquistei amigos para uma vida toda. Valeu por ter o privilégio de conviver com todas as gerações desse timão, desde 2004!

Ao IFPR pelo incentivo a formação continuada de seus docentes.

Ao Antônio Carlos dos Santos Junior pela revisão ortográfica.

À minha família pelo apoio incondicional. Em especial aos meus pais Aldo e Anadir, minha irmã Anelise e meu afilhado Aldric.

Finalmente ao meu amado Rodrigo e a minha querida filha Alice luzes da minha vida.

RESUMO

Nas últimas décadas, a área da Educação Física ampliou de maneira significativa o conhecimento científico produzido no Brasil, identificando-se, porém uma tensão entre as Ciências Sociais e Ciências Biológicas nesse fazer acadêmico. Sendo assim, evidencia-se que um dos desafios para os estudos na área do lazer é a necessidade de sistematizar os conhecimentos produzidos por tal fenômeno, no sentido de integrar os saberes relacionados às Ciências Humanas e Sociais, à Arte, à Filosofia. Assim, o tema dessa pesquisa é o conhecimento científico, no campo do Lazer e na área da Educação Física. Portanto, questiona-se: quais as maneiras de fazer acadêmico, nas perspectivas de alguns pesquisadores, vinculadas aos estudos e pesquisas no campo do lazer, concernentes à área da Educação Física, a partir da constituição do GTT- Grupo de Trabalho Temático Lazer e Sociedade, inserido no CBCE. Buscou-se atender aos seguintes objetivos específicos: 1) Levantar dados referentes a constituição do GTT Lazer e Sociedade do CBCE; 2) Analisar a retórica dos pesquisadores, buscando pistas para localizar as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer alusivos à Educação Física; 3) Descrever as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer, ligados à área da Educação Física, na perspectiva dos pesquisadores selecionados. Para tanto, esta pesquisa foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa, materializada em três fases: 1) Análise de documentos e seleção dos sujeitos; 2) Entrevistas semiestruturadas com os pesquisadores selecionados; 3) Análise interpretativa. Partindo-se da análise dos dados coletados, foram delimitadas as seguintes categorias de análise: a) A produção do conhecimento na Educação Física brasileira; b) As maneiras de fazer acadêmico; c) O CBCE como espaço de resistência. Conclui-se que as maneiras de fazer acadêmico dos estudos do lazer na área da Educação Física, na visão dos pesquisadores aqui selecionados, seguem tendências epistemológicas, relacionadas às Ciências Sociais e Humanidades; e aos aspectos socioculturais e pedagógicos. As tendências metodológicas seguem uma abordagem qualitativa. Desta análise, percebe-se o protagonismo de instituições como a CAPES e o CBCE, tanto na imposição de estratégias, como na possibilidade de criação de espaços de resistência, frente a tensão constatada entre as Ciências Sociais e as Ciências Biológicas. Ainda, o CBCE, com base na configuração dos GTTs – notadamente para este estudo o GTT Lazer e Sociedade – pode ser entendido como espaço de formação acadêmica, “laboratório de conduta científica”, “apadrinhamento” e resistência. Saliente-se que, se por um lado a CAPES gerou, com o estabelecimento de critérios de avaliação, o fenômeno do produtivismo, por outro lado, contribuiu para o avanço da produção científica no campo do lazer, na área da Educação Física e na área Interdisciplinar. Ambas instituições, quer de forma articulada, ou desarticulada com os Programas de Pós-Graduação e Graduação na área do lazer, tiveram importante papel no desenvolvimento do campo de estudos do lazer na seara da Educação Física, auxiliando na definição dos limites que o legitimam, passando das discussões da Recreação e Lazer, para o Lazer e Sociedade.

Palavras-chave: Lazer, Produção do conhecimento, Educação Física, CAPES, CBCE.

ABSTRACT

In the last decades, the area of physical education has expanded significantly the scientific knowledge produced in Brazil, which lead to identify a tension between the Social Sciences and Biological Sciences in academic production. Thus, it is evident that one of the challenges for the studies in the leisure area is the need to systematize the knowledge produced by this phenomenon, to integrate the knowledge related to Human and Social Sciences, to Arts, and to Philosophy. Therefore, the subject of this research is scientific knowledge, in the Leisure field and in the area of Physical Education. So, the question is: what are the academic production ways, from the perspectives of some researchers, linked to studies and research in the field of leisure, concerning the area of Physical Education, from the constitution of GTT- Working Group Leisure and Society inserted into the CBCE. We attempted to meet the following specific objectives: 1) To obtain data regarding the constitution of the GTT Leisure and Society of CBCE; 2) To analyze the rhetoric of researchers, seeking clues to find ways to academic production in the field of leisure alluding to Physical Education; 3) To describe the ways to academic production in the field of leisure linked to the area of Physical Education, in the selected researchers point of view. Therefore, this study was conducted in a qualitative approach embodied in three phases: 1) Document Analysis and selection of subjects; 2) Semi-structured interviews with researchers working in the GTT Leisure and Society; 3) Interpretive analysis. Starting from the analysis of the collected data, the following categories were defined: a) The production of knowledge in Brazilian Physical Education; b) The ways to academic production; c) The CBCE as resistance space. We conclude that the ways to academic production of leisure studies in the area of Physical Education, in the view of the researchers selected here, follow epistemological trends related to the Social Sciences and Humanities; and socio-cultural and educational aspects. Methodological trends follow a qualitative approach. Still, the CBCE, based on the configuration of GTTs - notably for this study GTT Leisure and Society - can be understood as an academic formation space, "scientific conduct laboratory", "sponsorship" and resistance. It should be noted that, if on the one hand CAPES generated, with the establishment of evaluation criteria, the productivism of the phenomenon, on the other hand it contributed to the advancement of scientific production in the field of leisure in the Physical Education area and in the interdisciplinary area. In this analysis, we can see the role of institutions such as CAPES and CBCE, imposing strategies, as well as providing the possibility to spaces of resistance creation, regarding the tension established between the Social Sciences and Biological Sciences. Both institutions, either pivotally or disjointed with the Postgraduate studies and Graduate in the leisure, had played an important role in the development of leisure studies field in the Physical Education area, helping define the limits which legitimize it, going from the discussions of Recreation and Leisure to Leisure and Society.

Keywords: Leisure, knowledge production, Physical Education, CAPES, CBCE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 - Representação de alguns elementos que compõem o campo do lazer.....	25
Quadro 01 - Congressos Nacionais de Ciências do Esporte (1997-2013).....	37
Quadro 02 - Quantitativo dos trabalhos apresentados CONBRACE (1997-2013), especificamente no GTT Lazer e Sociedade.....	37
Quadro 03 - Mapeamento dos autores que apresentaram 1 trabalho ou mais em 3 edições ou mais do CONBRACE- Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte entre 1997 e 2013, especificamente no GTT Lazer e Sociedade	38
Quadro 04 - Quantitativo de pesquisadores em relação ao número de apresentação de trabalhos no GTT Lazer e Sociedade do CBCE.....	39
Quadro 05 - Pesquisadores selecionados e entrevistados nessa pesquisa.....	39
Quadro 06 - Grupos de pesquisa/ pesquisadores entrevistados.....	40
Quadro 07 - Teses de doutorado orientadas por Stigger.....	43
Quadro 08 - Dissertações de mestrado orientadas por Stigger.....	43/44
Quadro 09 - Sistematização da análise de obra científica publicada Stigger	44/45
Quadro 10 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas/ Stigger.....	45
Quadro 11 - Dissertações de mestrado orientadas por Amaral.....	53
Quadro 12 - Tese de doutorado orientada por Amaral	53
Quadro 13 - Sistematização da análise de obra científica publicada Amaral obra 01.....	54
Quadro 14 - Sistematização da análise de obra científica publicada Amaral obra 02.....	54
Quadro 15 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas por Amaral	54
Quadro 16 - Dissertações de mestrado orientadas por Rechia	61/62
Quadro 17 - Tese de doutorado orientada por Rechia.....	62
Quadro 18 - Sistematização da análise de obra científica publicada Rechia obra 01.....	63

Quadro 19 - Sistematização da análise de obra científica publicada Rechia obra 02.....	63
Quadro 20 - Sistematização da análise de obra científica publicada Rechia obra 03.....	63
Quadro 21 - Sistematização da análise de obra científica publicada Rechia obra 04.....	64
Quando 22 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas Rechia	64
Quadro 23 - Sistematização da análise de obra científica publicada Inácio obra 01.....	67
Quadro 24 - Sistematização da análise de obra científica publicada Inácio obra 02.....	67/68
Quadro 25 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas Inácio.....	68
Quadro 26 - Sistematização da análise de obra científica publicada Isayama obra 01.....	72
Quadro 27 - Sistematização da análise de obra científica publicada Isayama obra 02.....	72
Quadro 28 - Sistematização da análise de obra científica publicada Isayama obra 03.....	73
Quadro 29 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas Isayama	73/74
Quadro 30 - Dissertações de mestrado orientadas por Isayama.....	75
Quadro 31 - Dissertações de mestrado orientada por Silva	79
Quadro 32 - Sistematização da análise de obra científica publicada Silva obra 01.....	80
Quadro 33 - Sistematização da análise de obra científica publicada Silva obra 02.....	80
Quadro 34 - Sistematização da análise de obra científica publicada Silva obra 03.....	80
Quadro 35 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas Silva.....	81

Quadro 36 - Dissertações de mestrado orientadas por Gomes.....	87/88
Quadro 37 - Teses de doutorado orientadas por Gomes.....	88
Quadro 38 - Sistematização da análise de obra científica publicada Gomes obra 01.....	88/89
Quadro 39 - Sistematização da análise de obra científica publicada Gomes obra 02.....	89
Quadro 40 - Sistematização da análise de obra científica publicada Gomes obra 03.....	89
Quadro 41 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas Gomes	90
Quadro 42 - Sistematização dos objetos de estudo.....	95
Quadro 43 - Pesquisador / definição do lazer adotada em suas pesquisas.....	97
Quadro 44 - Trajetória produção do conhecimento e atuação na Educação Física.....	101
Quadro 45 - Linha do tempo CAPES.....	103/104
Quadro 46 - Currículos dos Cursos de Educação Física no contexto brasileiro e a inserção lazer.....	112/113
Quadro 47 - Disciplinas relacionadas ao lazer nos Cursos de Graduação em Educação Física- Licenciatura e Bacharelado nas instituições dos pesquisadores participantes dessa pesquisa.....	117/118
Quadro 48 - Quantitativo de professores que atuam na graduação com a temática lazer.....	121
Quadro 49 - Levantamento das posições entrevistados em periódicos que contemplam em seu escopo estudos do lazer.....	143
Imagem 2 - Linha do tempo ingresso dos pesquisadores no CBCE.....	153
Quadro 50 - Relações de orientação.....	154
Quadro 51 - Pesquisadores / Instituições de formação / Instituição de atuação.....	155
Quadro 52 - Grupos de pesquisa/ Instituição de atuação.....	157
Quadro 53 - Coordenadores e Comitê científico GTT Lazer e Sociedade.....	163/164

Quadro 54 - Comparativo de ementas do GTT Lazer e Sociedade.....	165
Quadro 55 - Pesquisador / Experiência de Pós-doutorado	167
Quadro 56 - Instituições de origem dos pesquisadores autores de trabalho apresentado no GTT Lazer e Sociedade em CONBRACEs de 1997 à 2013.....	171
Quadro 57 - Programa de Pós-graduação / Instituição de Ensino Superior	172
Quadro 58 - Tipo de empreendimento / Ano de publicação do trabalho no CONBRACE.....	174
Quadro 59 - Mapeamento das estratégias metodológicas dos estudos empíricos publicados no CONBRACE - GTT Lazer e Sociedade de 1997 à 2013.....	175
Quadro 60 - Pesquisadores em relação aos temas mais citados nos anais do CONBRACE no GTT Lazer e Sociedade.....	177

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Número de autores por trabalho apresentado.....173

Tabela 02 - Síntese dos temas apresentados no GTT Lazer e Sociedade entre os anos de 1997 à 2013.....176

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	33
2.1 <i>ETAPAS DA PESQUISA</i>	<i>33</i>
2.1.1. Fase exploratória.....	33
2.1.2 Trabalho de campo	34
2.1.3 Análise interpretativa.....	35
2.2 <i>DELIMITANDO OS SUJEITOS DE PESQUISA: PISTAS DAS MANEIRAS DE FAZER ACADÊMICO NOS ANAIS DO CONBRACE</i>	<i>36</i>
3. TRAJETÓRIA DOS PESQUISADORES: PISTAS PARA DESVELAR AS MANEIRAS DO FAZER CIENTÍFICO NO CAMPO DO LAZER.....	40
3.1 <i>GESEF - GRUPO DE ESTUDOS SOCIOCULTURAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.....</i>	<i>40</i>
3.2 <i>GEPL - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E LAZER DA UNICAMP - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS</i>	<i>51</i>
3.3 <i>GEPEC - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ESPAÇO, LAZER E CIDADE/ UFPR - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.....</i>	<i>57</i>
3.4 <i>GEPELC - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ESPORTE, LAZER E COMUNICAÇÃO/ UFG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÂNIA.....</i>	<i>66</i>
3.5 <i>GRUPOS DE ESTUDOS NA ÁREA DO LAZER DA UFMG</i>	<i>71</i>
3.5.1 <i>ORICOLÊ - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação profissional em Lazer da UFMG.....</i>	<i>71</i>
3.5.2 <i>GefuT - Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas/ UFMG.....</i>	<i>77</i>
3.5.3 <i>OTIUM - Lazer, Brasil & América latina/ UFMG</i>	<i>86</i>
3.6 <i>AS RETÓRICAS DOS ENTREVISTADOS: PISTAS PARA CONSTRUÇÃO DAS ANÁLISES.....</i>	<i>93</i>
4. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA ..	98
5. MANEIRAS DE FAZER ACADÊMICO.....	106
5.1 <i>LAZER NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL</i>	<i>106</i>
5.2 <i>LAZER NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA</i>	<i>122</i>
5.3 <i>LAZER NA PÓS-GRADUAÇÃO</i>	<i>126</i>
6. CBCE O ESPAÇO DA RESISTÊNCIA	145
6.1 <i>ENTRE PONTES E FRONTEIRAS, O GTT: LAZER E SOCIEDADE.....</i>	<i>159</i>
6.2 <i>OS ANAIS DO CONBRACE EM BUSCA DE PISTAS.....</i>	<i>170</i>
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
REFERÊNCIAS.....	190

APÊNDICES 194

ANEXOS 196

1 INTRODUÇÃO

“Na brecha entre o dizer e o fazer, que ele acredita perceber, Certeau não vê ameaças, mas uma possibilidade de futuro.” (Giard, p.12)

Nas últimas décadas, a área da Educação Física ampliou de maneira significativa o conhecimento científico produzido no Brasil, identificando-se, porém uma tensão entre as Ciências Sociais e Ciências Biológicas nesse fazer acadêmico. Para Damiani e Silva (2005), é a partir das ciências biomédicas e dos parâmetros tradicionais de ciência que são estruturadas as pesquisas em Educação Física. Os saberes técnicos do esporte tradicional foram o destaque e tiveram no rendimento e na performance a base. Para os autores supracitados, é só na década de oitenta que podemos localizar o início da interlocução com os conhecimentos oriundos das Ciências Humanas e Sociais, da Arte e da Filosofia. É nesse período que se inicia no país, de forma mais consciente, sistemática e crítica, uma trajetória complementar, porém diferenciada, de investigações no âmbito da Educação Física, e das Ciências do Esporte.

Em função deste percurso de configuração dos estudos na área de Educação Física, compreende-se haver uma problemática, e entende-se que a produção de conhecimento neste campo se realiza ainda, em muitas pesquisas, orientada por uma visão fragmentada e reducionista do conhecimento. Nesse contexto, evidencia-se que um dos desafios para os estudos na área do lazer é a necessidade de sistematizar os conhecimentos produzidos por tal fenômeno, no sentido de integrar os saberes relacionados às Ciências Humanas e Sociais, à Arte e Filosofia.

Neste sentido, os estudos do lazer na área da Educação Física vêm ganhando certo espaço e legitimidade nessas dimensões nos últimos anos, o que pode ser confirmado com um pequeno aumento de linhas de pesquisa nesse campo nos Programas de Pós-Graduação na área. Segundo o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - CAPES¹, temos atualmente 32 Programas de Pós-Graduação em Educação Física, com 51 cursos. Já em relação aos Grupos de pesquisa no Conselho Nacional de Desenvolvimento

¹ Disponível em: <http://conteudoweb.capes.gov.br> acesso em 30-12-2015.

Científico e Tecnológico - CNPq² percebe-se um aumento significativo, contando atualmente com 258 grupos cadastrados no CNPq.

Portanto, infere-se que as linhas de pesquisa presentes em Programas de Pós-Graduação na área 21 não acompanham quantitativamente o número de grupos de pesquisa na área do Lazer registrados no CNPq. Este fato revela que ainda não foi vencida a tensão entre as áreas sociais e biológicas.

No entanto, vários eventos no âmbito nacional vêm fazendo história nesta temática, tais como: Encontro Nacional de Recreação e Lazer - ENAREL³, Lazer em debate⁴ e Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE, este último especificamente na atuação do Grupo de Trabalho Temático - GTT Lazer e Sociedade⁵.

Com referência a produção científica dentre os estudos correlatos a esta proposta de pesquisa, citam-se a pesquisa de Ávila (2003), que em sua tese de doutorado buscou compreender as tendências na produção do conhecimento na Educação Física, buscando entender os autores que dão suporte a teorização sobre o conhecimento e ciência na Educação Física e o encaminhamento metodológico adotado nas pesquisas a partir da análise de teses de doutorado; Silva (1990), que analisou dissertações de mestrado produzidas em Programas de Pós-graduação em Educação Física e Esportes; Reis, Cavichioli e Starepravo (2009), que fizeram um levantamento dos pesquisadores no campo do lazer em grupos de pesquisa em lazer no Brasil, tendo como critério para seleção dos informantes os pesquisadores com uma elevada produção científica. Na sistematização dos dados Reis (2009) desenvolveu sua tese de doutorado, analisando os conceitos de lazer de tais pesquisadores, buscando relacionar fenômeno lazer e a teoria configuracional de Norbert Elias; Gomes (2011) realizou um diagnóstico sobre a pesquisa e a produção de conhecimentos sobre o lazer na América Latina, destacando em sua obra que tal produção está ainda centrada “(...) no empirismo e na dimensão técnica da

² Busca textual de grupos certificados na base atual do Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil, feita a partir da palavra lazer. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/> acesso em 11-04-2016.

³ O ENAREL- Encontro Nacional de Recreação e Lazer esteve em sua 27ª edição no ano de 2015.

⁴ Em 2013, foi realizado o XIV- Lazer em Debate, a partir de 2014 está sendo realizado simultaneamente ao Congresso Brasileiro de Estudos e Pesquisas no Lazer- CBEL, realizado pela Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Lazer.

⁵ O GTT iniciou com o nome “Lazer e Recreação” e a partir de 2012 foi denominado “Lazer e Sociedade”.

recreação em detrimento de fundamentos sociais, históricos, políticos e culturais, entre outros.” (p.122).

Além disso, vários estudos já foram realizados em relação ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, destacando-se os publicados em edições da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, tais como Rezer (2010); Almeida (2009), Bianchetti (2009), Bracht (2009), e as coletâneas de artigos promovida pelo CBCE no ano de 2007 intitulada “Política científica e produção do conhecimento em Educação Física”, organizado por Carvalho e Linhares, e em 2015 “Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física”, organizado por Rechia et all.

Especificamente sobre o GTT Lazer e Sociedade algumas pesquisas já foram realizadas: Schwartz e Gaspar (2003) estudaram tendências do GTT: Lazer e Recreação no período de 1997 a 2001; Inácio (2006) tematizou produções e pesquisas divulgadas no CBCE e no ENAREL, especificamente no que tange as Práticas Corporais na Natureza; Neto e Costa (2009) exploraram os treze primeiros anos da RBCE - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, buscando representar a trajetória inicial do lazer; e, mais recentemente, Myskiw (2015) publicou o artigo “GTT Lazer e Sociedade: análises sobre a constituição de um espaço de estudos e de produção de conhecimentos”, no qual faz um balanço dos últimos anos do GTT: Lazer e Sociedade a partir de trabalhos publicados nos anais dos eventos Nacionais do CBCE.

Sendo assim, questiona-se: **Quais as maneiras de fazer acadêmico nos estudos e pesquisas no campo do lazer ligados a área da Educação Física a partir da constituição do GTT: Lazer e Sociedade do CBCE até os dias atuais, na perspectiva dos pesquisadores associados a esta instituição?**

Tendo esse cenário em mente, aponta-se o objetivo geral desse estudo: analisar as maneiras de fazer acadêmico nos estudos e pesquisas no campo do lazer, ligados a área da Educação Física, a partir da constituição do GTT Lazer e Sociedade do CBCE e até os dias atuais, na perspectiva dos pesquisadores associados a esta instituição.

Para atender a tal objetivo geral, este será desdobrado nos seguintes objetivos específicos:

- 1) Levantar dados referentes à constituição do GTT Lazer e Sociedade do CBCE, localizando os principais pesquisadores no campo do lazer ligados à Educação Física que atuaram no processo de constituição deste coletivo;
- 2) Analisar a retórica dos pesquisadores selecionados⁶ e entrevistados, buscando pistas para localizar as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer relacionados à Educação Física;
- 3) Descrever as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer, referentes à área da Educação Física, na perspectiva dos pesquisadores selecionados e entrevistados nesta pesquisa.

Destaca-se que a pesquisa foi definida pela minha trajetória, desenvolvida na Universidade Federal do Paraná-UFPR, especificamente no GEPLEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Espaço, Lazer e Cidade – a partir do qual fui apresentada ao CBCE no ano de 2005, e desde então faço parte do GTT em questão, além de já ter desenvolvido funções administrativas tais como Secretaria Estadual do CBCE no Estado do Paraná. Igualmente, destaca-se que atualmente sou docente no Instituto Federal do Paraná⁷, desenvolvendo nesta instituição ações no âmbito do ensino, pesquisa e extensão no campo do lazer. Ademais, no final do ano de 2013, a Direção Nacional do CBCE, após eleição de nova diretoria, mudou sua sede para as dependências da UFPR, localizada na cidade de Curitiba – Paraná.

Nessa perspectiva, segundo Minayo pretende-se “(...) compreender relações, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações e a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente, compreender e interpretar a realidade.” (2011, p.24).

E para tanto, a forma como a pesquisa foi conduzida está relacionada aos objetivos propostos, pois “(...) o método científico permite que a realidade social seja reconstruída, enquanto objeto do conhecimento, através de um processo de categorização que une dialeticamente o teórico e o empírico” (DESLANDES, 1994, p.35).

⁶ Seguindo como critério de seleção: autores que apresentaram trabalhos em no mínimo três edições do CONBRACE e/ou que atuaram como coordenadores do GTT Lazer e Sociedade. Mais informações no capítulo a seguir.

⁷ O Instituto Federal do Paraná (IFPR) é uma instituição pública federal de ensino vinculada ao Ministério da Educação (MEC) por meio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC). Oferece educação superior, básica e profissional, especializada na oferta gratuita de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades e níveis de ensino.

Ao analisar esses aspectos, compreende-se que foi necessário verificar as tendências epistemológicas, para entender a origem teórica do conhecimento e os principais conceitos que embasam as pesquisas no âmbito do lazer, assim como, as tendências metodológicas para mapear procedimentos e instrumentos metodológicos que vêm se legitimando como potencialmente capazes de revelar as nuances do lazer em diferentes contextos.

A delimitação dos protagonistas dessa pesquisa se deu pela legitimidade do CBCE no atual cenário brasileiro, e pela legitimidade de tais pesquisadores no interior do CBCE. Sendo assim, foi na retórica de tais pesquisadores que desenvolvemos nossas análises, compreendendo que o estilo de retórica segundo Certeau,

[...] especifica “uma estrutura linguística que manifesta no plano simbólico. A maneira de ser no mundo fundamental de um homem”. Conota um singular. O uso define o fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação se manifesta de fato: remete a uma norma. O estilo e uso visam, ambos, uma “maneira de fazer” (falar, caminhar, etc.), mas um como tratamento singular do simbólico, o outro com elemento de um código. Eles se cruzam para formar um estilo do uso, maneira de ser e maneira de fazer. (CERTEAU, 2007, p.180)

Tal termo pode ser entendido como uma forma de moldar caminhos, fazendo-se entender bem, de forma clara e convicta, a combinação de usos e estilos dos pesquisadores.

Na retórica dos pesquisadores encontramos as primeiras pistas para a localização dos questionamentos pertinentes a essa pesquisa, sendo estes:

a) Tensão entre os aspectos biodinâmicos, socioculturais e pedagógicos, e as áreas das Ciências Sociais e das Ciências Biológicas. Esta constatação nos fez buscar mais sobre o conhecimento na Educação Física e a origem de algumas instituições científicas;

b) Disparidade no número de disciplinas e professores na área do lazer nas instituições de Ensino Superior analisadas: despertou a necessidade de levantar a história do lazer nos Currículos da Educação Física;

c) A extensão não é considerada fonte empírica para alguns professores, e pela pressão da CAPES muitas vezes é ignorada: despertou a necessidade de buscar argumentos relacionados a essa dimensão universitária;

d) Investimento maior por parte dos professores na atuação na Pós-Graduação: fez-nos investigar de que forma a CAPES impõe sua estratégia no cotidiano dos professores;

e) Finalmente, perceber a relação do CBCE com essa dinâmica: buscando revelar as maneiras de fazer acadêmico que convergem ao GTT Lazer e Sociedade, em que são avaliados produtos, mas não perdendo de foco que o processo é vivido no cotidiano da rotina universitária.

Destaca-se que tais categorias surgiram da análise da retórica dos entrevistados, e foi a partir destes discursos que foram salientados pontos de destaque, e somente após este processo buscou-se teorias para auxiliarem na compreensão destes achados, sendo Certeau e Bourdieu escolhidos para tais reflexões.

Sendo assim, vale esclarecer a contribuição dos autores nas análises realizadas nessa pesquisa, pois não foram utilizadas as teorias de cada autor integralmente, mas sim alguns conceitos buscando inter-relacionar uma análise macro e micro dos dados encontrados. Em relação a Certeau buscou-se utilizar conceitos visando prioritariamente compreender as atividades cotidianas e de que forma ações mais amplas como a “estratégia” influenciam nesse cotidiano dos professores/pesquisadores participantes dessa pesquisa. Já Bourdieu nos auxilia no olhar para como tais ações se reproduzem de forma macro no campo científico influenciando o cotidiano dos pesquisadores. Nesse sentido, mesmo percebendo-se alguns distanciamentos entre esses autores encontraram-se aproximações específicas, estas descritas no decorrer desse relatório de pesquisa.

Inicialmente, procurou-se inspiração na categoria “maneiras de fazer”, na qual é definido que:

Algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo no ponto de partida que elas são do tipo tático. Com esse intuito, a análise se ordena em três níveis: as modalidades da ação, as formalidades das práticas, os tipos de operação especificados pelas maneiras de fazer. (...) Não se trata de elaborar um modelo geral para derramar neste molde o conjunto de práticas, mas, pelo contrário, de “especificar esquemas operacionais” e procurar se existem entre eles categorias comuns e se, com tais categorias, seria possível explicar o conjunto das prática. (CERTEAU, 2007, p.21)

Constata-se que a busca foi por desvendar o que for possível, ciente da complexidade das discussões e produções deste campo de conhecimento. De acordo com Rezer (2010) necessário levar em conta:

(...) a impossibilidade de apresentar argumentos definitivos acerca do tema proposto, bem como evidenciar a responsabilidade necessária para transitar por caminhos não tranquilos de um campo do conhecimento ainda recente, tal como a Educação Física brasileira. (p.76)

Sendo assim, procura-se compreender as múltiplas facetas das maneiras de fazer acadêmico, definidas pelos pesquisadores em pauta, sem deixar de considerar as forças que nelas interferem, enumerando estratégias, táticas e astúcias.

Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede da “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira, não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los, enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, ao lado dos consumidores (ou dominados?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política. Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural. (CERTEAU, 2007, p.41)

A busca é por essa resistência, e de que forma ela é materializada nas ações cotidianas das universidades, e isso retrata como os professores encontram brechas para desenvolver pequenas resistências, compreendidas aqui na perspectiva de Certeau, como exemplo temos aqueles docentes que, mesmo com toda a pressão externa pela ênfase na pesquisa, ainda se propõe a trabalhar os três pilares – ensino, pesquisa e extensão – de forma equilibrada.

Essas maneiras de se reapropriar do sistema produzido, criações de consumidores, visam uma terapêutica de sociabilidades deterioradas, e usam técnicas de reemprego onde se podem reconhecer os procedimentos das práticas cotidianas. (CERTEAU, 2007, p.52)

São nessas diferenças que buscamos as pistas das escolhas que cada sujeito faz tentando imprimir suas marcas no comum. Pois mesmo que as críticas ao sistema de avaliação da CAPES sejam quase coletivas, a resistência vai de acordo com a necessidade de “respirar” de cada sujeito, e a possibilidade de sobrevivência em ambiente acadêmico hostil.

Encontrar tais pistas sobre o tema Lazer e Educação Física é uma tentativa de compreender a construção de determinado conhecimento científico como um

retrato de um momento histórico, corroborando com Minayo (2011) quando declara que:

A cientificidade, portanto, tem que ser pensada como uma idéia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos. A história da ciência revela não um “a priori”, mas o que foi produzido em determinado momento histórico com toda a relatividade do processo de conhecimento. (p.11)

A discussão de um tema para Certeau deve ser capaz de articular diferentes caminhos que nos apontam para onde devemos caminhar.

Mais que tratar um tema tão fugidio e fundamental, trata-se de torná-lo tratável, ou seja, fornecer, a partir de sondagens e hipóteses, alguns caminhos possíveis para analisar ainda por fazer. A meta seria alcançada se as práticas ou “maneiras de fazer” cotidianas cessassem de aparecer como o fundo noturno da atividade social, e se um conjunto de questões teóricas e métodos, de categorias e de ponto de vista, perpassando esta noite, permitisse articulá-la. (2007, p.37)

Sendo assim escolheu-se o tema conhecimento no campo do Lazer na área da Educação Física, para buscar torná-lo tratável a partir do recorte escolhido o CBCE, especificamente o GTT Lazer e Sociedade, buscando-se como hipótese o fato dos estudos do lazer seguirem uma tendência focada nas Ciências Sociais e Humanidades, tendo aspectos de análise pautados na perspectiva sociocultural e pedagógica, com predominância de uma metodologia qualitativa, centrada nos sujeitos de pesquisa.

Além disso, ter esse olhar apurado das práticas cotidianas deve nos auxiliar a compreender toda dinâmica do campo, a partir das maneiras de fazer acadêmico no GTT Lazer e Sociedade.

Eu gostaria de acompanhar alguns dos procedimentos multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos - que escapam “a disciplina” sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas (...). (CERTEAU, 2007, p.175)

Como exemplo, pode-se anunciar que nos dados empíricos percebeu-se que optar por atuar no ensino e manter ações extensionistas representa uma maneira de fazer acadêmico resistente. Já a atuação na pesquisa demasiada e focada na Pós-Graduação é uma tática alinhada a estratégia proposta pelo sistema de avaliação da CAPES.

Para auxílio das análises recorreu-se, após a coleta de dados, a alguns autores que discutiram o campo científico como espaços de disputas, estratégias e

formas específicas, destacando que o campo científico em questão se trata de um campo social, enunciando que:

A sociologia da ciência repousa no postulado de que a verdade do produto – mesmo se tratando desse produto particular que é a verdade científica – reside numa espécie particular de condições sociais de produção, isto é, mais precisamente num estado determinado da estrutura do funcionamento do campo científico. O universo “puro” da mais “pura” ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de forças e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas invariantes revestem formas específicas. (BOURDIEU, 1976, p.122)

Neste sentido, o campo científico, um dos temas presentes na teoria de Pierre Bourdieu, foi analisado nesta tese a partir da área do lazer, com um enfoque especial no campo acadêmico. Pois, na teoria do referido autor identificou-se o termo campo científico, abordando um escopo maior ao ambiente universitário, extrapolando a proposta desse estudo, pois envolveria outras instituições que também tem em seu escopo o desenvolvimento de pesquisas nessa área, tais como: SESC, SESI, Institutos particulares em geral, e não somente o ambiente acadêmico.

Sendo assim, o foco da discussão de campo está nas redes de relações que acontecem na seara acadêmica, em busca da legitimidade⁸.

Com a teoria dos campos, ou com a teoria da “pluralidade de mundos, realiza-se uma reflexão sobre a pluralidade de lógicas, de singularidades, de sistemas de funcionamento e de interesses que geram e movem esses espaços sociais que impulsionam não só a conservação do campo mas, por lutas internas decorrentes da distribuição desigual de capital, também a possibilidade de transformação. Estas lutas podem ser lutas de poder e lutas de legitimidade. (MEDEIROS, 2007, p.54)

Certeau também destaca a necessidade de delimitar um campo e perceber as formas que levam cada objeto da pesquisa (nesse caso cada pesquisador) a encontrar seu espaço no campo (acadêmico).

Os relatos que compõe esta obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isto, se precisará igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence aliás “as “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto. (CERTEAU, 2007, p.35)

⁸ Legitimidade será compreendida nessa tese como domínio sem a necessidade de coerção ou exercício da força.

Inicialmente, partiu-se do princípio que o campo acadêmico é um campo concorrencial, em busca do monopólio da autoridade científica. Neste sentido temos a capacidade técnica, aqui compreendida como conhecimento e experiência com a metodologia escolhida, e o poder social ou a busca pela legitimidade de um conhecimento. Assim, a competência científica pode ser compreendida como uma forma de retratar a forma e o conteúdo de uma ciência em pauta e pode ser considerada como legítima. Bourdieu (1983), para entender um campo, resume que é necessário compreender a busca de um lugar próprio que leve em conta as condições e critérios de pertencimento, as quais podem ser geradas ou gerar capital. Sendo assim, quando se conhecem as formas de capital de forma adequada, pode-se compreender o campo investigado.

Corroborando com esta perspectiva, complementa-se a discussão com as palavras de Medeiros, citando Wacquant (2002):

É preciso entendê-lo ao longo de vetores que se interceptam, mas que são separáveis, ao mesmo tempo respeitando suas articulações internas (...) Se o modo de argumentar de Bourdieu é como uma teia, com ramificações, se seus conceitos chave são relacionais *habitus*, campo e capital são todos constituídos de feixes de laços sociais em diferentes estados – personificados, objetivados, institucionalizados e funcionam muito mais eficazmente uns em relação aos outros), é porque o universo social é constituído dessa maneira segundo ele. (MEDEIROS, 2007, p.87)

Sob este prisma, a citada autora ressalta que é imperioso entender o campo como uma rede, configuração, desvelando não somente as posições, mas também as relações entre os ocupantes, levando em consideração poder e capital. Destaca ainda que, a partir de Bourdieu, a noção de campo “funciona como um campo magnético capaz de impor aos objetos e aos agentes que nele penetram uma gravidade específica” (MEDEIROS, 2007, p.53). Essa consideração coloca na discussão as relações de força que coexistem e disputam espaço dentro do campo.

Bourdieu (2002) utiliza o sentido metafórico de campo magnético para caracterizar o modo do funcionamento dos campos como “campos de força”. É a partir das análises das relações de força entre agentes, ou instituições no interior do campo, que se podem deduzir as maneiras pelas quais os campos se estruturam e por qual capital específico lutam. É esse capital específico que, acumulado ao longo de lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores.” (MEDEIROS, 2007, p.54)

Mesmo tendo a perspectiva da delimitação de um campo, é importante perceber que não se trata de um cenário estanque ou separado dos demais. Neste

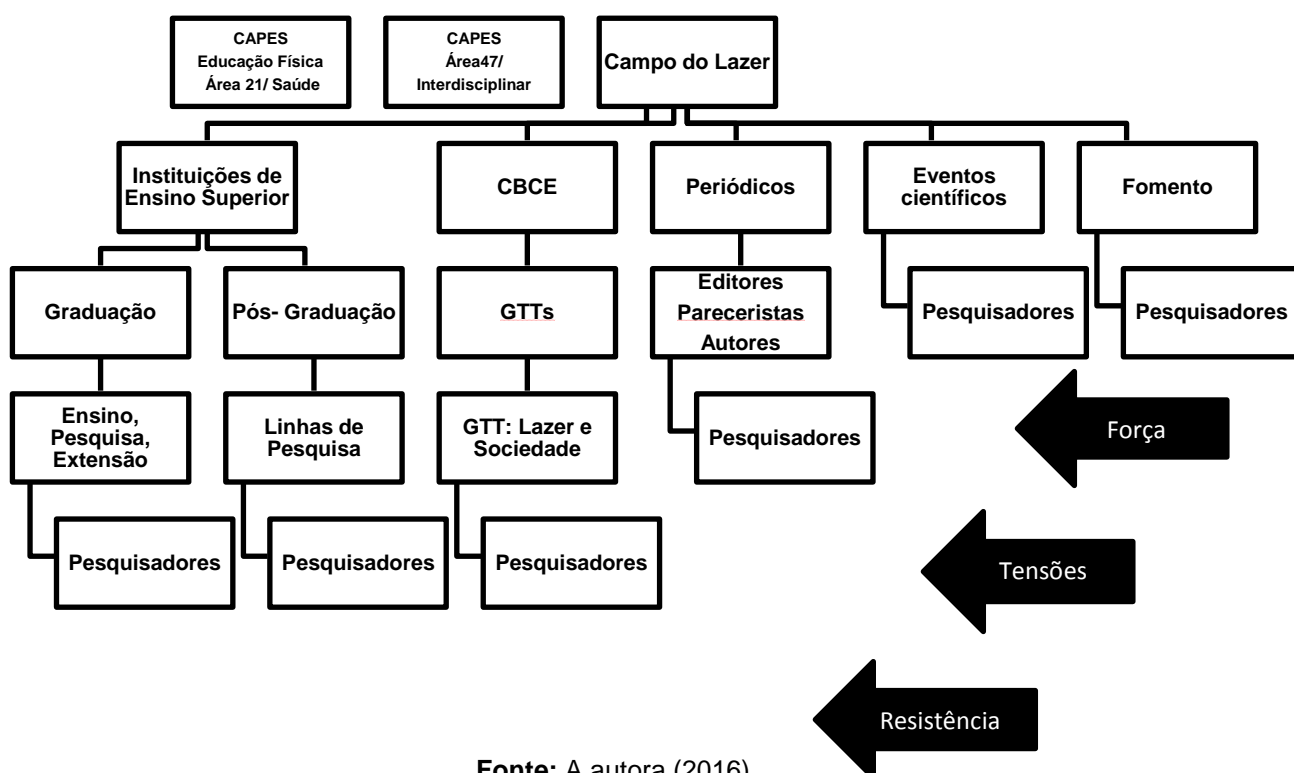
sentido, Rechia et al tratam do conceito de móbile de Bourdieu, para mostrar a interferência entre os diferentes campos.

Sabe-se que um móbile real não permanece estático por muito tempo. Basta um pequeno movimento do metacampo, ou de um dos subcampos para que todos os demais sejam influenciados. Nesse caso, um abalo nas maiores categorias pode movimentar todo campo científico. Deste modo, o “tamanho” desse campo, dado seu potencial de poder, corresponde ao seu capital simbólico e tem influencia direta em seu domínio sobre os demais. (2015, p.166)

Este conceito de móbile ressalta a necessidade de olhar para um campo específico sem esquecer a relação com os demais.

Neste trabalho entendemos o campo do lazer inserido dentro da área da educação física, composto por instituições, pesquisadores e as relações e articulações entre eles.

Figura 1- Representação de alguns elementos que compõe o campo do Lazer.



Fonte: A autora (2016).

Segundo Rechia et al (2015) é preciso atentar-se as relações de poder neste campo.

Acredita-se que a centralidade do caso está nas relações de poder que sustentam as dinâmicas sociais existentes, dados os diferentes capitais,

como menciona Bourdieu capital econômico, cultural, social e simbólico. De acordo com o mesmo, o mundo científico também apresenta concorrências na busca por ganhos específicos. (p.165)

Cada pesquisador ou grupo de pesquisadores luta para preservar sua área com as características que domina, neste caso as técnicas metodológicas e as tendências epistemológicas. Sobre o tema, Bourdieu cita Kuhn afirmando que “uma comunidade de especialistas (das ciências) fará o possível para assegurar a progressão da acumulação dos dados que ela pode utilizar com precisão e detalhadamente” (Bourdieu, 1983, p.129). Além disso, se um pesquisador ou grupo de pesquisa está dentro ou fora da lógica estabelecida devem lutar para preservar ou inverter a ordem, utilizando-se de diversificados elementos de dominação e resistência, tratados por Certeau como estratégias, táticas e astúcias, as quais serão detalhadas nas próximas linhas. As estratégias pressupõem um próprio global:

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças (os clientes ou concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc). Com a administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar. (CERTEAU, 2007, p. 99)

Ou seja, estabelecer uma estratégia é deter um próprio dentro de um campo específico, no caso do campo científico trata-se de acumular capital⁹ intelectual suficiente para ser considerado uma autoridade científica. Já a tática é mais local e busca a marginalidade para solucionar seu problema, pois não possui um lugar próprio, busca inserir-se no lugar do outro. (CERTEAU, 2007).

Mesmo sendo fundamentais no processo, em um determinado momento as táticas são subjugadas pela estratégia, pois aquelas só existem na presença destas.

O que distingue estas daquelas são os tipos de operações nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular ou alterar.” (CERTEAU, 2007, p.92)

⁹ “Acumular capital é fazer um “nome”, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca e distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum.” (Bourdieu, 1983, p. 132)

Na noção de estratégia baseada na teoria de Certeau, existe um planejamento dos indivíduos que estão no poder, na tática vislumbra-se a capacidade de contornar a estratégia, buscar alternativas para alcançar novos caminhos, brechas, ou seja, a estratégia impõe, já a tática, manipula.

Embora Bourdieu também discorra sobre o conceito de estratégia, o qual "... visa apreender as práticas inconscientes (no sentido de naturais e evidentes) como produtos do habitus ajustados a uma determinada demanda social." (Setton, 2002, p.64). Optamos nessa pesquisa sustentar as análises a partir do conceito de estratégia de Certeau.

Outro conceito correlacionado a esta discussão é a astúcia, a qual é, ao mesmo tempo, exercida e burlada, demonstrando a estranheza do cotidiano que não vem à superfície, compreendendo o fluxo e, ao mesmo tempo, indo contra ele. Pode-se dizer que a astúcia trata do que os fracos/dominados fazem com o que lhes é dado. Porém, este elemento pressupõe diferentes condições de compreensão da informação para que seja possível interferir na dinâmica.

Para tanto, é necessário especificar os esquemas operacionais, buscando encontrar semelhanças e regras no todo, para entender uma forma de mudar, transformar, reinterpretar. Em síntese, o astucioso tem a capacidade de ver além, desvelar, interpretar além do óbvio, do claro, e aí está o seu "poder".

Destaca-se também que segundo CERTEAU (2007) as ciências em geral têm buscado estudar muito mais as estratégias, deixando de lado as táticas. "Esta estrutura clivada, observável em muitas administrações ou empresas, obriga a repensar todas essas táticas até aqui tão negadas pela epistemologia da ciência." (p. 52).

Além de tentar localizar as estratégias, táticas e astúcias, em busca de descrever as maneiras de fazer acadêmico, deseja-se reforçar também os conceitos de epistemologia e metodologia, que na presente análise configuram pontos fundamentais no processo de construção de um conhecimento.

Segundo Bourdieu o debate que circula no cerne da análise epistemológica diz respeito a dois princípios de hierarquização de práticas científicas "... um que confere primazia à observação e a experimentação e, portanto, às inclinações e capacidades correspondentes, outro que privilegia a teoria e os "interesses" científicos correlativos." (1983, p.128).

Somado a isso Gamboa (2005) aponta que:

Nos modelos ou paradigmas da pesquisa científica, a epistemologia é considerada como um pólo ou nível de articulação lógica das técnicas, os métodos e as teorias e que se refere às concepções de ciência, aos critérios de validade e de rigor da prova, nível esse que se identifica, também, com os pressupostos epistemológicos que definem e diferenciam as diversas abordagens teórico metodológicas utilizadas na pesquisa científica. (GAMBOA, 2005, p.160)

Além disso, vale ressaltar também a definição utilizada no GTT: Epistemologia do CBCE, cuja ementa foi elaborada da seguinte forma:

Estudos dos pressupostos teórico-filosóficos, presentes nos diferentes projetos de delimitação da Educação Física, voltados para o fomento da atividade epistemológica como interrogação constante dos saberes constituídos neste campo do conhecimento. (CBCE, 2014)

Sobre o conceito de epistemologia, ressalte-se que se trata de níveis de articulação lógica, relacionando técnicas, métodos e teorias nas maneiras de fazer acadêmico. Por isso é importante desvelar como o GTT: lazer e Sociedade se articula.

No caso da Educação Física, Gamboa e Gamboa (2015) mostram a importância dos estudos epistemológicos na consolidação do objeto de estudo da área da Educação Física.

Os resultados encontrados por Silva (1990), Farias Jr. (1991), Gaya (1994), Carlan (1996) e Bracht (1999) são semelhantes aos achados de Sanches Gamboa (1989) na área da educação. Isto é, a produção do conhecimento baseia-se na concepção empírico-analítica de ciência e em menor grau identifica-se o crescimento das pesquisas fundamentadas na fenomenologia e no materialismo dialético. O importante desses estudos, porém, é que no âmbito da Educação Física/ Ciências do Esporte desde a década de 80 consolidou-se a discussão da identidade epistemológica e o debate sobre o objeto da Educação Física. (GAMBOA E GAMBOA, 2015, p.101)

Porém, essas discussões não se deram de forma única, vez que, segundo os autores citados, os estudos de epistemologia da Educação Física passaram por várias fases.

Segundo Bracht (1999), a partir de 1980 apresenta-se a discussão sobre a flutuação do predomínio das subáreas das Ciências Naturais (Fisiologia, Antropometria, Medicina Esportiva) e das subáreas das Ciências Humanas e Sociais (Pedagogia, Sociologia, Antropologia, Filosofia); já nos anos 90, surge o interesse pelas matrizes teóricas e as concepções de ciência que orientam a produção do conhecimento na área. Essa preocupação pelo diagnóstico do predomínio de uma ou outra disciplina, oriunda seja das Ciências Naturais, seja das Ciências Humanas ou Sociais, e recentemente,

o interesse pelas matrizes teóricas, significa uma mudança de foco nas questões instrumentais, técnicas e metodológicas para as problemáticas teóricas e epistemológicas da Educação Física. (GAMBOA E GAMBOA, 2015, p.102)

Esta trajetória demonstra avanços na tematização dos estudos, os quais atualmente vêm priorizando a superação da análise técnica, Por um olhar mais teórico e epistemológico.

Nesse sentido, para entender as lógicas construídas nas dissertações e teses é necessário recuperar os processos dessas produções, pautados pelas condições materiais históricas dos programas de Pós-Graduação, assim como pelas influências dos orientadores, as exigências e modismos dos grupos de pesquisa, os prazos acadêmicos, a organização e infraestruturas oferecidas pelas instituições universitárias, os impactos do sistema de Pós-Graduação nacional. (GAMBOA E GAMBOA, 2015, p.103)

No caso do GTT: Lazer e Sociedade, pode-se considerar como este avanço se evidenciou em sua trajetória, entre outros motivos, pela mudança no seu enfoque, materializado na atual nomenclatura e ementa deste coletivo.

Além disto, saliente-se que para o desenvolvimento das chamadas tendências epistemológicas, tendo-se por base uma reflexão de Almeida et all (2012) especificamente no artigo “Classificações epistemológicas na Educação Física: redescrições (...)”, há duas perspectivas diferenciadas em relação ao debate epistemológico:

Nas décadas de 1980 e 1990, quando a discussão concentrou-se, respectivamente, na crise crítica político ideológica e crise crítica em torno da identidade epistemológica da disciplina (a Educação Física é ou não é ciência? Qual o tipo de relação que a Educação Física deveria estabelecer com a ciência? Qual o tipo de ciência predominante na Educação Física?), a atividade epistemológica em Educação Física (FENSTERSEIFER, 2006) no século XXI tem apresentando um caráter mosaico. (ALMEIDA et all,2012, p.242)

As classificações apresentadas nessa obra foram:

- (1) Empírico-analítica, fenomenológica-hermenêutica, e crítico-dialética; o modelo utilizado é o “esquema paradigmático” sendo a crítica centrada na ideia que:

(...) o quadro de referência supremo para julgar uma ciência é o político. Nessas condições, a política precede à epistemologia, determinando, mesmo, seus rumos. (Embora como adverta Bracht (2003), a política ganhe preeminência no contexto em que está desacreditada a possibilidade de uma instância fundamentadora que decreta, por meio de atos epistemológicos, qual a verdadeira Educação Física, não deveríamos

borrar, de uma vez por todas, as fronteiras que distinguem epistemologia e vice-versa. (ALMEIDA et al, 2012, p.247)

(2) Polarizava as possibilidades em moderno e pós-moderno.

Segundo GAMBOA (2007, p.2) A superação dessa tensão se dá através da 'ontologia'. A identidade da ciência está em discutir o que é a realidade, o que é o mundo (ser ontológico). A base da ciência está no conhecimento dos fenômenos, com eles são, se apresentam e se revelam e não nas formas como o homem representa ou atua sobre o mundo. (ALMEIDA et al, 2012, p.254)

Após apresentar tais classificações, os autores concluem que "(...) como essas classificações, ao invés de qualificar o debate e fazê-lo avançar, acabam produzindo novos mal-entendidos e avaliações frágeis das perspectivas nelas enquadradas" (ALMEIDA et al, 2012, p.242).

Os autores apontam ainda que uma reação ontológica está fundada em premissas questionáveis:

As razões que apresentamos no texto nos levam a renunciar a essas duas classificações como modelos heurístico para caracterizar o atual debate epistemológico do campo (Nota: Não consideramos inadequado o uso das classificações para caracterizar a produção do conhecimento da área. Reconhecemos que elas ajudam o leitor neófito não somente a se situar no debate, mas, também a caracterizá-lo em função das perspectivas que o compõem. Elas se tornam questionáveis quando, ao invés de liberar o pensamento, inibem-no, mantendo-o preso a estereótipos que exercem um poder simplificador sobre o que se pretende elucidar. Este é o caso, parecem-nos, das classificações que nos dispusemos a analisar. O risco é a atividade epistemológica reduzir-se ao ato de classificar, entendendo que a produção de conhecimento se resumiria a isso.), uma vez que elas não fazem jus à complexidade teórica e política que marca, na atualidade, a atividade epistemológica em Educação Física. (ALMEIDA et al, 2012, p.258)

Corroborar-se com as considerações de Gamboa e Gamboa (2015), que vão trazer para discussão uma perspectiva maior da participação da filosofia; e a busca pela natureza do conhecimento como base do exercício epistemológico.

As análises epistemológicas se sustentam na constituição de um campo de conhecimento que se situa entre as práticas científicas e a reflexão filosófica, razão pela qual se conhece também pelos sinônimos de teoria da Ciência, Metaciência, ou Filosofia da Ciência (Blanché, 1975; Japiassú, 1977; Bachelard, 1989). O conceito de epistemologia tem sua origem na composição grega *episteme* (conhecimento) e *logos*, (*razão, explicação*), e *significa o estudo da natureza do conhecimento*, a sua justificação e seus limites (Audi, 2004). Essas três dimensões são representadas pelas controvérsias filosóficas acerca da possibilidade, das fontes, da essência e dos critérios de validade de um conhecimento sistemático (Episteme), o qual, por ter o imperativo de explicitar e justificar os métodos ou os caminhos e formas de elaboração dos resultados, diferencia-se historicamente de outras formas de encontrar, tais como o

senso comum (Doxa) e a razão mítica (Mitus) (Sanchez Gamboa, 2005) (GAMBOA e GAMBOA, 2015, p.98).

Estes autores propõem uma relação entre a epistemologia e a compreensão da justificativa e dos métodos que levam aos resultados de uma pesquisa, o que faz sentido quando se une epistemologia e metodologia para entender um campo científico.

A epistemologia também é considerada como um polo (Bruyne, 1982), ou como um nível de articulação lógica (Sánchez Gamboa, 1996) de outros polos ou dimensões de produção científica, tais como as técnicas ou métodos e as teorias. Esse polo ou nível refere-se aos critérios de validade e de rigor da prova científica e às concepções de ciência. Esse polo ou nível de articulação identifica-se, também, com os pressupostos epistemológicos presentes em toda produção científica. A caracterização desses pressupostos epistemológicos ajuda a diferenciar formas ou modelos de produção do conhecimento científico e critérios diferenciados de validar esse conhecimento, formas que são também conhecidas como paradigmas científicos ou matrizes epistemológicas. Essas matrizes podem ser caracterizadas, particularmente, na análise da produção acadêmica (teses, dissertação, relatórios de pesquisa, monografias). No campo da Educação Física o uso do termo epistemologia vem se referindo aos “pressupostos teórico-filosóficos” que definem e diferenciam as diversas abordagens teórico-metodológicas utilizadas na pesquisa científica. (GAMBOA e GAMBOA, 2015, p.99).

Nesta perspectiva, a compreensão da metodologia é de fundamental importância, pois ela registra os caminhos percorridos pelo pesquisador, tornando possível a apreensão do processo de pesquisa como um todo.

A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas. (...) Na verdade a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade. (MINAYO, 2011, p. 14-15)

Além disso, apresentar a metodologia utilizada para construção de um conhecimento é item obrigatório em toda redação científica, pois auxilia os leitores a compreender o contexto em que foram coletados e elaborados os resultados da pesquisa. Porém, metodologia é mais que uma técnica, como se depreende dos ensinamentos de Minayo:

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). (p.14, 2011)

Sendo assim, a clareza na tendência metodológica contribui para que o conhecimento seja testado, ou replicado em outro contexto semelhante, seguindo os mesmos passos praticados pelo pesquisador em pauta.

Para tanto, este texto está organizado em alguns capítulos que se seguem.

No 2º capítulo são apresentados os caminhos metodológicos desenvolvidos, com destaque para o processo de seleção dos pesquisadores entrevistados.

Já no 3º capítulo a retórica dos professores é apresentada a partir de suas trajetórias, e de seus grupos de pesquisa, e com base nisto são elencadas pistas para construção de análises temáticas.

Cada um dos próximos três capítulos apresenta uma categoria de análise elaborada, sendo estas: a produção do conhecimento na Educação Física brasileira, buscando localizar as tensões entre aspectos biodinâmicos e aspectos socioculturais e pedagógicos; as maneiras de fazer acadêmico: tematizando a Graduação em Educação Física a partir da localização do Lazer nos cursos de Educação Física no Brasil, a Extensão universitária e suas carências, e o Lazer na Pós-Graduação; no 6º capítulo será abordado o CBCE como espaço de resistência contribuindo nos avanços nos estudos do lazer no Brasil.

Por fim, no 7º capítulo, serão apresentadas as considerações finais e anunciada a tese elaborada a partir dos caminhos metodológicos, dados empíricos e conexões com a teoria.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa, fundamentalmente empírica, tendo como característica central a descrição densa de fatos e opiniões, além do esforço intelectual necessário para interpretar códigos, entender as estruturas e significações do contexto observado, buscando desvendar a teia de sentidos e significados que o objeto de pesquisa aponta.

2.1 ETAPAS DA PESQUISA

Para tanto, a pesquisa foi realizada em 3 etapas: (1) Fase exploratória; (2) Trabalho de campo; (3) Análise interpretativa, cada uma com seus instrumentos metodológicos específicos, como descrito a seguir:

2.1.1. Fase exploratória

Nessa etapa foi realizado o mapeamento dos pesquisadores que já foram associados ao CBCE e que militaram no GTT: Lazer e Sociedade, pois segundo Minayo, a principal função dos “(...) procedimentos exploratórios é a escolha do espaço e da amostra qualitativa” (2011, p.26). Para tanto, foram analisados os trabalhos publicados nos anais dos CONBRACEs, no período de 1997 à 2013¹⁰, especificamente relacionados ao GTT: Lazer e Sociedade. Tal ação foi fundamental para a próxima fase da pesquisa.

Esta etapa da pesquisa foi realizada nas dependências da Secretaria da Direção Nacional do CBCE¹¹ e no acervo virtual do Repositório digital da UFRGS¹². Com estas estratégias buscou-se atender ao objetivo específico 1¹³.

A partir do mapeamento foram identificados cerca de 25 pesquisadores, seguindo o critério de publicação de trabalhos em no mínimo três edições do CONBRACE e/ou que atuaram como coordenadores do GTT: Lazer e Sociedade.

¹⁰ Tal recorte histórico foi realizado, pois foi a partir de 1997 que os trabalhos do CBCE começaram a ser organizados a partir de Grupos de Trabalho Temático.

¹¹ Localizada atualmente no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da UFPR- Universidade Federal do Paraná, localizada na Rua Coração de Maria, 92-BR116 Km 95, Jardim Botânico Curitiba- Paraná.

¹² Domínio público [HTTP://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8992](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8992).

¹³ Levantar dados referentes a constituição do GTT: Lazer e Sociedade do CBCE, localizando os principais pesquisadores no campo do lazer ligados a Educação Física que atuaram no processo de constituição deste coletivo;

2.1.2 Trabalho de campo

Foram realizadas entrevistas¹⁴ semiestruturadas com pesquisadores selecionados, registrando suas impressões em relação ao processo de legitimação deste coletivo. Ao realizar o contato com os pesquisadores selecionados para entrevista, apresentou-se a temática da pesquisa, questionou-se o envolvimento atual dos mesmos com o CBCE e com a temática Lazer, e então solicitou-se a participação dos mesmos na pesquisa. Destaca-se que todos os 25 pesquisadores selecionados foram convidados, mas apenas 13 aceitaram participar da pesquisa. Dentre as motivações das recusas têm-se: aposentadoria, afastamento do tema de pesquisa, da instituição CBCE ou da área da Educação Física ou indisponibilidade de agenda, além de dois casos nos quais não foi possível contatar o pesquisador. As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto de 2014 à outubro de 2015. Nessa etapa, buscou-se atender ao objetivo 2¹⁵. O roteiro das entrevistas encontra-se no apêndice.

As entrevistas foram gravadas (gravador de áudio e filmadora), logo em seguida foram transcritas *verbatimum*, para preservar os sentidos e ideias dos colaboradores. Cada participante recebeu inicialmente esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa, os quais estão devidamente descritos no Termo de Consentimento Livre e Informado, entregue ao participante antes da realização da entrevista, e por eles assinado, a fim de formalizar a autorização para entrevistar e publicar os dados em forma de trabalhos acadêmicos.

A medida em que as entrevistas foram sendo realizadas e transcritas, analisaram-se o conteúdo das falas, para que se pudesse durante o processo identificar as informações que precisavam ser complementadas em novo contato com os informantes, traçando continuamente ajustes nos caminhos da pesquisa. Isto porque, segundo França (2007):

Nesse tipo de pesquisa não se visa generalizações, mais sim descrições ricas e detalhadas da realidade. Desta forma, não se trabalha com um número grande de sujeitos, mais sim com participantes que possam

¹⁴ “Entrevista semiestruturada (...) que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada”. (MINAYO, 2011, p.64)

¹⁵ Analisar a retórica (ou os discursos) dos entrevistados buscando pistas para localizar as maneiras de fazer acadêmica no campo do lazer ligados a Educação Física.

oferecer informações para dar conta da problemática inicial com o maior grau de profundidade e confiabilidade possível. (p.44)

Os informantes desta pesquisa foram indivíduos que atualmente estão associados ao CBCE, vinculados especificamente ao GTT: Lazer e Sociedade, que tiveram no mínimo três trabalhos apresentados no GTT: Lazer e Sociedade, entre os anos de 1997 e 2013, além dos pesquisadores que participaram da fundação do GTT: Lazer e Sociedade e passaram pela função de coordenadores, mesmo que tenham deixado de integrar a instituição atualmente. Somado a isso, no caso dos pesquisadores doutores que orientam na Pós-Graduação e coordenam Grupos de Pesquisa, foram realizadas análises de uma ou mais obras científicas, por eles indicadas, que representem suas maneiras de fazer científico. Além disso, em relação aos mesmos pesquisadores, foram compilados do Currículo Lattes de cada docente os títulos de suas orientações em âmbito de Mestrado e Doutorado. Encerrada a etapa de coleta de dados, passa-se para a última etapa da pesquisa.

2.1.3 Análise interpretativa

Nesse momento, os dados foram sistematizados, buscando as particularidades, e fazendo inferências até chegar as categorias de análises, a partir dos dados empíricos, procurando satisfazer o objetivo específico 3¹⁶. Esta etapa foi composta pela descrição, análise e interpretação dos dados.

Na descrição as opiniões dos informantes são apresentadas da maneira mais fiel possível, como se os dados falassem por si próprios; na análise o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas e, por último, na interpretação – que pode ser feita após a análise ou após a descrição – buscam-se sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito e analisado. (GOMES, 2011, p.80)

Destaca-se, ainda, que a análise foi temática e inspirada em Rechia (2003), as categorias foram elaboradas a posteriori.

Para fins didáticos a análise da narrativa dos entrevistados foi realizada em 3 fases diferentes:

¹⁶ Descrever as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer ligados a área da Educação Física, na perspectiva de alguns pesquisadores associados ao CBCE.

- 1) As falas de todos os entrevistados foram abordados no que tange as questões mais gerais, sobre a área do conhecimento e a constituição do GTT Lazer e Sociedade;
- 2) Apenas as falas de 12 pesquisadores que atualmente atuam no GTT Lazer e Sociedade foram incluídas para elencar elementos que definiram as maneiras de fazer acadêmico relacionadas aos estudos do lazer;
- 3) Foram selecionados 7 pesquisadores¹⁷ doutores que contemporaneamente atuam no GTT Lazer e Sociedade, são coordenadores de Grupos de Estudo na área do Lazer e/ou exercem a atividade de orientadores na Pós-Graduação em linhas correlacionadas ao lazer. Em relação a esse último recorte acrescentamos às falas dos entrevistados, dados retirados de seus respectivos currículos disponíveis na Plataforma Lattes e análise de obras indicadas pelos pesquisadores.

Após finalizada esta etapa, buscou-se elaborar as considerações finais, tentando satisfazer o objetivo geral¹⁸ desta pesquisa.

2.2 DELIMITANDO OS SUJEITOS DE PESQUISA: PISTAS DAS MANEIRAS DE FAZER ACADÊMICO NOS ANAIS DO CONBRACE

Em relação ao uso das estatísticas nas pesquisas científicas, Giard – na introdução do livro “A invenção do cotidiano”, 13ª edição, de Certeau – marca a posição não de desprezar as estatísticas, mas sim, de que o uso somente desta perspectiva pode deixar escapar o foco das pesquisas, ou seja, os sujeitos e suas especificidades.

Daí sua insistência no fato que os dados numéricos só têm validade e pertinência conforme as condições de sua coleta. Tratados manualmente ou submetidos a um tratamento sofisticado pela máquina, os dados continuam sendo o que são no momento de sua produção como tais, sua qualidade e sua significação informativa são proporcionais às dos procedimentos para obtê-los e construir as categorias que organizam essa produção. (GIARD, p.16, 2007)

¹⁷ Destaca-se que os entrevistados Myskiw e Pereira não foram selecionados para esta etapa porque, Myskiw ingressa na Pós-graduação após a coleta de dados e Pereira não coordenava oficialmente um grupo de pesquisa na área do lazer.

¹⁸ Analisar as maneiras de fazer acadêmico nos estudos e pesquisas no campo do lazer ligados a área da Educação Física a partir da constituição do GTT: Lazer e Sociedade do CBCE até os dias atuais, na perspectiva dos pesquisadores associados a esta instituição.

Nessa perspectiva, foram analisados quantitativamente e qualitativamente os anais do evento principal do CBCE, o CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Nesse primeiro momento são apresentados apenas dados quantitativos. Foram realizados, entre os anos de 1997 (surgimento da organização dos GTT) e 2013, cerca de nove eventos nacionais (CONBRACE).

Quadro 01 - Congressos Nacionais de Ciências do Esporte (1997-2013).

Edição do evento	Cidade sede	Tema
X CONBRACE -1997	Goiânia/GO	Educação Física/Ciências do Esporte: renovações, modismos e interesses.
XI CONBRACE - 1999	Florianópolis/SC	Educação Física/Ciências do Esporte: intervenção e conhecimento.
XII CONBRACE - 2001	Caxambu/MG	Sociedade, Ciência e Ética: Desafios para a Educação Física.
XIII CONBRACE & I CONICE - 2003	Caxambu/MG	25 anos de história: o percurso do CBCE na Educação Física Brasileira.
XIV CONBRACE & II CONICE - 2005	Porto Alegre/RS	Educação Física e Ciências do Esporte: ciências para a vida.
XV CONBRACE & III CONICE - 2007	Recife/PE	Política científica e produção do conhecimento em Educação Física.
XVI CONBRACE & III CONICE – 2009	Salvador/BA	Formação em Educação Física & Ciências do Esporte: Políticas e Cotidiano.
XVII CONBRACE & IV CONICE - 2011	Porto Alegre/RS	Ciência & Compromisso Social: Implicações na/da Educação Física.
XVIII CONBRACE & IV CONICE – 2013	Brasília- DF	Identidade da Educação Física e Ciências do Esporte em Tempos de Megaeventos.

Fonte: A autora (2016).

Nesse período de existência, aproximadamente 300 pesquisas foram apresentadas nas programações publicadas em anais dos referidos eventos, distribuídas segundo o quadro abaixo:

Quadro 02 - Quantitativo dos trabalhos apresentados CONBRACE (1997-2013), especificamente no GTT: Lazer e Sociedade

Edição do evento	Quantitativo de trabalhos
X CONBRACE -1997	23
XI CONBRACE - 1999	36
XII CONBRACE - 2001	44
XIII CONBRACE & I CONICE - 2003	41
XIV CONBRACE & II CONICE - 2005	33
XV CONBRACE & III CONICE - 2007	34
XVI CONBRACE & III CONICE – 2009	27
XVII CONBRACE & IV CONICE - 2011	33
XVIII CONBRACE & IV CONICE – 2013	24

Fonte: A autora (2016).

Em relação aos pesquisadores, em tabulação inicial dos anais dos eventos em questão, foram encontrados cerca de 490 pesquisadores, os quais já passaram pelo GTT: Lazer e Sociedade como autores de trabalhos. Segue na tabela abaixo a apresentação da listagem de pesquisadores que tiveram sua atuação destacada quantitativamente em relação a apresentação de trabalhos em edições do CONBRACE.

Quadro 03 - Mapeamento dos autores que apresentaram 1 trabalho ou mais em 3 edições ou mais do CONBRACE- Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte entre 1997 e 2013, especificamente no Grupo de Trabalho Temático Lazer e Sociedade.

Autores	1997	1999	2001	2003	2005	2007	2009	2011	2013	Total
1. Alcyane Marinho		1	3	1		2		2	1	10
2. Andreia Silva		1	1			1				3
3. Christiane Luce Gomes	1		2				2			5
4. Cristiano Neves da Rosa						1	2		1	4
5. Gisele Maria Schwartz			3	2	2	2				9
6. Hélder Ferreira Isayama			1			1		1		3
7. Humberlo Luís de Deus Inácio	1	1	1	1	1	1		1	1	8
8. Ingrid Ferreira	1		1			1		1		4
9. José Alfredo Oliveira Debortoli						1	1	1		3
10. José Geraldo Soares Damico						1	2		1	4
11. Katia Brandão Cavalcanti	2	1	1	4						8
12. Luciana Marcassa			1	1			1			3
13. Luciano Pereira da Silva							1	1	1	3
14. Luiz Carlos Rigo	1			1				1		3
15. Marcia Fernanda Bartholo			1		1	1				3
16. Marco Paulo Stigger				1	1				1	3
17. Paulo Cezar Nunes Junior							1	1	1	3
18. Priscila Augusta F. Campos						2	1		1	4
19. Raquel da Silveira				1	1				1	3
20. Sandoval Villaverde	1	1	1			1				4
21. Silvia Cristina Franco Amaral							2	1	1	4
22. Sílvio Ricardo da Silva				2	1	2	2	1		8
23. Simone Rechia			1		2		2	2	1	8
24. Talita Marques Santos					1	2	1			4
25. Tereza Luiza de França	2		1	6	1					10

Fonte: A autora (2016).

Após o mapeamento apresentado, realizado a partir de levantamento de autores de trabalhos publicados nos últimos 9 anais do CONBRACE, tem-se a seguinte sistematização dos dados:

Quadro 04 - Quantitativo de pesquisadores em relação ao número de apresentação de trabalhos no GTT Lazer e Sociedade do CBCE.

Número de Congressos nacionais promovidos pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte em que cada pesquisador apresentou um ou mais trabalhos no Grupo de Trabalho Temático Lazer e Sociedade	Número de pesquisadores
Apresentaram trabalho em 1 evento	415
Apresentaram trabalho em 2 eventos	40
Apresentaram trabalho em 3 eventos ou mais	25

Fonte: A autora (2016).

Esta análise dos anais foi fundamental para seleção dos pesquisadores que fizeram parte dessa pesquisa, sendo que dos 13 entrevistados, 12 estão entre os 25 pesquisadores que apresentaram trabalho em três eventos ou mais no período delimitado, e um se trata do coordenador do GTT: Lazer e Sociedade, durante o período das entrevistas, sendo eles:

Quadro 05 - Pesquisadores selecionados e entrevistados nessa pesquisa.

✓ Christianne Luce Gomes
✓ Cristiano Neves da Rosa
✓ Helder Ferreira Isayama
✓ Humberto Luís de Deus Inácio
✓ Luciana Marcassa
✓ Luciano Pereira da Silva
✓ Simone Rechia
✓ Marco Paulo Stigger.
✓ Mauro Myskiw
✓ Priscila Augusta Ferreira Campos
✓ Raquel Silveira
✓ Silvia Franco Amaral
✓ Silvio Ricardo Silva

Fonte: A autora (2016).

3 TRAJETÓRIA DOS PESQUISADORES: PISTAS PARA DESVELAR AS MANEIRAS DO FAZER CIENTÍFICO NO CAMPO DO LAZER

Tendo os sujeitos da pesquisa devidamente delimitados, passa-se para a apresentação de suas trajetórias, a partir da retórica, localizando-os nos seus respectivos grupos de pesquisa, como se pode conferir no quadro abaixo:

Quadro 06 – Grupos de pesquisa/ Pesquisadores entrevistados.

Grupo de pesquisa	Pesquisadores entrevistados
GESEF- Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física.	Marco Paulo Stigger Mauro Myskiw Raquel Silveira Cristiano Neves da Rosa
GPI- Grupo de Estudos e pesquisas em Políticas Públicas e Lazer.	Silvia Franco Amaral
GEPELC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Lazer e Comunicação.	Humberto Luís de Deus Inácio
GEPLEC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Espaço, Lazer e Cidade.	Simone Rechia
ORICOLÊ- Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer da UFMG.	Helder Ferreira Isayama
GEFut- Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas.	Silvio Ricardo Silva Priscila Augusta Ferreira Campos Luciano Pereira da Silva
OTIUM- Lazer, Brasil & América Latina.	Christianne Luce Gomes

Fonte: A autora (2016).

3.1 GESEF - GRUPO DE ESTUDOS SOCIOCULTURAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.

Percebe-se que, em alguns casos, o ponto marcante pode ser um novo olhar para o objeto lazer, o qual poderá propiciar a inauguração do pensamento em alguns grupos de pesquisa, como é o caso do GESEF/ UFRGS. Neste caso, o marco se deu a partir da construção de uma tese de doutorado do coordenador do grupo, Prof. Marco Paulo Stigger. Destaca-se que este entrevistado é docente do curso de Educação Física da UFRGS, e credenciado ao Programa de Pós-Graduação da mesma instituição, inserido na área 21: Saúde da CAPES.

Nas pesquisas que descrevem a trajetória do pesquisador, desde o doutorado, percebe-se que se define um linha de pesquisa bem delimitada:

A nossa mira (GESEF) não é trabalhar uma dimensão conceitual do lazer, mas sim entender como o lazer, enquanto uma instância/dimensão da vida, se manifesta em diferentes lugares e grupos sociais. Agora as respostas de

nossas pesquisas tem nos ajudado a discutir dimensões conceituais do lazer, ou seja, o material empírico nos dá condições de dialogar com as questões conceituais no lazer. (Entrevistado Stigger)

Com base nesta afirmação, o entrevistado relata que hoje consegue perceber que ao final de sua tese teve este esclarecimento, este *insight*, que fez com que tudo que ele havia pesquisado anteriormente fizesse sentido.

Ao final do Doutorado, ao terminar o meu estudo, que foi por uma linha consensual, “como é que eles vivem de esporte”? No último grupo que eu estudei eu virei e falei, “poxa, mas esses caras têm altas divergências aqui dentro”. (...) Eu me dei conta que durante a pesquisa fui disputando lógicas de pensar e de ver o esporte dentro do próprio universo. (...) Eu estou encontrando agora uma heterogeneidade interna no grupo, pessoas diferentes, que compartilham do mesmo grupo, divergem em muitos momentos sobre o que é que o grupo deveria ser e expressar. Sendo assim, uma das possibilidades de continuação do meu trabalho é justamente discutir essas disputas internas. (Entrevistado Stigger)

Analisando o depoimento do entrevistado, pode-se considerar, que o entrevistado passou por uma experiência antropológica durante o seu doutorado, e essa situação refletiu em sua maneira de fazer acadêmico. Além disso, conclui-se que um dos grandes avanços que uma pesquisa de doutorado pode trazer para formação do pesquisador é mais que obter uma resposta a um problema de pesquisa, uma tese, mas ser capaz de fazer novas perguntas e compreender cada vez mais o campo em que está inserido, e as disputas nele estabelecidas.

Hoje, observando sua trajetória, o pesquisador tem capacidade de afirmar de onde parte o seu olhar para o lazer:

Em termos, assim, teórico-metodológicos, a escolha foi o olhar da antropologia, e a ferramenta é a etnografia. A antropologia, por quê? Ela vai tentar entender o modo de vida das pessoas, em termos de cultura, no sentido simplificado, entendendo cultura como modo de vida das pessoas, como uma rede de significados que dá sentido para aquilo que as pessoas fazem. Exatamente para nos afastar dos estudos à distância e nos aproximar da vida das pessoas, entendendo o cotidiano nas microrrelações. (Entrevistado Stigger)

Buscando revelar as ações cotidianas no tempo e espaço de lazer, o pesquisador em pauta, com um enfoque antropológico, utiliza a etnografia como referencia metodológica, destacando que as teorias para compreender essa realidade são selecionadas após a coleta de dados ter sido realizada, ou seja, a posteriori,

(...) a busca de autores que nos respondam coisas que a gente está vendo no campo. (Entrevistado Stigger)

Neste momento, autores da sociologia têm contribuído muito, e uma questão recorrente nas análises tem sido as relações de poder, relatando o entrevistado que uma de suas orientandas, recentemente, utilizou Foucault para discutir especificamente tais relações.

Sobre o tratamento dos dados, Stigger critica as pesquisas que usam teoria a priori, destacando que

(...) quando eu pego uma teoria e ela é o meu ponto de partida, é como se eu colocasse uma moldura na minha pesquisa, ou seja, tudo vai cair dentro dessa moldura. (Entrevistado Stigger)

Por outro lado, exalta que o olhar mais livre do pesquisador tende a ampliar as possibilidades de registros. Fazendo uma relação direta entre empírico e teoria, o pesquisador discorre que:

Então eu já vi pesquisadores na Educação Física dizendo em palestras que o papel do trabalho empírico é sustentar ou provar a teoria. Já eu acredito que o trabalho empírico ele constrói ou desconstrói a teoria, está ali para dialogar com a teoria. (Entrevistado Stigger)

Esta perspectiva pode ser considerada uma característica na maneira de fazer acadêmica nos aspectos socioculturais.

Sobre ser professor na graduação e estar na pós-graduação, o pesquisador destaca que essa relação, pesquisa e ensino, enriquecem sua atuação como docente e que se sente diariamente desafiado por estar nesta situação, salientando que

(...) tudo o que eu vou aprendendo, com as minhas pesquisas, vai para a minha sala de aula, este é o grande diferencial do professor pesquisador da pós-graduação em relação ao professor que está somente na graduação. (Entrevistado Stigger)

O professor Marco Paulo Stigger é o coordenador do GESEF, que está localizado na ESEF - Escola de Educação Física da UFRGS, e existe desde 2001.

Em relação a dinâmica deste grupo de estudos, são realizadas reuniões semanais, nas quais são efetivados estudos teóricos, troca de experiências em relação as pesquisas/projetos/reflexões, e desenvolvimento de algumas tarefas administrativas. O grupo é composto por alunos de Graduação/Iniciação Científica, e

alunos de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado. O entrevistado ressalta que todos leem as mesmas teorias, e participam da discussão lado a lado. Em relação ao perfil dos alunos, tem-se que:

Os meus alunos eu acho que eles têm uma condição muito crítica, há um clima acadêmico forte no nosso grupo, quando o cara apresenta o projeto que ele está fazendo, para o grupo, vai ser mais duro que na hora da banca, em alguns casos pegam pesado até demais e eu tenho que chamar e, dizer: espera aí, não é assim. (Entrevistado Stigger)

Essa é outra pista das maneiras de fazer acadêmico deste professor, busca desenvolver em seus alunos uma formação crítica, e até mesmo na extensão faz ações voltadas a formação do pesquisador.

Sobre os temas de pesquisa do GESEF, destacamos novamente que o grupo começa seu enfoque a partir da tese do professor Marco Paulo Stigger, publicada em formato de livro, no ano de 2000¹⁹, tendo então um viés antropológico, etnográfico. A fim de ilustrar tal perspectiva, apresenta-se os títulos de pesquisas orientadas pelo pesquisador em pauta, sendo estas teses de doutorado e dissertações de mestrado cadastradas no currículo lattes até março de 2016.

Quadro 07- Teses de Doutorado Orientadas por Stigger.

Leandro Forell.	Participando na Cidade: Um estudo etnográfico sobre a participação em Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Parque Ararigbóia em Porto Alegre/RS. 2014
Ileana Wenzel.	Brincadeiras de crianças: corpos marcados pelo gênero e pela sexualidade. 2012.
Mauro Myskiw.	Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012.
Fernando Jaime González.	Bases sociais das disposições para o envolvimento em práticas de movimento corporal no tempo livre. 2010.
Luis Eduardo Cunha Thomassim.	O público alvo nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos. 2010.
Lauro Inácio Ely.	As Parcerias na Gestão do Desporto - um estudo a partir do Programa Escolinhas Integradas/UNISINOS. 2006.

Fonte: A autora (2016).

Quadro 08 - Dissertações de Mestrado Orientadas por Stigger.

Jaqueline Kempp	As práticas esportivas no Programa Mais Educação. 2014.
Túlio Mateus Zambelli.	Significados da natação para praticantes Máster da cidade de Porto Alegre/RS: um estudo etnográfico. 2014.
André Lazzari.	A heterogeneidade de significados da prática futebolística num programa social esportivo: possibilidades de articulações e de sustentação do programa. 2013.
Marcelo Rampazzo.	Skate, uma prática no lazer da juventude: um estudo etnográfico. 2012.
Ariane Silveira Dias Zabaleta.	Velhice e lazer: um olhar etnográfico para idosos em um projeto de lazer. 2012.

¹⁹ STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

Ariane Correa Pacheco.	"É lazer, tudo bem, mas é sério": o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol. 2012.
Flávio Py Mariante.	Da academia de boxe ao boxe de academia: um estudo etnográfico. 2010.
Leandro Forell.	Trabalho voluntário em projetos sociais esportivos: uma análise a partir do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo/RS. 2009.
Raquel da Silveira.	Esporte, homossexualidade e amizade: um estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. 2008.
Mari Simoni Bassani Fahl.	Bullyng no recreio escolar e nas aulas de Educação Física. 2008.
Letícia Prezzi Fernandes.	Nas trilhas da família: Como e o que um serviço de educação social de rua ensina sobre relações familiares. 2008.
Júlio César Bueno Perciuncula.	"Eles vêm pra cá para se proteger..."? O governo das crianças no programa SASE do Vila Centro Humanístico em Porto Alegre/RS. 2007.
Rafhael Loureiro Borges.	Corrida de Aventura e Risco: um estudo etnográfico. 2007.
Carlos Fabre Miranda.	Como se vive do atletismo: um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas. 2007.
Fernando Bruno Rieth.	Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul: uma análise do processo de mudanças ocorridas no período de 1999 a 2002. 2006.
Billy Graeff Bastos.	Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas patrocinados: da "vizinhança ao corre". 2006.
Ana Cecília de Carvalho Reckziegel.	Dança de Rua: Lazer e Cultura Jovem na Restinga. 2005.
Sílvia Regina Godinho Bauler	O Futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre os significados do futebol numa periferia urbana. 2005
Ileana Wenzel.	Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio. 2005.

Fonte: A autora (2016).

Destaca-se que o pesquisador explica que em cada orientação possibilita um avanço na compreensão do todo, pelo que valoriza muito o espaço acadêmico que vivencia, a partir da convivência com seu grupo de estudos. Além disso, pode-se destacar, já nos títulos das pesquisas que orientou, a presença de termos chaves para definir sua área de interesse, sendo estes: etnografia, cotidiano e projetos sociais. Corroborando com a análise realizada até agora, nos quadros a seguir tem-se a sistematização do conteúdo da obra indicada pelo entrevistado para representar suas maneiras de fazer acadêmico.

Quadro 09 - Sistematização da análise de obra científica publicada Stigger.

Título da obra	Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: Pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo.
Pesquisador Principal	Marco Paulo Stigger
Tem colaboradores	Não
Tipo de obra	Capítulo de livro
Problema de pesquisa	Investigação de atividades esportivas de três grupos de praticantes de esporte, aos fins de semana, em espaços públicos da cidade do Porto, em Portugal.
Metodologia utilizada	Etnografia

Estratégias metodológicas	Descrição densa; observação participante e entrevistas semi-estruturadas.
Conceito de Lazer	O autor não define o conceito de lazer, mas deixa claro que estuda o esporte no lazer em uma abordagem sociocultural.

Fonte: A autora (2016).

Quadro 10 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas / Stigger.

Conceitos e teorias utilizadas	Referencia bibliográfica	Área do conhecimento
Exercício antropológico: estratégias de análise	<p>DURHAM, R. Prefácio. In: MACEDO, Carmen Cinira. Tempo de gênese: o povo das comunidades eclesiais de base. São Paulo: Brasiliense, 1986.p.7-10(1986)</p> <p>GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.</p> <p>MAGNANI, J.G.C. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.</p> <p>LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.</p> <p>PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.</p> <p>ROWLAND, R. Antropologia, história e diferença: alguns aspectos. 3ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1997.</p>	Antropologia
Exercício antropológico: estratégias metodológicas	<p>BURGESS, R. A pesquisa de terreno uma introdução. Oeiras: Celta Editora. (1997) informantes privilegiados.</p> <p>WINKIN, Yves. Descer no campo. In:_____. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas. Papyrus, 1998. P.129-145.</p> <p>OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista da Antropologia. São Paulo, USP, v.39n.1p.13-37,1996.</p> <p>RUQUOY, D. Situação de entrevista e estratégia do entrevistado. In: ALBARELLO, L. et. all. Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1997. P.84-116.</p>	Antropologia
Metodologia científica e o uso de teoria para análise: o pesquisador não se deve prender a teorias rígidas, além disso, a metodologia deve ser o resultado de logica desenvolvida.	BECKER, H. Métodos de pesquisa em ciências sociais. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.	Sociologia

Fonte: A autora (2016).

A maioria dos autores utilizados tratam do exercício antropológico, especificamente no que tange a etnografia. Além disso, mesmo que não identificados na obra analisada, os pesquisadores mantêm em suas referências as teorias de Bourdieu e Norbert Elias. Destaca-se que a própria escolha da obra indicada para leitura revela a importância que o pesquisador confere ao estudo e definição sólida da tendência metodológica que uma pesquisa precisa ter.

Sobre publicar, destaca a atuação de um dos seus orientandos que, após a defesa da tese de doutorado, tem dado continuidade a ela, realizando novas e mais aprofundadas análises, com base no mesmo material empírico. Além disso, Stigger desempenhou, por vários anos, a função de editor da Revista Movimento, e a de parecerista de vários periódicos.

Em relação a eventos científicos externos a dinâmica do GESEF, o pesquisador relata que não tem uma participação muito efetiva, mas acredita que deveria ser mais presente, pois é um interessante meio de troca de contatos, de se tornar mais conhecido. Nesse sentido, o entrevistado reconhece a principal função da participação do congresso como a possibilidade de estabelecer redes de contato e exercer seu papel político. O entrevistado em pauta já exerceu diferentes funções no CBCE, por exemplo Diretor Científico, e seus orientandos vem assumindo posições no mesmo coletivo, talvez por sua influência.

Finalizando a apresentação desse pesquisador, destaca-se que ele considera o CBCE uma entidade importante, local onde pode dialogar sobre suas pesquisas. Em relação a conexão com a Pós-Graduação ressalta que:

Quem produz conhecimento não estando na Pós-Graduação? Poucas pessoas. Eu admiro muito pessoas que eu vejo aqui dentro (do CBCE), que eu conheço de muitos anos, que tem trajetórias de estar sempre apresentando trabalhos sem estar inseridos em Pós-Graduação. (...) Mas a Pós-Graduação é o grande lugar que estimula a pesquisa, além disso estimula a levar dados e resultados para o lugar onde a pesquisa tem que aparecer, e o lugar é uma entidade científica como o CBCE. (Entrevistado Stigger)

Este autor conseguiu, a partir de sua pesquisa de doutorado, encontrar uma meta de pesquisa bem delimitada, tanto em relação ao esporte no lazer, quanto em relação a metodologia – no caso a etnografia, desenvolvendo suas diferentes esferas docentes, seja no ensino ou na pesquisa e extensão, voltadas a consolidar

os estudos socioculturais e, especificamente, a maneira de fazer acadêmico de seu grupo de estudos.

Neste sentido, a seguir serão apresentados três outros pesquisadores integrantes do GESEF, que fazem parte deste projeto guarda-chuva, e que atualmente já atuam em universidades, selecionados nos critérios de inclusão desta pesquisa.

O primeiro pesquisador apresentado é o Dr. Mauro Myskiw, que foi orientando do professor Marco Paulo Stigger durante o processo de doutoramento, e hoje exerce a função de docente na UFRGS, vice coordenador do GESEF, sendo responsável pela linha de pesquisa “Cultura e Gestão em Educação Física”. Além disso, atualmente participa da Direção Nacional do CBCE, exercendo a função de Coordenador Nacional dos GTTs.

Em relação ao objeto de estudo deste pesquisador, inicialmente se interessou muito pela gestão esportiva, desenvolvendo suas dissertações de mestrado primeiro na área do marketing esportivo e em uma segunda oportunidade na área da administração. Quando ingressa na UFRGS para realizar o doutoramento, pretendia estudar gestão esportiva, especificamente na Secretaria de Esporte, na divisão do futebol da cidade de Porto Alegre, mas, por orientação e convivência com o GESEF, acaba delimitando seu estudo:

Ao passo que eu fui conversando com o grupo de pesquisa, que tem esse interesse muito grande sobre estudar o esporte na perspectiva do lazer, eu também, fui sendo cooptado por essa perspectiva do grupo, e foi me integrando com a ideia da etnografia, e a gestão acabou entrando no trabalho, na tese, mas eu diria que foi uma gestão na perspectiva do lazer. (...) Na perspectiva de uma etnografia que se preocupa com o esporte de lazer de pessoas que se auto organizam para jogar futebol, para vivenciar, esse futebol na cidade.(Entrevistado Myskiw)

Aliás, sua atuação na pesquisa, após o término do doutorado, busca investir novamente no campo da gestão, não somente na perspectiva do lazer, como também na saúde e, especificamente, na gestão do profissional que atua nesta área. Sobre às áreas do conhecimento, destaca a importância da sociologia e da antropologia em suas pesquisas, notadamente a sociologia do esporte. Em se tratando de metodologia, trabalhou muito com análise de conteúdo, análise de discurso, e, recentemente, com a etnografia.

O entrevistado está buscando um lugar para se consolidar enquanto pesquisador, com seu espaço próprio, e de certa forma, independente do seu

orientador. Assim, pela definição da temática, acredita que irá, de certa maneira, afastar-se do GTT: Lazer e Sociedade, nos próximos anos.

E nessa expectativa de trilhar uma carreira de professor pesquisador, vinculado com essa questão da gestão especificamente do professor de Educação Física, quero pesquisar aquele professor que vai dar aula na escola, e tem que gerenciar alguns aspectos da sua prática, equipamentos, estruturas, materiais, ou um professor que vai trabalhar numa academia, ou ser um *personal trainer*, e que tem que desenvolver a sua gestão, mas sempre será uma gestão pensada com referencial da sociologia e antropologia, e não tanto da administração, das ciências aplicáveis. (Entrevistado Myskiw)

Em relação a Pós-Graduação e ao CBCE, percebe a importância de relação de apadrinhamento de seus futuros orientandos como fundamental no processo de formação do pesquisador.

Porque o evento ele é um espaço para você debater com os teus pares. (...) Você trazer os teus orientandos para que eles possam expor suas questões e se tornarem conhecidos. Nesse sentido, eu diria que o ingresso no Programa de Pós-Graduação vai muito rapidamente me fazer voltar para o GTT Lazer e Sociedade junto com os meus orientandos. A tendência é que eu ficarei apadrinhando, dando aquela força, assistindo, acompanhando, participando dos debates em alguns momentos. (Entrevistado Myskiw)

Denota-se, pela argumentação do entrevistado, que este apadrinhamento consiste na apresentação do acadêmico à instituição científica, perpassa o acompanhamento do mesmo em suas ações científicas, tais como apresentação de trabalho e arguições, além de, aos poucos, inseri-lo nas diversificadas funções do colégio, sendo estas: secretarias, comitês científicos, entre outras. Esta ação de incentivo faz com que o pesquisador em formação seja capaz de conquistar seu espaço no interior do campo.

O pesquisador indica uma possível materialização da conexão entre os Programas de Pós-Graduação e o GTT Lazer e Sociedade, ao ponto que cita o apadrinhamento de acadêmicos na busca pela manutenção das discussões acerca do lazer. Além disso, reforça a necessidade desse espaço para formação científica, quando comenta que:

Mas eu acho que isso vai acontecer justamente pela necessidade de fazer com que os meus orientandos, assim, como meus orientadores fizeram, me inseriram no CBCE para que eu fosse capaz de apresentar e sustentar meus argumentos diante de uma comunidade científica. (Entrevistado Myskiw)

Sendo assim, a participação de um espaço como o CBCE seria responsável por funcionar como um laboratório de conduta científica, mesmo que os doutores não apresentem trabalhos, eles estão lá presentes para arguir e dar pistas de como os acadêmicos devem agir para conquistar a autoridade científica.

A próxima pesquisadora vinculada ao GESEF a ser apresentada é a doutoranda Raquel da Silveira, docente da FURG. Em entrevista, conta que ingressou no grupo já no início em 2001 e por isso foi desenvolvendo sua carreira enquanto docente/pesquisadora concomitante ao amadurecimento do grupo de estudos.

Eu ingresso nesse grupo de pesquisa lá em 2001, quando eu entro na universidade, na graduação, e o grupo estava começando, o (Entrevistado Stigger) estava retornando do doutorado e abrindo esse grupo, (Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física). E desde lá a rotina do grupo é integrar iniciação científica, mestrandos e doutorandos para uma discussão comum em pauta. As reuniões são, geralmente, semanais, em que a agenda varia desde elaborar um projeto de pesquisa, estudar o referencial teórico de um autor específico, estudar pesquisas sobre lazer, estudar sobre a metodologia que o grupo se propõe a realizar suas pesquisas, então a pauta do grupo vai se modificando, mas a ideia é uma formação em conjunta, entre iniciação científica, mestrando e doutorando. (Entrevistada Silveira)

Atualmente, tem como objeto de estudo a forma de produção da ciência na Educação Física, porém, desde a Graduação, faz investidas científicas tematizando o lazer cotidiano.

A metodologia utilizada, desde a Graduação, é a etnografia.

Então todos os trabalhos que eu fiz, desde a graduação até agora o doutorado, eles se embasaram na etnografia. Eu permaneci com os grupos que eu queria entender, compreender, cerca de 1 ano, 1 ano e meio, realizei entrevistas e diários de campo. Claro que em cada trabalho teve suas peculiaridades, hoje eu estou trabalhando com a ideia de antropologia multilocal situada, em que eu tenho que seguir coisas, seguir pessoas, seguir cientistas, mas a ideia principal é conviver com as pessoas, o que elas fazem no dia-a-dia e depois de um amadurecimento desse olhar, elaborar um roteiro de entrevista para poder questionar elas de forma mais enfática sobre o seu cotidiano, seja jogando bocha, jogando futebol, ou agora fazendo ciência, fazendo pesquisa. (Entrevistada Silveira)

Em relação às teorias, corrobora com os pesquisadores anteriores enunciando a sociologia e a antropologia como principais eixos, com destaque particular para as escolas francesas da sociologia.

Percebe-se os conhecimentos provenientes de suas pesquisas inseridos de forma consistente em sua prática docente, realizada no curso de Educação Física na

FURG - Universidade Federal do Rio Grande, em ações tanto de ensino quanto de extensão.

Mesmo tendo seu perfil principal diretamente relacionado ao GTT Lazer e Sociedade, relata-se que no próximo CONBRACE provavelmente vai se aproximar mais do GTT Epistemologia, isto diretamente influenciado pelo seu tema de pesquisa do doutorado.

O último pesquisador do GESEF apresentado é o professor Cristiano Neves da Rosa. Ele ingressou no GESEF em 2015, ao mesmo tempo em que deu início aos seus estudos de doutorado no Programa de Pós-Graduação da UFRGS, sob orientação do Prof. Marco Paulo Stigger. Antes disso fazia parte do grupo NUPÉ na Cidade²⁰.

O entrevistado Rosa é docente da ULBRA - Universidade Luterana do Brasil e desenvolve ações de ensino e extensão nessa instituição de ensino superior.

Em sua trajetória o pesquisador em pauta sempre teve como objeto de estudo as sociabilidades juvenis, destacando-se sua atuação como coordenador de núcleo do PELC - Programa Esporte e Lazer na Cidade, relacionado ao seu interesse por abordar, em suas pesquisas, a temática das políticas públicas. Em relação a teoria utilizada como lente para suas pesquisas define as ciências sociais, em especial os autores Jorge Simmel, Foucault e Bourdieu. Como metodologia se aproxima muito do GESEF por desenvolver, já no período de mestrado, estudos etnográficos.

Em síntese, na apresentação dos 4 pesquisadores integrantes do GESEF, percebe-se um alinhamento, tanto metodológico, quanto nas teorias que sustentam, inobstante, em alguns momentos, as temáticas pesquisadas se diferenciarem.

Sobre as maneiras de fazer acadêmico, pode-se identificar o olhar antropológico como ponto chave, a busca por teorias que dialoguem com os dados empíricos e não que determinem uma espécie de moldura na coleta de dados.

Especificamente sobre o lazer, nota-se que não existe uma preocupação com a discussão conceitual do fenômeno, mais sim uma segurança ao tratar do esporte no tempo de lazer e entender que essa delimitação basta para focar a investida etnográfica, de análise do cotidiano ou sob uma tendência de análise de políticas públicas.

²⁰ NUPÉ da Cidade (Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer na Cidade), núcleo que integra pesquisadores(as) nos níveis de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado de diferentes instituições: ULBRA, UFSM, UFRGS, UNISINOS, cadastrado no diretório dos grupos de pesquisa do CNPq, sob a liderança do Professor Dr. Alberto Reppold Filho.

O coordenador do grupo investe na formação do professor/pesquisador buscando uma atuação no ensino superior, sendo que os pesquisadores selecionados, relacionados ao GESEF, também já conquistaram esse lugar no ensino superior.

Em relação ao acúmulo de capital, destaca-se que o coordenador do GESEF, além da titulação, atuação na Graduação e Pós-Graduação, tem significativas investidas na veiculação de conhecimento em periódicos científicos, desde a submissão constante de artigos, quanto na função de parecerista ou editor de periódicos.

Percebe-se, pela análise da trajetória do coordenador do grupo e na localização de sua posição no campo, anunciada em diferentes partes deste texto, que possui autoridade científica²¹ para induzir sua interferência no meio acadêmico de forma legítima.

No mesmo caminho identifica-se a posição galgada pelo entrevistado Myskiw ao ponto que já é capaz de imprimir suas marcas nas maneiras de fazer acadêmico do grupo.

Destaca-se, ainda, que os pesquisadores estão subordinados a estratégia da CAPES, em um Programa de Pós-Graduação na área 21, mas conseguem dar conta taticamente das exigências a partir do trabalho coeso, focado na pesquisa e produção do conhecimento, deixando de lado, de certa forma, os investimentos na extensão universitária.

3.2 GEPL - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E LAZER DA UNICAMP - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

O próximo grupo de pesquisa é o GEPL, coordenado pela Professora Doutora. Sílvia Franco Amaral, cuja ementa consiste em: grupo de estudo sobre políticas públicas, lazer e algumas de suas dimensões.

Esta entrevistada é docente na Graduação em Educação Física e Credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UNICAMP, destaca-se que o último está inserido na área 21 da saúde na CAPES. Além disso,

²¹ “A autoridade científica é, pois, uma espécie particular de capital que pode ser acumulado, transmitido e até mesmo, em certas condições reconvertido em outras espécies. (BOURDIEU, 1983, p.130)”. Exemplo programas de incentivo CAPES ou CNPq, Bolsa produtividade, quantitativo de orientandos, publicações em periódicos de alto índice de impacto, entre outros.

essa pesquisadora já atuou em diferentes gestões no CBCE exercendo a função tanto de Diretora Científica quanto de Diretora Administrativa.

Somado a isso, segundo o site da escola de Educação Física da UNICAMP:

O grupo tem por objetivo desenvolver estudos que tratem dos temas relacionados a política e ao lazer, enfocando algumas de suas dimensões. Para tanto os componentes do grupo participam de reuniões de estudo, realizam leituras e discussões de obras clássicas e contemporâneas da área do lazer e correlatas. A aplicação e difusão deste conhecimento acontecem através da participação em eventos, realização de pesquisas, elaboração de artigos científicos e parcerias diversas.²²

Esta pesquisadora informa sobre como sua opção pelas políticas públicas foi realizada logo após o mestrado:

No mestrado estudei mídia, a influência da televisão nas atividades de lazer em diferentes espaços. Então, o lazer estava presente. Mas, a minha dedicação ao estudo da política pública vem desde o fim do meu mestrado, ou seja, desde 1996 eu venho estudando política pública e lazer. (Entrevistada Amaral)

Atualmente delimita suas intenções de pesquisa, vinculadas principalmente a um estudo longitudinal (previsão até 2020), focando nas políticas atuais do governo, especificamente sobre,

(...) a desestrutura do esporte recreativo ou de participação em prol do financiamento do esporte de alto rendimento. (Entrevistada Amaral)

Mas continua orientando alunos, pesquisando especificamente o lazer.

Em relação às áreas do conhecimento, comenta que no grupo de pesquisa alguns integrantes utilizam a antropologia, mas revela sua preferência pela Sociologia. Em relação a esta, descreve que anteriormente utilizava mais autores da linha marxista, contudo, especialmente hoje, tem caminhado junto a Pierre Bourdieu e autores da Ciência política. Em sua última pesquisa utiliza a Escola de Washington e a Escola Inglesa de interpretação da política. Já em relação ao lazer, costuma dialogar com clássicos, destacando a utilização de Joffre Dumazedier e Robert A. Stebbins.

Como método de análise nos estudos de política utiliza o Policy Science, técnica a qual consiste em

²² Disponível em: <http://www.fef.unicamp.br/fef/posgraduacao/gruposdepesquisa/gepl/apresentacao>. Acesso: 10/01/2016.

(...) olhar quem são os atores, como que se dá o financiamento, como que se dão as relações entre diferentes disciplinas ou áreas das políticas, o que chamamos de interinstitucionalidade, e os resultados da política. (Entrevistada Amaral)

Atualmente, nos estudos especificamente sobre lazer, orienta apenas pesquisas de memória.

Do lazer, como os 2 estudos que eu oriento hoje são de memória, então não são estudos que demandam método se não o da memória, entrevistas de histórias orais, análises de documentos primários e secundários, e análise de conteúdo. (Entrevistada Amaral)

Nos títulos das pesquisas por ela orientadas²³ percebe-se, corroborando com seu discurso, que sua área de atuação está relacionada a estudos na seara das políticas públicas, e em relação ao fenômeno do lazer com uma abordagem histórica, o que pode ser verificado nos quadros a seguir:

Quadro 11 - Dissertações de mestrado orientadas por Amaral.

Bruno Silvestre Modesto	Precários no trabalho e no lazer: um estudo sobre os professores da rede estadual paulista. 2016.
Alexandre Soares Bastos	Os Megaeventos esportivos no Piauí. 2016.
Viviane Ribeiro Paes	Jogos Olímpicos de 2016 e as influências nas Políticas Públicas para Educação Física Escolar. 2016.
Viviane Ribeiro Paes	Lazer e participação num grupo de escaladas. 2013.
Gabriel Rocha Vargas	Lazer e participação em um grupo de praticantes de escalada 2013.
Rafael Stein Pizani	Recreação, Lazer e Educação Física na cidade de Campinas: um olhar acerca dos parques e recantos infantis (1940-1960). 2012.
Flávia da Cruz Santos	A trajetória política do lazer no Brasil: sua construção como direito social. 2011.
Henrique Okajima Nakamoto	O Taikô no Instituto Cultural Nipo-brasileiro de Campinas. 2010.
Paulo Cezar Nunes Junior	Espaço para o tempo livre: Considerações sobre lazer e apropriação do espaço urbano no Parque do Ibirapuera. 2009.
Gisela Maria Brustolin	Aspectos da educação do corpo nos currículos dos cursos de pedagogia. 2007.
Eduardo Tadeu Costa	Lazer, políticas públicas e a rede de atuação matricial em Santo André. 2006.

Fonte: A autora (2016).

Quadro 12 - Tese de doutorado orientada por Amaral.

Priscila Augusta Ferreira Campos	As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após reforma. 2016.
Marília Martins Bandeira.	Políticas Públicas para o lazer de aventura: entre esporte e turismo, fomento e controle do risco. 2016.
Dirceu Santos Silva.	A copa do mundo da FIFA 2014 veio ao Brasil: a gestão do estado de São Paulo como sede. 2016.
Ana Paula Cunha Pereira	Capital social e lazer: o caso de Angra dos Reis. 2012.
Olivia Cristina Ferreira Ribeiro	Um estudo das políticas públicas de lazer: Campos de Jordão e Brotas – SP. 2012.

Fonte: A autora (2016).

²³ Dados retirados do Currículo lattes da autora com acesso em 10/05/2016.

Em relação a análise das obras indicadas pela entrevistada segue a sistematização realizada:

**Quadro 13 - Sistematização da análise de obra científica publicada Amaral
Obra 01.**

Título da obra	Espaços e vivências públicas de lazer em Porto Alegre: da consolidação da ordem burguesa à busca da modernidade urbana.
Pesquisador Principal	Silvia Franco Amaral
Tem colaboradores	Não
Tipo de obra	Artigo na Revista Brasileira de Ciências do Esporte
Problema de pesquisa	Como se conformavam os espaços públicos de lazer do início do século XX? Eram acessíveis a todas as camadas da população? Que influências podem ser notadas na conformação das políticas de lazer que foram institucionalizadas no início do século XX?
Metodologia utilizada	Pesquisa histórica
Estratégias metodológicas	Análise de fontes iconográficas e história oral.
Conceito de Lazer	Espaço e vivência de lazer nesta obra refere-se às atividades de desfruto de um tempo de não trabalho.

Fonte: A autora (2016).

**Quadro 14 - Sistematização da análise de obra científica publicada Amaral
Obra 02.**

Título da obra	Reflexões sobre a produção em políticas públicas de Educação Física, Esporte e Lazer.
Pesquisador Principal	Silvia Franco Amaral
Tem colaboradores	Sim (1)
Tipo de obra	Artigo na Revista Brasileira de Ciências do Esporte
Problema de pesquisa	Os artigos sobre políticas públicas na área da Educação Física podem ser caracterizados como pesquisas científicas? Quais as dimensões da política predominam nos artigos sobre políticas públicas em Educação Física, Esporte e Lazer selecionadas para este estudo?
Metodologia utilizada	Análise de conteúdo. BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Ed.70, 1979.
Estratégias metodológicas	Seleção e análise de artigos científicos.
Conceito de Lazer	Não se aplica,

Fonte: A autora (2016).

Quadro 15 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas por Amaral.

Conceitos e teorias utilizadas	Referencia bibliográfica	Área do conhecimento
Cidades e memória.	CALVINO, I. As cidades invisíveis . São Paulo: Companhia das letras, 1990.	Romancista, contista.
Policy Science	FREY, K. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. Planejamento e políticas públicas (IPEA). Brasília, v.21, p.211-259, jun. 2000.	Ciências Sociais

Estado	HOFLING, E. de M. Estado e políticas (públicas) sociais. Caderno Cedes . Campinas, v. 21, n. 55, p.30-41, nov. 2001.	Ciências Sociais/Educação
Política Pública	MULLER, P.; SUREL, Y. O que é política pública? Trad. Alceu Ravanello Ferraro. Pelotas: Universidade Católica, 2000.	Ciências Sociais
Correlação de forças	FALEIROS. V. de P. O que é política social. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.	Ciências Sociais

Fonte: A autora (2016).

Da análise das obras indicadas pela autora salienta-se as duas facetas de interesse de suas pesquisas: de um lado a pesquisa história e o enfoque no fenômeno lazer; e por outro a tematização das políticas públicas, tendo como evidente ponto de conexão a lente que analisa os dados nas diferentes esferas, sendo esta as Ciências Sociais.

Em relação a formação de professores, produziu recentemente um módulo específico do tema lazer, criou cadernos e vídeo aulas, cujo material foi adquirido e está sendo distribuído pelo governo do Estado de São Paulo.

Eu fui autora de um módulo chamado lazer, que era justamente para incentivar os professores da rede a trabalhar com o conteúdo lazer com seus alunos de ensino fundamental 1 e 2, e ensino médio. (Entrevistada Amaral)

Sobre a relação da pesquisa com a comunidade, desenvolveu um estudo em política pública com gestores municipais, financiada pela FAPESP, no período de 2009 a 2011, que exigia uma transferência de conhecimento imediato. A autora afirma que atualmente sua pesquisa não está voltada para formação de professores, destaca ainda que seu departamento é de políticas públicas então, acabou se distanciando da discussão da Educação Física Escolar.

Em relação a busca por financiamento na pesquisa, no momento está tentando participar do edital da REDE CEDES²⁴.

No que tange a dinâmica do grupo de estudos, ocorre subdivisão em duas temáticas: uma de política e outra de lazer. Neste ano buscou-se atrelar a discussão das produções do próprio grupo e contribuir com as discussões propostas nas turmas da Graduação.

²⁴ Centro de desenvolvimento do esporte recreativo e do lazer, coordenado pelo Ministério do Esporte.

Sobre o lazer na Graduação a autora percebe uma queda específica no nível de formação do enfoque nas humanidades e um movimento contrário na Pós-Graduação.

Percebo que na Graduação cada vez temos menos pessoas interessadas na reflexão das ciências humanas, temos um esvaziamento, tanto quanto na Educação Física Escolar. Mas já no caso da Pós-Graduação temos um maior número de procura, a gente tem às vezes 4 ou 5 vagas para 30 candidatos. (Entrevistada Amaral)

Fazendo referência ao CONBRACE, critica a presença dos acadêmicos e fala da relação entre CBCE e dos Programas de Pós-Graduação:

Eu considero que o (CONBRACE) deveria ser o lugar para um escoamento da pesquisa mais de fôlego. Acho que não tem muito sentido, para além de um pôster, trazer um aluno de Graduação.(...) Acho que a permanência na Pós-Graduação é prioritária para existência do (CBCE),. Além disso, se nós deixarmos de estarmos na Pós-Graduação, não necessariamente na área 21, acho que qualquer Pós-Graduação, a comunidade científica perde a sua razão de existência. (Amaral)

Em síntese a professora elegeu seu objeto de pesquisa a partir da Pós-Graduação e tem conquistado seu espaço para discussão de políticas públicas na UNICAMP. Como maneiras de fazer científico identifica-se que a professora vem desenvolvendo pesquisas com a metodologia Policy Science e estudos de memória específicos sobre o lazer. Sobre o segundo tema percebemos que ela atua também pela carência de orientadores nesta área na instituição em que leciona. Especificamente sobre o lazer, refere-se ao conceito como atividades de desfruto de um tempo de não trabalho. Além disto, o olhar da análise vem das ciências sociais. Em relação às estratégias propostas pela CAPES, em um viés produtivista, e às táticas desenvolvidas pelo Programa de Pós-Graduação que está veiculada, apresenta uma posição de descontentamento, e não percebe alternativas, além da por ela escolhida, de suportar a dinâmica e tentar sobreviver.

Em relação ao acúmulo de capital em busca da autoridade científica tem realizado investimentos na formação de professores, eventos científicos, e na realização de estágio pós-doutoral, na cidade de Barcelona, na Espanha. Em seu cotidiano, conta com a parceria de outra professora, que teve parte de sua formação orientada por ela, na busca pela legitimação do campo do lazer na instituição a qual está vinculada.

Conclui-se que essa pesquisadora tem uma maturidade consistente para levantar argumentos, tanto em relação a suas escolhas enquanto docente, quanto no tocante a instituições em uma esfera maior, como o caso da CAPES.

3.3 GEPEC - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ESPAÇO, LAZER E CIDADE/ UFPR - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Novamente um grupo de estudos começa no retorno do processo de doutoramento do docente coordenador. Assim, em 2004, Simone Rechia cria o GEPEC. Segundo consta em seu *blog*, o contexto em que o grupo foi criado está relacionado:

A cidade, uma paisagem artificial criada pelo homem, é composta por objetos e imagens, uma mistura entre espaço criado e natural, dinamizada entre a vida privada e pública, onde são articulados tempo/espaço, trabalho, política, consumo, cultura, lazer. Em tal ambiente, os espaços públicos são o pulsar da vida urbana, é através dele que se estabelece o vínculo entre participação ativa e vida na cidade. Porém, atualmente, as cidades vivem um período de crise, com intensa desvalorização e redução de espaços públicos, principalmente daqueles destinados às experiências no âmbito do lazer, causando grande desestímulo para os cidadãos no convívio e na apropriação desses espaços, o que se torna uma grande perda, visto que são durante as práticas de lazer e por meio delas que os sujeitos, conscientemente ou não, podem realizar a crítica de sua vida cotidiana.²⁵ (GEPEC, 2015)

Além disso, destaca-se que o grupo busca:

(...) refletir acerca das práticas corporais e temas transversais, relacionando-os com as questões emergentes do cotidiano, estimulando pesquisadores que tem interesse na área, oferecendo uma diversidade de saberes que são fundamentais para o crescimento profissional e pessoal dos participantes com reflexos diretos na vida social. Hoje o grupo conta com a participação de vários alunos bolsistas da Graduação (IC, monitoria, licenciatura, extensão) e Pós-Graduandos, os quais desenvolvem de forma articulada projetos de ensino, pesquisa e extensão. (GEPEC, 2015)

Descreve-se, agora, como foi a trajetória da pesquisadora, até definir seu objeto de estudo, que norteia o GEPEC.

Esta pesquisadora afirma que sua primeira pesquisa foi uma dissertação de mestrado, por isso ressalta a importância da Pós-Graduação na formação de pesquisadores. Nessa primeira oportunidade o objeto de estudo da pesquisadora foi a concepção de corpo de mulheres de 30 a 50 anos na cidade de Curitiba, e,

²⁵ Disponível em: http://gepecufpr.blogspot.com.br/p/quem-somos_30.html. Acesso 10/01/2016.

durante a pesquisa, encontrou os parques públicos como uma alternativa mais agradável para o desenvolvimento de práticas corporais. Logo que encerrou seu mestrado apresentou-o no CONBRACE, e foi questionada sobre as relações entre a escolha do local para práticas corporais e a Educação Física Escolar. Após aprofundar a análise, a partir do desenvolvimento de projetos de pesquisa, a autora constata que a Educação Física Escolar não preparava para a vida na cidade.

Com o intuito de estudar as práticas corporais na cidade e o interesse em parques, a pesquisadora inicia seu processo de doutoramento – orientada pela professora Heloisa Turini Bhruns, que coordenava a linha lazer e meio ambiente – e assim, com tais influências, Rechia delimita seu objeto de estudo nas formas de apropriação dos parques na cidade de Curitiba. Logo após iniciar as disciplinas do Instituto de geociência da UNICAMP, começou a explorar a geografia humana e foi amadurecendo seu projeto, até chegar no objeto central que perdura até hoje: relação entre corpo, cidade e meio ambiente.

A busca por novos referenciais para discussão se deu, principalmente, pelo fato de, até certo ponto, o tema na época ser inédito na área da Educação Física. Em relação ao GTT: Lazer e Recreação, naquele período já havia uma discussão interna sobre espaços e equipamentos, e segundo Rechia, ela traz a inovação a partir da conexão desta temática com a área da Educação Física:

(...) no entanto, essa ideia de cidade, de planejamento urbano não estava posta na sua conexão com a Educação Física. Então eu tive que ir buscar essa conexão. (Entrevistada Rechia)

A partir da busca por novas referências para o campo, e do ambiente acadêmico a qual fazia parte a pesquisadora, encontrou-se seus marcos conceituais, dos quais destacam-se Jane Jacobs, autora de *Morte e vida das Grandes Cidades*; Milton Santos e a geografia humana; e ao analisar os documentos escritos por Jaime Lerner encontra também a referência de Henry Lefebvre. É interessante destacar que a autora busca suas próximas referências a partir de dicas e pistas dos dados e da própria literatura

Então a minha base conceitual não nasce da Educação Física para a minha trajetória, para a minha tradição de pesquisa, nasce desses autores". (Entrevistada Rechia)

Em relação às contribuições de sua orientadora do doutorado, esta apresentou alguns outros autores que também integraram o marco conceitual, tais

como José Carlos Magnani (cotidiano), Michel de Certeau (maneiras de fazer), Sebastian de Grazia (lazer), Edward Palmer Thompson (tempo); Clifford Geertz (metodologia análise cultural).

Então eu fui costurando e hoje a gente entende que o nosso grupo é um dos grupos que levou essa temática para dentro da educação física. Hoje existem outros grupos, mas o nosso grupo introduziu esses conceitos, esses autores de forma mais intensa pela área da Educação Física. (Entrevistada Rechia)

A metodologia atualmente utilizada pela autora em seu grupo de estudos, GEPLEC, afirma que foi inspirada no grupo que participou na UNICAMP, durante o doutorado liderado pela professora Heloisa Brhuns, nessa oportunidade o autor base foi Geertz, esclarecendo que

(...) esse autor, que tem uma descrição densa e define muito bem os aspectos metodológicos, apresentando essa sutileza um pouco com o campo, indicando como olhar para esse cotidiano. (Entrevistada Rechia)

Sobre os procedimentos metodológicos buscava-se desde o início a descrição densa, característica da antropologia, tendo a entrevista e observação como pontos centrais, e tais pesquisas se justificavam no campo da fenomenologia.

Especificamente no GEPLEC a preocupação maior com metodologia se deu quando seus orientandos começam a apresentar trabalhos no GTT: Lazer e Sociedade no CONBRACE e começam a ser questionados, somando-se as participações nas bancas do professor Marco Paulo Stigger, que também coloca em pauta a questão metodológica, além do fato de iniciar-se no interior do grupo a busca por publicações em periódicos, que exigem mais rigor na descrição da metodologia.

Destaca-se que o Dr. Marco Paulo Stigger pode gerar tal influência por ser dotado de autoridade científica no campo, a partir do aprofundamento das questões metodológicas dentro das pesquisas em seu grupo.

Percebe-se, então, que de certa forma o próprio campo “impõe” a preocupação com a metodologia. A autora define que hoje em seu grupo utilizam a análise cultural, investigando os aspectos socioculturais, tendo como centro do processo a descrição densa.

Em relação a formação de professores, a docente confessa que na década de 90 não imaginava que hoje estaria desenvolvendo um curso de formação de professores para Prefeitura Municipal de Curitiba sobre lazer e cidade de forma madura e contextualizada.

Hoje desenvolvemos uma formação de professores que busca sensibilizar os professores para compreenderem a importância do fenômeno lazer, percebendo-o como um direito social de fato. Além disso, entender que quando o professor está na escola, ele está trabalhando com cidadania e que lazer é cidadania? Isso é processo, porque sai do entendimento de uma ferramenta de jogos e brincadeiras que diverte, distrai, é funcionalista ou utilitarista para uma ferramenta reflexiva, crítica, questionadora de direito, como a gente faz essa transposição? E ainda sem abrir mão do movimento, do gesto, da alegria, da diversão, no entanto, que tenha conteúdo, que tenha sentido, significado e contribua para o desenvolvimento da sociedade? Então essa é a trajetória. (Entrevistada Rechia)

A pesquisadora percebe o amadurecimento da discussão do fenômeno lazer em sua trajetória em diferentes campos, e destaca que o ponto central na mudança se deve a formação de professores.

O nosso grupo e mais os outros grupos no (Brasil) do GTT, nós influenciámos uma geração de professores de Educação Física. Por quê? Porque a gente sente o reflexo disso hoje quando a gente vê nossos orientandos, nossos alunos da Graduação, depois orientandos que agora professores já conseguindo materializar esses estudos que passaram pelo plano teórico hoje na prática, porque nós fizemos prática, teoria e agora eles fazem a práxis, relação teoria prática. (Entrevistada Rechia)

E conecta essas mudanças com a trajetória do GTT: Lazer e Sociedade, como reflexo de seus pesquisadores, e por isso pode-se inferir que reflete a trajetória dos sujeitos no coletivo, então vão dos extremos de um grupo de intelectuais em formação para um equilíbrio entre teoria e prática, fruto do amadurecimento de outra geração.

Então nós partimos da prática no GTT: Recreação e lazer para teoria, ficamos muito teóricos, muito reflexivos, muito distanciados da prática, tanto que sofriamos críticas no GTT, "o GTT agora é teórico, abrimos mão da recreação, não valorizamos mais as práticas pedagógicas da recreação, discriminamos, desqualificamos", até que o ENAREL ficou o encontro prático e nós no CONBRACE o mais teórico, E hoje nós estamos em um novo momento, que é a conexão entre a teoria e prática. E quem está fazendo essa conexão? Os nossos alunos. (Entrevistada Rechia)

Além dessa mudança nos trabalhos apresentados e nas discussões no GTT: Lazer e Sociedade, a pesquisadora percebe, também, que o lazer começou a fazer parte de diferentes projetos no Ministério do Esporte.

Hoje o lazer já é entendido como uma área que tem que ser estudada, que tem que ser potencializada, como uma área importante no Mais Educação, Segundo Tempo e outros projetos sociais do governo. O lazer passou da periferia para o protagonismo. Eu agora estou participando da elaboração do Sistema Nacional do Esporte, mesmo assim o tempo todo que eu estou nesse grupo pensando políticas públicas para o Brasil, eu estou o tempo

todo falando, "e o lazer?". Então eu continuo com a bandeira, porque ainda não está consolidado. (Entrevistada Rechia)

Enquanto docente a carreira da pesquisadora se inicia em 1987 na PUC-PR e passa por essa mesma trajetória da prática para teoria em busca de um equilíbrio.

Eu começo como uma professora extremamente prática, que trabalhava com jogos e brincadeiras o tempo todo, negava teoria, eu sou essa professora que passou por esse movimento e passo a ser uma professora da graduação vinculada a outras disciplinas. Depois eu passo a ser coordenadora de curso, aí eu passo a entender o curso na sua totalidade, porque eu fui gestora, participei de uma reforma curricular, começo a ver o fenômeno lazer transpassado as outras disciplinas e isso me abre uma nova perspectiva. (Entrevistada Rechia)

Depois da experiência enquanto coordenadora, amplia sua articulação entre os conteúdos e a transversalidade do lazer quando percebe as possibilidades do desenvolvimento da temática do lazer nos diferentes níveis de habilitação em Educação física na UFPR, porém, como atua sozinha nessa área na instituição, acaba não conseguindo ampliar muito a representação desta temática no currículo, tanto da Graduação, quanto da Pós-Graduação. Em relação ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR, este está credenciado na área 21 da saúde da CAPES.

Em relação ao grupo de pesquisa, destaca que ele é constituído apenas por um professor. Sua opção é desenvolver a formação de seus alunos/pesquisadores desde os primeiros anos da Graduação.

Eu tive que ir construindo meu grupo a partir de uma formação por dentro, ou seja, pesquisadores que me acompanharam desde o primeiro ano da Graduação e que hoje fazem parte do meu grupo e são doutorandos. Nesse processo eu fui me fortalecendo e fortalecendo meus alunos. Então hoje meu grupo é composto por 23 alunos e 1 professora. (Entrevistada Rechia)

Quadro 16 - Dissertações de mestrado orientadas por Rechia.

Gabriela Cardoso Machado.	O parque Bacacheri e seus arranjos sociais: a relação entre o lazer e o uso da maconha. 2016.
Daniella Tschöke Santana.	Praça de bolso do ciclista de Curitiba/PR: idealização, cotidiano e o uso da bicicleta como forma de contestação. 2016.
Andréia Juliane Drula.	O processo de transformação de um estádio para arena: o caso da Arena da Baixada. 2015.
Thiago Domingues.	Lazer e trabalho, oposição ou composição? A relação entre oferta e demanda no âmbito do lazer em entidades não governamentais vinculadas a empresas de Curitiba. 2015.
Talita Stresser de Assis.	A relação entre o poder público e a iniciativa privada como uma possibilidade de apropriação dos espaços públicos de lazer da cidade de Curitiba. 2015.
Luize Moro.	Conhecendo os espaços públicos de lazer destinado as brincadeiras infantis. 2012.

Fernando Richardi.	Os Espaços de Esporte e Lazer do Colégio Estadual do Paraná: possíveis espaços de aprendizagem para o uso da cidade tempo/espaço de lazer. 2012.
Karine Rocio dos Santos.	A educação para o Lazer a partir dos conteúdos curriculares da Educação Física do ensino médio: um estudo de caso do Colégio Estadual do Paraná. 2012.
Marina Redekop Cassapian.	Da Cidade Planejada ao Lazer para todos: As experiências no âmbito do Lazer vividas pelos cadeirantes do grupo: "A União faz a força". 2011.
Aline Tschoke.	Lazer na Infância: possibilidades e limites para vivência do lazer em espaços públicos na periferia de Curitiba / Paraná. 2010.
Flavia Gonzaga Lopes Vieira.	Espaços públicos de lazer no centro de Curitiba: a transformação da cidade urbana para cidade humana. 2010.
Euza Virginia Cagnato.	Praças de Curitiba: Espaços que possibilitam as experiências no âmbito do esporte e lazer?. 2007.
Marcelo Ponestki Oliveira.	A Relação Entre Atividade Física / Esporte e Lazer em Parques Públicos de Curitiba. 2007.
Felipe Sobczynski Gonçalves.	Espaço e equipamentos no âmbito do lazer e esporte na Vila Nossa Senhora da Luz. 2007.

Fonte: A autora (2016).

Quadro 17 – Tese de doutorado orientada por Rechia.

Emília Amélia Pinto Costa da Silva.	Os espaços das cidades e os megaeventos esportivos no Brasil: uma análise da copa do mundo de futebol 2014 na região sul do Brasil. 2016
-------------------------------------	--

Fonte: A autora (2016).

Em relação às temáticas das pesquisas orientadas pela entrevistada, pode-se acompanhar nos quadros a seguir um pouco da diversidade de abordagens e, ao mesmo tempo, centralidade dos objetos de pesquisa.

A partir da análise dos títulos das pesquisas encontramos o lazer como ponto central de discussão, tendo como referência o trabalho empírico sobre espaços de lazer (parques, praças, escola, associação de funcionários), além da abordagem da educação necessária para possibilitar a apropriação desses espaços.

Em relação a dinâmica do grupo, a professora relata que ele desenvolve ações no ensino, na pesquisa e na extensão, seus participantes atuam a partir do trabalho colaborativo, com autonomia, em busca de seus desejos e intensões individuais; e que ninguém está pronto ainda, todos estão em formação. Ela orienta, simultaneamente, Iniciação Científica, alunos do Programa Licenciador²⁶ e é tutora do PET - Programa de Educação Tutorial.

²⁶ O Licenciador é um programa da Universidade Federal do Paraná que tem como objetivo congrega projetos de apoio à qualidade de ensino nas Licenciaturas. (UFPR, 2016). Acesso em: 07/04/2016.

Segue abaixo a sistematização das obras indicadas pela pesquisadora como representantes de sua trajetória acadêmica:

**Quadro 18 - Sistematização da análise de obra científica publicada por Rechia
Obra 01.**

Título da obra	Espaço e planejamento urbano na sociedade contemporânea: políticas públicas e a busca por uma marca identitária na cidade de Curitiba.
Pesquisador Principal	Simone Rechia
Tem colaboradores	Não
Tipo de obra	Artigo. Revista Movimento, 2005.
Problema de pesquisa	Quais as relações entre a formação do espaço urbano de Curitiba e as marcas identitárias atribuídas a esta cidade.
Metodologia utilizada	Estudo teórico baseado na tese de doutorado.
Estratégias metodológicas	Revisão de literatura
Conceito de Lazer	Não se aplica

Fonte: A autora (2016).

**Quadro 19 - Sistematização da análise de obra científica publicada por Rechia
Obra 02.**

Título da obra	O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas de Curitiba.
Pesquisador Principal	Simone Rechia
Tem colaboradores	Não
Tipo de obra	Artigo. RBCE, 2006.
Problema de pesquisa	Relato de experiência dos primeiros resultados do Projeto “A escola e os espaços lúdicos”. Como as escolas fazem o jogo do espaço para oportunizarem o espaço do jogo e da brincadeira no ambiente escolar.
Metodologia utilizada	Etnografia Analise cultural (Geertz).
Estratégias metodológicas	Descrição densa. Protocolos, entrevistas, registros fotográficos
Conceito de Lazer	Não se aplica.

Fonte: A autora (2016).

**Quadro 20 - Sistematização da análise de obra científica publicada por Rechia
Obra 03.**

Título da obra	As experiências no âmbito do lazer e o princípio da inércia: uma analogia para pensar sobre os fatores que influenciam a apropriação dos espaços públicos.
Pesquisador Principal	Simone Rechia
Tem colaboradores	Sim (4)
Tipo de obra	Artigo. Revista Movimento, 2011.
Problema de pesquisa	Quais as forças atuantes nos espaços que permitem que eles sejam vivos ou sofram do mal do vazio.
Metodologia utilizada	Qualitativa
Estratégias metodológicas	Participação das atividades, registros fotográficos, descrição densa diário de campo, levantamento de literatura.
Conceito de Lazer	Não se aplica.

Fonte: A autora (2016).

Quadro 21 - Sistematização da análise de obra científica publicada por Rechia
Obra 04.

Título da obra	Cidadania e o direito ao lazer nas cidades brasileiras: da fábula à realidade.
Pesquisador Principal	Simone Rechia
Tem colaboradores	Não
Tipo de obra	Capítulo de livro. 2015.
Problema de pesquisa	Quais os impactos sociais no âmbito do lazer esperados para as cidades como resultados da realização desses megaeventos esportivos.
Metodologia utilizada	Análise teórica - com base em orientações de dissertações de mestrado.
Estratégias metodológicas	Correlações entre pesquisas do GEPEC, seleção e análise de dados.
Conceito de Lazer	Possibilidade de organização e materialização da cultura e também como tempo e espaço de educação e desenvolvimento – sem esquecer que, na sociedade atual, tal fenômeno tornou-se palco social de disputa hegemonia, cuja tensão se dá entre a indústria cultural e a ação política e pedagogicamente orientada para a formação crítica e criativa dos sujeitos. (RECHIA, 2015)

Fonte: A autora (2016).

Quando 22 - Sistematização conceitos / teorias e referências bibliográficas utilizadas por Rechia.

Conceitos e teorias utilizadas	Referência bibliográfica	Área do conhecimento
Cidade / Urbanização	HARVEY, D. Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2000.	Geógrafo
Usos principais e combinados, diversidade, olhos atentos.	JACOBS, J. Morte e vida nas grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.	Jornalista e ativista
Lugar, espaço, Ordem global e local.	SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção. São Paulo. HUCITEC, 1996.	Geografia
Alegria na escola.	SNYDERS, G. A alegria na escola. São Paulo: Manoele, 1998.	Filosofia/ Educação
Jogo características lúdicas	BRUNHS, H. T. O corpo parceiro e o corpo adversário. Campinas. Papiros, 1993. 1996	Educação Física
Jogo e socialização.	BROUGÈRE, G. Jogo e educação. Trad. Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre; Artes Médicas, 1998.	Filosofia
Estratégia, táticas, astúcia e brechas.	Certeau, M. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1996.	Filosofia
Análise cultural.	GEERTZ, C. A invenção das culturas. Rio de Janeiro. LTC. Livros Técnicos e científicos. Editora S. A, 1989.	Antropologia
Direito a cidade Continuidades e descontinuidades.	LEFEBVRE, H. O direito a cidade. São Paulo: Centauto, 2001.	Urbanismo
Poder e controle	PELLEGRIN, A. de. Espaço de lazer: In GOMES, Christiane Luce (Org). Dicionário Crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P.73-75.	Educação Física
Identidade, forças coletivas.	BAUMAN, Z. ; MAY, T. Aprendendo a pensar com a sociologia. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.	Sociologia

Espaço	LUCHIARI, M.T.D.P. A categoria espaço na teoria social. Temáticas . Campinas, jan/jun. 1996.	Geografia Ciências Sociais
Tempo e espaço de lazer	MARCASSA, L. P.; MASCARENHAS, F. Lazer. In: GONZALEZ, F. J. FENSTERSEIFER, P. E. (ORGS) Dicionário Crítico da Educação Física . Ijuí, Unijuí, 2005, v.1, p.255-259.	Educação Física
Apropriação	SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. Caderno CEDES , Campinas, v.20, n.50, p.26-40, abr.2000.	Filosofia e educação
Cidadania	MARSHALL, T. H. Cidadania, classe social e status. Trad. De Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro, Zahar. Correa, D. Estado, Cidadania e espaço público: as contradições da trajetória humana . Ijuí, Editora Unijuí, 2010.	Sociologia
Direitos	ARENDT, H. A condição humana . 10 ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.	Filosofia
Justiça democrática	BORJA, J. La ciudad conquistada . Madri, Alianza Editorial, 2003.	Geografia Urbanismo e Sociologia
Direito a preguiça	LAFARGUE, P. O direito a preguiça . Trad. de J. Teixeira Coelho São Paulo, Hucitec, UNESP, 1999.	Jornalista, escritor e ativista político
Experiência	MAFESSOLI, M. O ritmo da ida : variações sobre o imaginário pós-moderno. Trad. Clovis Marques. Rio de Janeiro. Record. 2007.	Sociologia

Fonte: A autora (2016).

Em síntese, a trajetória dessa pesquisadora aponta como ponto de partida a prática do fazer, um desenvolvimento teórico de muito estudo e pesquisa, e um apogeu da práxis, mostrando conexão entre a formação de professores e seu objeto de pesquisa: “meio ambiente, lazer e cidade”.

Em relação a suas orientações, percebe-se que têm sido desenvolvidas pesquisas relacionando o mapeamento de espaços públicos de lazer e a educação para apropriação de tais espaços. Para tanto, aposta no trabalho colaborativo de seus orientandos e na luz de diferentes autores das ciências humanas e sociais para abordar a temática de forma interdisciplinar, visto a variedade de áreas do conhecimento das referências da autora e a articulação entre elas.

Porém, destaca-se que mesmo com uma trajetória solitária em sua instituição, nota-se uma maneira de fazer acadêmico resistente, pois tematiza o fenômeno lazer em todas as perspectivas da formação universitária, o ensino, a pesquisa e a extensão.

Destaca-se que a autora parece valorizar muito seu espaço de orientação no ambiente acadêmico, mantendo projetos que abordam essa multiplicidade da formação, tendo a análise cultural como fio condutor dos caminhos de pesquisa.

Está subordinada a estratégia da CAPES, e as táticas do Programa de Pós-Graduação na área 21 em que atua diretamente, e revela que resiste às pressões com muita dificuldade e descontentamento, mas que sua sobrevivência está atrelada ao trabalho colaborativo de seu grupo, que se pauta na formação de professores e lazer comunitário. Sendo assim, sua produção científica é consequência dessas investidas no ensino e na extensão, e fortaleceu seus estudos ainda mais pela sua experiência de formação fora do país. Seu capital científico e autoridade científica está centrado nessas relações acadêmicas de valorização da formação de professores e pesquisadores.

As maneiras de fazer acadêmico levaram essa professora a manter-se fiel a bandeira do lazer em diferentes ambientes que atua e representa, cita-se aqui, ainda, que a depois de 20 anos como militante no CBCE, 12 anos orientando na Pós-Graduação a entrevistada assume a posição de presidente do CBCE (Gestão 2013-2017), demonstrando sua relação orgânica com o CBCE e os estudos do Lazer.

3.4 GEPELC - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ESPORTE, LAZER E COMUNICAÇÃO/ UFG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÂNIA

O próximo pesquisador apresentado é Humberto Luíz de Deus Inácio, saliente-se que ele é um dos únicos coordenadores de grupo de estudos selecionados nessa pesquisa que atualmente não está credenciado em um Programa de Pós-Graduação, inobstante esforçar-se para se manter fazendo pesquisa. Destaca-se que tal pesquisador já atuou na Direção Nacional do CBCE como Coordenador nacional dos GTTs. O lazer sempre foi ponto central em seus estudos, mas seu objeto de pesquisa atual foi impulsionado pelos estudos de pós-doutorado.

Digamos que a temática do lazer continua sendo o eixo central dos estudos, mas já faz algum tempo em que eu estou olhando para as práticas corporais de aventura que eu estudei muito tempo no âmbito do lazer, hoje como conteúdo da Educação Física Escolar. Inclusive pensando que a Educação Física Escolar prepara, ou ensina, ou forma o sujeito, aluno o cidadão para práticas corporais na sua vida cotidiana, e pensando que esse é um tipo de prática corporal que pode fazer parte da vida, do lazer das pessoas. (Entrevistado Inácio).

O pesquisador vem estudando desde a Graduação o tema lazer e aventura, e após a experiência no Pós-Doutorado, especifica sua discussão, buscando

relacionar lazer, aventura e Educação Física Escolar. Compreende o ineditismo em relação a sua forma de ver o fenômeno das práticas corporais na natureza, pois por mais que outras obras da mesma temática tenham sido lançadas nos anos de 2010 e 2011, lendo o que os outros escreviam, o autor em questão não se identificou com o conteúdo encontrado, e tal contrariedade despertou-o para propor uma nova visão.

Mas eu li essas obras e entendi que elas caminham por uma Educação Física, por uma proposta metodológica com a qual eu não concordo muito, entendo alguns méritos dessas propostas, mas pensei que a minha visão se aproxima da perspectiva crítico-superadora, do Coletivo de Autores, que era preciso me dedicar a isso. (Entrevistado Inácio)

O autor destaca ter influência das teorias de Vítor Melo em relação a cultura; Luciana Marcassa e Fernando Mascarenhas no tocante ao lazer; Coletivo de Autores na proposta crítico-superadora na Educação Física; e, especificamente no que tange a territorialidade, estuda a corrente francesa chamada eco desenvolvimento, com uma visão sociológica do território. Essas abordagens podem ser complementadas pela sistematização das obras indicadas pelo entrevistado.

Quadro 23 - Sistematização da análise de obra científica publicada Inácio
Obra 01

Título da obra	Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia. 2005
Pesquisador Principal	Humberto Luís Inácio de Deus
Tem colaboradores	Sim (3)
Tipo de obra	Capítulo de livro
Problema de pesquisa	Relato de experiência do Projeto: "Artes corporais e aventura na natureza"
Metodologia utilizada	Pesquisa integrada: pesquisa participante e pesquisa ação.
Estratégias metodológicas	Questionário, música, desenhos, jornal escrito, fotografia, vídeo, diário de campo, entrevista. Análise de dados com base em MINAYO. (1992)
Conceito de Lazer	O lazer contemporâneo vem se constituindo em um espaço de realizações humanas as quais caminham, em tempos e contextos diversos, para as mais diferentes direções. (INÁCIO, 2005, p.82)

Fonte: A autora (2016).

Quadro 24 - Sistematização da análise de obra científica publicada Inácio
Obra 02.

Título da obra	Bastidores das práticas de aventura na natureza. 2005
Pesquisador Principal	Humberto Luís Inácio de Deus
Tem colaboradores	Sim (3)
Tipo de obra	Capítulo de livro
Problema de pesquisa	Qual a relação que o ser contemporâneo busca nas práticas corporais na natureza?
Metodologia utilizada	Estudo teórico

Estratégias metodológicas	Revisão de literatura
Conceito de Lazer	Lazer como espaço de recriação da cultura, prática de liberdade. Inspirado em Mascarenhas.

Fonte: A autora (2016).

Quadro 25 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas
Inácio.

Conceitos e teorias utilizadas	Referencia bibliográfica	Area do conhecimento
Lazer	PACHECO, R.T.B. O lazer nas empresas: onde está o trabalhador. RBCE, Ijuí, v.12, n.1,2,3, p. 249-256, 1992. MASCARENHAS, F. Lazer como prática de liberdade. Goiânia. Ed. UFG, 2003.	Educação Física
Relação Homem-Natureza	MARX, K. O trabalho alienado. In: Manuscritos econômico- filosóficos. Lisboa: edições 70, 1989. p. 157-172.	Filósofo, economista, historiador, jornalista e também teórico político.
Métodos de pesquisa	MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde São Paulo. Hucitec: Rio de Janeiro, Abrasco, 1992.	Sociologia/ Antropologia social
Práticas corporais, domínio da natureza e ego.	SILVA, A. M. A natureza da physis humana. In: SOARES, C L (org) Corpo e história 2 ed Campinas, SP: autores associados 2004, p.25-41. BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: a natureza como espaço de experiência: Revista Conexões , Campinas: Faculdade de Educação Física na Unicamp, n.3, p.07-26, 1999.	Educação Física
Técnica	CAVALCANTI, M. Arte e técnica. Revista Filosófica Brasileira. Rio de Janeiro, v. 4, n.2, p.91-100, 1988. HEIDEGGER, M. A questão da técnica. Cadernos de tradução. São Paulo: Departamento de Filosofia-USP, n.2, p.40-93, 1997.	Filosofia
Eco desenvolvimento Educação ambiental	VIEIRA, P.H.F. Meio ambiente, desenvolvimento e planejamento. In: VIOLA, E. et all. Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais. São Paulo: Cortez, 1995. P.45-98.	Ciências Sociais
Experiências estéticas e relações simbióticas	SANT'ANNA, D.B. Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.	História

Técnica relação entre homem e natureza	SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica, tempo e emoção. 4ed. São Paulo. EDUSP, 2004	Geografia
Produtividade na natureza	BLOCH, E. T. El principio esperanza. Tomo II. Madri: Aguilar Ediciones, 1979.	Filosofia
Dominação/ ordem imemorial	HORKHEIMER, M. Eclipse da razão. São Paulo: Centauro, 2000.	Filosofia e Sociologia
Experiência	PERETI, E. S. Alteridade da pele, fronteiras do corpo. Florianópolis: UFSC, 2005. Dissertação (Mestrado em Teoria e Prática Pedagógica em Educação física). Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.	Educação Física

Fonte: A autora (2016).

Sendo assim, as áreas do conhecimento que guiam suas pesquisas são, prioritariamente, a Educação Física e as Ciências Sociais.

Em relação a metodologia diz que não se considera um pesquisador, por não ter o perfil sistemático exigido muitas vezes pelo ambiente científico, mas relatando sua prática tem-se que:

Nas metodologias de pesquisa, me aproximo das pesquisas/ metodologias qualitativas, utilizando observação, questionários e entrevistas. Atualmente pesquisando na escola estou me aproximando mais da pesquisa participante, porque estamos fazendo formação com os professores da escola, participamos das aulas, ajudamos a planejar as aulas, a avaliar. (Pesquisador Inácio)

Em relação a formação de professores, vem focando escrever um livro que destrinche sua proposta metodológica das práticas corporais de aventura no ambiente escolar, além de um curso de especialização na UFG. Destaca-se que esse autor pesquisa com os professores e para os professores, desenvolve ações para prefeitura da cidade de Goiânia, em especial um módulo de formação de professores. Além de atuar na Graduação em Educação Física da UFG, também desenvolve ações extensionistas.

Participa, também, de um projeto de mestrado profissional (em fase de aprovação), em parceria com 18 instituições, para o qual o autor montou uma disciplina com material didático. Saliente-se que a previsão é de 1.500 mestrandos na primeira turma, os quais poderão ter acesso a esse material.

Atualmente é coordenador do GEPELC e busca discutir questões de mídia relacionadas ao esporte e lazer. Destaca que com esse grupo já conquistou alguns financiamentos, tais como FAPEG – CNPQ. As pesquisas realizadas partem da

perspectiva sociológica do meio ambiente, discutindo turismo ecológico e as férias no Rio Araguaia. No *site* do grupo tem-se algumas informações complementares:

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Comunicação, criado no ano de 2005, na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, desenvolve pesquisas e estudos sobre os temas/objetos o esporte, o lazer e a comunicação em suas inter-relações com a economia, a cultura, a educação, as políticas sociais, as novas tecnologias e a formação profissional; abrange professores e estudantes da graduação/pós-graduação de diferentes Instituições do Estado de Goiás. Pauta-se pelo intercâmbio de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e pela construção de estratégias para um trabalho coletivo e transdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão. Organiza atividades para fomentar projetos, desenvolver pesquisas, constituir fóruns de discussão e a publicação dos seus resultados além da produção de novas tecnologias educacionais, contribuindo para a sistematização de saberes relativos à área da Educação Física. São objetivos do GEPELC: consolidar atividades de pesquisa e estudos referentes às temáticas do esporte, lazer, comunicação e educação na UFG, com atividades junto a professores e alunos, particularmente, da Faculdade de Educação Física, estendendo as atividades às IES do Estado; desenvolver atividades voltadas à articulação ensino, pesquisa e extensão, (estágios, intercâmbios, cursos de extensão, seminários, práticas de pesquisas e organização de banco de dados sobre o esporte e o lazer); ofertar disciplinas na graduação/pós-graduação aprofundando os estudos sobre o esporte, o lazer e a comunicação em articulação com a formação inicial e continuada de professores na Faculdade de Educação Física da UFG; estimular a produção, sistematização e difusão do conhecimento sobre o esporte, lazer e comunicação; e disponibilizar, através do GEPELC, um espaço de estudo, investigação e debate, organizando, reunindo e socializando recursos materiais e didáticos aos alunos, professores e pesquisadores da UFG e outras IES do Estado.²⁷

O cotidiano do grupo de pesquisas possui um calendário mensal de estudo geral, além disso cada um dos docentes envolvidos desenvolve suas orientações no espaço físico do grupo para mantê-lo aberto. Porém, neste ano, devido a demandas administrativas da universidade, houve uma quebra na rotina do grupo.

Por fim, esclareceu que enviou proposta para criação de uma REDE CEDES.

No que diz respeito a sua atuação em um programa de Pós-Graduação, dedica-se na busca pelo credenciamento do departamento ao qual está vinculado, pois

A faculdade de Educação Física é a única unidade da UFG sem um curso de Pós-Graduação (...) eu ainda estou no grupo que está fazendo as tentativas de ter a Pós-graduação dentro da faculdade, mas o fôlego está acabando. (Entrevistado Inácio).

Mesmo sem estar relacionado, ainda, a um programa de Pós-Graduação, tem feito pesquisas, trilhado um objeto de estudo legitimado, inovador e preocupado com

²⁷ Disponível em: <https://gepelc.fefd.ufg.br/p/3206-descricao>. Acesso 14/10/2016.

a valorização das práticas corporais na natureza, como conteúdo na Educação Básica. Como maneiras de fazer acadêmico, segundo o entrevistado, apresenta ainda uma deficiência na organização metodológica, mas desenvolve uma pesquisa sensível, de base voltada para fruição dos sujeitos.

Analisando a trajetória desse pesquisador, percebe-se que mesmo ele não estando atuando em um Programa de Pós-Graduação, seu cotidiano é afetado pelas estratégias da CAPES, pela vontade, ou necessidade, de estar neste cenário, com o intuito de desenvolver suas pesquisas.

3.5 GRUPOS DE ESTUDOS NA ÁREA DO LAZER DA UFMG

Este item apresenta alguns pesquisadores selecionados, coordenadores de grupos de pesquisa que fazem parte do corpo docente do Curso de Educação Física da UFMG, e estão credenciados ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, destacando-se que a maioria está presente no GTT: Lazer e Sociedade, há um longo período, inclusive exercendo a função de coordenadores do GTT.

3.5.1 ORICOLÈ - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação profissional em Lazer da UFMG

O professor Isayama começa seus estudos na área da aprendizagem e desenvolvimento motor desde a Graduação, só se considera um pesquisador na área do lazer quando entra no doutorado na UNICAMP, especificamente discutindo formação e atuação profissional.

Então quando eu ingressei na (UFMG) e no doutorado, eu entrei com objeto de pesquisa que era formação e currículo. E tinha uma trajetória muito grande atuando em diversos espaços de lazer. Então assim, clube, acampamento, hotel, colônia de férias, festa infantil, festa de empresa, tive empresa de recreação, enfim, isso tudo fez com que eu tivesse uma relação muito direta com a ideia de atuação profissional também. (Entrevistado Isayama)

No tocante aos autores, aproximou-se de Gramsci pela relação com o orientador Marcelino, e acredita trabalhar em uma perspectiva crítica. Contudo, somente encontra seu espaço próprio e delimita sua área de pesquisa quando se credencia ao Programa de Pós-Graduação em estudos interdisciplinares na UFMG,

e na medida em que fortalece seu grupo de estudos, começando a focalizar a formação e atuação profissional no lazer, tendo como base os estudos culturais.

No que tange as teorias, centraliza-se mais na área da Educação, todavia também aborda a Administração, as Ciências Políticas e Políticas Públicas, bem como utiliza muitas referências da Educação Física, o que se confirma ao visualizar o quadro de sistematização das obras indicadas pelo autor:

Quadro 26 - Sistematização da análise de obra científica publicada Isayama Obra 01.

Título da obra	Atuação do Profissional de Educação Física no âmbito do Lazer: A Perspectiva da Animação Cultural. 2009
Pesquisador Principal	Helder Ferreira Isayama
Tem colaboradores	Não
Tipo de obra	Artigo. Motriz: Revista de Educação Física
Problema de pesquisa	Compreender a atuação do profissional de Educação Física no âmbito do lazer,
Metodologia utilizada	Revisão de literatura
Estratégias metodológicas	Mapeamento de teorias
Conceito de Lazer	Lazer como campo de atuação profissional.

Fonte: A autora (2016).

Quadro 27 - Sistematização da análise de obra científica publicada Isayama Obra 02.

Título da obra	O Currículo de Cursos Técnicos de Lazer no Brasil: Um Estudo de Caso da Formação Profissional. 2014
Pesquisador Principal	Helder Ferreira Isayama
Tem colaboradores	Sim (1)
Tipo de obra	Artigo. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP
Problema de pesquisa/ Objetivo geral	Diagnosticar e analisar o perfil de formação profissional, por meio do estudo de caso do Centro de Educação Profissional do Amapá (Cepa), que oferece curso técnico em lazer.
Metodologia utilizada	Pesquisa bibliográfica, documental e de campo.
Estratégias metodológicas	Análise de projetos político-pedagógicos da instituição e do curso, entrevista semiestruturada.
Conceito de Lazer	Lembramos que o lazer é aqui compreendido como uma dimensão cultural da vida humana e um fenômeno complexo e ambíguo que envolve diferentes relações com o tempo e o espaço, manifestando-se nos mais diferentes conteúdos e possibilidades de vivências. (ISAYAMA, 2014, p.216)

Fonte: A autora (2016).

Quadro 28 - Sistematização da análise de obra científica publicada Isayama
Obra 03.

Título da obra	Educação e Lazer: analisando os contextos do Programa Escola Integrada de Belo Horizonte. 2015
Pesquisador Principal	Helder Ferreira Isayama
Tem colaboradores	Sim (1)
Tipo de obra	Artigo. Práxis Educativa
Problema de pesquisa	Quais as concepções de lazer e educação que permeiam os documentos do Programa Escola Integrada do município de Belo Horizonte?
Metodologia utilizada	Policy cycle approach enfatizada nos contextos de influência e produção de textos da política
Estratégias metodológicas	Análise documental (investigamos a formação da agenda política, o Projeto Político Pedagógico do programa e o Plano Estratégico BH 2010)
Conceito de Lazer	Como um processo educativo, o lazer torna possível a vivência, intervenção, aprendizagem, sensibilização, ludicidade e mudança na percepção da realidade social.

Fonte: A autora (2016).

Quadro 29 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas por Isayama.

Discussão das competências	CHAUÍ, M. Cultura e democracia : o discurso competente e outras falas. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 1989.	Filosofia
Especialistas no campo do lazer	MARCELLINO, Nelson C. Estudos do lazer : uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.	Educação Física
Formação profissional no Lazer	STOPPA, Edmur A. Lazer e mercado de trabalho . Licere, Belo Horizonte, v.3. n.1, p.176-181, set, 2000 GOMES, Christiane Luce; MELO, Victor Andrade de. Lazer no Brasil : trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, 2003. MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). Lazer : formação e atuação profissional. Campinas: Papyrus, 1995.	Educação Física
Concepções de ensino	CUNHA, Luiz Antônio. O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata . São Paulo: UNESP; Brasília, DF: Flacso, 2000.	Sociologia
Currículo	PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). Lazer em estudo : currículo e formação profissional. Campinas: Papyrus, 2010. cap. 2. FORQUIN, Jean-Claude. As abordagens sociológicas do currículo : orientações práticas e perspectivas de pesquisa. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 187-198, 1996.	Educação
Pedagogia padronizada	GIROUX, Henry A.; McLAREN, Peter. Formação do professor como uma contra-esfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). Currículo, cultura e sociedade . 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 125-153	Educação
Metodologia científica	TRIVINOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais : a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.	Filosofia

Ciclo de políticas	BALL, S. O que é política? Textos, trajetórias e caixas de ferramentas. In: BALL, S. Education reform a critical and post-structural approach. Philadelphia: Open University Press, Buckingham, 1994. p. 14-27. BELO HORIZONTE. Escola Integrada.	Ciências Sociais
Contradições nas políticas educacionais	MAINARDES, J; MARCONDES, M. I. Entrevista com Stephen Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. Educação & Sociedade, Campinas, v. 30, n. 106, p. 303-318, jan./abr. 2009.	Educação
Educação	OLIVEIRA, D. A. Política educacional. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A.; VIEIRA, L. M. F. (Orgs.). Dicionário: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2010. PARO, V. H. Educação integral em tempo integral: uma concepção de educação para a modernidade. In: COELHO, L. M. C. C. (Org.). Educação integral: estudos e experiências em processo. Petrópolis: FAPERJ, 2009, p. 13-20. MENEZES, J. S. S. Educação integral e tempo integral na educação básica: da LDB ao PDE. In: COELHO, L. M. C. C. (Org.). Educação Integral: estudos e experiências em processo. Petrópolis: FAPERJ, 2009. p. 69-87. BOMENY, H. A escola no Brasil de Darcy Ribeiro. Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 109-120, abr. 2009. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1993. MAURÍCIO, L. V. Escritos, representações e pressupostos da escola pública de horário integral. In: MAURÍCIO, L. V. (Org.). Educação integral e tempo integral. Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 15-31, abr. 2009. CAVALIERE, A. M. Notas sobre o conceito de educação integral. In: COELHO, L. M. C. C. (Org.). Educação integral: estudos e experiências em processo. Petrópolis: FAPERJ, 2009. p. 41-52.	Educação
Política cultural	CHAUÍ, M. Cultura política e política cultural. Estudos Avançados, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 71-84, jan./abr. 1995.	

Fonte: A autora (2016).

Já quanto a metodologia, segue uma abordagem qualitativa, tendo como estratégias metodológicas as pesquisas bibliográficas, documental e de campo, sendo a análise de conteúdo a base de sistematização e discussão dos dados coletados. Depois de delimitar sua atuação nos estudos culturais tem buscado investir também na etnografia. Além disso, procura novos recursos metodológicos tecnológicos para facilitarem a pesquisa como, por exemplo, grupos focais por intermédio de vídeo conferência.

Não sei se existe uma metodologia para estudos culturais, mas existem metodologias que as pessoas que estão trabalhando com estudos culturais estão experimentando e a gente também entrou nessa onda de experimentar. (Entrevistado Isayama)

Na Pós-Graduação atua tanto na especialização quanto no mestrado. Na especialização em lazer da UFMG atualmente é o coordenador e ministra a

disciplina de lazer e mercado. Na Pós-graduação leciona principalmente as disciplinas obrigatórias do curso e mais as disciplinas de seminários de dissertação e tese. Em relação a suas orientações tem na iniciação científica um orientando, dois alunos desenvolvendo trabalho de conclusão de curso, três orientandos na especialização, um no mestrado e sete no doutorado. Em relação aos temas das orientações no Mestrado tem-se alguns exemplos apresentados no quadro abaixo:

Quadro 30 - Dissertações de mestrado orientadas por Isayama.

Rita Peloso Grasso.	Políticas Públicas de Esporte e Lazer: Uma Análise da gestão do Município de Santarém - Pará (2015-2012). 2015.
Bruno Ocelli Ungheri.	A Atuação Profissional em Políticas Públicas de Esporte e Lazer: Saberes e Competências. 2014.
Marcília de Sousa Silva.	Interfaces entre Lazer e Educação: O caso do Programa Escola Integrada do Município de Belo Horizonte. 2013.
Fabiano Antonio Sena Peres.	Currículo e Políticas Públicas de Esporte e Lazer: Analisando o Programa Esporte Esperança. 2013.
Rodrigo de Oliveira Gomes.	Lazer e Formação Profissional: Um estudo Sobre Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. 2013.
Samuel Santos.	A Intervenção no Lazer na Política de Segurança Pública: A Construção de Saberes de Oficineiros do Programa Fica Vivo!. 2013.
Sheilazarth Presciliana Ribeiro.	O Lazer na Política Pública de Esporte: Uma Análise do Programa Segundo Tempo. 2012.
Carolina Gontijo Lopes.	Os Princípios Políticos do Programa BH Cidadania: O Olhar de Profissionais da Secretaria Municipal Adjunta de Esportes. 2012.
Carla Augusta Nogueira Lima e Santos.	O Currículo dos Cursos Técnicos de Lazer no Brasil: Um Estudo de Caso da Formação Profissional. 2011.
Marie Luce Tavares.	Na Parada do Lazer: Diagnóstico do Campo de Atuação profissional em ONGs LGBT de Belo Horizonte - MG. 2011.
Tônia Lopes Soares Mól.	O (Re)conhecimento do Lazer em Brinquedotecas Hospitalares. 2010
Andréa Nascimento Ewerton.	Análise da Formação Profissional no Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC): O Olhar dos Agentes Sociais. 2010.
Marcos Aguiar Barbosa.	O Lazer nos Resorts Brasileiros: Um Diagnóstico na Perspectiva das Estratégias Organizacionais. 2010.
Adriano Gonçalves da Silva.	Trajetórias e Construção do Saber Docente de Professores Universitários do Campo do Lazer. 2010.
Tarcila Bretas Lopes.	Sobre o Fazer Técnico e o Fazer Político: A Atuação do Profissional de Lazer no Serviço Público Municipal. 2009.
Claudia Heringer Henriques.	O São Paulo Fashion Week sob a ótica do Lazer: Uma História do Tempo Presente (1996-2006). 2008.

Fonte: A autora (2016).

Destaca-se que em praticamente todos os títulos das dissertações utilizada a palavra Lazer, além disso, as abordagens principais estão relacionadas ou as políticas públicas ou a formação profissional.

Ademais, possui projetos financiados pelo CNpq e FAPEMIG, e submetido para rede CEDES do Ministério do Esporte.

Atualmente, coordena o Oricolé - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer, segundo o *síte* do grupo “a ideia do nome do grupo vem da proposta inicial de trabalho centrado na Orientação Coletiva (ORICOLÉ)”. O grupo se encontra quinzenalmente, debate projetos de pesquisa e também a prévia de teses e dissertações. Além disso, em cada semestre, elege-se um tema dentro da proposta dos estudos culturais, são selecionados textos e algumas pessoas fazem a mobilização da discussão, somado a isso, tem-se o desenvolvimento de pesquisas coletivas. A ideia desse grupo é “disseminar o trabalho coletivo”.

Em relação ao GTT: Lazer e Sociedade, afirma que ainda não se sente confortável de participar ativamente, mas que o observa e tem intenção de retornar, afirmando que, ao menos no próximo CONBRACE (2017) pretende participar, entretanto, destaca que sua intenção é entrar na produção científica e discussão acadêmica, notadamente na área da Educação, e por isso tem procurado eventos neste sentido, como EDUCERE, ENDIPE e ANPED.

Em sua trajetória já passou por uma mudança radical de objeto de pesquisa e investe em uma variedade de estratégias metodológicas, buscando materializar novidades. Em síntese, as maneiras de fazer acadêmico do pesquisador em pauta são organizadas a partir da dinâmica de orientação coletiva, desenvolvendo um trabalho na área de formação e atuação profissional no lazer e também em políticas públicas.

Em relação a definição do lazer em suas obras, rascunha definições com alguns pontos recorrentes, tais como educação em uma perspectiva cultural e conectada com a percepção da realidade social. Em seus investimentos no ensino tem uma atuação demarcada nos cursos de Graduação, Especialização e Mestrado da UFMG; e na área da pesquisa possui ampla produção de artigos e capítulos de livro, além de atuar como editor da Licere e estar diretamente relacionado a organização da ANPEL - Associação Nacional de Pesquisas e Estudos no Lazer.

Como desenvolve atividades em um programa interdisciplinar, aparentemente a estratégia da CAPES é um pouco mais suave e as táticas do Programa de Pós-Graduação em que atua favorecem uma vida acadêmica mais equilibrada em relação a produção, o que também está relacionado ao fato de ser um professor bem organizado com tais questões, bem como coordenar um grupo de pesquisa já consolidado, que contribui com produção científica adequada às publicações exigidas pelas instâncias avaliativas.

3.5.2 GefuT - Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas/ UFMG

O pesquisador apresentado a seguir é Silvio Ricardo da Silva, possui longa trajetória no CBCE, que excede 25 anos, tendo assumido inclusive funções na Direção nacional como Diretor de Comunicação. É líder do GefuT- Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GefuT), destaca-se, inicialmente, que o grupo possui quatro linhas de pesquisa, sendo estas: história do futebol e do torcer; torcer e educação; torcer, cidade e espetáculo esportivo; e torcer, identidade e grupos sociais. Este grupo conta ainda com mais dois pesquisadores participantes, o Dr. Luciano Silva Pereira e a Ms. Priscila Campos.

O entrevistado Silva teve sua trajetória marcada fortemente pelos espaços promovidos pelo CBCE, pois foi em um CONBRACE o primeiro contato com o conceito de lazer, o que acabou norteando várias de suas ações na sequência. Além disto, destaca-se que atualmente seu objeto de estudo é o futebol, mas no início foi identificado com a Educação Física Escolar

Eu me recordo de uma palestra que eu assisti no CONBRACE de 1989, que juro por (Deus) foi a primeira vez que eu ouvi falar na palavra lazer do ponto de vista acadêmico. A palestra foi realizada em uma sala no alto, tinha uma escadaria e aquela sala absolutamente cheia, gente nas escadas, uma coisa muito legal e o Marcelino fez uma fala sobre lazer. (Entrevistado Silva)

Após o contato inicial realizado nessa palestra, outras esferas de sua carreira acadêmica começam a cruzar com o tema lazer. Logo em seguida, em 1991, o professor faz um concurso e é aprovado na Universidade Federal de Viçosa, na área do lazer. Com pouco domínio sobre a seara que havia conhecido a menos de dois anos, tem uma dedicação muito intensa para se preparar para as aulas, nessa empreitada conta com apoio de outra pesquisadora – Cristiane Ker de Mello – que na época era aluna da especialização em lazer, na UNICAMP, e que enviava os

textos que estava estudando por correio para o colega. Sua participação em espaços que discutiam o lazer também contribui para essa formação específica, tendo destaque para participação em congressos como o CBCE e o ENAREL. Assim, o pesquisador começa a dominar um pouco mais o que é esse campo, e, ainda em Viçosa, cria o NOEL - Núcleo de Orientação e Estudos do Lazer, organização a partir da qual foram realizadas muitas ações, tais como as descritas abaixo:

Com o NOEL - Núcleo de Orientação e Estudos do Lazer, fui percebendo o quanto é importante esse processo de estudar e vivenciar, então ao mesmo tempo em que nós fazíamos estudos, nós também desenvolvemos ruas de lazer e outras intervenções nas cidades. Mas eu já tinha a crítica que essas intervenções eram pontuais, precisavam ser mais aprofundadas. (Entrevistado Silva)

Mas ações diretamente relacionadas a pesquisa eram mais dificultadas na realidade daquela instituição, por ainda não ter pesquisadores relacionados a Programas de Pós-Graduação, nesse sentido a pesquisa ficava um pouco deficitária.

Naquele período a Universidade de Viçosa era uma instituição muito agrária, eu acabava realizando apenas projetos de iniciação científica, mas já no campo do lazer. Mas eu vou ser muito sincero, eu não tinha muito tesão não. Volto a dizer, teorizar sobre o lazer não me dá muito tesão. (Entrevistado Silva)

Entre os anos de 1997 e 2001 desenvolve seu processo de doutoramento no programa de Pós-Graduação da UNICAMP.

Meu projeto de doutoramento era estudar a política de extensão universitária, especificamente no que se referia ao lazer das universidades públicas brasileiras. Pois, naquele período eu já tinha uma crítica muito grande em relação a essa temática. (Entrevistado Silva)

O pesquisador começa o doutorado pesquisando o lazer, mas destaca que gostava mesmo era de futebol. Sendo assim, logo que assume como docente na UFMG, tem uma nova tarefa, a qual lhe direciona, outra vez, para o que gosta: desenvolver pesquisa na Rede CEDES, com a questão do observatório do torcedor.

Bom, a partir disso eu começo a estudar o futebol mesmo e com a criação do curso de Pós-graduação aqui na UFMG a partir de 2008 eu começo a ter mestrandos estudando futebol. Nós fazemos alusões sim do campo do lazer na medida que a gente estuda o torcer, os jogos eletrônicos, a história do torcer, os jogos em Belo Horizonte, os clubes, mas volto a dizer, eu acho que houve uma mudança desse estudo mais específico do lazer para o estudo mais específico do futebol que dialoga com o lazer, então a mudança foi essa. (Entrevistado Silva)

Anos mais tarde, aproveita uma oportunidade de mudar de instituição, por meio de concurso público ingressa como docente na UFMG no ano de 2006.

Tendo esse contexto em mente podemos definir que atualmente o pesquisador tem como objeto de estudo o futebol, especificamente o torcer e suas relações com o campo do lazer. Essas linhas de interesse podem ser revistas no quadro dos títulos das dissertações orientadas por Silva no Programa Interdisciplinar da UFMG:

Quadro 31- Dissertações de mestrado orientadas por Silva.

Alexandre Alves.	Itinerante futebol clube: a desconstrução do torcer e as relações entre os clubes e as novas torcidas. 2015.
Felipe Vinícius de Paula Abrantes.	Quando o bar se torna estádio: um estudo acerca do torcer em bares de Belo Horizonte. 2015.
Amarildo da Silva Araújo.	O megaevento copa do mundo FIFA 2014: relações entre futebol, educação e lazer em uma escola estadual de Belo Horizonte- MG. 2014.
Rogério Othon Teixeira Alves.	"A luta de titãs". A invenção da rivalidade entre Atlético e a Sociedade Sportiva Palestra Itália: 1921-1942. 2013.
Marcos de Abreu Melo.	O Rio que Corre Pela Aldeia: relações estabelecidas por torcedores comuns de Belo Horizonte com o torcer, com a violência e com o novo Estádio Independência. 2013.
Carlos Eduardo Dias Munaier Lages.	A Copa de 2014 na capital mineira e relações com as políticas públicas de esporte e lazer - estudo a partir dos projetos que compõem o planejamento estratégico integrado do estado de Minas Gerais e a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. 2012.
Mariana Alves Rodrigues.	À sombra das chuteiras virtuais. 2011.
Tiago Felipe da Silva.	O futebol no interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata. 2011.
Priscila Augusta Ferreira Campos.	Mulheres Torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão. 2010.
Georgino Jorge de Souza Neto.	A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). 2010.
Luiz Gustavo Nicácio.	O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a Educação Física Escolar. 2010.
Kássio Vinicius Castro Gomes.	A escalada em Belo Horizonte - MG: um estudo sobre a constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do Habitus. 2009

Fonte: A autora (2016).

Percebe-se que o futebol é uma temática constante das pesquisas, as quais estão relacionadas ao torcer ou ao Megaevento esportivo Copa do Mundo 2014.

Em seu grupo propõem que o futebol seja o eixo de estudo e não percebe necessidade de ter um aporte teórico único ou exclusivo. Quando se analisa as obras indicadas para leitura, tem-se a seguinte sistematização:

**Quadro 32 - Sistematização da análise de obra científica publicada Silva
Obra 01.**

Título da obra	Futebol e Educação: uma relação necessária. 2014
Pesquisador Principal	Silvio Ricardo da Silva
Tem colaboradores	Sim (1)
Tipo de obra	Artigo. Ciência Hoje
Problema de pesquisa	Por sua importância na sociedade e na cultura brasileira, o futebol pode e deve ser abordado, em todos os seus aspectos, nas salas de aula do ensino básico.
Metodologia utilizada	Reflexão teórica
Estratégias metodológicas	Correlação de temas emergentes com estudos sociológicos.
Conceito de Lazer	Não se aplica

Fonte: A autora (2016).

**Quadro 33 - Sistematização da análise de obra científica publicada Silva
Obra 02.**

Título da obra	Levantamento da Produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007. 2009
Pesquisador Principal	Silvio Ricardo da Silva
Tem colaboradores	Sim (4)
Tipo de obra	Livro
Problema de pesquisa	Levantamento de teses, dissertações, periódicos, anais e livros que contemplem a produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007.
Metodologia utilizada	Levantamento bibliográfico
Estratégias metodológicas	Seleção em bancos de dados e catalogação das obras selecionadas.
Conceito de Lazer	Não se aplica

Fonte: A autora (2016).

**Quadro 34 - Sistematização da análise de obra científica publicada Silva
Obra 03.**

Título da obra	Torcedores organizados em Belo Horizonte.
Pesquisador Principal	Silvio Ricardo da Silva
Tem colaboradores	Sim (5)
Tipo de obra	Capítulo de livro. O Futebol Nas Gerais. 2012
Problema de pesquisa	Qual o perfil dos torcedores de Torcidas organizadas em Belo Horizonte.
Metodologia utilizada	Descritiva
Estratégias metodológicas	Questionários e anotações de campo.
Conceito de Lazer	Compreende o torcer como real possibilidade de lazer.

Fonte: A autora (2016).

Quadro 35 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas por Silva.

Conceitos e teorias utilizadas	Referência bibliográfica	Área do conhecimento
Os estudos do desporto devem vir acompanhados do estudo da sociedade.	ELIAS, N.; DUNNING, E., A busca da excitação , Lisboa, Difel, 1992.	Sociologia
O futebol como expressão da sociedade brasileira.	DA MATTA, R. (org.). Universo do Futebol . Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982. DAMO, Arlei Sander. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores”, Motus Corporis , Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-48, 1998.	Antropologia
Futebol como conteúdo da disciplina Educação Física.	RICHTER, A. C. Dos lugares do esporte nas aulas de educação física: algumas possibilidades de intervenção pedagógica. Cadernos de Formação RBCE , Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 43-56, 2009. LIBÂNEO, J. C. Educação Escolar : políticas, estruturas e organização / José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira, Mirza Seabra Toschi – 9. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.	Educação Física
Espetáculo esportivo.	HRYNIEWICZ, R. R. Torcida de futebol : adesão, alienação e violência, dissertação (mestrado em Psicologia Escolar), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.	Psicologia
Futebol e o cotidiano no Brasil	LOPES, G. et al. Futebol, do lazer à violência. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Prêmio Expocom 2009 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, São Paulo, Faculdades Integradas Rio Branco, 2009. REIS, H. B. Futebol e violência : as manifestações da torcida, tese (doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.	Educação Física
Torcidas uniformizadas	TOLEDO, L. H. de. Lógicas no futebol , São Paulo, Hucitec/ Fapesp, 2002.	Ciências Sociais- Antropologia
Violência e estádio	SANTOS, M. B. dos. Torcidas organizadas de futebol : um estudo sobre os impasses da lei em tempos de violência e anomia, dissertação (mestrado em Psicologia), Centro de Ciências Humanas, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2009.	Psicologia
Espaços urbanos e o torcedor	TOLEDO, L. H. de. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: MAGNANI, J. G. C., TORRES, L. de L. (org.), Na metrópole : textos de antropologia urbana, São Paulo, Edusp/Fapesp, 2000	Ciências Sociais- Antropologia

Fonte: A autora (2016).

Em relação a teoria, influenciado pelo seu orientador Marcelino, teve ascendência nas teorias de Joffre Dumazedier, mas define que estuda em uma abordagem sociológica, aprecia ler sobre antropologia, e tem lido, atualmente, sobre a área da Geografia. Todavia, indica a seus alunos que transitem pelas Ciências Sociais, Ciências Humanas e Educação. Segundo a sistematização acima, tem referências na Educação Física, Antropologia, Ciências Sociais, Sociologia e Psicologia. Já no tocante a sua perspectiva individual, ressalta:

(...) Então de qualquer maneira eu quanto sujeito, o pesquisador, eu diálogo mais com a área da sociologia, é a área que acaba me influenciando mais para eu pensar essa questão do torcer. (Entrevistado Silva)

No que tange a metodologia, em seu grupo são desenvolvidas pesquisas históricas, com análise de documentos – sobretudo jornais e revistas – alguns trabalhos mais antropológicos, mas o forte é a metodologia baseada na aplicação de um questionário dentro do estádio, a partir do qual algumas pessoas são selecionadas e entrevistadas.

No grupo são desenvolvidas quatro pesquisas coletivas e ele possui cerca de 30 participantes. Quanto a sua dinâmica, são realizados encontros semanais, a maioria com a participação efetiva do pesquisador coordenador. Em relação a extensão, possui projetos bem consolidados, como o PET- Programa de Educação Tutorial e um Programa de Rádio, que difundiu suas experiências a gerações de graduandos, inclusive alguns hoje frequentam a Pós-Graduação da UFMG.

Sobre as inter-relações entre a permanência enquanto associado ao CBCE, militante do GTT Lazer e Sociedade e integrante da Pós-Graduação, destaca que, sem dúvida, as suas atuações estão associadas, pois, em suas palavras.

(...) as coisas não se dissociam. Eu trago o CBCE para dentro da Pós-Graduação e levo a Pós-Graduação para dentro do CBCE. (Entrevistado Silva)

Este autor começa a galgar a autoridade científica, desenvolvendo seu processo de doutorado na UNICAMP, tendo como tema central o lazer, mas é ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer na UFMG, na área interdisciplinar, que conquista sua independência e começa a estudar o objeto específico de seu interesse.

Em síntese, o entrevistado Silva precisou “caminhar” para encontrar seu próprio espaço, ou seja, um ambiente para poder, com condições mínimas, desenvolver seu objeto de estudo, ou seja, o futebol em uma perspectiva de lazer centralizando, nesta análise, o torcer. Destaca a diferença entre tentar desenvolver uma pesquisa em uma instituição que não possui Programa de Pós-Graduação e em uma onde esse nível de ensino está consolidado, o que, no segundo caso, é muito potencializado.

Foi no ambiente do CBCE que se deparou com o campo do lazer pela primeira vez. Preocupa-se muito com a formação de seus alunos, por isso desenvolve, simultaneamente, ações de ensino, pesquisa e extensão, procurando a formação de um acadêmico capaz de atuar no campo profissional e de continuar sua carreira docente nos Programas de Pós-Graduação. Tendo neste sistema as maneiras de fazer acadêmico, marcadas pela sua atuação como Tutor do PET, somado a isso no cotidiano de seu Grupo de Estudos, busca conectar acadêmicos em diferentes níveis de formação.

O próximo pesquisador a ser apresentado, Pereira, também é docente da UFMG, credenciado ao Programa de Pós-Graduação interdisciplinar, integrante do GefuT e atualmente (2015-2017) é o coordenador do GTT Lazer e Sociedade. O professor Pereira sempre teve uma perspectiva voltada para as ciências humanas, em seu doutorado em educação na UFMG fez uma pesquisa histórica, que foca a educação corporal, especificamente:

Meu foco era o esporte, o futebol que foi eleito um estabilizador importante da localidade que estudei (Montes Claros), mas durante o desenvolvimento da pesquisa de doutorado o tema foi se ampliando cada vez mais e eu acabei discutindo diversos aspectos que foram usados para educar a população, entre eles as práticas esportivas, as práticas corporais de uma maneira geral, as vivências lúdicas entre outras coisas. (Entrevistado Pereira)

Com este processo de formação foi encontrando seu espaço de pesquisa e definiu seu foco nas áreas de políticas públicas e esporte e lazer.

No que se refere as teorias, não é adepto de uma teoria como método, eis que valoriza uma base empírica extensa, que pode vir a mobilizar autores, “mas não necessariamente uma matriz única ou uma grande referência epistemológica”. O pesquisador afirma utilizar uma espécie de teoria do método, tendo como foco as

políticas públicas, utilizando como lentes a pesquisa histórica, com referências preferencialmente da História Cultural e da Ciência Política.

Sobre a natureza da abordagem orienta tanto pesquisas qualitativas, quanto quantitativas. Sua opção tem sido pelo objeto políticas públicas, e não por um método específico. Justifica suas pesquisas de natureza histórica destacando o potencial de consolidação que estas têm em relação a compreensão do lazer como direito social. Desenvolve, inclusive, iniciativas de pesquisa (história oral) que ao mesmo tempo tem imersões na extensão, como é o caso do CEMEL - Centro de Memória, Esporte e Lazer.

Quanto ao grupo estudos, participa do GefuT - Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcida, coordenou uma ramificação do Oricolé - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação profissional em Lazer da UFMG e hoje vem organizando seu próprio grupo de pesquisa, no qual os encontros acontecem uma vez ao mês, em virtude de seus integrantes não serem todos da capital mineira. São gestores, funcionários públicos, alunos da região metropolitana, mas toda semana existem atividades sendo realizadas.

Em relação ao CBCE e a participação em um Programa de Pós-Graduação apresenta inicialmente uma perspectiva de responsabilidade.

Acho que existe influência para os dois sentidos, a permanência porque são colegas que eu quero continuar estabelecendo debate, que eu criei uma responsabilidade compartilhada e também porque eu me sinto como um dos responsáveis pelo GTT. (Entrevistado Pereira)

Mas destaca, também, que a rotina dentro de um Programa de Pós-Graduação exige algumas tomadas de posição:

Agora por outro lado estar no programa me pressiona a dar tiros certos, então a gente sempre pensa inúmeras vezes em mandar trabalho para congresso porque não conta nada para a gente, praticamente nada, então nesse sentido sim. Agora, sempre valorizei muito na perspectiva de formação essa ideia de intercâmbio e de diálogo, então acho que para a minha formação é muito importante. Então mesmo que eu não apresente trabalho, mesmo que eu prefira, nos próximos eventos, se for o caso, incentivar que meus alunos de mestrado, doutorado mandem trabalho e eu não mande porque talvez eu esteja tentando fazer com que aquele trabalho seja publicado em uma revista, eu cumpra aquilo que eu sou pressionado por essa inserção, mas eu acho que eu não vou deixar de participar porque tanto o GTT como o (CBCE), o espaço de congregação de pesquisadores tem sido muito importante para a minha formação, tenho certeza que já me abriu muitas portas, que eu já fiz muitos contatos lá e o próprio fato de eu estar hoje aqui na (UFMG) tenho certeza que tem uma parcela significativa

dessa minha participação no (CBCE), no (CONBRACE) e consequentemente no GTT. Então não vou deixar de participar, mas talvez a minha participação se transforme um pouco devido a essa pressão. (Entrevistado Pereira)

A pesquisa histórica dá o tom nas pesquisas de Pereira e as políticas públicas vêm sendo o objeto de estudo, destacando sua preocupação em conectar pesquisa e extensão e em mediar as exigências dos Programas de Pós-Graduação e, ao mesmo tempo, manter-se nos espaços de formação como o CBCE, mostrando tentar resistir a dinâmica estabelecida.

A próxima pesquisadora do GefuT a ser apresentada é a Campos, atualmente doutoranda da UNICAMP, orientada pela professora Sílvia Franco Amaral, mas que continua produzindo atividades acadêmicas no GefuT da UFMG, instituição na qual desenvolveu sua trajetória acadêmica da Graduação ao Mestrado.

Esta pesquisadora relatou que hoje seu objeto de estudo é o estádio, mas que antes, desde o período da Graduação, era o futebol, todavia, a visão e o enfoque foram se alterando. Em suas palavras:

Na graduação estudava futebol com a lente da fisiologia e do treinamento esportivo, no mestrado sob uma perspectiva mais sociológica e antropológica, uma abordagem mais sociocultural, e no doutorado mantive essa abordagem sociocultural com uma pincelada da geografia. (Entrevistada Campos)

Atualmente, tem como principais autores de referência: Milton Santos, Ana Fani Carlos, Henry Lefevre, Cristiane Luce Gomes, Nelson Carvalho Marcelino, Robert A. Stebens.

A conexão com o lazer, segundo a pesquisadora, está no fato do indivíduo torcer no estádio, em seu momento de lazer, e para entender esse fenômeno recorre ao auxílio da sociologia e antropologia.

Quanto a metodologia as pesquisas são qualitativas, utiliza questionários, entrevistas, observação, fotografias, não busca assumir rótulos de pesquisadora, entretanto afirma poder estar fazendo uma etnografia.

A pesquisadora destaca a importância dos eventos em sua trajetória, valoriza tanto a participação na organização, quanto a apresentação de trabalhos.

Eu tenho muito mais artigos em anais de congresso do que em periódicos científicos. Isso, porque eu acho que no congresso você tem com quem dialogar (...) aí tem essa troca, tem esse diálogo. (Entrevistada Campos)

Participa de dois grupos de pesquisa: o GefuT na UFMG, no qual tem funções tanto administrativas, quanto relacionadas à extensão e à parte da pesquisa; e participa também do GELP na UNICAMP.

A pesquisadora afirma que encontrou no GTT Lazer e Sociedade seu espaço de socialização e troca no âmbito acadêmico, congregando as diferentes perspectivas da Educação Física.

Para que fosse possível esses pesquisadores desenvolverem suas investidas empíricas e teóricas em um grupo de pesquisa forte e coeso, é necessário um trabalho constante no fortalecimento das bases com os alunos da Graduação e isso reflete em trabalhos bem estruturados nos diferentes níveis de formação oferecidos pela UFMG.

Denota-se, assim, que os investimentos no ensino e na extensão vêm refletindo na pesquisa, ou seja, em acúmulo de capital científico, mais especificamente na publicação de livros e artigos científicos. Neste sentido, os pesquisadores vão também conquistando seu lugar no campo, atuando como autores ou pareceristas em renomados periódicos na área da Educação Física, ditando tendências metodológicas.

No caso do GefuT temos como tendência metodológicas, a pesquisa histórica e a pesquisa de campo, em relação as tendências epistemológicas, não temos uma definição de área, pois as maneiras de fazer acadêmico desse coletivo elegeram o tema como específico do futebol como ponto de partida para a busca de aporte teórico, sem tentativa de homogeneização no grupo de pesquisa.

3.5.3 OTIUM - Lazer, Brasil & América latina/ UFMG

A professora Gomes é docente na UFMG e tem uma tradição no campo do lazer, sendo referência de muitos pesquisadores no que tange a discussão conceitual da temática, tendo sido coordenadora do GTT Lazer e Sociedade e líder do OTIUM - Lazer, Brasil & América Latina. Segundo o *site* da UFMG esse grupo:

Desde 2006, um grupo de docentes, pesquisadores e estudantes vinculados ao Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR) da EEEFTO/UFMG vem procurando ampliar os diálogos, intercâmbios e troca de experiências no contexto dos chamados países em desenvolvimento, como é o caso das nações que integram a América Latina. Todavia, foi sobretudo em decorrência da realização da pesquisa: "Lazer na América Latina/Tiempo

libre, ocio y recreación en Latinoamérica" que os primeiros estudos neste sentido foram realizados. Esta investigação contou com apoio do Ministério do Esporte e do SESI/DN; envolveu 16 participantes de 8 países latino-americanos e foi concluída em março/2009. O objetivo da pesquisa foi ampliar o diálogo sobre conhecimentos e experiências teórico-práticas sobre o lazer na América Latina. Seus resultados foram publicados em livro publicado pela Editora UFMG (2009). O grupo de pesquisa vem realizando estudos, investigações, publicações, ciclos de debates, eventos e outras iniciativas. (Entrevistada Gomes)

Essa pesquisadora possui uma trajetória bem linear e desde o início de sua carreira elegeu o lazer não só como objeto de pesquisa, mas também como eixo no ensino e na extensão.

O meu objeto de estudos, desde o final da minha graduação, é o lazer. Procuro trabalhar com o lazer, tanto do ponto de vista das pesquisas que eu venho realizando quanto de outras ações na Universidade que envolvem também práticas extensionistas junto à comunidade e outras atividades ligadas mais ao ensino. Então eu tento explorar o lazer a partir das suas interfaces com outros campos, seja a educação, seja a cultura, e outras possibilidades. Mas o que eu não abro mão, nunca, é de considerar o lazer como temática principal de tudo aquilo que eu faço. Então é a partir daí que eu vou abrindo portas, mas sempre foi o lazer, isso eu diria que desde 1992. (Entrevistada Gomes)

Sobre sua atuação no Programa de Pós-Graduação em Estudos do lazer na UFMG, observa-se suas tendências de estudo no quadro a seguir:

Quadro 36 - Dissertações de mestrado orientadas por Gomes.

Sandra Narita.	Apropriações sociais e vivências de lazer em rios urbanos de Foz do Iguaçu e suas margens. 2015.
Irene Benevides Dutra Murta	O Grupo ciclístico "Massa Crítica" em Belo Horizonte: Relações entre Movimentos Sociais e Lazer. 2015.
Romilda Aparecida Lopes.	Vamos ao museu hoje? Educação e Lazer em visitas mediadas. 2014.
Suzana Santos Campos.	Saberes sobre o lazer privilegiados em um curso Técnico a distância sobre a temática. 2013.
Jeyller Henrique Rosa de Araujo.	A formação de profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno da cidade de Belo Horizonte/MG. 2013.
Claudio Gualberto	Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC): Uma política pública sob a perspectiva daqueles que a executam. 2013.
César Castilho.	Lazer e atividades na natureza: Resistência ou conformismo. 2013.
Alicia Maricel Oliveira Ramos.	O direito ao ocio/recreación em Constituições de países latino-americanos de língua espanhola. 2012.
Juliana Azevedo Schirm Faria.	Lazer e turismo em periódicos: Análise de artigos no período 2006-2010. 2012.
Tatiana Roberta de Souza.	Análise dos estudos sobre a temática do lazer em Mestrados em Turismo e Hospitalidade no Brasil (2001-2007). 2011.
Fernanda Caetano Cunha.	Os luxos do lixo: Representações sociais de lazer de catadores de papel. 2010.

Gabriela Baranowski Pinto.	Lazer em hospitais: Realidades e desafios. 2009.
Marcos Filipe Guimarães Pinheiro.	Inserção da temática lazer nos currículos dos Cursos de Graduação em Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). 2009.
João Franco Lima.	Ethel Bauzer Medeiros: Trajetória no campo da recreação e do lazer. 2009

Fonte: A autora (2016).

Quadro 37 - Teses de doutorado orientadas por Gomes.

Rodrigo Antonio Elizalde-Soto.	Aportes desde el Ocio para el Aprendizaje Transformacional. 2012.
--------------------------------	---

Fonte: A autora (2016).

Analisando os títulos relacionados nos quadros acima, nota-se algumas dicas das maneiras de fazer acadêmico da pesquisadora: os temas estão sempre relacionados ao conceito de lazer, as principais relações são feitas como as ideias de apropriação, representações sociais e educação. Além disso, nuances de temáticas desenvolvidas a partir da área específica do turismo são evidenciadas em parte dos trabalhos apresentados.

O lazer é iluminado em suas pesquisas principalmente pela Educação, como campo mais amplo que sustenta as discussões, além disso, busca sempre dialogar com autores que estão inseridos no lazer enquanto campo de estudo:

Eu procuro sempre também conhecer e dialogar com autores e outras pessoas que estão inseridas no lazer enquanto campo de estudo. Então sejam autores brasileiros ou estrangeiros, eu procuro sempre conhecer como é que eles estão trabalhando com essa temática. Então eu estou dizendo isso para dizer para você que eu busco primeiramente as pessoas que estão engajadas nos estudos sobre o lazer. (Entrevistada Gomes)

As preferências teóricas da pesquisadora podem ser conferidas no quadro abaixo:

Quadro 38 - Sistematização da análise de obra científica publicada Gomes Obra 01.

Título da obra	Lazer necessidade humana e dimensão da cultura
Pesquisador Principal	Christiane Luce Gomes
Tem colaboradores	Não
Tipo de obra	Artigo. REBEL, 2014.
Problema de pesquisa	Diferenças em relação a compreensão do lazer em oposição ao trabalho e lazer como necessidade humana.
Metodologia utilizada	Estudo teórico
Estratégias metodológicas	Não se aplica

Conceito de Lazer	O lazer representa a necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente. Essa necessidade concretiza-se na ludicidade e pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Por isso, o lazer precisa ser tratado como fenômeno social, político, cultural e historicamente situado. (GOMES, 2014, p.12)
--------------------------	---

Fonte: A autora (2016).

**Quadro 39 - Sistematização da análise de obra científica publicada Gomes
Obra 02**

Título da obra	Compreensões de lazer / ócio na América latina: uma análise conceitual
Pesquisador Principal	Christiane Luce Gomes
Tem colaboradores	Não
Tipo de obra	Artigo. Licere, 2013.
Problema de pesquisa	Quais as compreensões de lazer/ócio de professores, profissionais e estudantes vinculados a cinco Programas de Mestrado em Lazer / Tempo Livre / Recreação desenvolvidos em quatro países latino-americanos: Brasil, Costa Rica, Equador e México.
Metodologia utilizada	Investigação qualitativa
Estratégias metodológicas	Pesquisa bibliográfica e entrevistas
Conceito de Lazer	Não se aplica

Fonte: A autora (2016).

**Quadro 40 - Sistematização da análise de obra científica publicada Gomes
Obra 03**

Título da obra	Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento
Pesquisador Principal	Christiane Luce Gomes
Tem colaboradores	Não
Tipo de obra	Artigo. Licere, 2011.
Problema de pesquisa	Analisar o lazer na perspectiva geopolítica do conhecimento, ressaltando alguns fundamentos que influenciam os estudos sobre essa temática e procurando situar o debate no contexto latino-americano.
Metodologia utilizada	Estudo teórico
Estratégias metodológicas	Revisão de literatura
Conceito de Lazer	O lazer participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade e representa um dos fios tecidos, culturalmente, na rede humana de significados, símbolos e significações. (GOMES, 2011, p.17)

Fonte: A autora (2016).

**Quadro 41 - Sistematização conceitos/ teorias e referências bibliográficas utilizadas
Gomes.**

Conceitos e teorias utilizadas	Referência bibliográfica	Área do conhecimento
Concepções do lazer	DUMAZEDIER, J. Sociologia empírica do lazer . São Paulo: Perspectiva, 1976.	Sociologia
Não-existência Exclusão social	SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Revista crítica de ciências sociais , v. 63, p. 237-280, out, 2002.	Sociologia
Lazer/ Recreação	MEDEIROS, E. B. Lazer necessidade ou novidade? Rio de Janeiro. SESC, 1975. SALAZAR SALSS, C. G. Recreacion . San José: Editorial UCR, 2007.	Educação Física
Cultura	GEERTZ, C. Nova luz sobre a antropologia . Rio de Janeiro Zahar, 2001. SAHLINS, M. Cultura e razão prática . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.	Antropologia
Tempo e espaço	SANTOS, M. Por uma geografia nova da crítica da geografia a uma geografia crítica . 2. Ed. São Paulo Hucitec, 1980.	Geografia
Prática social	FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade . 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.	Educação / Filosofia
Tempo e espaço social	LEFEBVRE, H. Espaço e política . Belo horizonte: Editora UFMG, 2008.	Filosofia / Sociologia
Metodologia científica	LAVILLE, C; DIONNE, J. A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas . Porto Alegre: Artmes, 1999.	Educação / Ciências Humanas
Metodologia científica	TRIVINOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação . São Paulo: Atlas, 1987.	Filosofia
Compreensão subjetiva do Ócio	CUENCA, M. Ocio humanista . Dimensiones y manifestaciones actuales del ocio. Bilbao: Universidade Duesto, 2000.	Educação
Subjetividade /	GONZALES-REY, F. As categoria do sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural . Psicologia da Educação, São Paulo, n. 24, p. 155-179, 2007.	Psicologia
Lazer negativo	ROJEK, C. O lado obscuro do lazer: formas anormais . In: FORTINI, J.L.M.; GOMES, C. L.; ELIZALDE, R. (Org) Desafios e perspectivas da educação para o lazer / Belo Horizonte: Editorial SESC/ Otium , 2011.	Sociologia
Espaço público e direito social	TELLES, V. Direitos Sociais: Afinal, do que se trata? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.	Sociologia
Produção do conhecimento	MIGNOLO, W. Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder . Entrevistas concedida a C. Wash. Revista polis, n. 4, 2003.	Semiotico/ Geopolítica do conhecimento
Lazer	DE GRAZIA, S. Tiempo, trabajo e ocio . Madrid: Tecnos, 1966.	Ciência Política
Produção do conhecimento	SHOHAT, E.; STAM, R. Crítica da imagem eurocêntrica . São Paulo: Cosac Naify, 2006.	Cinema
Direito a preguiça	LAFARGUE, P. O direito á preguiça . São Paulo: Hucitec/ Unesp, 1999.	Jornalista
Linguagem	BAKHITIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem . São Paulo: Hucitec, 1979.	Filosofia

Fonte: A autora (2016).

Analisando as áreas do conhecimento elencadas nas principais referências bibliográficas das obras indicadas pela autora percebe-se como ela tem uma visão plural e interdisciplinar do conhecimento, perpassando várias áreas para tentar explicar o fenômeno do lazer.

Entende a discussão conceitual sobre o lazer como fundamental, pois acredita que entender como um pesquisador compreende o lazer define todo o resto das teorias apresentadas por ele.

Por exemplo, existem pessoas que afirmam que o lazer é tempo livre. Eu não compactuo com essa compreensão, mas quando eu sei que esse é o entendimento da pessoa eu consigo estabelecer um diálogo com ela, e eu entendo que isso é fundamental. Eu venho de uma perspectiva que procura ter um olhar sobre o lazer não como gerado a partir de Revolução Industrial, mas que reconhece que esse contexto foi fundamental para instigar estudos, teorias e conceitos sobre a temática do lazer, pelas mudanças fundamentais que esse contexto acabou gerando na vida das pessoas, principalmente no contexto inglês do século XIX. (Entrevistada Gomes)

Em relação a metodologia a autora trabalha com uma abordagem qualitativa, especificamente com estudo de caso, pesquisa exploratória, pesquisa bibliográfica, entrevistas, análise documental, grupo focal e observação.

Em sua atuação demonstra sempre uma preocupação em evidenciar a relação entre Lazer e Educação, principalmente nos espaços de formação de professores.

Na turma de licenciatura procuro problematizar o lazer enquanto um elemento fundamental da prática pedagógica cotidiana dos professores, problematizando as questões que passam pelo dia a dia da escola, ultrapassando também os muros da escola, porque eu entendo que esse professor pode também atuar em outros contextos, em outros ambientes, fazer outras leituras e interpretações. (...) então eu entendo que o lazer precisa ser trabalhado na formação de professores de Educação Física, não somente como metodologia ou enquanto um repertório de atividades, acho que tem coisas, temas mais complexos e mais profundos para fazer parte dessa formação. Creio que o lazer, vinculado com a educação, tem um potencial grande para contribuir, para qualificar essa formação. (Entrevistada Gomes)

As pesquisas do grupo são a principal motivação para sua existência, os encontros são realizados quinzenalmente.

No início do semestre a gente faz uma reunião discutindo o que é importante para aprofundar os debates e discussões, a partir desse

planejamento, realizamos os encontros, e fazemos uma avaliação ao final do semestre. (Entrevistada Gomes)

A autora comentou, também, sobre uma estratégia que chama de expedições de lazer, pela qual o grupo elege algumas possibilidades e vai a campo. Esclarece, informando que

(...) esses são trabalhos de campo que não têm uma sistematização tão rígida, mas que despertam também os nossos olhares para as múltiplas possibilidades de lazer na vida cotidiana. (Entrevistada Gomes)

Não acredita em uma relação direta entre sua participação no Programa de Pós-Graduação e no GTT Lazer e Sociedade do CBCE.

O que me motiva a participar do GTT é justamente a possibilidade de interlocução com outros colegas, o que isso pode gerar, e também de contribuir de alguma maneira para ampliar as discussões sobre a temática do lazer dentro da área de Educação Física. (Entrevistada Gomes)

É editora da RBEL - Revista Brasileira de Estudos do Lazer, e parecerista de vários periódicos da temática do Lazer.

Com relação a última pesquisadora apresentada, sua autoridade científica está diretamente relacionada ao seu esforço por levar a diferentes campos e instâncias do conhecimento a discussão conceitual específica do lazer. Já sua maneira de fazer acadêmico tem características bem definidas: a abordagem metodológica qualitativa e a busca na diversidade de áreas do conhecimento são suas bases epistemológicas.

Além do que, sua trajetória foi toda calcada no lazer como fio condutor, não somente na pesquisa, mas também em seus investimentos no ensino e extensão. A educação e formação de professores complementam o cenário de investimentos da pesquisadora.

Em síntese geral, dos pesquisadores desse bloco, percebe-se que a UFMG acaba configurando uma tendência de estudos, com base nos estudos interdisciplinares, contando em seu quadro de docentes, com destaque aos pesquisadores participantes dessa pesquisa, com indivíduos de diferentes abordagens, mais relacionadas a educação, formação de professores, estudos

históricos, todavia sempre buscando o esforço da análise em uma perspectiva interdisciplinar.

3.6 AS RETÓRICAS DOS ENTREVISTADOS: PISTAS PARA CONSTRUÇÃO DAS ANÁLISES

No que se refere a definição de um pesquisador pela temática lazer é preciso reconhecer os interesses que podem estar correlacionados a tal escolha, entendendo que “interesses diferentes, são produzidos e exigidos por outros campos” (BOURDIEU, 1983, p.123), ao que se é feita referência as políticas públicas, ambiente universitário, mídia, escola, sociedade em geral, entre outras possibilidades. Sendo assim, destaca-se a partir da leitura de Setton (2002) que o conceito de interesse para Bourdieu pode ser compreendido como uma motivação inerente a um indivíduo, pois “... todo campo, enquanto produto histórico, gera o interesse, que é condição de seu funcionamento” (BOURDIEU, 1990, p.128).

Ademais, a importância em compreender onde está localizado cada pesquisador é fundamental para a compreensão do campo pois,

(...) os julgamentos sobre a capacidade científica de um estudante ou um pesquisador estão sempre contaminados, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias instituídas (BOURDIEU, 1983, p.124),

Ou seja, a instituição onde os pesquisadores frequentaram, a Graduação e Pós-Graduação, pode trazer indícios de seu posicionamento, tanto no interior da instituição, no CBCE, quanto em sua trajetória científica. Cada pesquisador tem “capacidades intelectuais e institucionais” para o desenvolvimento de suas pesquisas, com o passar do tempo são selecionadas algumas metodologias como universais, pelo fato dos pesquisadores que possuem autoridade científica as utilizarem.

No campo científico, como nos demais campos sociais, não existe neutralidade. Na maioria das escolhas estão envolvidos interesses, pois, no âmbito da pesquisa, busca-se o reconhecimento dos pares e o acúmulo de capital.

Não há “escolha” científica – do campo de pesquisa, dos métodos empregados, do lugar de publicação, ou ainda, escolha entre uma publicação imediata de resultados parcialmente verificados e uma publicação de resultados plenamente controlados que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes. (BOURDIEU, 1983, p.127)

Sendo assim, tem-se que os grupos de pesquisa ou áreas de concentração tecem regras particulares de seus jogos de interesse, pois “(...) somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos.” (BOURDIEU, 1983, p.127)

A partir da análise do cotidiano que os pesquisadores vivenciam percebem-se alguns elementos distintivos, tais como o dia a dia no ensino, pesquisa e extensão, a rotina de publicação, participação em eventos, levando em consideração elementos como a estratégia da CAPES e as táticas dos Programas de Pós-Graduação.

Nessa busca por tentar perceber de que forma cada pesquisador acumulou seu capital científico, é fundamental registrar os investimentos em diferentes esferas para o desenvolvimento da carreira de pesquisador, ou seja, desvelar como e com que intensidade cada pesquisador investe no ensino, na pesquisa e na extensão.

Para compreender as transformações das práticas científicas que acompanham o avanço na carreira é preciso relacionar as diferentes estratégias científicas (por exemplo, os investimentos maciços e extensivos unicamente em pesquisas ou investimentos moderados e intensivos em pesquisa associados a investimentos na administração científica), não com grupos de idade, posto que cada campo define suas próprias leis de envelhecimento social, mas com a importância do capital possuído, que, definindo a cada momento as chances objetivas de lucro, define as estratégias “razoáveis” de investimento ou desinvestimento. (BOURDIEU, 1983, p.135)

Por esta razão, tentou-se descrever a trajetória de cada pesquisador entrevistado, com o intuito de destacar suas diferenças, as quais são fundamentais para se compreender o campo científico, vez que

Existem tantos tipos de trajetórias quantas maneiras de entrar, de se manter e de sair da pesquisa. Toda descrição que se limita às características gerais de uma carreira qualquer faz desaparecer o essencial, isto é, as diferenças. (BOURDIEU, 1976, p.136)

Certeau também enuncia a categoria trajetória, esta que para o autor

(...) deveria evocar um movimento temporal no espaço, isto é a unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos, e não a figura que esses pontos formam num lugar supostamente sincrônico ou acrônico (CERTEAU, 2007, p. 98)

Ou seja, para compreender a trajetória de um pesquisador, mais que analisar um produto, uma obra, ou um artigo, faz-se fundamental mapear os momentos e

escolhas que o fizeram despertar interesse e desenvolver tal objeto de pesquisa, levando em conta a pluralidade de experiências e oportunidades que trilharam seu caminho.

O mesmo autor também chama a atenção para a necessidade de se separar um campo científico, a fim de poder cuidar dele, no sentido de homogeneizá-lo, uni-lo, o que corrobora com a dinâmica dos GTT do CBCE, considerando-se que a separação do todo demanda o entendimento que tal parte é diferente, é particular dotado. Ainda, “a força dos seus cálculos se deve a sua capacidade de dividir, mas é precisamente por essa fragmentação analítica que perde aquilo que julga procurar e representar”. (CERTEAU, 2007, p.46)

Em síntese, tem-se as seguintes considerações:

Em relação a busca de um próprio, o encontro desses pesquisadores se deu em diferentes fases de desenvolvimento acadêmico. Alguns casos aconteceram já na Graduação; outros ocorreram anos após, nos processos de Pós-Graduação; tendo ainda parte deles ocorrido apenas depois do ingresso como professores em universidades, ou ainda como orientadores em Pós-Graduação.

A definição dos objetos de estudo foi apresentada com clareza e os passos para tal escolha, que não foram aleatórios nem desinteressados, foram descritos nas trajetórias, cuja síntese apresenta:

Quadro 42 - Sistematização dos objetos de estudo.

<u>Objetos de estudo</u>	O esporte no lazer.	Políticas públicas e lazer.	Corpo, cidade e meio ambiente.
Lazer e educação.	Práticas corporais na natureza.	Formação e atuação profissional no lazer.	Futebol, o torcer no tempo espaço de lazer.

Fonte: A autora (2016).

Existe uma coerência entre esses objetos de estudo e a atuação dos docentes na Graduação, visto que a maioria atua lecionando disciplinas na área do lazer.

No que tange a extensão, nota-se como a dinâmica do produtivismo – agravada pelas estratégias da CAPES em relação aos Programas de Pós-Graduação na área 21 – fez com que alguns professores se afastassem desta área de atuação. Mesmo assim, alguns resistem a dinâmica, e conseguem manter suas ações extensionistas e ainda as relacionar com a pesquisa científica.

Dos sete Grupos de Pesquisa mapeados, a metade deles se relacionam a área 21²⁸ da CAPES. Já a outra metade diz respeito a área 45 da CAPES, e um dos grupos ainda não tem relação direta com nenhum Programa de Pós-Graduação.

As tendências epistemológicas podem ser resumidas na Área das Ciências Sociais e Humanidades, tendo como aspectos de análise um viés sociocultural e pedagógico, visto que as áreas citadas compõem estes dois campos maiores.

Já no caso das tendências metodológicas a abordagem é qualitativa com destaque para os estudos com base empírica e estudos históricos.

Os grupos de pesquisa têm dinâmicas próprias, mas a maioria busca conectar sujeitos, em diferentes níveis de formação, em um mesmo espaço acadêmico. Porém, o enfoque em alguns casos é mais forte na pesquisa, e em outros está dissipado no ensino, na pesquisa e na extensão.

Todos os sujeitos entrevistados relatam sua preocupação em compartilhar o conhecimento acumulado e construído no interior dos grupos em forma de publicações científicas, para tanto a maioria dos coordenadores dos grupos de pesquisa atuam tanto como autores, quanto pareceristas e editores de periódicos da área da Educação Física, que tem o lazer como parte central ou integrante de seu escopo, além de vários dos entrevistados investirem, também, na organização de livros e elaboração de capítulos de livro sobre a mesma temática.

A maioria dos pesquisadores possui uma conexão forte com os eventos científicos, mesmo que estes não sejam examinados objetivamente nas avaliações dos Programas de Pós-Graduação, denotando-se a resistência do grupo em manter espaços de troca e socialização do conhecimento científico. Destaca-se que essa resistência aqui apresentada, deve ser entendida na perspectiva de Certeau relacionada às maneiras de fazer identificadas no cotidiano dos pesquisadores participantes dessa pesquisa.

Quanto à definição conceitual do lazer em suas obras existe uma diversidade de abordagens, que pode ser conferida no quadro a seguir:

²⁸ Dentre as 48 áreas de concentração da CAPES, trataremos especificamente nessa pesquisa de duas, sendo estas: Área 21 denominada Área da saúde; e Área 45 denominada Área interdisciplinar. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>. Acesso 01/05/2016.

Quadro 43 - Pesquisador/Definição do lazer adotada em suas pesquisas.

Pesquisador	Definição do lazer adotada em suas pesquisas
Marco Paulo Stigger	O autor não define o conceito de lazer, mas deixa claro que estuda o esporte no lazer em uma abordagem sociocultural.
Silvia Franco Amaral	Espaço e vivência de lazer nesta obra refere-se às atividades de desfruto de um tempo de não trabalho.
Simone Rechia	Possibilidade de organização e materialização da cultura e também como tempo e espaço de educação e desenvolvimento – sem esquecer que, na sociedade atual, tal fenômeno tornou-se palco social de disputa hegemonia, cuja tensão se dá entre a indústria cultural e a ação política e pedagogicamente orientada para a formação crítica e criativa dos sujeitos.
Humberto Luis Inácio de Deus	O lazer contemporâneo vem se constituindo em um espaço de realizações humanas as quais caminham, em tempos e contextos diversos, para as mais diferentes direções. Acrescenta ainda inspirado em Mascarenhas, que compreende o Lazer como espaço de recriação da cultura e prática de liberdade.
Helder Ferreira Isayama	Lazer como campo de atuação profissional Processo educativo, o lazer torna possível a vivência, intervenção, aprendizagem, sensibilização, ludicidade e mudança na percepção da realidade social. Dimensão cultural da vida humana e um fenômeno complexo e ambíguo que envolve diferentes relações com o tempo e o espaço, manifestando-se nos mais diferentes conteúdos e possibilidades de vivências.
Silvio Ricardo da Silva	Compreende o torcer como real possibilidade de lazer.
Christiane Luce Gomes	O lazer representa a necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente. Essa necessidade concretiza-se na ludicidade e pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Por isso, o lazer precisa ser tratado como fenômeno social, político, cultural e historicamente situado.

Fonte: A autora (2016).

Portanto, em síntese, a retórica dos pesquisadores coordenadores de grupos de pesquisa está relacionada à coerência entre suas ações, tendo o lazer como ponto central em seu exercício docente, e a relação orgânica com o CBCE. Destaca-se que ao mesmo tempo em que se diferenciam quanto as abordagens conceituais do fenômeno lazer, aproximam-se na preocupação em relação a formação de pesquisadores e professores, visando dar continuidade ao campo científico do Lazer, o que chamamos aqui de “apadrinhamento acadêmico”.

A partir das pistas indicadas na retórica dos entrevistados encontraram-se caminhos para analisar as maneiras de fazer acadêmico, sendo a primeira relacionada a produção do conhecimento na Educação Física e a tensão entre as Ciências Sociais e Ciências Biológicas, que serão exploradas a seguir.

4 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

*Se o senhor Suassuna me permitir eu parafrasearia assim:
“Ciência pra mim não é produto de mercado. Podem me chamar de romântico. Ciência pra mim é missão, vocação e aventura.”
Edison de J. Manoel, 2015, p.235)*

O conhecimento científico em Educação Física ainda pode ser considerado como um processo recente de sistematização, sem tanta tradição em relação a áreas tais como Medicina, Matemática e Filosofia. Mesmo assim, já se pode afirmar que sua origem foi cunhada na perspectiva positivista. Segundo Ávila (2008, p.1) “a compreensão de ciência cunhada por uma perspectiva positivista é considerada como a concepção hegemônica na produção do conhecimento em Educação Física”, estudando este fenômeno a autora afirma, ainda, que existem outras perspectivas na pesquisa em Educação Física a partir de estudos de vários autores, e comenta que “(...) a ciência moderna emerge com determinadas marcas, uma delas é a hegemonia da forma de conceber o conhecimento científico das ciências naturais como modelo para as sociais” (ÁVILA, 2008, p.10).

Porém, encontra-se em processo de ampliação das visões do fenômeno Educação Física quando se consideram, corroborando com Ávila (2008), o empírico e seus nuances subjetivos, a crítica a suposta neutralidade científica, e que “(...) os fatos que parecem objetivos podem ser traduzidos por aquilo que os sujeitos percebem” (p.21). Além disso, evidencia-se a necessidade de para explicar os fenômenos sociais considerar a constante mudança decorrente de uma realidade social histórica, e que são as estruturas mais duradoras e independentes que possibilitam a apreensão dos fenômenos sociais. Ainda segundo Ávila (2008), agora a partir de sua leitura de Bhaskar, o relato acerca das evidentes diferenças entre as ciências naturais e sociais,

Pois diferentemente dos mecanismos naturais, que são facilmente identificáveis empiricamente, as estruturas sociais, para serem identificadas, dependem das atividades que elas governam. Nesse sentido, as próprias estruturas são produtos sociais. (ÁVILA, 2008, p.52).

Sendo assim, esta pesquisa considera a Educação Física como uma área do conhecimento que aborda fenômenos com diferentes possibilidades de interpretação e apreensão, que perpassam desde os aspectos biológicos, históricos e pedagógicos, até abarcar a perspectiva social.

Em relação à Educação Física e sua trajetória no mundo das ciências, Ávila (2008) faz um resgate histórico em sua tese, o qual será resumido nas linhas a seguir.

A Educação física se estrutura como ciência desde o século XIX com a aproximação com o Movimento Ginástico Europeu, bem exemplificados em estudos de Soares (1994, 1998) na perspectiva médico higienista. Somado a isso, tem-se o método francês, o qual mesmo com alguns aspectos mais relacionados a pedagogia, segundo estudos de Goellner (1996), ainda se pautava como uma prescrição médico higienista, segundo a autora “o conhecimento científico mediado pela medicina marca profundamente a constituição da Educação Física no Brasil” (2008, p.56).

Anos mais tarde, nas décadas de 30 e 40 do século XX, a influência militarista teve seu predomínio exacerbado, e na Educação Física tal fenômeno resultou na seleção do esporte como conteúdo fundamental, mesmo que o método Francês continue como conteúdo expressivo até os anos 60 do referido século.

Após o fim da segunda guerra mundial, o esporte vira hegemônico, de acordo com Bracht é considerado um protótipo da modernidade,

(...) é exatamente quando a Educação Física deixa de se apresentar como ginástica (métodos ginásticos) e consolida-se o esporte enquanto seu conteúdo maior, que as Chamadas Ciências do Esporte, instalam-se no campo, inicialmente chamado Educação Física (2008, p.31 e 58).

Sendo assim, percebe-se que aos poucos o cenário muda de médico higienista, para forte influência dos militares, o que pode ser traduzido pela alteração dos métodos ginásticos para o esporte. Ademais, destaca-se a década de 60, na qual a produção científica teve como foco principal o fenômeno esportivo, o que pode ser considerado o pontapé inicial para a expansão ocorrida anos mais tarde na década de 70. Sobre isso Ávila (2008) disserta que :

Embora o conhecimento advindo das diferentes ciência-predominantemente da física e da biologia- já permeasse a prática e a teoria da educação física, é somente naquele momento histórico que o conhecimento científico se torna fundamental para a área no Brasil, na tentativa de adquirir sua legitimidade acadêmica. (p.58)

Na década de 70 surgem duas instituições que prometiam mudar a história da Educação Física no Brasil: a CELAFISCS - Centro de Estudo do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul, com o I Simpósio Internacional e Ciências do Esporte, em 1977; e, no ano seguinte, em 1978, surge o CBCE- Colégio Brasileiro

de Ciências do Esporte e um ano depois a RBCE- Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Nesse momento, foi evidenciado o status científico da área, principalmente aqueles ligados a instituição superior. Oliveira (2003) também discorre sobre esse período, destacando o papel das Pós-Graduações nesse processo de consolidação da área do conhecimento.

Se por um lado, a partir de meados da década de 1970, a produção acadêmica em Educação Física começava a se desenvolver com critérios científicos, principalmente pelo início de um processo de titulação (mestrado e doutorado) de seus profissionais e pela emergência dos primeiros cursos de Pós-Graduação no Brasil, por outro lado, já estava sendo produzida e discutida no âmbito educacional uma literatura baseada nas teorias críticas, com as quais os profissionais de Educação Física travaram contato tardio, uma vez que estas teorias só foram apropriadas pela Teoria da Educação Física no início dos anos 1980. (p.01)

Silva (1990) acrescenta ainda que a produção do conhecimento até os anos 80 se concentrou de forma enfática aos aspectos médico-biológicos, valorizando a quantificação e a estatística.

Logo após esse período de criação de instituições e fortalecimento das Pós-Graduações, inicia-se o período que muitos autores chamam de crise da Educação Física Brasileira, fenômeno datado na década de 80 e definido por Ávila (2008, p.60) como “(...) crise de identidade e de legitimidade da área frente às diferentes esferas sociais”, e comentado por Fensterseifer:

A resposta a essa crise pode ser entendida como um espaço de dispersão teórica e prática, o que fica evidenciado pela presença em seu meio de uma pluralidade aparentemente caótica de interesses; no entanto, ao referirmo-nos a todo esse leque de interesse como sendo Educação Física, revelamos a existência de uma unidade, mesmo que frágil”. (FENSTERSEIFER, 2000, p.35, citado por AVILA p. 63)

Tal pluralidade de interesses reina por período significativo e, de acordo com Ávila, é só na década de 90 que se pode localizar avanços na forma de compreender as pesquisas sobre a produção do conhecimento na área. “Deixa-se de se perguntar sobre as sub-áreas e questionam-se as matrizes teóricas e as concepções de ciência que orientam tais pesquisas” (p.67).

Bracht (2015) anuncia que data da mesma época a consideração sobre a passagem da Educação Física para uma profissão com formação universitária

A Educação Física completa ou consolida ao final do século 20 a passagem de uma ocupação para uma profissão com formação universitária. No Brasil a formação de professores de Educação Física vem acontecendo no Ensino Superior e foi assumida pelas universidades, ou seja, em nosso país desde

o início não se questionou o *status* universitário da Educação Física (embora alguns cursos inicialmente não estivessem vinculados a universidades). (BRACHT, 2015, p.113)

Nesse mesmo período é possível relacionar a compreensão da Recreação como uma ocupação, e tempos mais tarde, buscando superar esse enfoque, surge o conceito de lazer e com ele uma discussão de fenômeno.

Para Neto e Costa (2009) é nessa década que os fenômenos imersos na área denominada Educação Física começam a ser colocados sob uma perspectiva sociocultural, e a pesquisa no campo do lazer teve avanços significativos, com destaque para o número de artigos sobre o lazer publicados nos anos de 1990 e 1992 na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, que somaram 7 pesquisas publicadas.

Buscando facilitar a síntese das informações, apresenta-se no quadro a seguir os pontos considerados mais relevantes nessa pesquisa sobre a trajetória da produção do conhecimento e atuação na Educação Física.

Quadro 44 - Trajetória produção do conhecimento e atuação na Educação Física.

Fim do século XIX Movimento Ginástico Europeu Tendência Médico-higienista.	Século XX Década de 30 e 40 Tendência do militarismo Esporte como conteúdo fundamental.	Década de 60 Produção científica centrada no fenômeno esportivo.	Década de 70 Surgimento dos Cursos de Pós-Graduação. Delimitação da tensão entre CELAFISCS e CBCE.
Década de 80 Crise de identidade.	Década de 90 O Coletivo de autores Começa a questionar as matrizes teóricas. Começamos a identificar perspectiva sociocultural.	Anos 2000 Educação Física na área 21 da CAPES. Fortalecimento do lazer na perspectiva interdisciplinar, heterogeneidade epistemológica.	2010 Acentuam-se as discussões que anunciam as diferentes áreas Biodinâmicas, Sociocultural e Pedagógica.

Fonte: A autora (2016).

Aliás, a constituição do CBCE na década de 80, destacando a estrutura da Direção Nacional, tendo como protagonistas atores do grupo denominado Coletivo de Autores, vem fortalecer o aspecto sociocultural e pedagógico. Porém, pela tensão já existente, acabam afastando pesquisadores do grupo dos aspectos biodinâmicos.

Saliente-se que apenas 10 anos mais tarde, na década de 90, as pesquisas sobre a produção do conhecimento na área sociocultural começam a aparecer. Nos

anos 2000, com a retomada da CAPES, os pesquisadores das áreas biológicas já acumulavam o capital necessário para se aproximarem da organização da CAPES e proporem a alocação das pesquisas de Pós-Graduação em Educação Física na área 21 da Saúde e não em outra, ou outras áreas, o que poderia levar em consideração também as Ciências Sociais e Humanidades.

Tendo em vista, o cenário de desenvolvimento da produção do conhecimento na Educação Física Brasileira, e da participação do CBCE nesse processo, destaca-se que, atualmente, os estudos do lazer inseridos no campo da Educação Física estão situados no CNPq, na grande área da saúde, chamada de área 21, mas no cotidiano dos pesquisadores percebe-se uma configuração que ultrapassa essa área específica, transitando pela Educação, Sociologia, Geografia, Filosofia, Epistemologia, Fisiologia e Estatística, emergindo a possibilidade de ser considerada uma ciência interdisciplinar.

Isso demonstra uma tensão, porque aparentemente a Área 21 não caracteriza receptáculo suficiente a acomodar os diferentes aspectos da Educação Física. Em alguns casos, a opção dos professores não contemplados nesta Área da Saúde é migrar para outras áreas, em busca de espaço de desenvolvimento acadêmico, como, por exemplo, para a Área 45 dos estudos interdisciplinares.

Dessa forma, desvendar a localização dos pesquisadores no campo é fundamental para entender o jogo concorrencial que é estar na Pós-Graduação

(...) uma sociologia científica da ciência (e a sociologia científica que ela contribui para tornar possível) só pode constituir-se com a condição de perceber claramente que as diferentes posições no campo científico associam-se representações da ciência, estratégias ideológicas disfarçadas de tomadas de posição epistemológicas através das quais os ocupantes de uma posição determinada visam justificar sua própria posição e as estratégias que eles colocam em ação para mantê-la ou melhorá-la e para desacreditar, ao mesmo tempo, os detentores da posição oposta e suas estratégias. (BOURDIEU, 1983, p.154)

Verifica-se, a partir das análises dos dados coletados, que a estratégia dominante é ditada pela instituição CAPES, fazendo-se necessário apresentar o que esta instituição representa formalmente, antes da perspectiva dos entrevistados.

Segundo seu *site* oficial, a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados da

Federação. Em 2007, passou também a atuar na formação de professores da educação básica ampliando o alcance de suas ações na formação de pessoal qualificado no Brasil e no exterior (2016).

As atividades desta instituição podem ser sintetizadas em: avaliação da Pós-Graduação *stricto sensu*; acesso e divulgação da produção científica; investimentos na formação de recursos de alto nível no país e exterior; promoção da cooperação científica internacional; indução e fomento da formação inicial e continuada de professores para a Educação Básica nos formatos presencial e a distância.

A representatividade da instituição tem como ponto central a avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação, buscando sua organização.

O sistema de avaliação, continuamente aperfeiçoado, serve de instrumento para a comunidade universitária na busca de um padrão de excelência acadêmica para os mestrados e doutorados nacionais. Os resultados da avaliação servem de base para a formulação de políticas para a área de Pós-Graduação, bem como para o dimensionamento das ações de fomento (bolsas de estudo, auxílios, apoios). (CAPES, 2016)

Em relação a sua trajetória histórica da instituição, sistematizaram-se os pontos fortes para esta pesquisa no quadro abaixo:

Quadro 45 – Linha do tempo CAPES.

Ano/Período	Ação
1951	Criação: Decreto nº 29.741, com o objetivo de assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país.
1953	Programa Universitário, principal linha da Capes junto às universidades e institutos de ensino superior, estimulando atividades de intercâmbio e cooperação entre instituições, concede bolsas de estudos e apóia eventos de natureza científica.
1961	CAPES subordina-se diretamente à Presidência da República.
1964	CAPES volta a se subordinar ao Ministério da Educação e Cultura.
1965	27 cursos são classificados no nível de mestrado e 11 no de doutorado, totalizando 38 no país.
1966	No plano educacional, tem-se a reforma universitária, a reforma do ensino fundamental e a consolidação do regulamento da Pós-Graduação (Parecer 977, de 1965). No processo de reformulação das políticas setoriais, com destaque para a política de Ensino Superior e a de ciência e tecnologia, a CAPES ganha novas atribuições e meios orçamentários para multiplicar suas ações e intervir na qualificação do corpo docente das universidades brasileiras. Com isso, tem papel de destaque na formulação da nova política para a Pós-Graduação, que se expande rapidamente.
1970	São instituídos os Centros Regionais de Pós-Graduação.

1974	A estrutura da CAPES é alterada pelo Decreto 74.299 e seu estatuto passa a ser órgão central superior, gozando de autonomia administrativa e financeira.
1981	A CAPES é reconhecida como órgão responsável pela elaboração do Plano Nacional de Pós-Graduação Stricto Sensu, em 1981, pelo Decreto nº 86.791. É também reconhecida como Agência Executiva do Ministério da Educação e Cultura junto ao Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, cabendo-lhe elaborar, avaliar, acompanhar e coordenar as atividades relativas ao ensino superior. <u>A tarefa de coordenar a avaliação da pós-graduação fortalece o papel da CAPES.</u> O Programa de Acompanhamento e Avaliação, além de contribuir para a criação de mecanismos efetivos de controle de qualidade, aprofunda sua relação com a comunidade científica e acadêmica.
1982 / 1989	Período de estabilidade. A transição para a Nova República, em 1985, não traz mudanças. A continuidade administrativa torna-se uma marca da instituição, que se destaca na formulação, acompanhamento e execução da Política Nacional de Pós-Graduação.
1990	No governo Collor, a Medida Provisória nº 150, extingue a CAPES, desencadeando intensa mobilização. Em 12 de abril do mesmo ano, a Capes é recriada pela Lei nº 8.028.
1992	A Lei nº 8.405, de 09 de janeiro de 1992, autoriza o poder público a instituir a CAPES como Fundação Pública, o que confere novo vigor à instituição.
1995	Com a nova mudança de governo, em 1995, a CAPES passa por uma reestruturação, fortalecida como instituição responsável pelo acompanhamento e avaliação dos cursos de Pós-Graduação strictu sensu brasileiros. Naquele ano, o sistema de Pós-Graduação ultrapassa a marca dos mil cursos de mestrado e dos 600 de doutorado, envolvendo mais de 60 mil alunos.
2007	Com a Lei nº 11.502/2007, cria-se a Nova CAPES, que além de coordenar o alto padrão do Sistema Nacional de Pós-Graduação brasileiro também passa a induzir e fomentar a formação inicial e continuada de professores para a Educação Básica. Tal atribuição é consolidada pelo Decreto nº 6755, de 29 de janeiro de 2009, que instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica.
2009	A CAPES assume então as disposições do decreto, por meio da criação de duas novas diretorias, de Educação Básica Presencial (DEB) e de Educação a Distância (DED). As ações coordenadas pela agência culminaram com o lançamento do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica, em 28 de maio de 2009. Com o Plano, mais de 330.000 professores das escolas públicas estaduais e municipais que atuam sem formação adequada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) poderão iniciar cursos gratuitos de licenciatura.

Fonte: Extraído de <http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>. Acesso em 24/03/2016.

Na linha do tempo da CAPES, verifica-se que em 1995 foi anunciado o surgimento e a ampliação dos cursos de Pós-Graduação no contexto brasileiro. Já em 2007 é atribuída a Nova CAPES a responsabilidade também de induzir e fomentar a formação inicial e continuada de professores para a educação básica, mas, infelizmente, nos discursos dos professores entrevistados, o que é tratado como função da CAPES se reduz a um sistema de avaliação, pautado em dados quantitativos, que geram tensões no cotidiano dos professores pelo avanço da

cobrança em um viés voltado ao produtivismo acadêmico²⁹. Destaca-se que a busca pelo atendimento das expectativas da CAPES está diretamente relacionada ao reconhecimento dos cursos de Pós-Graduação e às diversas formas de fomento para pesquisas.

Nesta primeira discussão percebe-se como foram evidenciadas as tensões entre os aspectos biodinâmicos, socioculturais e pedagógicos na produção do conhecimento.

O próximo passo será continuar analisando as pistas indicadas pelos entrevistados, agora identificando de que forma essas tensões podem interferir nos Currículos da Graduação em Educação Física, na extensão universitária, e nos espaços de pesquisa, localizando o fenômeno do lazer nesse contexto.

²⁹ Produtivismo acadêmico é definido como “obrigação de publicarem em periódicos como indicador praticamente exclusivo para avaliação da produção científica e da qualidade do pesquisador”. (REGO, 2014, citado por Manoel, 2015, p.244)

5 MANEIRAS DE FAZER ACADÊMICO

5.1 LAZER NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Dando continuidade a tentativa de apresentar o campo do Lazer no Brasil, inserido na área do conhecimento Educação Física, nas próximas linhas buscar-se-á levantar uma breve descrição de como os currículos em Educação Física foram sendo consolidados, via ordenamento jurídico, e de que forma o lazer foi aparecendo nestes documentos, destacando que tais registros são fruto de discussões, debates e espaços de concorrência, pois como aponta Isayama (2002), percebe-se conexões muito interessantes entre currículo e as relações de poder que nele são manifestadas, nesse sentido:

Cabe lembrar, ainda, que as teorias críticas do currículo indicam que nenhuma teoria é desinteressada como preconiza a tendência tradicional, pois está intrinsecamente associada às relações de poder. Na medida em que buscam dizer o que o currículo deve ser, essas teorias não deixam de envolver questões de poder. Nesse sentido, SILVA (1999) argumenta que selecionar é uma operação de poder. Assim, privilegia um tipo de conhecimento e não outro é uma operação de poder; ou seja, destacar entre as múltiplas possibilidades uma identidade ou uma subjetividade como sendo a ideal constitui-se, necessariamente de um exercício de poder. (ISAYAMA, 2002, p.20)

Faz-se necessário definir o que se entende como currículo, que, segundo Isayama (2002, p.30), pode ser conceituado como:

(...) uma construção social, ou seja, como uma “invenção social” resultante de um processo histórico, no qual se estabelecem lutas diversas, que incitam processos de disputa e conflito social, o que resulta em certas formas curriculares, e não em outras, tornando-se consolidadas como o currículo.

De acordo com o citado autor, os currículos em Educação Física têm seus primeiros registros históricos datados do final da década de 20, por ocasião da instalação do Curso Provisório de Educação Física / Escola de Educação Física do Centro de Esportes da Marinha. A formação em Educação Física começa no interior das instituições militares. Anos depois, no final da década de 30, estabeleceu-se a Escola Nacional de Educação Física do Rio de Janeiro, tendo o curso curta duração: focado em técnicas esportivas e aspectos médicos, cuja extensão era de 2 anos.

A recreação aparece no currículo de formação profissional a primeira vez na resolução nº. 69, de 06 de novembro de 1969 do Conselho Federal de Educação.

Para Isayama (2002) é nessa iniciativa que a recreação “(...) passou a fazer parte do rol de disciplinas que integram o currículo mínimo dos Cursos de Graduação em Educação Física no nosso país” (p.7). Todavia, destaca-se que inicialmente a recreação estava relacionada a uma visão pedagogizada e funcionalista do movimento.

Entre os anos de 1973 a 1978 esteve em funcionamento o CELAR³⁰, promoção conjunta da Pontifícia Universidade Católica e Prefeitura Municipal de Porto Alegre – o qual, segundo Isayama (2002), teve grande contribuição na difusão dos conhecimentos, em âmbito nacional e internacional, sobre o lazer no Brasil.

O termo utilizado inicialmente foi somente Recreação, e não Lazer ou uma combinação das duas palavras. Em relação à nomenclatura da disciplina o autor aponta que:

Inicialmente, utilizava-se apenas o termo recreação; mas com o avançar dos estudos, principalmente no decorrer dos anos 90, adotou-se a associação entre os termos recreação e lazer, sendo ainda possível encontrar disciplinas com nomenclaturas diversas. (ISAYAMA, 2002, p.8)

Mesmo com os avanços que aconteceram nos anos 70, como apresentado no item anterior – relacionado ao surgimento de instituições científicas e potencialização da produção e socialização do conhecimento na área da Educação Física, incluindo a temática do lazer – a presença específica do lazer, nos currículos dos cursos de formação profissional, só é identificada a partir da década de 80 e 90.

Apesar de a discussão sistematizada sobre o lazer ter sido introduzido em nosso país aproximadamente na década de 70, nos meios acadêmicos isso se deu somente no decorrer das décadas seguintes, quando este objeto, bem como suas implicações no contexto social, cultural, político e econômico, passou a ser difundido em currículos de cursos de formação profissional (Educação Física, Turismo, Pedagogia, Administração, etc.) de muitas universidades brasileiras. (ISAYAMA, 2002, p. 5)

Nesse período, especificamente em 1975, além das discussões acerca das diretrizes curriculares, outro âmbito do lazer também ganha destaque, quer seja a Política Nacional de Educação Física e Desportos.

³⁰ O Centro de Estudos de Lazer e Recreação tinha como objetivo principal ajudar na educação para o lazer, por meio da conscientização de novas dimensões, impostas pelo mundo contemporâneo. (Isayama, 2002, p. 67)

Em 1975, o Departamento de Educação Física e Desporto (DED), do Ministério da Educação (MEC), por meio da Lei 6.251, de 8 de outubro de 1975, definiu os objetivos da Política Nacional de Educação Física e Desportos, e elaborou o Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED). Analisando esse plano, percebe-se que o lazer estava presente, direta ou indiretamente, em pelo menos dois de seus objetivos: “III- Implantação e intensificação da prática dos desportos de massa e IV- A difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer” (BRASIL, 1976,p.7-8). Para viabilizar essas metas, o governo federal implementou uma série de ações e programas de esporte e lazer, dentre elas: o movimento Esporte Para Todos (EPT), a campanha Mexa-se, os Jogos Escolares Brasileiros, os Jogos Universitários Brasileiro além da construção de infra-estrutura esportiva na rede escolar, dos intercâmbios esportivos.” (ISAYAMA, 2002, p. 78)

No final dos anos 70 e 80, a tendência pedagógica ganha proeminência no cenário da produção do conhecimento, aflorando análises com destaque para abordagens orientadas pelas ciências humanas e sociais, período esse contemporâneo ao surgimento de instituições como CBCE e CELAFISCS³¹.

Atente-se também, nesse contexto, para a publicação do livro “A metodologia do Ensino da Educação Física”, Coletivo de autores, publicado em 1992, o qual trouxe a discussão da Educação Física escolar para uma perspectiva crítico-superadora. De igual forma, no mesmo lapso temporal, acentuou-se no interior do CBCE a valorização dos aspectos socioculturais e pedagógicos na Educação Física.

O Conselho Federal de Educação, por intermédio da Resolução nº. 03, de 16 de junho de 1987, passou a viabilizar a oportunidade de abordar o lazer como possibilidade de aprofundamento.

Com a aprovação, pelo Conselho Federal da Educação, da Resolução nº. 03/87, a Educação Física foi a primeira área cuja legislação passou a prever, além da formação básica, um aprofundamento na graduação. O significado de aprofundamento de conhecimentos, de acordo com o art. 3º, parágrafo 3º dessa resolução, refere-se ao atendimento de interesses dos alunos, possibilitando trocas com o mercado de trabalho, e respeitando as peculiaridades de cada região, bem como os perfis profissionais desejados. Essa resolução determina que uma área de conhecimento deve ser composta por disciplinas ministradas por Institutos Superiores de Educação (IES) e desenvolvidas com caráter teórico-prático, permitindo a vivência de experiências no campo real de trabalho. Com a incorporação das ideias presentes na Resolução n. 03/87 e com os avanços apresentados pelos estudos do lazer no Brasil, esse campo passou a ampliar o espaço ocupado no interior dos currículos de formação profissional em Educação Física. (ISAYAMA, 2002, p.8)

³¹ Destaca-se que desde a origem dessas duas instituições é possível identificar tensões estabelecidas, isso devido as diferentes perspectivas da Educação Física. Nesse sentido, fica evidenciado a existência naquela época da delimitação de áreas diferentes hoje delimitadas como biodinâmicas, socioculturais e pedagógicas.

Quase uma década depois, ocorreu uma tentativa de discussões e reformulação das Diretrizes Curriculares, tendo como eixo a necessidade de aprofundamento em um, ou mais campos da Educação Física, após a obtenção do título de Graduação em Educação Física, sendo o lazer novamente uma das possibilidades.

Em 1997, por meio da publicação do Parecer n.776/97, o Conselho Nacional de Educação (CNE) resgatou a discussão sobre a reformulação curricular dos diferentes cursos de Graduação oferecidos no País. (...) Foi a partir desse debate que surgiu a primeira proposta de diretrizes amplamente divulgadas, mas que não foi aprovada. A proposta tinha como base que a formação dos profissionais conferia-lhes o título de graduado em Educação Física e possibilitaria-lhes o aprofundamento em um ou mais campos definidos de aplicação profissional. No interior dessa proposta, vale destacar que o lazer podia ser vislumbrado como uma das áreas de aprofundamento, conforme destacado pela Comissão de Especialistas, responsável por essa discussão. (ISAYAMA, 2002, p.8/9)

As discussões de 1997 não convergiram à aprovação de um documento, porém, para Educação Física, o ano seguinte, de 1998, foi deveras importante devido ao reconhecimento da área como profissão.

De acordo com Santos e Simões (2008) a atuação em Educação Física possui registros de atividades características da área desde o século XVIII e foi através da lei n. 9.696 de 1998 que a Educação Física foi reconhecida como profissão no Brasil. (GOMES, 2013, p. 66)

Além disso, nesse ínterim, a Educação Física tem uma relação determinante com os projetos de recreação nas cidades.

De acordo com Werneck (1998), a recreação durante todo século XX constituiu-se dentro dos saberes da Educação Física como disciplina relevante nos currículos brasileiros, principalmente em função do privilégio concedido às atividades física nos programas pioneiros de recreação nas cidades, à constituição inicial de profissionais ligados ao campo, bem como à inspiração metodológica norte-americana sobre ocupação do tempo livre dos trabalhadores. (GOMES, 2013, p. 56)

Em 2000 foi possível delimitar novos protagonistas nesse processo:

(...) início dos anos 2000, quando ocorreram diversas manifestações, fóruns e debates sobre a caracterização profissional e acadêmica da área da Educação Física por todo país. O Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e seus respectivos Conselhos Regionais (CREF) foram autorizados a funcionar a partir da lei 9696/98 e passaram a exercer influência sobre os currículos de Graduação. Surgiram outros ordenamentos jurídicos sobre a estrutura pedagógica do ensino superior brasileiro (Resolução sobre os Institutos Superiores de Educação – CNE/CP n.01/1999- criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica e das Diretrizes Curriculares Nacionais

para os Cursos de Graduação (DCN) em todas as áreas do conhecimento). (Gomes, 2013, p.15)

Já em 2002 foi aprovada pelo Conselho Nacional de Educação a Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, que instituiu Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica em cursos de licenciatura de graduação plena, no nível superior. De acordo com o citado ato normativo, a formação de docentes para atuar na educação básica deveria acontecer em cursos de licenciatura plena. Isayama (2002) discorre sobre o lazer nessa publicação:

Com relação ao lazer nesse contexto, do meu ponto de vista as novas diretrizes restringem o entendimento de lazer e recreação como um conteúdo ou uma atividade pertencente às manifestações da atividade física/movimento humano (termo utilizado no documento). (p.9)

Sobre as diretrizes de 2002, Isayama (2002), tratando da inserção do lazer e recreação, faz as seguintes considerações:

Com relação a recreação e ao lazer, acredito que a proposta deixa muitas lacunas e muitos aspectos a serem repensados. Uma primeira questão está relacionada ao entendimento da recreação e lazer como manifestações da atividade física/movimento humano. Segundo o documento, a recreação e o lazer estão no mesmo plano dos jogos, esporte, ginástica, danças, lutas, dentre outros conteúdos e atividades trabalhadas na área da Educação Física. (p.43)

Além disso, nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Física, instituídas em março de 2004 por meio da Resolução nº 7, de 31 de março de 2004, do Conselho Nacional de Educação, foi delimitada a divisão entre licenciatura e bacharelado.

Houve resistência na Educação Física contra o Parecer CNE/CES n. 138/2002, porém sua publicação foi homologada em março de 2004. Desta forma, com a resolução CNE/CES n. 07/2004^a Licenciatura e o Bacharelado são duas formações distintas com intervenções profissionais próprias. (GOMES, 2013, p.42)

Destaca-se que na análise de Gomes (2013), pode ser observado que o lazer nas Diretrizes Curriculares Nacionais estaria relacionado mais ao Bacharelado do que a Licenciatura, pela definição de área de intervenção.

No caso das DCN da Educação Física, publicadas em março de 2004, foram estabelecidos os princípios, normas, características e orientações que definitivamente segmentaram a formação profissional da área entre Licenciatura e Bacharelado. Desta forma, estão em vigência duas formações diferenciadas que pretendem estabelecer áreas e conteúdos distintos. Tal realidade é justificada apenas pelo contexto de intervenção, acreditando que uma formação deva direcionar esforços para o aprimoramento da ação deste profissional na escola através de conteúdos pedagógicos e outra para os espaços não escolares nas perspectivas da saúde, do treinamento esportivo, do fitness, do lazer, entre outros. (p.15)

Registre-se que diferentes Instituições de Ensino Superior contribuíram para o debate que deu ensejo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Física, inclusive com a participação do CONFEF e do CBCE.

Ainda de acordo com Gomes (2013), pode ser localizado o termo lazer no §1º do artigo 6º da mencionada Resolução nº 7, ao dispor acerca das competências e habilidades da formação do Graduando em Educação Física.

Intervir acadêmica e profissionalmente de forma deliberada, adequada e eticamente balizada nos campos da prevenção, promoção proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e reeducação motora, do rendimento físico esportivo, do **lazer**, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a pratica de atividades físicas, recreativas e esportivas.

Participar, assessorar, coordenar, liderar e gerenciar equipes multiprofissionais de discussão, de definição e de operacionalização de políticas públicas e institucionais nos campos da saúde, do **lazer**, do esporte, da educação, da segurança, do urbanismo, do ambiente, da cultura, do trabalho, dentre outros.

Conhecer, dominar, produzir, selecionar, e avaliar os efeitos da aplicação de diferentes técnicas, instrumentos, equipamentos, procedimentos e metodologias para a produção e a intervenção acadêmico profissional em Educação Física nos campos de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e reeducação motora, do rendimento físico esportivo, do **lazer**, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a pratica de atividades físicas, recreativas e esportivas. (DCN, 2004, p.19 citado por GOMES, 2013, p. 67)

Ressalte-se, então, alguns momentos marcantes, para esta pesquisa, no cenário apresentado:

Quadro 46 – Os Currículos dos cursos de Educação Física no Contexto Brasileiro e a inserção lazer.

Ano/Documento	Educação Física	Lazer
Final da década de 20/1926	Curso provisório de Educação Física / Escola de Educação Física do Centro de Esportes da Marinha. A formação em Educação Física começa no interior das instituições militares.	_____x_____
Final da década de 30/1939	Escola Nacional de Educação Física do Rio de Janeiro / Curso de curta duração: técnicas esportivas e aspectos médicos (2 anos)	_____x_____
1940	Escola Superior de Educação Física (atualmente vinculada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Inicialmente instituiu o Curso Normal de Educação Física.	Além do curso normal eram oferecidos diferentes possibilidades de cursos entre eles: Recreação. (Lyra, 2013, p.71)
Década de 60 Conselho Federal de Educação Resolução n. 69 em 06/11/1969 Parecer Conselho Federal de Educação 02/12/69	Licenciado em Educação Física e Técnico Desportivo, currículo mínimo 1800hora/aula (3 a 5 anos). Deveriam inserir nas grades curriculares dos cursos de Educação Física, matérias pedagógicas comuns a todas as licenciaturas.	<u>O termo Recreação aparece no currículo mínimo de formação profissional.</u> Ênfase na recreação e nome atribuído a maioria das disciplinas é recreação. No período higienista a recreação era vista com caráter funcionalista contribuindo para formação do ideal de homem da época. (...)1969 lazer passa a ser tratado de forma institucionalizada “O Seminário de 1969” foi realizado em São Paulo, pela Secretaria do Bem-Estar Social de Prefeitura de São Paulo e pelo Serviço Social do Comércio (SESC/SP). (Isayama, 2002, p.67)
Década de 70	Avanço das pesquisas em aptidão física (fisiologia do esforço, treinamento esportivo, aprendizagem motora, biomecânica) ênfase nos conhecimentos técnicos e biológicos.	<u>Discussão sistematizada sobre o lazer.</u> Iniciativas voltadas ao lazer propostas pelo governo federal / Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED)/ EPT- Esporte para Todos. Atuação do CELAR ³² .
Final dos anos 70 e Anos 80	Fóruns de discussão promovidos pelo MEC/ Discussões do currículo mínimo. *Surge o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte- CBCE(1978) * O Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul – CELAFISCS (1978)	O lazer começa a ser abordado com um viés pedagógico/ abordagens orientadas pelas ciências humanas e sociais.

³² Em 1973 foi criado o Centro de estudos de Lazer e Recreação, CELAR, promoção conjunta da pontifícia Universidade Católica e Prefeitura Municipal de Porto Alegre (REQUIXA, 1977) O CELAR tinha como objetivo principal ajudar na educação para o lazer, por meio da conscientização de novas dimensões, impostas pelo mundo contemporâneo. Apesar do pequeno tempo de existência (de 1973 a 1978) o CELAR teve grande contribuição na difusão dos conhecimentos, em âmbito nacional e internacional, sobre o lazer no Brasil. (Isayama, 2002, p. 67)

<p>Anos 80 e 90</p> <p>Resolução 03/87, 16 de junho de 1987.</p>	<p>Mudança de paradigma novo olhar para o campo da pedagogia, criação dos primeiros cursos de Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. Fixando mínimo de conteúdos (áreas do conhecimento - formação geral humanística e técnica-aprofundamento dos conhecimentos) e de duração (2880 horas/aula). Surge o Bacharelado em Educação Física, e com isso as lutas entre as disciplinas biológicas e esportivas com as disciplinas ditas pedagógicas (vinculadas as ciências humanas e sociais.)</p>	<p>Inserção do termo <u>lazer</u> nos currículos da Graduação em Educação Física. Figuram os dois termos juntos <u>Recreação e lazer</u>.</p> <p>1987/1997 - O Lazer aparece como oportunidade de aprofundamento nos cursos de educação física.</p>
<p>Anos 90</p> <p>Parecer n.776/97, o Conselho Nacional de Educação (CNE) (não aprovado)</p> <p>1999/Discussão coordenada pelo MEC sobre novas d Diretrizes Curriculares para os cursos de Educação Física. (não aprovado)</p>	<p>Discussões e debates.</p> <p>1998 - Educação física é reconhecida como profissão.</p>	<p>Lazer poderia ser uma das áreas de aprofundamento.</p> <p>Atividades físico-esportivas de lazer como uma área de aprofundamento</p>
<p>Anos 2000</p> <p>Conselho Nacional de Educação Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002</p>	<p>Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica em Cursos de Licenciatura de Graduação plena.</p> <p>Surge o Conselho Federal de Educação Física - CONFEF.</p>	<p>As novas diretrizes restringem o entendimento de lazer e recreação como um conteúdo ou uma atividade pertencente às manifestações da atividade física / movimento humano.</p>
<p>Resolução CNE/CES n.07/2004^a</p>	<p>Licenciatura e o Bacharelado são duas formações distintas com intervenções profissionais próprias.</p>	<p>O lazer acaba sendo correlacionado mais com o Bacharelado do que com a Licenciatura.</p>

Fonte: A autora (2016). Adaptação de conteúdo de Isayama (2002), Lyra(2013) e Gomes(2013).

Hodiernamente, estão mais uma vez em discussão as Diretrizes para os cursos de Formação Superior na área da Educação Física, tendo como publicação inicial uma Minuta do Projeto de Resolução discutida em audiência pública no dia 11 de dezembro de 2015, publicada pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação. Em tal esboço, percebe-se o regresso de proposições das décadas de 80 e 90, nomeadamente a contemplação do lazer como possibilidade de aprofundamento.

Outrossim, ressurgiu a proposta de unificação da formação do Licenciado e Bacharelado – as quais, no ano de 2004, foram separadas – delimitando bem a diferença de formação e atuação profissional das então duas formações distintas: Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em Educação Física. Breve análise da minuta do projeto revela a intenção de aprovar a unificação das disciplinas, sob o

nome de Licenciatura em Educação Física, com a extinção progressiva dos cursos de Bacharelado em Educação Física. Anote-se, por fim, que em dita minuta o lazer é abordado ao lado de outras perspectivas, todavia, por ainda se encontrar em fase preliminar, não foi possível delimitar qual o enfoque específico que a ele será atribuído.

Em sua tese de doutorado Isayama (2002), como consequência de ampla pesquisa empírica acerca das disciplinas relacionadas ao lazer e recreação em Instituições de Ensino Superior brasileiras, enumera algumas conclusões que podem ser relevantes para as discussões dos dados do presente trabalho, as quais foram elencadas como segue:

- O conhecimento sobre recreação e lazer está presente também em outras disciplinas dos currículos, que não as que possuem em seus títulos os termos lazer e recreação;
- A grande maioria dos currículos apresenta de uma a três disciplinas que aprofundam o conhecimento sobre recreação e lazer;
- O autor evidenciou que em parte das disciplinas ocorre uma prática sem reflexão, com ênfase na reprodução de atividades, em tais casos a recreação é percebida como uma receita de atividades e propostas;
- Percebeu também que em parte dos documentos analisados a atividade do recreador é vista como um dom. A formação seria centrada na cooperação e no amor ao trabalho assistencialista.

(...) a construção social da recreação no Brasil esteve (e está, na maioria das vezes) muito ligada à questão da recuperação/reprodução, baseada na produção teórica sobre o tema e também no estudo do desenvolvimento da recreação conquanto uma disciplina integrante do currículo dos cursos de Graduação em Educação Física.” (ISAYAMA, 2002, p. 63)

Outro ponto relevante é a nomenclatura atribuída às disciplinas analisadas por Isayama, pois, segundo ele, é “(...) importante salientar que as palavras recreação e lazer são utilizadas separadamente e se misturam no contexto dessas disciplinas” (ISAYAMA, 2002, p.60). O autor informa acerca da preponderância da utilização do termo recreação, empregado em 9 das 14 instituições pesquisadas, ressaltando, contudo, a existência de instituições que dão maior ênfase ao termo lazer.

Isayama também salienta para o avanço do sentido da recreação, embasando-se na perspectiva de vários autores desta área esclarece que

(...) tem expressado o entendimento de que a recreação não pode mais ser pensada apenas como uma atividade acrítica, e sim deve ser compreendida num sentido mais amplo, como uma das possibilidades de lazer. (2002, p.63)

Outra consideração relevante é a atuação ou papel que foi desenvolvido pelo SESC (Serviço Social do Comércio) e SESI (Serviço Social da Indústria), especificamente em relação ao fato marcante protagonizado pelo SESC/SP e CELAR (Porto Alegre/RS), que no final da década de 70 trouxeram o renomado sociólogo francês Joffre Dumazedier, pioneiro nos estudos do lazer e de formação, para desenvolver seminários no Brasil, o que influencia diretamente todo o pensamento, planejamento e formação relacionados ao fenômeno do lazer na realidade brasileira.

É importante ressaltar que, ainda hoje, o trabalho de Dumazedier tem exercido grande influência no desenvolvimento das disciplinas sobre recreação e lazer em nosso país, conforme análise do conteúdo e da bibliografia indicada nos programas das disciplinas analisadas neste estudo. (ISAYAMA, 2002, p. 68)

A partir da década de 80, alguns estudiosos influenciados por Dumazedier começam a se destacar no cenário nacional. Com base em sua pesquisa, Isayama (2002) evidencia o papel de Marcellino, ao ponderar que “... muitos programas de disciplinas dos Cursos de Graduação em Educação Física, que se preocupam com a discussão do lazer, têm utilizado os estudos desse autor para fundamentar o seu curso”. (ISAYAMA, 2002, p.70)

As relações estabelecidas entre a recreação e o lazer, especialmente no contexto da Educação Física na realidade brasileira, recebem diferentes interpretações, mas, na maioria das vezes, não são efetuadas a partir de estudos mais profundos, conforme observado nos programas analisados. A discussão dessa questão é muito importante no contexto da Educação Física porque, desde sua inclusão nos currículos (final da década de 60), a ênfase das disciplinas ministradas na Graduação nessa área recaía na recreação vista, sobretudo, como sinônimos de jogos e brincadeiras conceito ainda muito difundido em nossa realidade. No entanto, em muitas universidades e instituições diversas vem sendo acentuada a importância da discussão sobre o lazer como fenômeno amplo, cuja abordagem vai além da realização de atividades brincantes, uma das características principais atribuídas a recreação. (ISAYAMA, 2002, p. 72)

O autor Isayama (2002) esclarece que alguns autores consideram lazer e recreação como sinônimos, inobstante acreditarem, por decorrência da abrangência de tais termos, que eles se diferenciam, “já que o lazer é articulado com propostas políticas ou com estudos, enquanto que a recreação é comumente, associada às ações institucionalizadas”. (p. 73)

Em síntese, o autor indica o período em que prevalecia a recreação e posteriormente o lazer no campo da Educação Física:

As transformações no campo da Educação Física e as diferentes ações desenvolvidas (o autor fala em nota que tratam-se das primeiras publicações sobre lazer em periódicos na Educação Física, eventos científicos diversificados com ênfase nos estudos do lazer), que se vinculavam à perspectiva do lazer, demonstram que as questões referentes aos estudos do lazer somente passam a fazer parte, de maneira mais incisiva, do campo de estudos e de atuação da Educação Física ao final da década de 80 e início de 90. Até esse momento, a discussão sobre a recreação prevalecia, já que o aporte de conhecimentos científicos da área da Educação Física vinha principalmente das ciências biológicas; assim, as atividades físicas e esportivas eram estudadas como questões biológicas. (ISAYAMA, 2002, p. 80)

Acentue-se que o pesquisador analisou as ementas de disciplinas de 14 instituições de ensino superior, especificamente aquelas que integram os Currículos dos Cursos de Graduação em Educação Física, e nelas identificou ênfase no ensino de jogos e brincadeiras, em um viés reprodutivista.

Essas propostas entendem recreação como uma “receita” de atividades e propostas, não superando a tradição prática com dificuldades de fomentar a sistematização de conhecimentos efetivamente teórico-práticos. O sentido que muitas vezes é atribuído ao lazer, em alguns currículos dos Cursos de Graduação em Educação Física, está relacionado à sua consideração como algo sério, válvula de escape, fonte de consumo de bens/serviços e meio compensador de frustrações advindas dos problemas gerados em nossa sociedade, visões que necessitam ser repensadas por meio da sistematização dos conhecimentos nos currículos dos Cursos de Graduação em Educação Física. (ISAYAMA, 2002, p. 92)

Encontrou nos currículos um entendimento de recreação e lazer bem limitados, conforme se extrai do excerto transcrito a seguir:

O desenvolvimento dos conhecimentos tem-se dado a partir da ideia de que a recreação é uma “receita” de atividades e propostas, não superando a sua tradição “prática” e, ainda, com dificuldades de fomentar a sistematização de conhecimentos efetivamente teórico-práticos. Por outro lado, o lazer apesar do crescimento no número de estudos sobre o tema, é compreendido, ou como algo não sério, ou como forma de recuperar as energias do trabalho realizados por outras disciplinas, ou ainda, como filão no mercado que abre amplas possibilidades de ganhos, por meio do desenvolvimento de vivências que enfatizam o consumo acrítico das pessoas envolvidas. (ISAYAMA, 2002, p. 119)

Refletindo sobre a realidade encontrada, Isayama propõe uma abordagem da recreação diferenciada e crítica, uma vez que

(...) para o entendimento de recreação como possibilidade consciente de criação, que carrega significados sociais, implica uma concepção mais ampla de lazer que pode assumir um sentido construtivo de transformação de nossa realidade. (ISAYAMA, 2002, p. 93)

Durante a análise dos Currículos dos Cursos de Graduação em Educação Física, o pesquisador denunciou que a discussão dos conhecimentos sobre a recreação e o lazer tem pequeno espaço no interior dos cursos. (ISAYAMA, 2002)

Em relação aos dados relacionados ao lazer nas disciplinas em instituições de Minas Gerais, outro pesquisador, Gomes (2013), assevera que nas grades curriculares existe uma disciplina introdutória comum para licenciados e bacharéis, todavia, evidenciou-se maior ênfase na modalidade Bacharelado, com disciplinas específicas que utilizam o termo lazer, inclusive nos títulos, ao passo que na Licenciatura não foram encontradas disciplinas específicas.

Procurando arraigar-se ao tema, não se mostrou suficiente apenas identificar o lazer nos documentos base para os currículos, empregando-se esforço na avaliação da posição que tal conhecimento ocupa nas grades curriculares dos cursos de atuação dos pesquisadores selecionados nesta pesquisa.

Então, o lazer passa de alternativa de aprofundamento para conteúdo, com visões distintas em relação a habilitação Licenciatura e Bacharelado em Educação Física.

O quadro de professores que trabalham especificamente com o lazer nas diferentes instituições de ensino das quais os ora entrevistados são provenientes é muito diferente: destaca-se que a UFPR e UFG contam com apenas um docente cada; a UNICAMP e a UFRGS possuem o mínimo de dois docentes cada, e a UFMG conta com cinco docentes. Além disso, o número de disciplinas também parece ser diferente, como apresentado no quadro a seguir³³:

Quadro 47 - Disciplinas relacionadas ao lazer nos Cursos de Graduação em Educação Física- Licenciatura e Bacharelado nas instituições dos pesquisadores participantes dessa pesquisa.

³³ O critério para a sistematização das disciplinas foi a presença do termo lazer no título das disciplinas.

Instituição/ Disciplinas ofertadas	Bacharelado	Licenciatura
UFMG ³⁴	1. Formação e Atuação Profissional no Lazer (45h) 2. Educação Física e Lazer (Bacharelado) (30h) 3. Políticas Públicas de Esporte e Lazer (30h) 4. Estágio I (120h), II (135h), III (120h) e IV (120h) Optativas 5. Pesquisa Social em Esporte e Lazer (30h) 6. Terceiro Setor e leis de incentivo ao Esporte e Lazer 7. Optativa Tópicos em Educação Física: Lazer e Cinema. (30h)	1. Educação Física e Lazer (30h)
UFPR ³⁵	1. Fundamentos do Lazer (60h) 2. Atuação profissional no Lazer (60h) 3. Políticas públicas para o esporte e lazer.	1. Fundamentos do Lazer (60h)
UNICAMP ³⁶	1. Fundamentos teóricos do lazer. 2. Lazer e planejamento 3. Lazer e Sociedade	1. Fundamentos teóricos do lazer 2. Lazer e Sociedade
UFRGS ³⁷	1. Dinamização de programas recreativos e de lazer. (60h) 2. Bases teóricas do lazer. (60h) 3. Estágio profissional em esporte, lazer e saúde. (60h) 4. Organização do sistema de esporte e lazer. (60h) Alternativas 5. Estágio profissional em esporte e lazer. (150) 6. Estágio profissional em saúde e lazer. (150)	1. Dinamização de programas recreativos e de lazer. (60h) 2. Bases teóricas do lazer. (60h)
UFG ³⁸	1. Introdução aos estudos do lazer (64h) 2. Gestão e políticas públicas de educação física, esporte e lazer (64h) 3. Pesquisa temática (uma das possibilidades é escolher a linha educação física, esporte e lazer). 128h	1. Introdução aos estudos do lazer (64h) 2. Gestão e políticas públicas de educação física, esporte e lazer no Brasil (64h)
FURG ³⁹	Não se aplica	1. Estudos do lazer. (45h)
ULBRA ⁴⁰	1. Recreação e Lazer (68h)	1. Recreação e Lazer (68h)

Fonte: A autora (2016).

³⁴ <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/>

³⁵ <http://www.bio.ufpr.br/porta/def/>

³⁶ <http://www.fef.unicamp.br/fef/> Acesso em 12/03/2016

³⁷ http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=314. Acesso em 12/03/2016.

³⁸ <http://fefd.ufg.br/p/830-licenciatura-em-educacao-fisica>. Acesso em 12/03/2016.

³⁹ http://www.furg.br/bin/link_servicos/index.php Acesso em 12/03/2016.

⁴⁰ <http://www.ulbra.br/canoas/graduacao/presencial/educacao-fisica/licenciatura/> Acesso em 12/03/2016.

Acrescenta-se em relação à sistematização dos dados referentes as disciplinas vinculadas ao Lazer nos currículos de Educação Física, que a busca foi feita pelo termo lazer no título da disciplina, e que possivelmente existam outros componentes curriculares, que não os elencados acima, que abordem tangencialmente o lazer mesmo que não exista especificamente o termo no título da disciplina. Além disso, os pesquisadores entrevistados acrescentam sobre essa temática que: no caso da UFRGS

A ampliação das disciplinas se deu apenas na última reforma curricular, e que tais conquistas são fruto de muitas disputas. (Entrevistado Stigger)

Já no caso UNICAMP, segundo a entrevistada Amaral haviam mais disciplinas relacionadas ao lazer, mais isso foi sendo perdido nos últimos tempos.

Analisando a configuração do quadro e dados apresentados acima, corrobora-se com as conclusões realizadas por Gomes (2013) e Isayama (2002), de que no Bacharelado em Educação Física está presente um número maior de disciplinas relacionadas ao lazer em relação a Licenciatura em Educação Física. Outrossim, baseado nos dados coletados nas entrevistas desta pesquisa, denota-se que o número de docentes que atuam no lazer é muito diferenciado em cada instituição, o que demonstra, entre outros aspectos, que a força de trabalho disponível para a consolidação do campo, e a importância da autoridade científica, fruto do fortalecimento dos Programas de Pós-Graduação e publicação de artigos científicos, pode contribuir para a concorrência nas instituições por um espaço, seja ele nas grades curriculares ou no quadro de docentes.

Em estudo recente, Assis e Drula(2012) afirmam que para que as disciplinas relacionadas ao lazer na Graduação em Educação Física atenderem as mudanças da sociedade “se faz necessário uma formação que abranja conhecimento ampliado e crítico, independente se o campo de atuação tenha ênfase no mercado ou no meio pedagógico” (2012, p.72). Nesse caso, destaca-se para a relevância dos estudos do lazer serem trabalhados tanto com bacharéis, quanto com licenciados em Educação Física.

Atualmente, em relação à docência na Graduação, o entrevistado Isayama leciona para o Bacharelado em Educação Física as disciplinas de formação e atuação profissional no lazer e estágio em lazer. Na Graduação em Terapia

ocupacional ensina estudos e lazer, e para a Graduação em Turismo, ministra a disciplina de formação e atuação profissional no lazer.

No que diz respeito aos demais professores da UFMG, as disciplinas são divididas pelo coletivo de professores a cada período letivo.

O entrevistado Stigger, no momento presente, é responsável pela disciplina Estudos Socioculturais 1 da Graduação em Educação Física da UFRGS, e, segundo ele, os alunos tem “o primeiro contato com o olhar sociocultural da Educação Física”, na discussão do lazer, cuja temática está inserida nos exemplos e debates, todavia figurar como o foco principal da disciplina.

O entrevistado Myski trabalha na Graduação em Educação Física com as disciplinas “Organização do sistema de esporte e lazer no Brasil” e “Bases Teóricas do Lazer”⁴¹.

A entrevistada Silveira destaca que quando atua como docente⁴², leciona as disciplinas de Lutas e de Cultura.

Já Rosa é responsável pelas seguintes disciplinas: Introdução a Educação Física, Fundamentos Ginásticos, Atletismo e Estágio.

A entrevistada Amaral, em sua atuação como docente na UNICAMP, informa que está relacionada com 4 disciplinas, sendo elas: Políticas Públicas em Educação Física; Fundamentos Teóricos do Lazer; Planejamento em Lazer e Lazer e Sociedade, frisando a parceria com outra professora com quem divide as turmas.

No que concerne à sua atuação docente na Universidade em que trabalha, o entrevistado Inácio ministra disciplinas ligadas ao lazer. Para a Graduação de Educação Física leciona Introdução aos Estudos de Lazer; Núcleo Temático Esporte e Lazer (os demais são escola, saúde, corpo e cultura), além de Introdução ao Método Científico, e mais uma disciplina eletiva para qualquer acadêmico da universidade, denominada “Práticas corporais de aventura e sociedade”.

Relativamente a sua atual função de docente, Rechia leciona a disciplina Fundamentos do Lazer, tanto para o curso de Licenciatura, quanto para o de Bacharelado em Educação Física da UFPR, cuja meta é mostrar a conexão entre a

⁴¹ Nessa disciplina o pesquisador afirma apresentar as principais teorias do lazer para os alunos da graduação, olhando o lazer de diferentes matrizes teóricas sendo estas: 1) Funcionalista; 2) Psicológica; 3) Teoria crítica; 4) Antropologia/cultura; e ainda uma última, que não é contemplada na disciplina; 5) Histórica.

⁴² Atualmente está afastada para o doutoramento.

área da Educação Física e o fenômeno lazer. A pesquisadora aponta a precariedade da área do lazer na UFPR, que conta apenas com um professor, em todo o quadro docente.

Destaca-se a importância de um trato com o conceito de lazer aprofundado já durante a formação inicial nos cursos de Graduação em Educação Física, pois é a primeira base para o despertar do interesse pelas pesquisas na seara do lazer.

Acredita-se que nos Programas de Pós-Graduação, em especial os que possuem linhas de pesquisa que abordam o lazer na perspectiva das ciências sociais e humanidades, os discentes conseguem entrar em contato com uma visão mais ampliada do fenômeno lazer, o que pode trazer mudanças ao campo, como um todo, podendo inclusive influenciar o número de professores atuando na Graduação.

Na área da Educação Física, atualmente tem surgido muitas possibilidades de muitos profissionais egressos dos cursos de Pós-Graduação, alto e stricto sensu, vêm atuando como docentes em vários níveis e instituições como pesquisadores ou gerenciadores no campo do lazer, contribuindo com a ampliação e o aperfeiçoamento de projetos e ações sobre essa temática em nossa sociedade. (ISAYAMA, 2002, p. 93)

Quadro 48 - Quantitativo de professores que atuam na Graduação em educação Física com a temática lazer.

Instituição de Ensino Superior	Número de professores/pesquisadores do lazer identificados nessa pesquisa que atuam na graduação.	Número de docentes na instituição no curso de edf ⁴³
UFMG	5	36 ⁴⁴
UNICAMP	2	37
UFRGS	2+ Substituto	60
UFPR	1	37

Fonte: A autora (2016).

Conclui-se, nesta seção, que a recreação e o lazer entram nos Currículos de Educação Física, primeiramente com enfoque maior no termo Recreação, em 1969, e depois, nos títulos das disciplinas Recreação e Lazer, compartilham o mesmo espaço, para, hodiernamente, parecer que a Recreação se ausenta dos títulos, assumindo o Lazer papel de protagonista. Destaca-se, ainda, que tais alterações na nomenclatura acompanham mudanças do entendimento do fenômeno lazer no contexto brasileiro.

⁴³ Dados retirados dos sites oficiais de cada Instituição de Ensino Superior.

⁴⁴ Tal dado refere-se ao número de docentes diretamente vinculados a Escola de Educação física e Terapia Ocupacional da UFMG e que atuam especificamente no curso de Educação física. Fonte: Entrevistado Silva.

Ademais, nos documentos elencados, percebeu-se uma tendência a relacionar o fenômeno lazer como uma das possibilidades de atuação do Bacharel em Educação Física, sendo inclusive apontado como possibilidade de aprofundamento nos Currículos.

Esta diferença de enfoque reflete no número de disciplinas no âmbito do lazer, que é maior nos cursos de Bacharelado do que na Licenciatura. Em relação ao número de docentes nas instituições, nota-se uma diferença: instituições que tem apenas um docente; e outras, que possuem equipes com mais de quatro docentes. Tais dados revelam que o número de professores vinculados ao lazer nos cursos de Educação Física muitas vezes fragiliza, ou potencializa, o desenvolvimento do fenômeno lazer como componente importante na grade curricular.

Em relação as maneiras de fazer acadêmico, constata-se que, no que tange ao ensino, a maioria dos professores busca manter sua atuação nas grades curriculares com o foco no lazer, entretanto, procuram aproximar os conteúdos de seus objetos de estudo.

5.2 LAZER NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A seguir, as experiências de extensão dos pesquisadores ora selecionados, que atuam como docentes em Programas de Graduação e Pós-Graduação em Educação Física.

Inicialmente, Rechia et al (2012) apresentam que a Extensão Universitária:

(...) não é qualquer trabalho fora da universidade, ou mero serviço assistencialista à população carente, mas sim um espaço acadêmico, que possibilita conectar aprendizado, produção e aplicação prática, em prol do desenvolvimento de uma determinada comunidade. Nessa direção há uma relação dialética entre comunidade-universidade, isto é, nessa troca dos saberes a comunidade contribui de forma efetiva com a instituição que a beneficia, passando-lhe experiências da vida real, dando crédito aos saberes acadêmicos sistematizados e justificando o que se realiza nas áreas de ensino e pesquisa. Acreditamos que a Extensão Universitária tem um papel efetivo para a melhoria de vida em comunidade, ao mesmo tempo que possibilita aos professores e alunos qualificar suas ações pedagógicas. Segundo a conclusão retirada do Fórum de Pró-reitores das Universidades Públicas Brasileiras em 1987, tal ação universitária se constitui como “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e a sociedade.” (p.3)

A conexão entre ensino, pesquisa e extensão materializa-se ao ponto de satisfazer as demandas da sociedade, possibilitando o exercício da práxis de um conhecimento acadêmico. Para Falcão (2006, p.34):

Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmicos e populares, terá como consequência a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade.

Porém, a forma como se configura a realidade nas universidades públicas é diretamente influenciada pela gestão governamental, ou a falta dela.

Também nas universidades públicas presenciamos uma série de medidas governamentais, que demonstram um modelo frágil que aparentemente não se apresenta como ideal, uma vez que aponta condições materiais e financeiras para manter essa indissociabilidade e, portanto, um ensino de qualidade. (RECHIA et al, 2012, p.3)

Segundo Falcão (2006), a realidade do Brasil vem sofrendo transformações, em especial no contexto educacional, a seguir:

A primeira delas, a crise financeira, deteriora a instituição devido à falta de recursos disponíveis para atualização dos materiais físicos que constituem a universidade, como bibliotecas, salas de aula e laboratório. A crise do elitismo diz respeito a um questionamento central, mas discussões atuais, indagando a quem a universidade deve servir, haja vista que atualmente apenas 10% da população com faixa etária entre 17 e 24 anos encontra-se matriculada no curso superior, ou seja, apenas uma minoria tem acesso à universidade. E finalmente, a crise de modelo, que se refere às funções do ensino superior. (RISTOFF 1999, citado por FALCAO, 2006)

Neste norte, a universidade também se transforma, de certa forma atravessando uma crise do ponto de vista financeiro, elitista e de modelo.

A entrevistada Gomes busca relacionar seu trabalho no ensino da Graduação com atividades pedagógicas, ao âmbito da extensão, além da organização de eventos científicos.

Já no caso do entrevistado Stigger a principal iniciativa extensionista está relacionada com a editoração da Revista Movimento, e com a promoção de eventos de aprofundamento de temáticas emergentes, cujo exemplo é o evento denominado “Diálogos sobre etnografia”, atividade composta por 10 encontros, tendo como público professores da rede escolar, contando com cerca de 40 participantes, sendo

os responsáveis pela realização dos encontros os próprios alunos integrantes do GESEF.

Da mesma forma, o entrevistado Myski no que concerne a extensão, vincula-se mais a iniciativas relacionadas à formação do pesquisador.

A entrevistada Silveira desenvolve atividades extensionistas voltadas para crianças e para um grupo de estudos em lutas. Percebe-se uma diferença no perfil dessa entrevistada, em decorrência de sua instituição não focar na Pós-Graduação, razão pela qual ela mantém ênfase em ações extensionistas no plano de trabalho do docente.

O entrevistado Rosa, no que concerne a extensão, desenvolve um projeto no qual crianças e jovens de escolas municipais da cidade de Canoas frequentam a universidade, para realizarem as mais variadas práticas corporais.

O entrevistado Inácio coordena um projeto de voleibol para a comunidade.

A entrevistada Rechia inicia em 2004 seu primeiro projeto de pesquisa e extensão: “A escola e os espaços lúdicos”, o qual possui uma relação direta com a formação de professores. Com as primeiras reflexões desse projeto consegue fazer novas conexões entre o que pesquisou em sua dissertação, tese e a Educação Física escolar, então questiona: “essa criança que tem espaços lúdicos na escola, quais são os espaços que ela pode usufruir na cidade? E será que a escola prepara para essa apropriação?” Em busca de tais respostas nos outros ambientes da cidade, a pesquisadora estuda também o lazer na empresa, em parceria com o SESI; os espaços da cidade, em conjunto com a REDE CEDES - Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do lazer; a extensão com o lazer comunitário com o PELC - Programa Esporte e Lazer na Cidade (primeiro grande financiamento); e, atualmente, encontrou a conexão dessas diferentes áreas no desenvolvimento de um grupo PET - Programa de Educação Tutorial.

Na extensão, o entrevistado Isayama já coordenou atividades de lazer em hospitais por muito tempo, e hoje em dia coordena o projeto de formação do PELC Vida Saudável.

O entrevistado Silva, dentre as ações ditas extensionistas, destaca que é tutor do PET- Programa de Educação Tutorial; desenvolve anualmente uma colônia de férias; e semanalmente um programa de rádio; além de ações inseridas no espaço escolar. A respeito da vivência nessas diferentes esferas da pesquisa e extensão

dentro do GEFut, Silva acredita que seus orientandos têm uma formação diferenciada:

E eu vejo as pessoas muito mais críticas e muito mais conscientes da forma como elas têm que agir nos seus locais de trabalho, destaco ainda capacidade teórica, capacidade de argumentos, capacidade de intervenção a partir disso que a gente vivência no GEFut. (Entrevistado Silva)

No que concerne a extensão, uma das entrevistadas apresenta a seguinte problemática:

Na extensão eu tinha vários projetos, mas pouco a pouco eu fui me afastando dessa extensão, porque na (UNICAMP), extensão virou prestação de serviços. E eu sou um pouco contra isso. Por exemplo, eu tinha um projeto chamado (Meu corpo, meu brinquedo), que era para atender crianças em situação de risco, não cobrava nada, trabalhávamos com crianças que estavam abrigadas, em situação de limbo na justiça, foram tiradas da família, mas ainda não podiam ser adotadas. Também tinha um projeto com as comunidades, chamado (Lazer itinerante). A gente teve 3 propostas de sucesso, mas a partir de 2012, com a política de cobrança da extensão, o banco de negócios da extensão se acirrou na (UNICAMP), então eu desisti desses projetos. Atualmente não tenho projetos vinculados à coordenação de extensão, mas é isso que eu te falei, algumas assessorias, algumas palestras, alguns trabalhos que eu considero como extensão, como um conjunto de transferência de conhecimento, que eu acho que é o lugar da extensão. (Entrevistada Amaral)

Denota-se no discurso da pesquisadora que no ambiente acadêmico em que ela está inserida a concorrência por financiamento e capital científico parece estar influenciando o real significado da extensão universitária.

Com referência as maneiras de fazer acadêmico da extensão, vislumbra-se que tais ações, em alguns momentos, ficam renegadas para o segundo plano, em detrimento da dedicação exigida pela pesquisa para atender aos critérios de permanência no espaço da Pós-Graduação e manter os pesquisadores legitimados no campo do lazer. Por outro lado, foi possível identificar professores que trabalham com ensino, pesquisa e extensão de forma indissociada, apostando na formação completa de seus orientandos da Graduação.

Sendo assim, constrói-se a tese que se por um lado os estudos do lazer avançaram no Brasil, de uma perspectiva funcionalista para uma sociocultural, por outro a extensão universitária perde o espaço na composição acadêmica. Com isso, os professores do ensino superior vão aos poucos se consolidando somente como pesquisadores.

Desta forma, a próxima seção abordará como a Pós-Graduação pode influenciar nas maneiras de fazer acadêmico dos professores entrevistados.

5.3 LAZER NA PÓS-GRADUAÇÃO

Nessa maneira de fazer acadêmica, aqui denominada lazer na Pós-Graduação, identifica-se que foi na retórica dos pesquisadores e nas discussões encontradas na literatura que o lazer acabou afastado um pouco da centralidade da discussão, no entanto a Educação Física emerge como área do conhecimento onde esse fenômeno está inserido.

Tendo em mente a vontade de desvelar o campo científico, compreendendo as formas específicas, disputas, interesses, expondo as trajetórias que conduziram os pesquisadores à conquista da autoridade científica a partir do acúmulo de capital intelectual, ratifica-se a posição de Manoel (2015), ao alertar para a emergência de uma nova forma de vida universitária, que hoje está subsidiada na vida acadêmica, destaca, ainda, que pouco tem se discutido sobre ciência nos espaços universitários, e que o produtivismo acadêmico acaba se sobressaindo.

Neste sentido, o CBCE se consolida como uma instituição que tenta desvendar, a partir do associativismo de diferentes pesquisadores, os nuances da área do conhecimento denominada Educação Física, inclusive em suas relações de área com a CAPES, como ocorreu de forma enfática em dois Fóruns de Pós-Graduação do CBCE, desenvolvidos em 2012 em Florianópolis, em 2014 em Vitória⁴⁵. A síntese das reflexões geradas nessas oportunidades foram publicadas em forma de artigos, na obra “Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física” (RECHIA et al, 2015) da qual foram extraídas algumas considerações, apresentadas a seguir. Segundo Rechia, Silva e Almeida (2015):

Atualmente, segundo alguns pesquisadores que compõem essa obra, a centralidade da docência, presente nos primeiros formulários de avaliação da CAPES, foi deslocada para a pesquisa e, conseqüentemente, para a produção do conhecimento. Tal deslocamento e a conseqüente ênfase na produção científica como único e mais importante indicador de êxito na Pós-Graduação reflete, de forma cada vez mais drástica, no processo de avaliação dos programas, alterando as relações pessoais e profissionais entre docentes e discentes e coordenações de programas.” (p.10)

⁴⁵ Destaca-se que o próximo Fórum de Pós-Graduação do CBCE, será realizado no mês de junho de 2016, na cidade de Porto Alegre, tendo como objetivo discutir e propor encaminhamentos e estratégias de ação sobre a relação entre a produção científica na área de conhecimento Educação Física e a Educação Básica brasileira. (CBCE, 2016)

Alguns pontos relevantes para a discussão desta tese são levantados na citação acima. Primeiramente, a valorização e vínculo dos critérios de avaliação da CAPES, com o cotidiano dos programas de Pós-Graduação. Em um segundo momento, como tais elementos exaltam a perspectiva da pesquisa, em detrimento ao ensino e a extensão, itens estes fundamentais na integralidade do que se entende por Universidade. Desta forma, faz-se necessário relembrar, em síntese, quais são as críticas à CAPES, não relacionadas apenas a área da Educação Física, contudo aqui alocadas nesta área do conhecimento.

Tais críticas vão desde a sobrecarga e intensificação do trabalho docente cotidiano e a busca desenfreada a seus subprodutos, causando danos a saúde e bem-estar dos pesquisadores, até o questionamento de um possível abandono dos docentes em relação ao ensino e a extensão universitária, o que pode, em curto prazo, concorrer para uma falta de qualidade nos Cursos de Graduação. (...) Assim sendo, não se questiona como um corpo docente qualificado, responsável pela formação de professores/pesquisadores, tem o compromisso de transmitir e, também, de produzir conhecimento relevante que seja capaz de transformar problemas em soluções. (RECHIA et al, 2015, p. 10,11)

Frisa-se, novamente, a preocupação com a formação acadêmica e a valorização da pesquisa também nos cursos de Graduação, mas se acrescenta, ainda, a apreensão na relação também prevista na definição de universidade, entre a pesquisa e a transformação da realidade social.

O que se diz hoje no interior dos programas da área é que “trata-se de forma igual os diferentes”, o que torna o sistema de avaliação da Área 21, referente à Educação Física, no mínimo questionável. (RECHIA et al, 2015, p.10)

No que se refere a Educação Física Brasileira, essa perspectiva de avaliação se materializaria tratando igualmente, via lógica de comensurabilidade, as investigações pautadas por bases epistemológicas diferentes: a biodinâmica e a sociocultural-pedagógica. (STIGGER et al, 2015, p.22)

Sobre a perspectiva de tratamento de diferentes como iguais, têm-se as considerações de Gamboa e Gamboa (2015), que descrevem a incompatibilidade de tratar duas compreensões de ciência de forma igual, como demonstrado a seguir.

(...) as Ciências Naturais, tais como a Física, a Química, a Biologia e a Mecânica precisam preservar a objetividade e utilizar uma linguagem que filtrem as apreciações subjetivas e a forma mais segura é a utilização da linguagem matemática e estatística, já nas Ciências Sociais e Humanas, carregadas de subjetividades, devem privilegiar a interpretação e as

linguagens polissêmicas, difíceis de serem reduzidas a códigos matemáticos. (GAMBOA e GAMBOA, 2015, p.78)

Esta análise pode ser estendida também para a abordagem da pesquisa, especificamente no tocante ao dualismo pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa:

No campo da Educação Física esse dualismo apresenta-se como conflito de primazia entre ciências físico-biológicas (Biologia, Anatomia, Biomecânica, Fisiologia, Física) com afinidades epistemológicas com as abordagens analítica e positivista e os métodos quantitativos e as Ciências Humanas e Sociais (Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Filosofia, História) com afinidades com as abordagens fenomenológica e hermenêutica e com os métodos qualitativos. (...) A superação dos dualismos também é defendida pela perspectiva da unidade que preserva processos abertos e múltiplas possibilidades de construção do conhecimento, inclusive utilizando abordagens que favorecem a síntese de procedimentos privilegiados em outros enfoques. (GAMBOA e GAMBOA, 2015, p.80)

Tavares (2015) faz um mapeamento das linhas de pesquisa que compõe o todo da Área 21, e destaca que olhando os dados brutos as linhas sociocultural e pedagógica são minoria. Além disso, o mesmo autor destaca, fundamentado em outras pesquisas, que a partir de 2003 a Educação Física vem apresentando uma heterogeneidade epistemológica.

Corroborando com esta perspectiva, apresenta-se a concepção de um dos entrevistados, no tocante a estratégia de produção da CAPES:

Na área da Educação Física eu faço parte de um grupo de professores/pesquisadores bastante grande que se sente afetado negativamente pela atual forma como a Área 21 da Educação Física encaminha as suas tabelas de pontuação e seus critérios de avaliação, tanto de artigos, quanto de livros, de congressos, etc. Entendendo que esse sistema está mais baseado na área das biodinâmicas. Por isso, acho que é imperioso a revisão desses critérios, no sentido de que as especificidades e diferenças sejam reconhecidas, e que esses critérios de avaliação e pontuação tenham em si essas diferenças colocadas. (Entrevistado Inácio)

Ele levanta um ponto muito interessante, sobre a necessidade de utilizar critérios diferentes para tipos diferentes de ciência. É preciso entender que se tratam de dois campos, dois *modus operandi* diferentes:

Como é impossível estabelecer a superioridade epistemológica de um modo sobre o outro, isso não pode ser desconsiderado nas discussões sobre a Pós-Graduação em Educação Física ou transformando em um defeito científico ou político o outro. Parece ser necessária a construção de diálogos e consensos mínimos que permitam a elaboração de estratégias de operação e avaliação da Área 21 que mantenham a unidade da Educação Física diante da diversidade epistemológica. (TAVARES, 2015, p.230)

Outra questão já levantada anteriormente está atrelada a diversidade das abordagens epistemológicas e metodológicas no âmbito da Educação Física, o que torna difícil o processo de avaliação deste conjunto de conhecimento de forma única.

A crítica, com diferentes níveis de fundamentações, refere-se a adoção de parâmetros essencialmente quantitativos que privilegiam o quanto o pesquisador publica em detrimento da qualidade e ou do benefício acadêmico ou social de tais publicações. (...) Salientam, além disso, que a demanda pelo aumento do produtivismo, muitas vezes está associada ao esvaziamento, nas publicações, de qualquer significado que não seja o de “gerar números”. (...) A pressão pela produção certamente está presente cotidianamente entre aqueles que fazem parte (ou almejam fazer parte) de programas de Pós-Graduação e que, de alguma forma, precisam ser apoiados pelas agências de fomento, nacionais, estaduais e internacionais. (RECHIA et al, 2015, p.11)

Infere-se que como reflexo desta situação, pode-se considerar um esvaziamento das publicações, com um fenômeno de publicar mais do mesmo, aliada a dependência dos pesquisadores deste modo de se manter na universidade, vivendo um ideal de orientar na Pós-Graduação e poder desenvolver projetos com fomento. Sobre esta situação, Rechia et al pondera:

Do ponto de vista da articulação entre quantidade e qualidade, a pressão pela produção tem promovido distorções, como o fracionamento de trabalhos, a redundância dos textos e multiplicações de itens publicados. Dessa forma, é impossível negar a parcela de responsabilidade da política científica em curso, em especial das agências de fomento, nesse processo. (RECHIA et al, 2015, p.12)

Sendo assim, o objetivo cotidiano dos professores é, a partir de suas maneiras de fazer acadêmico, estar atrelado a uma forma de produção, a fim de habilitar o próprio professor a exercer seu trabalho de orientação, ou seja, ao invés da produção do conhecimento configurar com uma consequência de socialização do conhecimento, ela figura como um pré-requisito.

Ainda sobre este cenário, Stigger et al, (2015) alertam que os sucessivos Planos Nacionais de Pós-Graduação (desde 1977 até a edição atual 2011-2020) vêm promovendo uma indução, conduzindo a docência a investir, de forma superior, na pesquisa em relação as outras áreas características da docência (ensino e extensão). Na sequência de seu artigo, os autores se propõem a apresentar algumas reflexões sobre a estratégia de indução da CAPES e o cotidiano da produção científica nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física. Por este viés, podemos relacionar o espaço da Pós-Graduação com uma arena de lutas:

Como cultura, isso ocorre dentro de um contexto que se identifica como arena de lutas (BOURDIEU, 1983) na qual participam pessoas, grupos, instituições, com diferentes posições que ofereciam respostas distintas e mesmo conflitantes para as perguntas anteriormente referidas. Tentar compreender aspectos dessa cultura significa analisar um universo vinculado ao pensar e fazer ciência, que é construído, não só na relação dos pesquisadores com as suas investigações, mas também desses cientistas com colegas, instituições de fomento, grupos de pesquisa, editores de revistas, etc. Esses outros agentes tem participação nas dinâmicas relativas á forma como se avalia e se toma decisões acerca da Pós-Graduação no Brasil, tendo a CAPES como mediadora ou, não seria imprudente afirmar, como detentora do monopólio dos critérios de avaliação. (STIGGER et all, 2015, p.17)

No que diz respeito as dificuldades de publicação dos estudos socioculturais, mesmo que o WebQualis não represente um universo fechado⁴⁶, Tavares (2015) apresenta, em um estudo quantitativo, como tal lista não contempla, de forma igualitária, estudos de diferentes campos da Educação Física:

O número de periódicos do WebQualis (2012) é de 1802 títulos. Destes, 527 estão localizados no estrato B1. Segundo o levantamento que fiz para este texto, todavia, deste total, apenas 22 periódicos (4,17%) possuem em seus escopos a temática sociocultural! Se o quadro é esse no estrato B1, podemos desconfiar que ele se torna ainda pior nos estratos superiores. De fato, apenas 8 de um total de 224 periódicos A2 podem ser considerados 1 único periódico entre 206 A1 publica pesquisas e ensaios de caráter sociocultural. Até este momento posso afirmar que as (más) condições de possibilidades não são muito diferentes daquelas relacionadas aos estudos pedagógicos da Educação Física. Curiosamente muitas destas revistas publicam artigos socioculturais e pedagógicos da Educação Física. Curiosamente muitas destas revistas publicam artigos socioculturais e pedagógicos, o que significa que podemos estar disputando o mesmo espaço nas publicações. (TAVARES, 2015, p.231)

Outro ponto muito discutido pelos autores em pauta foi a necessidade de legitimação de um conhecimento, e que tal aprovação deveria ser feita pelos seus pares, pela sua comunidade em uma perspectiva local, pois quando se volta para um aspecto global somem as particularidades e se refletem apenas números, em perspectiva geral.

Olhar para o mundo acadêmico nessa perspectiva vincula-se a um olhar sociocultural sobre ciência, o que leva a considerar que o produto do trabalho científico se dá menos na relação do pesquisador com os seus objetos/sujeitos de estudo e mais deste com uma comunidade da qual faz parte (KUHN, 1996). Em outras palavras, independentemente do esforço, do rigor, da seriedade e desenvolva o seu trabalho, em última instância é a comunidade na qual ele está inserido quem vai determinar se o que ele realizou é (ou não é) uma “boa ciência”. Da mesma forma, é essa

⁴⁶ O Webqualis apresenta apenas uma lista estratificada dos periódicos nos quais foi publicado pelo mesmo um artigo nos cinco anos anteriores.

comunidade quem vai decidir se ele é (ou não) produtivo, aspecto central no que se refere as suas possibilidades de ter acesso aos recursos para as suas investigações, assim como a outros benefícios que podem advir de agências de fomento á pesquisa no Brasil. (STIGGER et all, 2015, p.17)

Partindo-se dos vários argumentos elencados acima, infere-se que é possível um professor não se vincular a lógica do produtivismo, porém ele perde a conexão com a Pós-Graduação e diminui consideravelmente suas possibilidades de conquistar financiamentos para o desenvolvimento de seus projetos no ambiente universitário. Neste panorama levanta-se elementos que compõe a denominada cultura científica. Ao professor cabem duas alternativas: buscar acumular capital a fim de permanecer no ambiente da Pós-Graduação ou se retirar e permanecer a margem do processo que deveria ser comum à sua função de docente do Ensino Superior, participando da formação de mestres e doutores.

Partimos do princípio de que, no contexto da Pós-Graduação em Educação Física no Brasil, vem sendo construída uma perspectiva de produção do conhecimento que poderia ser considerada uma “cultura científica”. Essas maneiras de agir são pautadas, fundamentalmente, pela heterogeneidade deste campo acadêmico-científico e pelas diferenças / distinções sobre pensar / fazer ciência entre duas perspectivas científicas três diferentes subáreas que coexistem na Educação Física: a “biodinâmica”, a “sociocultural” e a “pedagógica” (MANOEL, CARVALHO, 2011). Isso faz com que muito do que aqui será mencionado acabe por ser marcado por essas diferenças / distinções. (STIGGER et all, 2015, p.20)

Nota-se, mais uma vez, que atualmente a Educação Física tem se configurado em dois polos distintos: 1) Área das biodinâmicas e 2) Estudos socioculturais e pedagógicos. Os autores salientam como é necessário ver não só o ambiente da pesquisa, como também as ações relacionadas ao ensino e a extensão.

Essa cultura objetivada e subjetivada nas maneiras de pensar e agir corresponde a uma comunidade científica que compartilha de formas “adequadas” de pensar e agir cientificamente e de “produzir a verdade”, sendo esta “[...]o conjunto das representações consideradas verdadeiras por serem produzidas segundo as regras que definem a produção da verdade” (BOURDIEU, p.101). Ainda que deva ser dito que a cultura acontece “no plural” (diferentes formas de pensar / fazer ciência), ela está localizada num universo de lutas pelo que é “boa ciência” em Educação Física no Brasil, cujas disputas ocorrem em instâncias maiores do universo dos debates sobre ciência e tecnologia, mas também são travadas no cotidiano dos pesquisadores, no dia a dia dos corredores dos laboratórios, das salas de aula, das reuniões, etc. Nesses lugares para além dos debates epistemológicos, a ciência acontece como um fenômeno social e cultural marcado por sentidos e significados, materializados em determinados comportamentos e atravessado por relações de poder que repercutem no

que é (ou pode vir a ser) a Educação Física no Brasil, vista como área de intervenção. (STIGGER et al, 2015, p.20)

Segundo Rechia et al (2015), em relação a publicação gerada a partir da atuação dos Programas de Pós-Graduação no contexto brasileiro, a CAPES tem um papel central na demarcação das regras que definem o posicionamento no campo, selecionando e definindo qual capital científico deve ser considerado como mais importante.

Tal produção obedece a qualificação dos periódicos estabelecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior- CAPES. Reconhecida como o órgão que contribui para o desenvolvimento da pesquisa científica e da Pós-graduação no país. Essa é percebida por alguns estudiosos como instituição que “estabelece as regras do jogo” acadêmico e científico ao dizer o que é adequado ou não a esse espaço social através de agentes selecionados para tal tarefa. Por isso, a CAPES se torna um metacampo, no sentido de Pierre Bourdieu, detentora do poder, pois a partir dela as decisões são tomadas. (p.163)

Sobre a influência dessa política, os pesquisadores participantes da presente tese externaram suas perspectivas acerca desse cenário, sendo que um deles afirma que todos se sentem muito pressionados e que o ponto principal da crítica é

(...) o absoluto desrespeito às tradições e às diferenças que áreas têm com relação aos processos de investigação. Então, na Área 21, a gente coloca todo mundo no mesmo bolo e isso é muito ruim. (Entrevistado Pereira)

Já outra entrevistada é enfática ao se posicionar frente a tabela de pontuação

É injusta. Porque privilegia aspectos e revistas do campo biologicista em detrimento do campo humanista. Utiliza a mesma ferramenta para tratar os diferentes, em termos de velocidade metodológica e acesso às revistas, como iguais. Destaco ainda que não somos no campo sociocultural e pedagógico menores que o campo biologicista, nós apenas temos tradições de pesquisa diferenciadas. (...) por exemplo, um artigo escrito no campo sociológico tem um tempo de escrita diferente de uma pesquisa escrita no campo biologicista. Isto devido as diferenças na escrita, no trabalho coletivo, na dinâmica dos laboratórios, nas formas de utilização de entrevistas ou protocolos aplicados no campo. (...) então a tradição de pesquisa é diferente e isso não é considerado no quadro de avaliação da CAPES. (Entrevistada Rechia)

Tendo em vista tal contexto da Pós-Graduação orquestrado pela CAPES, a entrevistada Rechia destaca que só consegue se manter nessa dinâmica de pontos pelo esforço coletivo do seu grupo. Relaciona seu ingresso e permanência na Pós-Graduação com a sua trajetória no CBCE, em especial no GTT Lazer e Sociedade,

podendo ser considerada uma dica de como a pesquisadora define suas maneiras de fazer acadêmico, a partir do trabalho coletivo.

Meu ingresso como docente no programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR se deu justamente pelo número de trabalhos apresentados especificamente no CONBRACE, o que na época em 2005 era considerado. Porém, hoje em 2015 nós perdemos essa conquista e a participação ou apresentação de trabalho em eventos isso hoje não é mais contabilizado. (Entrevistada Rechia)

Destaca-se que, em algum momento, houve uma aproximação entre o CBCE e a CAPES, ao ponto de que a participação em eventos como o CONBRACE era pontuada nos critérios de avaliação.

Porém, ao mesmo tempo em que a entrevistada destaca sua participação em eventos como o CONBRACE, aponta como os critérios de pontuação da CAPES podem ter influenciado no esvaziamento do GTT: Lazer e Sociedade.

Ainda tem uma frase que diz assim, "não vou queimar", queimar é a palavra, entre aspas, "um artigo que eu posso mandar para uma revista apresentando no CONBRACE". Então eu acho que essa ação de não valorizar a participação em eventos pela CAPES acaba gerando um esvaziamento nos GTT. (...) então você tem 20 anos de Programas de Pós-Graduação em Educação Física no Brasil e tem 35 de CBCE. Se você olhar quem fortaleceu os programas foram os (GTTs). E hoje os programas não fortalecem os (GTTs), é meio como se fosse uma ingratidão. (Entrevistada Rechia)

Já outro entrevistado, Stigger, ao tratar da publicação científica, destaca sobre a CAPES que não “anda com as regras do jogo embaixo do braço”, mas que está ciente de que elas existem e do que precisa fazer para dar conta do que é exigido. Porém, o autor considera que os artigos devem ser publicados como um retorno a sociedade, principalmente no caso da Pós-Graduação em universidades públicas, como uma dimensão ética, moral, um compromisso social. Ressalta, ainda, que conhecimento produzido e velado não é produção do conhecimento, pois não traz inovações para a ciência.

Conclui-se, assim, que a publicação do conhecimento é tarefa inerente ao professor pesquisador, todavia, é a “ordem das coisas” que acaba definindo a prioridade, ou seja, se na tradição científica a publicação dos resultados de uma pesquisa seria uma consequência do fazer acadêmico, com as demandas geradas

pela CAPES para os Programas de Pós-Graduação a publicação se transforma em verdadeiro pré-requisito para ingresso e permanência no ambiente da Pós-Graduação.

O entrevistado Myskiw, no tocante a publicação de artigos científicos e ao reconhecimento social, indaga o que caracteriza retorno para a sociedade e o que a CAPES valoriza, afirmando que apenas publicar como é solicitado para ser credenciado ou se manter em um Programa de Pós-Graduação não é o suficiente, devendo haver maior valorização dos espaços de palestras, das reuniões com gestores, do tempo destinado a formação de pesquisadores, entre outros espaços formativos. Destaca, também, que o aumento no número de publicações científicas torna cada dia mais difícil para qualquer pesquisador acompanhar de fato o que vem sendo produzido. Outrossim, esclarece que além de ter vontade de publicar, anseia muito ser lido em sua área de atuação pelos pares.

O que eu tenho feito é procurado publicar em espaços que eu acho que vão ser lidos pelos meus pares. Talvez em uma revista internacional que eu pudesse pontuar mais, mas quem que vai ler o meu trabalho lá? Então prefiro pontuar menos numa revista na qual sei que as interlocuções vão ser muito frutíferas, então os pontos são importantes, mas não são tudo. (Entrevistado Myskiw)

Como está inserida em uma universidade que não possui Programa de Pós-Graduação e nem iniciativas concretas de abertura de tal nível de formação, a pesquisadora entrevistada Silveira não sentia tanto as interferências da CAPES, porém, ao ingressar no Programa de Doutorado da UFRGS, começa a refletir sobre a dinâmica da CAPES e de que forma ela influencia o dia a dia dos pesquisadores:

Contudo, quando eu vou ingressar no doutorado, eu começo a perceber que o Pós-Graduação em que eu me insiro é regida completamente pelos critérios da CAPES, a seleção de bolsas, o tempo de prazo para o desenvolvimento da tese, o prazo para realizar o projeto de qualificação (...) logo em seguida, começo a perceber o quão forte são esses critérios. Então começo a estudar isso na tese, buscar entender a ciência, a instituição CAPES e começo a perceber que na realidade ela está seguindo uma lógica muito maior, uma lógica internacional de pesquisa, uma lógica que ela também não tem muita autonomia para alterar ou gerir. (Entrevistada Silveira)

Tal entrevistada, mesmo ciente desse determinismo da CAPES, acredita na mobilização da base para uma análise crítica dos parâmetros estabelecidos, em especial no que tange a discussão da glosa, sobre quem tem o poder de definir o

que é ou não Educação Física, e na relação qualidade e aceleração da produção de artigos científicos. Sobre essa mesma questão Bracht se posiciona:

É preciso reconhecer que recentemente um esforço tem sido feito para que a produção do campo a ser avaliada fosse efetivamente ligada ao “campo da Educação Física) a partir da instituição da chamada “glosa”. Avalio, entretanto, que isso não alterará a correlação de forças ou resolverá as dificuldades da (sub) área pedagógica com os mecanismos de avaliação. Uma proposta mais radical seria, por exemplo, subdividir a área da Educação Física em subáreas e construir as referências (a altura do sarrafo) para avaliação a partir da produção das subáreas e não da área como um todo. Na prática isso significaria estabelecer alturas do sarrafo distintas no interior da mesma. (BRACHT, 2015, p.120)

Percebe-se que a pressão pelo produtivismo vem do sistema de avaliação dos Programas de Pós-Graduação orquestrada pela CAPES e por outros órgãos internacionais, inserida em um espaço concorrencial, motivo de descontentamento dos sujeitos desta pesquisa em relação aos critérios atuais e a necessidade do início de debates para busca de alternativas que tornem o cotidiano dos pesquisadores mais tranquilo.

Outra questão levantada por uma das entrevistadas destaca sua insatisfação com a política da obrigatoriedade de publicar com os alunos.

Na área da qual eu uso o referencial, sociologia e ciência política, na verdade você ser um grande pesquisador é você ter uma independência na sua produção, é você não produzir com aluno, é você ter produções próprias. E na Área 21, se você não tiver a sua produção junto com os alunos da Pós-Graduação, você é penalizado em 25 por cento da pontuação. (Entrevistada Amaral)

Do mesmo modo, a entrevistada assevera que estar no Programa de Pós-Graduação na instituição em que leciona não é uma escolha, vez que constitui uma das exigências avaliadas no plano de trabalho dos docentes. Nota-se como a própria instituição de ensino superior acaba se valendo de táticas para atender as estratégias da CAPES, restando perceber de que forma a pesquisadora em questão se vale de astúcia para buscar alternativas que garantam sua sobrevivência nesse campo concorrencial. Por fim, pondera que se a Área 21 não contempla suas expectativas, não encontra sentido em mudar para outra área, como segue:

Além disso, na última avaliação, se você olhar as revistas, elas diminuiram. Agora, se você me perguntar, "você vai fazer um movimento de ir para outra

área?". Não. Vou para a Ciência Política, mas considero o que um aluno de Educação Física vai fazer com um diploma de doutorado em Ciência Política? Sendo assim, se eu tiver de fazer um movimento será de não estar mais na Pós-Graduação, para mim isso está muito claro. O duro é que a (UNICAMP) tem um sistema de avaliação que penaliza o professor que não está na Pós-Graduação. (Entrevistada Amaral)

Permanecer em um Programa de Pós-Graduação também resulta em uma avaliação para o professor, neste caso, atender as táticas solicitadas por outra estratégia de avaliação, agora de outro órgão científico, acaba tornando a vivência no modo produtivista como uma realidade necessária.

Sendo assim, com base nos dados da pesquisa em pauta, percebe-se pelo discurso dos entrevistados que existem duas culturas diferentes, uma no cotidiano dos pesquisadores credenciados em Programas de Pós-Graduação na Área 21, e outra dos pesquisadores que integram Programas de Pós-Graduação na Área Interdisciplinar. As perspectivas dos professores que atuam na área interdisciplinar serão apresentadas a seguir.

Sobre a cultura na área interdisciplinar, o entrevistado Isayama relata que a preocupação com pontuação da CAPES é diferente, pois o Programa de Pós-Graduação que frequenta está inserido na Área 45 Interdisciplinar, a qual, segundo ele, possui uma pontuação relativamente tranquila para ser alcançada.

Da mesma forma Silva aponta que por estar na Área Interdisciplinar, e não na Educação Física, a dinâmica de trabalho tem sido branda. Em relação as exigências estabelecidas no Programa de Pós-Graduação ao qual é credenciado informa que as exigências têm sido cumpridas a partir do esforço cotidiano, o que deveria ser comum nas diferentes áreas.

Para a entrevistada Gomes, proveniente da mesma realidade dos entrevistados anteriores, a área 45 Interdisciplinar está mais aberta a diversidade:

E isso para o lazer é fundamental, porque a gente pode fazer discussões vinculados a Educação, a Sociologia, Antropologia, Turismo. E cada uma dessas áreas tem, por exemplo, os seus periódicos. Então, normalmente, a área interdisciplinar, ela pontua as publicações que são feitas em periódicos, mas também outros tipos de publicações como os capítulos de livros. (Entrevistada Gomes)

Entretanto, esse cenário também provoca pressão no cotidiano dos pesquisadores.

A pressão é muito grande para cumprir as metas. Eu, por exemplo, nunca consegui publicar um artigo que fosse (A1). Então, quando a gente não consegue fazer isso a gente passa a publicar 2 artigos (B1) para conseguir a mesma pontuação. Só que eu entendo que isso inverte um pouco a lógica das coisas, porque a gente acaba caminhando na direção do produtivismo, e não necessariamente de desenvolver um trabalho mais profundo, que requer de um pouco mais de tempo, de mais maturidade mesmo, e que possa gerar avanços no patamar do conhecimento. Porque quando a quantidade é aquilo que pesa mais então isso pode comprometer, e normalmente compromete, a qualidade daquilo que está sendo feito. Mas quando a gente está envolvido com pesquisa inevitavelmente a gente precisa socializar os frutos dessa pesquisa, então assim o fluxo acaba sendo algo que integra mesmo o cotidiano. (Entrevistada Gomes)

Para participar de editais no CNPQ a pesquisadora opta pelo Turismo e propõe uma análise sobre os critérios na área da Educação Física. Emerge-se, outra vez, a astúcia de uma pesquisadora que utiliza diferentes meios para conquistar seu objetivo de fomento, neste caso ao optar por concorrer em uma área que não a sua de origem, pois nela não atenderia os critérios exigidos. Contudo, a autoridade científica adquirida na área do Turismo não habilita a professora a ocupar a mesma posição na seara da Educação Física.

Então sempre que eu submetia um projeto eu não consegui ter uma aprovação, então isso colocou em evidência, me fez pensar sobre quais os critérios que a área de Educação Física está adotando, porque as pessoas que dialogam mais com as Ciências Humanas e Sociais acabam tendo mais dificuldade de conseguir um apoio. (...) então eu entendo que a área de Educação Física nas agências de fomento também deveria acolher e apoiar muito mais os trabalhos que a gente faz sobre a área de lazer, que são fundamentais para a área de Educação Física. (Entrevistada Gomes)

A mesma entrevistada salienta, ainda, que precisa pensar também na consolidação do Programa de Pós-Graduação do qual participa, portanto faz-se necessário, inúmeras vezes, considerar o que é bem avaliado na Área Interdisciplinar, ou seja, acumular o máximo de capital específico dessa área para perpetuar sua posição na instituição.

Infere-se que toda essa discussão de avaliação tem como único propósito definir os melhores autores, ou ranquear programas e pesquisadores, e acaba não contribuindo para sua função precípua, que é a de contribuição para uma formação mais completa e integral dos futuros mestres e doutores brasileiros. Em busca de se manter nesses programas – dotados de altos níveis de exigência, ligados diretamente a quantidade de produção relacionada a pesquisa, leia-se publicação de artigos – muitos pesquisadores buscam alternativas para sobreviver. Tais formas de

subsistência, nesse campo específico, podem ser consideradas por Certeau como astuciosas, isto é, o que os dominados pela CAPES fazem com as regras que lhes são oferecidas e reafirmadas pelos Programas de Pós-Graduação.

Essa consideração foi apresentada por (STIGGER et al, 2015), e pode ser trazida para a realidade aqui estudada. Nesse sentido, destaca-se: a) busca pelo aumento da quantidade de publicações e a complicada questão relacionada ao crescimento das coautorias. Um panorama ideal seria aquele das pesquisas conjuntas em um sistema de colaboração, mas não a matemática dos pontos, na qual quanto maior a união dos pesquisadores em um artigo, maior a multiplicação das pontuações individuais; b) Replicação de publicações, ou “mais do mesmo”, em diferentes meios. Estas hipóteses podem ser consideradas como exemplos de brechas encontradas pelos pesquisadores para sobreviverem nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física.

Os autores tratam do fenômeno que leva os pesquisadores a praticar uma gestão de suas publicações como uma espécie de investimento. Confira-se:

Na realidade, o que se percebe como estratégia dessa natureza, é um investimento no sentido de “jogar com o livro de regras em baixo do braço”, expressão bastante recorrente nesse universo, que atribui outros significados às formas de vigilância e classificação. Ela poderia ser interpretada não exatamente como a busca do aumento da produção do conhecimento em Educação Física, mas como uma forma de “gestão da visibilidade da produção” (ou “pontuação”), em que conhecer o sistema (transitar nele e fazer uso das possibilidades que ele oferece para obter sucesso) acaba sendo tão, ou mais importante do que efetivamente produzir conhecimento. (STIGGER et al, 2015, p.31)

Mas não adianta apenas publicar, os produtos devem ser alocados em revistas devidamente classificadas no Qualis. Tal classificação é atualizada periodicamente e consiste na elaboração de uma lista, a partir de critérios de impacto definidos pela CAPES, além disso, segundo Stigger et al:

(...) essa lista oferece uma pontuação para cada periódico, o que indicará o “valor” de cada artigo, de acordo com a classificação atribuída a revista na qual ele está publicado. As revistas mais valorizadas são aquelas que estão mais bem classificadas no Qualis, o qual leva em consideração, de forma especial, as bases de dados em que os periódicos estão indexados. (2015, p.33)

Distingue-se, novamente, a importância da astúcia, pois o capital científico conquistado pela publicação de um artigo científico pode ser revertido em capital

econômico, em forma de recursos para suas pesquisas como aponta Stigger et all(2015):

(...) aqueles que conseguem publicar em periódicos de estratos Qualis maiores, estarão localizados no alto da hierarquização dos pesquisadores “de qualidade” e, por essa razão, terão maior acesso a recursos para pesquisas e, inclusive, à possibilidade de participação em tomadas de decisão dentro da sua área de conhecimento. (p.35)

Continuando as aproximações da análise desta tese com a teoria de Bourdieu, os autores abaixo discorrem sobre a cultura científica. Desta forma, as maneiras de fazer acadêmico acabam sendo influenciadas pela correlação CAPES/Programas de Pós-Graduação/Pesquisadores, balizando a autoridade pela produtividade. Nesse viés, o processo que consiste em publicar com frequência em uma certa quantidade e em periódicos determinados é naturalizado como pré-requisito para “ser” ou “atuar” na Pós-Graduação.

Interpretando o processo avaliativo da Pós-Graduação em termos “bourdieusianos”, o rito de passagem pode ser analisado como “[...] rito de consagração, ritos de legitimação, ou simplesmente, ritos de instituição [...]” (Bourdieu, 2008b, p.97). É dessa forma que Bourdieu destaca o poder das autoridades que instauram o rito, fazendo com que ele seja “conhecido” ou “reconhecido”. Nessa perspectiva, o rito não só “faz passar”, mas institui uma ordem que “com base em quem está autorizado a fazer passar”, distingue pessoas e, a partir disso, os coletivos os quais elas estão vinculadas. É dessa forma que, no contexto desta “cultura científica”, há determinadas pessoas e instituições que “estão autorizadas” a estabelecer essa classificação, uma vez que ela não só classifica “as coisas” (os artigos, as revistas, os programas, etc.), mas também aqueles que tem autoridade para classifica-las. (Stigger et all, 2015, p.46)

É possível, então, considerar a CAPES, os Programas de Pós-Graduação, e os pesquisadores, como agentes em relação ao campo do lazer, e identificar o tipo de capital científico que os pesquisadores vêm acumulando, tais como publicações, cargos e títulos, para conquistarem a autoridade científica e aumentarem seu poder no interior do próprio campo.

Além disso, viver articulado com essas regras acaba naturalizando-as, e então o pesquisador se insere na tal “cultura científica”, buscando os ritos de passagem, também a partir da avaliação nos Programas de Pós-Graduação.

No caso da Educação Física, quem dita às regras não tem observado as diferenças entre áreas como biodinâmica, sociocultural e pedagógica. Pois como apontam os autores Stigger et all (2015, p.49) ao citarem um estudo de Rigo, Ribeiro e Hallal (2011) as estratégias avaliativas da CAPES, da forma como vêm sendo

aplicadas, não têm sido eficientes, no que tange a diversidade epistemológica da Educação Física, o que pode estar contribuindo para o esvaziamento da área das Ciências Sociais e Humanidades.

Ainda, os autores Stigger et al (2015, p.50) fazem um alerta, pautados em reflexões realizadas no interior da UFRGS, de que a supervalorização da produção na pesquisa, em detrimento do ensino e da extensão, pode influenciar no enfraquecimento da formação das áreas sociais e pedagógicas, hipótese em que os Programas de Graduação e Pós-Graduação em Educação Física podem falhar em sua principal função de formação de professores. Aqui acentua-se mais uma influência nas maneiras de fazer acadêmico, pois a pesquisa tem seu potencial de viabilidade social reduzido, quando se afasta do ensino e da extensão, e nesse cenário produtivista as diferenças entre as áreas humanas e biológicas tendem apenas a aumentar.

Outra questão levantada gira em torno dos eventos científicos. A entrevistada Rechia revela a não valorização da participação em eventos científicos e apresentação de trabalhos nas avaliações realizadas pela CAPES. Além disso, destaca que a Área 21 não está comprometida com a formação de doutores no Brasil, pois a área da Educação Física se encontra deficitária e reducionista, ao ponto que,

A Área 21 não está formando professores de Educação Física com essa visão ampliada que contemplaria tanto aspectos pedagógicos e socioculturais quanto biodinâmicos. (Entrevistada Rechia)

Novamente, verifica-se como as relações entre os agentes vão influenciando outras áreas, pois uma ação que acontece na Pós-Graduação, influenciada pela CAPES, pode afetar a qualidade da Graduação, e até mesmo o potencial transformador das comunidades que estão relacionadas a extensão universitária. E a Universidade acaba atuando de forma desequilibrada em relação a seus pilares fundamentais.

Manoel (2015) traz uma análise inspirada em Kevin Connolly, na qual propõem inverter a lógica do produtivismo:

Ele alertava que a ciência seria muito melhor se praticássemos uma regra: “cada pesquisador só poderia publicar um artigo por ano, e se tivesse algo novo para contar”. Se essa regra existisse a ciência seria menos prejudicada por ruídos, recursos seriam mais bem aplicados e

pesquisadores seriam mais parcimoniosos nisso que se tornou uma obsessão: publicar, publicar, publicar. (p.246)

Na sequência, o referido autor alerta que se deve tentar compreender a diferença entre avaliar e apenas apresentar indicadores, o que não passaria de mera mensuração, tomando cuidado para não naturalizar o produtivismo, tornando quem não produz uma aberração.

Quero, porém, de antemão conceder ao meu leitor crítico que o aforismo produzo logo existo não é de todo equivocado. Ele tem sentido, posto que a difusão de ideias é um dos pilares da docência universitária e acadêmica. Ela é essencial para comunicarmos aos outros o que estamos fazendo, para que outros usufruam da nossa experiência, enriqueçam com ela ou nos mostrem os seus equívocos. A aventura do conhecer é individual e coletiva: Ninguém faz ciência sozinho. (Manoel, 2015, p.256)

Manoel (2015) apresenta alguns adjetivos para definir o que é o produtivismo: equivocado, improdutivo, autocentrado, negligente, irresponsável e nefasto. Em síntese, este autor faz a seguinte avaliação sobre a situação dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física: “a biodinâmica ampliou sua hegemonia do período de 2006 à 2011. As subáreas sociocultural e pedagógica de retraíram, com maior efeito para o sociocultural” (p.274). Ressalte-se, que ainda conforme o citado autor, uma CAPES atuante deveria se configurar como “um espaço para discutir o impacto do conhecimento que produzimos, impacto tanto no sentido teórico - da qualidade epistemológica do que produzimos - como impacto no sentido da inserção social”. (MANOEL, 2015, p.275). Rechia et al (2015) acrescenta ainda que:

Esses avaliadores devem estar desprendidos e situados das temáticas abordadas nos estudos e dispõem de um poder simbólico diante do entendimento, revisão, avaliação e aceitação ou não do contexto estudado, recaindo numa capacidade técnica que não se dissocia da competência científica. A técnica requerida necessita de um rigor epistemológico que ultrapasse barreiras políticas, mas consciente que a ausência completa das interferências e interesses pessoais é algo que dificilmente acontecerá. (RECHIA et al, 2015, p. 167)

Em relação as possibilidades de publicação, especificamente na área do lazer, de acordo com os pesquisadores entrevistados existem poucos periódicos indexados, com Qualis superior a B1, que acolhem o lazer em seu escopo. Além disso, segundo uma das entrevistadas

(...) um dos primeiros problemas é que as revistas estão superlotadas. (Entrevistada Campos)

Fato este que acaba por agravar o cenário ainda mais. O professor precisa produzir para se manter na Pós-Graduação, além disso, deve também alocar sua produção em periódicos em altos níveis de classificação para CAPES, sendo que estes estão cada vez mais raros, aumentando o espaço concorrencial, obrigando cada pesquisador a ser ainda mais astucioso para manter sua posição no campo científico.

A entrevistada Silveira deslinda que tem o privilégio de publicar em periódicos conforme sua temática, pois na FURG não há a necessidade de prestar contas de publicações, por não integrar um Programa de Pós-Graduação. Isso demonstra que quem está fora da rotina de orientação da Pós-Graduação tem maior liberdade no que tange a publicação de artigos científicos, mas ao mesmo tempo tem menos condições para desenvolver suas pesquisas.

Outra temática que também se mostrou importante foi a busca por publicações fora do país. O entrevistado Stigger relatou que recentemente atendeu ao convite de uma revista chilena, e que realizou investidas para a publicação em revista canadense. Com relação a esta última possibilidade de publicação assevera que a preparação do artigo é algo que vem sendo comercializado, ou seja, é necessário encontrar empresas estrangeiras que façam a tradução e garantam o selo “traduzido por um nativo”, a fim de que possa submeter seus manuscritos a algumas revistas.

A entrevistada Amaral também vem tentando publicar seus estudos em periódicos internacionais, durante o Pós-Doutorado já conseguiu publicar em uma revista de Geografia, da cidade de Barcelona, Espanha, chamada “Biblio 3W - Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales”, mas lamenta que publicar fora do país não é uma tarefa fácil.

Já outros pesquisadores, como o entrevistado Isayama, vêm tentando publicar na área da Educação, buscando periódicos tais como Revista Práxis e Educação e Revista Educação e Cultura Contemporânea.

Estes entrevistados procuram alternativas para acumular o capital científico solicitado, frisando-se que na Área 45 Interdisciplinar a abertura para diversificados espaços parece estar mais avançada do que a centralização da Área 21 em que a Educação Física se situa.

De acordo com os entrevistados, os periódicos em que constantemente publicam são: Revista Movimento; Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Revista

Pensar a Prática e Licere. Além destas, foram também citadas as revistas Motrivivência; Unioeste; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (USP) e RBEL. Ainda, muitos destacam publicar capítulos de livro por convites específicos.

Ao mapear a localização institucional de alguns periódicos citados pelos entrevistados, deparou-se com a relação direta de tais entrevistados com as referidas revistas, sendo que inclusive alguns deles ocupam cargos de editores e/ou pareceristas, o que pode ser exemplificado abaixo. Destaca-se que o quadro abaixo foi elaborado a partir da consulta aos arquivos disponíveis nos sítios digitais dos periódicos em pauta, levantando as comissões editoriais e quadro de pareceristas, e selecionando apenas os dados referentes aos pesquisadores participantes desta pesquisa.

Quadro 49 - Levantamento das posições dos entrevistados em periódicos que contemplam em seu escopo estudos do lazer.⁴⁷

Revista	Instituição	Editor	Parecerista
Revista Movimento	UFRGS	Marco Paulo Stigger Mauro Myskiw (editor adjunto)	Marco Paulo Stigger Silvio Ricardo da Silva Sílvia Franco Amaral Humberto Luís de Deus Inácio Helder Ferreira Isayama Simone Rechia Mauro Myskiw
Revista Pensar a Prática	UFG	Humberto Luís de Deus Inácio. (Comissão editorial)	Silvio Ricardo da Silva
Licere	UFMG	Helder Ferreira Isayama	Christianne Luce Gomes Humberto Luís de Deus Inácio Luciano Pereira da Silva Marco Paulo Stigger Mauro Myskiw Sílvia Cristina Franco Amaral Simone Rechia Silvio Ricardo Silva

Fonte: A autora (2016).

Percebe-se a forte participação dos professores no processo editorial de tais periódicos, o que se deve a autoridade científica conquistada por eles, mas também pode estar atrelado aos investimentos de cada um deles para fazer com que o conhecimento seja socializado, concomitantemente ao acúmulo de capital científico. Então, esta ação dos docentes pode representar tanto resistência, astúcia, quanto uma tática de sobrevivência.

⁴⁷ A RBCE não foi incluída no quadro, pois não disponibiliza o quadro de pareceristas em seu sítio virtual.

A participação em eventos científicos não é pontuada nas avaliações da CAPES, mesmo assim a maioria dos professores participa de pelo menos um evento por ano. Segundo Rechia, mais que a possibilidade de gerar pontos, os eventos funcionam como local de encontro dos profissionais, com vistas a troca de experiência e afeto.

Neste diapasão, todos os entrevistados relataram participar do CONBRACE, a maioria sistematicamente e alguns ocasionalmente. Outro evento bastante mencionado foi o CBEL - Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (antigo Lazer em debate) e o ENAREL, este último com ressalvas, pois a participação ocorre apenas por convite ou se o tema lhes interessa. Outros eventos específicos também foram relacionados, tais como RAM (Reunião da Antropologia do Mercosul), Congresso Internacional de Sociologia, Congresso Mundial de Lazer, ANPED - Associação Nacional da Pós-Graduação em Educação, Congresso Brasileiro de Sociologia e eventos da Geografia.

Constata-se, com esta exposição, que mesmo sem ser pontuados em avaliações da CAPES, os pesquisadores optam por participarem de eventos científicos, em busca de um outro tipo de capital científico, o que pode ser considerado uma resistência a estratégia pautada pela CAPES.

Além disso, tal resistência de um grupo de professores em manter seu investimento na participação em eventos científicos, reforça a importância desses espaços e ao mesmo tempo ressalta a falha no processo avaliativo da CAPES ao não levar este capital científico em consideração.

Nesta seção destaca-se a influência da CAPES que, adotando um sistema de análise quantitativo, valoriza os produtos da pesquisa, em detrimento ao ensino e a extensão no cotidiano dos pesquisadores, atribuindo ênfase ao chamado produtivismo, o qual vem acentuando as diferenças entre as áreas biodinâmica, socioculturais e pedagógicas. Este ambiente influencia as maneiras de fazer acadêmico dos pesquisadores estudados, pois interfere no cotidiano universitário, mas, ao mesmo tempo que se apresenta um panorama pessimista, pautado na dominação, encontra-se, também, pistas de uma resistência localizada em espaços científicos como o CBCE, que será abordada a seguir.

6 CBCE O ESPAÇO DA RESISTÊNCIA⁴⁸

O CBCE, é uma entidade científica que congrega pesquisadores ligados à área de Educação Física/Ciências do Esporte. Foi criado no ano de 1978, em um período difícil no Brasil, no qual imperava a ditadura militar. Tal instituição é organizada de forma democrática e representativa, como pode ser observado abaixo:

Organizado em Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos, liderados por uma Direção Nacional, possui representações em vários órgãos governamentais, é ligado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e está presente nas principais discussões relacionadas à área de conhecimento. (CBCE, 2014)

O CBCE possui suma importância na Educação Física brasileira, ao ponto de ser visualizado como um solo comum, que comporta discussões das diferentes interfaces desta área do conhecimento, de forma a agregá-las, criando oportunidades de diálogo.

Dessa forma, a proposição aqui estabelecida não sugere um processo de amálgama entre diferentes posições político epistemológicas de campos e subcampos da Educação Física brasileira, mas sim um espaço de discussão e diálogo entre diferentes filosofias, pensando o CBCE como um possível solo comum, que permitiria a edificação do próprio campo, derivando desse processo comunicativo. (REZER, 2010, p. 88)

Rechia informa em sua entrevista um pouco das disputas inseridas no CBCE, as quais estão diretamente relacionadas com a produção do conhecimento da Educação Física no contexto Brasileiro:

Você tem os seguintes grupos: pedagógico, biologicista e humanístico ou sociocultural, então você consegue abordar a Educação Física sobre 3 frentes em uma mesma instituição. Os professores lutando pela questão pedagógica, o ensino da Educação Física e as ferramentas metodológicas; os biologicistas defendendo a questão da saúde e os socioculturais defendendo a Educação Física e suas relações com a sociedade. E qual é o grupo que predomina? A partir de uma análise dos integrantes da Direção Nacional consegui perceber a ruptura de um grupo mais biologicista para um grupo mais humanístico e especificamente a partir da década de 80, uma guinada na defesa do campo humanístico e pedagógico dentro da Educação Física. Não que ele exclua o lado biologicista, porque tem GTTs como o de saúde que permanecem, mas percebe-se que o coletivo começa a levantar uma bandeira de que as práticas corporais influenciam a sociedade, as questões culturais e as questões do corpo correlacionadas com cidadania, direito social e constituição do sujeito. (Entrevistada Rechia)

⁴⁸ Destaca-se que o conceito de resistência é utilizado nessa pesquisa a partir da teoria de Certeau.

Sendo assim, podemos considerar que três abordagens da Educação Física podem ser alocadas em dois grupos dentro do CBCE, os quais foram se alternando no poder, deixando suas marcas em toda dinâmica da instituição, sejam elas de caráter biologicista, humanístico e pedagógico.

Além disso, tal entidade possui uma dimensão política, que precisa ser levada em consideração. Segundo o Artigo 2º de seu Estatuto são objetivos principais do CBCE:

- a. Promover e incrementar os estudos e pesquisas relacionadas à área acadêmica Educação Física;
- b. Veicular o conhecimento produzido na área da Educação Física por meio da publicação de periódicos, da promoção de reuniões científicas e outras iniciativas de distintas ordens;
- c. Manter intercambio com entidades nacionais e internacionais com interesses em áreas afins e de caráter similar;
- d. Posicionar-se em questão de Políticas referentes as áreas com as quais guarda relação de estudo e produção de conhecimento. (CBCE, 2014)

Estas metas basilares demonstram a amplitude das ações da entidade, tanto na perspectiva acadêmica, quanto na política e social. Corroborando com esta ideia temos o posicionamento de Rezer:

Assim, é possível perceber que a dimensão política se trata de uma esfera importante nessa discussão, porém não a única, portanto, uma dimensão que precisa saber de seu lugar na configuração de uma sociedade que se pretende científica. Esses pontos de partida representam uma construção que, em tempos de comunidades “plurais” no interior do campo da Educação Física, merece também maior consideração de seus protagonistas. Ao que parece, no âmbito da produção acadêmico científica, passos têm sido dados nessa direção. Porém as dificuldades de tratar isso na esfera política vêm-se manifestando como um complexo desafio a ser enfrentado no interior dessa sociedade científica. (2010, p.77-78):

Bracht (2009) acrescenta que:

As diferenças e as tensões no interior do CBCE giram em torno da visão de ciência, particularmente da relação entre ciência e política (aspecto agonizado na década de 1980 em função do contexto político brasileiro) e, conseqüentemente, da visão do papel social da Educação Física ou das práticas corporais (atividade física e esportiva) da população em geral. (p.35)

Em sua entrevista Rechia (2015) apresenta três funções bem definidas do CBCE, sendo elas: (1) função acadêmica, (2) função científica e (3) função política.

Em relação a função acadêmica, a entrevistada exalta que os pesquisadores participam do CONBRACE, e dos demais espaços promovidos pelo CBCE, para

uma revitalização acadêmica, buscando oxigenar seus conhecimentos e encontrar os colegas de formação.

Na função científica a autora explica que o interior do CBCE, em específico nos espaços dos GTTs, os pesquisadores têm a oportunidade de discutir sua produção científica.

Eu vou apresentar meu projeto de pesquisa, meus dados, minha tese e compartilhar com meus colegas, porque eu também sou pesquisadora. Então você passa a mudar seu entendimento do CONBRACE, passando de um encontro de atualização para um congresso de troca de experiências, pesquisas e dados. (Entrevistada Rechia)

Quando da inserção neste coletivo de discussão e desenvolvimento, o pesquisador é desafiado pelos pares a avançar, repensar e rediscutir suas pesquisas, revendo metodologia, autores e conceitos. Estes questionamentos podem auxiliar na busca de novos caminhos para as pesquisas, tanto na perspectiva técnica quanto social.

Então você começa a ser desafiado pelo coletivo do CBCE a entrar no rol dos pesquisadores da área que não só compartilham conhecimento, mas produzem conhecimento. (Entrevistada Rechia)

Quanto a função política, a entrevistada enfatiza que é possível perceber diferentes posicionamentos dos grupos biologicista, humanístico e pedagógico, em suas visões da Educação Física e os reflexos dessas diferenças de pensamento no cenário mais amplo da Educação Física Brasileira.

Sendo assim, o CBCE tem um papel mediador com a sociedade ao ponto de levar diferentes informações e conhecimentos relacionados a área, tornando-as de domínio público a partir das publicações científicas, e de seus posicionamentos frente a diferentes questões políticas. Ainda sobre o tema Bracht (2009) destaca que:

Esse clima de menor acirramento ou efervescência política levou (particularmente nos anos de 2000) a uma distensão no campo que permitiu reascender a intenção e a possibilidade de uma (re)conciliação de interesses e ações (ou pelo menos um maior diálogo) entre diferentes posições e concepções presentes no campo como um todo. (p.37)

Tal autor discorre também sobre as dificuldades do CBCE ao não representar um único grupo, trabalhando nas últimas gestões em prol de congregar concepções não hegemônicas, buscando fortalecer não somente a instituição, mas também a área da Educação Física. Sendo assim, o autor conclui que:

Parece que o CBCE pode reconhecer-se como protagonista de um campo, o campo da Educação Física, sem ferir o princípio da pluralidade e sem abrir mão do intercâmbio com outras áreas do conhecimento. (BRACHT, 2009, p. 41)

Corroborando com essa perspectiva uma das entrevistadas assevera que:

O CBCE como uma entidade preocupada com a sistematização de conhecimento ligado à Educação Física, ao Esporte, à Ciência do Esporte, e tantas outras temáticas que tem interface com esse campo maior da Educação Física. É uma entidade já consolidada, com uma grande tradição na área. Durante esses anos que sou associada, percebi mudanças no enfoque científico e no tipo de discussão realizada, além de uma diversidade. Considero essa diversidade muito rica, porque a Educação Física também se constrói a partir das contribuições de diferentes disciplinas, abordagens. Então eu vejo que o (CBCE), ele está construindo procurando contemplar essa diversidade. (Entrevistada Gomes)

Essa capacidade de diálogo nos espaços do CBCE também é relatada por outra entrevistada:

Eu acho que uma das grandes características e vantagens do (CBCE), é que ele consegue congrega no mesmo espaço várias linhas de pesquisas dentro da Educação Física e dialogar naquele momento. (Entrevistada Campos)

Considerando esse cenário político, a instituição se materializa em algumas ações, tais como:

- * Representação da comunidade acadêmica em órgãos diversos;
- * Realização a cada dois anos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
- * Realização de Congressos Regionais e outros eventos científicos
- * Participação com programação específica nas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência;
- * Edição da Revista Brasileira de Ciências do Esporte
- * Edição de publicações diversas. (CBCE, 2014)

Dentre as ações listadas, destacam-se duas: o evento científico nacional e a Revista Brasileira de Ciências do Esporte - RBCE.

O seu evento científico nacional, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), realizado a cada dois anos, está entre os principais do país. Além disso, são realizados periodicamente congressos estaduais e ou regionais, bem como encontros dos Grupos de Trabalho Temáticos, sempre de relevada importância e contando com ampla participação da comunidade acadêmica. (CBCE, 2014)

Em tais eventos são realizadas mesas temáticas, conferências, reuniões institucionais, apresentações de trabalhos sistematizados em artigos ou resumos e publicados em formato de anais, sendo que os últimos serão objetos de análise na presente pesquisa.

O evento científico tem um papel importante no contato dos acadêmicos com a dinâmica da instituição, e em alguns momentos este contato é favorecido pelos grupos de pesquisa. Uma das entrevistadas relata acerca de seu ingresso no CBCE:

A pessoa responsável pelo meu primeiro contato com o CBCE foi meu orientador de iniciação científica. Eu estava no segundo semestre da Graduação e consegui uma bolsa de iniciação científica, ele me iniciou no processo de pesquisa e me falou dessa instituição. Meu primeiro contato, corporalmente, com essa instituição foi em um CONBRACE, e ele (orientador) sugeriu que eu trabalhasse em troca da inscrição, porque eu era estudante, sem muito recurso financeiro. Foi muito legal porque eu já comecei a conhecer a instituição por dentro, porque como eu ajudei na organização do evento, tive contato com muitas pessoas que estavam na direção nacional, isso me ajudou a entender um pouco mais o que era essa instituição. (Entrevistada Silveira)

Um dos entrevistados faz uma advertência em relação a esta participação, explicando

(...) que o CBCE precisa pensar em alguma estratégia para viabilizar a presença desses alunos (de Graduação). (Entrevistado Rosa)

Nota-se nas últimas explanações duas perspectivas diferentes sobre a presença de alunos no Congresso. O incentivo a participação dos acadêmicos parece ter sido frutífero, e novamente emerge o apadrinhamento por parte dos orientadores.

Já no caso das revistas, estas são em sua maioria geridas de forma independente da realização do congresso, e normalmente possuem tema livre. Tal publicação vem conquistando espaço no cenário nacional.

RBCE, editada sob sua responsabilidade, a cerca de 30 anos, é indexada em indicadores internacionais, reconhecida com de grande qualidade no sistema QUALIS/CAPES e está com sua periodicidade em dia. (CBCE, 2014)

Nessa direção a RBCE, disponível também on-line, se apresenta como um canal comunicativo importante para construir pontes entre o CBCE e outros contextos, como por exemplo, a escola. (REZER, 2010, p.80)

A criação dos Cadernos de Formação e o fato da RBCE ser disponibilizada *on-line* são iniciativas em guisa de aproximação entre a pesquisa e a atuação dos professores na escola. Pois, segundo Rezer (2010):

Possíveis abismos entre a produção acadêmico científica e os trabalhadores do campo da Educação Física precisam ser tencionados, a fim de contribuir para produção de pesquisas no âmbito da Educação Física se aproxime de forma mais concreta das demandas dos espaços de intervenção (...). Porém é preciso reconhecer, que no âmbito CBCE, a RBCE vem veiculando textos nessa linha editorial. (p.79 e 80)

A maioria das edições apresenta exemplos de artigos que abordam relatos de experiência, o que possibilita a socialização de boas práticas.

Em um artigo intitulado “30 anos do CBCE: os desafios para uma associação científica e os dilemas dos intelectuais institucionalizados”, Bianchetti (2009) discorre sobre o CBCE e estampa um fenômeno que o assombrou, e vem aterrorizando a instituição: o esvaziamento da comunidade intelectual, com a saída de parte dos teóricos ou pesquisadores, que, na conclusão do autor, ocorreu em virtude de questões relacionadas às mudanças na forma de trabalho. Nesse caso, podemos citar a atuação da CAPES no que concerne às exigências de produção e valorização da produção de artigos científicos, desprestigiando a participação em eventos e apresentação de trabalhos. A teoria de Bianchetti (2009) aponta a fragilidade e não culpabilidade dos teóricos.

Será que nas condições atuais de trabalho, no que diz respeito ao processo de produção e socialização do conhecimento, não estamos mais para uma situação em que os intelectuais estão sendo retirados (...). A nossa hipótese é a de que, em nosso país, nas condições atuais, estamos diante do fim dos intelectuais e à desqualificação auto ou heteroperpetrada daquilo que é resultado do seu trabalho. (p.21)

Muitos pesquisadores têm se preocupado com a qualidade das produções, tais como Bracht, que alerta para a necessidade de qualificar a produção científica, avaliando de forma simultânea dois aspectos: “o da sua qualidade formal e o da sua qualidade política” (2007, p.75).

No tocante ao CBCE uma das entrevistadas fez breve análise sobre as características da instituição quando começou a frequentar os espaços de encontros promovidos por ela:

Quando eu comecei a participar do CONBRACE, esse evento era mesmo uma grande referência em termos de produção, as minhas referências

todas, os autores que eu estudava na Educação Física estavam lá.
(Entrevistada Marcassa)

É interessante constatar no relato da entrevistada o processo que a levou de expectadora para protagonista, a partir do acúmulo de capital e da conquista da autoridade científica.

Depois o CBCE começou a ser um espaço para a minha própria produção, para eu poder divulgar o meu trabalho e poder socializar o que eu estava fazendo com os demais pesquisadores. E o CBCE, nessa segunda fase digamos assim, para mim ele cumpriu uma função muito importante no momento em que ele sentou à mesa do (Ministério do Esporte), passou a participar como uma entidade representativa, tanto de forma nacional quanto local. (Entrevistada Marcassa)

A entrevistada infere ainda uma aparente instabilidade desta instituição no que concerne à política decorrente das relações de poder estabelecidas no Brasil de hoje. Em referência ao futuro da instituição, a preocupação maior é em relação ao esvaziamento do CONBRACE, dando-se preferência a eventos menores que possibilitam um maior aprofundamento nas discussões.

Eu me preocupo um pouco com o futuro do (CBCE) porque eu vejo assim, eventos muito grandes, são eventos que a gente dispersa, que você não consegue aprofundar conhecimento, é muito melhor você participar de simpósios menores com menos gente e com uma menor programação,...) então eu me preocupo de haver um esvaziamento. Mas isso pode ser que não aconteça, pode ser algo cíclico, ocorrem esvaziamentos e depois as pessoas retornam. (Entrevistada Marcassa)

A RBCE, outro espaço do CBCE, é alvo de polêmicas quanto aos processos de submissão e publicação de artigos:

A RBCE ainda continua sendo um chamariz para muitos pesquisadores. Eu acho até que algumas pessoas inclusive enxergam isso de forma muito oportunista, pessoas que só se aproximam do (CBCE) por causa da revista e aí ultimamente com essa polêmica de "cobrar ou não cobrar" para quem é ou não é associado, eu não sei. Eu acho que a revista que era até então um chamariz, também pode deixar de ser. (...) do ponto de vista da revista eu acho que é isso, é uma revista super qualificada, mas hoje o filtro dessa revista é extremamente apertado, tem uma demanda represada, a gente não consegue publicar na revista. (Entrevistada Marcassa)

Em geral, a grande preocupação é manter os espaços do CBCE como ponto de encontro e de troca de conhecimento.

Eu me preocupo que o CBCE deixe de ser esse espaço de encontro, de socialização e de relação de amizade mesmo, porque eu adoro ir para o CBCE e encontrar os meus amigos, falar sobre o que a gente faz, trocar ideias e experiências, produções, apresentar e ouvir trabalhos, mas fundamentalmente encontrar pessoas. (Entrevistada Marcassa)

Em suma, o CBCE está presente na vida dos pesquisadores como local de convergência (CONBRACE), espaço de publicação (RBCE) e de articulação política, como regulamentação da profissão, discussão de Diretrizes Curriculares Nacionais, do Estatuto do Torcedor ou de Megaeventos Esportivos; exercendo influência no cotidiano dos professores. Consta-se uma relação dialógica entre CBCE e o cotidiano dos professores, ou seja, as discussões que lá acontecem provocam efeitos na atuação dos pesquisadores, enquanto orientadores nos Grupos de Pesquisa. O encontro dos agentes neste evento leva ao amadurecimento da reflexão para o seu trabalho cotidiano. Sendo assim, podemos considerar o CBCE como um dos agentes do campo científico do lazer.

Nos próximos parágrafos será apresentada a perspectiva dos pesquisadores entrevistados sobre a instituição do CBCE como um todo, suas motivações para ingresso e permanência na instituição.

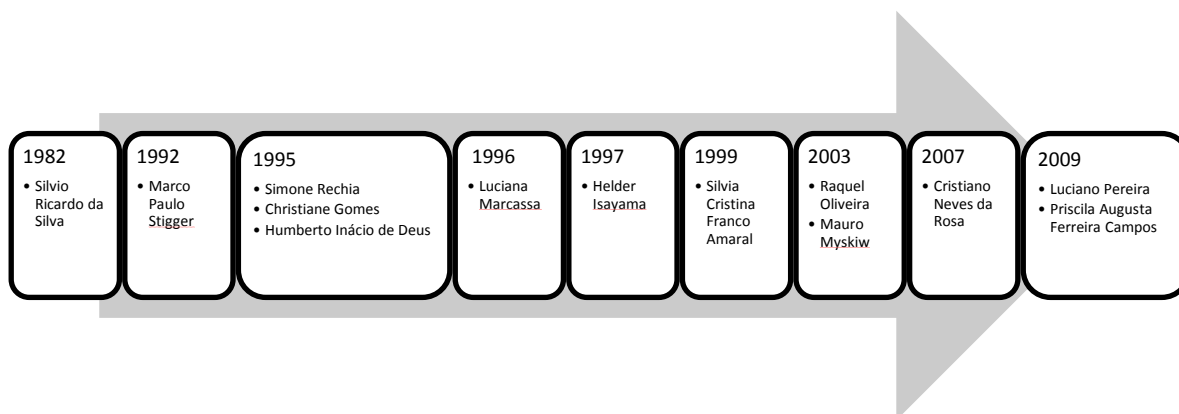
Buscando mapear os agentes no campo científico do lazer, a Pós-Graduação parece se configurar como uma oportunidade de discussão científica que amplia as reflexões acadêmicas. Segundo os pesquisadores entrevistados, busca-se espaços como o CBCE para abrigar este movimento, e, ao mesmo tempo, locais como os GTT, no CBCE, podem despertar a necessidade de busca pela pesquisa, especificamente pela Pós-Graduação. Infere-se que os diferentes agentes e as relações entre eles vão dando pistas sobre as maneiras de fazer acadêmico dos pesquisadores. Nesse sentido, Rechia esclarece que:

Foi a partir do (CBCE) que eu comecei a entender o que era pesquisa e como era bom ser pesquisador e como eu conseguiria integrar esses grupos de pesquisa. Eu queria fazer Pós-Graduação e queria fazer mestrado a partir disso. (Entrevistada Rechia)

O motivo de ingresso ao CBCE dos professores entrevistados está relacionado, em sua maioria, ao incentivo de professores, colegas de trabalho ou grupos de pesquisa, principalmente ligados a iniciação científica e aos Programas de Pós-Graduação, mesmo que em certos casos isto tenha ocorrido já na Graduação, permanecendo por se identificarem com as discussões e personagens presentes no

colégio. O período em que cada entrevistado se associou ao CBCE pode ser conferido na linha do tempo apresentada a seguir:

Imagem 02 – Linha do tempo ingresso dos pesquisadores no CBCE.



Fonte: A autora (2016).

Enfatiza-se a importância das pessoas mobilizadoras dentro do CBCE que incentivam o ingresso e permanência de seus orientandos e assim vão constituindo os GTTs no interior do CBCE. No caso do GTT: Lazer e Sociedade, segundo os dados coletados, alguns pesquisadores do lazer, tais como Bramante, Marcelino, Leila Mirtes, Lino Castelani e Heloisa Bhruns, começaram as discussões no início do GTT: Lazer e Recreação. Destaca-se que estes autores eram na época as principais referências do tema lazer no Brasil. No entanto, boa parte dos sujeitos que continuaram o debate, e de certa forma deram os contornos ao grupo de trabalho, foram seus orientandos que, anos mais tarde, foram sendo os coordenadores e membros do comitê científico e atualmente já veem seus próprios orientandos protagonizando o processo.

Estas estruturas tornam possíveis e eficientes às estratégias de dominação cujo exemplo pode ser visto quando, exercendo seu poder acadêmico, o professor faz com que os novos postulantes aceitem as apostas no jogo desenvolvido neste campo e são capazes de colocá-los em posição que lhe assegurem uma situação de dependência, praticando uma espécie de arte de manipular o tempo dos outros, ou mais precisamente, o ritmo de suas carreiras. Esta arte, uma das dimensões do poder, se exerce na maioria dos casos com a cumplicidade, mais ou menos consciente, dos alunos, que mantêm uma disposição dócil e submissa. Esses alunos sabem, entretanto, que o êxito de uma carreira universitária passa pela escolha de um patrono poderoso, que não é, segundo o que aponta Bourdieu(2002), necessariamente o mais famoso nem o mais competente tecnicamente. Seria o mais articulado, aquele que indicaria a construção de trabalhos em cima de temas mais gerais e prestigiados. É por isso que os diretores de

tese fariam mais uma direção da carreira. Eles agiriam mais como mentores do que enquanto um professor de quem se pudesse obter conselhos metodológicos ou técnicos. As afinidades que uniriam estes dois agentes seriam, portanto, mais sociais que intelectuais.(...) Para Bourdieu (2002) uma das dimensões fundamentais do papel do intelectual é a irreverência em relação a todos os poderes, bem como o de perceber que a verdade mais íntima daquilo que o intelectual é está inscrito na objetividade das posições que ocupa, no presente e no passado, no campo intelectual. (MEDEIROS, 2007, p.72-75)

Na relação com o orientador acadêmico são planejadas e desenvolvidas as trajetórias acadêmicas. No quadro a seguir têm-se alguns exemplos das relações que, de certa forma, mantém a ordem estabelecida no interior do GTT: Lazer e Sociedade.

Quadro 50 - Relações de orientação.

Orientadores	Orientandos/ Orientadores
Antônio Carlos Bramante	Silvia Franco Amaral *Priscila Augusta Ferreira Campos Olivia Cristina Ferreira Ribeiro Ana Paula Cunha Pereira
Leila Mirtes Santos Magalhães	Christiane Luce Gomes *Rodrigo Elizalde
Heloisa Turini Brhuns	Simone Rechia *Aline Tschoke Emília Amélia Pinto Costa Silva Felipe Sobczynski
Nelson Carvalho Marcelino	Silva Ricardo da Silva Helder Ferreira Isayama Luciana Marcassa
Marco Paulo Stigger	Mauro Myskiw Raquel Silveira Ariane Corrêa Pacheco

Fonte: A autora (2016).

Outro exemplo dessa relação foi descrito por uma das entrevistadas, a qual relatou que quando começou a frequentar o GTT: Lazer e Recreação, no ano de 1997, nos primórdios de sua organização, teve como fonte inspiradora para sua participação a figura de seu orientador, considerado um dos fundadores do GTT, senhor Nelson Carvalho Marcelino. E mesmo transitando desde aquela época entre os GTT: Lazer e Recreação e GTT: Escola, a entrevistada mostra porque acabou frequentando, na época, o GTT: Lazer e Recreação:

(...) eu já estava sobre orientação do Marcelino, desenvolvendo um trabalho mais ligado às questões do lúdico e do lazer ainda lá com um pé na escola. Eu nunca deixei, na verdade. Embora tenha feito todo um estudo no campo do lazer, eu nunca deixei de estudar e de me aproximar de trabalhar as questões escolares. Então já estava ali sob influência do (Marcelino) e eu passei a frequentar então o GTT Lazer e Recreação. (Entrevistada Marcassa)

A maioria dos pesquisadores/doutores que atuaram nesse processo de constituição do GTT tiveram em comum o espaço de Pós-Graduação da UNICAMP, outros eram provenientes da UFMG e da Universidade Gama Filho.

Quadro 51 - Pesquisadores/Instituições de Formação / Instituição de Atuação

Pesquisador	Graduação	Mestrado	Doutorado	Instituição de atuação
Humberto Luís de Deus Inácio	UFSC/1993	UFSC/1997	UFSC/2007	UFG
Sílvia Cristina Franco Amaral	UFSM/1989	UFSM/1995	UNICAMP/2003	UNICAMP
Mauro Myskiw	UNIOESTE/1999	UFSM/2003 e 2006	UFRGS/2012	UFRGS
Marco Paulo Stigger	UFRGS/1977	U. Gama Filho/1992	U. do Porto/2000	UFRGS
Hélder Ferreira Isayama	UEPJM/1993	UNICAMP/1997	UNICAMP/2002	UFMG
Silvio Ricardo da Silva	UGF/1984	UFSM/1994	UNICAMP/2001	UFMG
Christiane Luce Gomes	UFMG/1992	UFMG/1995	UFMG/2003	UFMG
Simone Rechia	PUC PR/1986	PUCPR/1998	UNICAMP/2003	UFPR
Luciano Pereira	UNICAMP/1997	UNIMONTES/2007	UFMG/2012	UFMG
Luciana Marcassa	UNICAMP/1998	UFG/2002	UNICAMP/2009	UFSC

Fonte: A autora (2016).

Conclui-se a existência de dois tipos de participação no GTT: Lazer e Sociedade: os professores que desde seu ingresso no CBCE são militantes do GTT: Lazer e Sociedade e os que transitam ou já transitaram em outros GTT. No primeiro caso acentua-se os seguintes pesquisadores: Simone Rechia, Luciano Pereira, Christianne Luce Gomes, Humberto Luís de Deus Inácio, Priscila Campos, Silvio Ricardo da Silva⁴⁹, Raquel Silveira. Em relação ao segundo grupo constata-se uma conexão muito forte com o GTT: Políticas Públicas, ocupando lugar de destaque as trajetórias de Sílvia Franco Amaral, Marco Paulo Stigger e Cristiano Neves da Rosa. Ainda referente ao segundo grupo e também merecedores de nota os pesquisadores Hélder Ferreira Isayama e Mauro Myski, que transitaram por outros GTTs que não o de Políticas Públicas.

Após análise do campo científico, depreende-se que a razão para a mudança de GTT é, de certa forma, a busca por um espaço que propicie desafios e possibilite ao pesquisador integrar o coletivo discutido, apresentando suas pesquisas e as enriquecendo. Como exemplo, cite-se a entrevistada que migrou para o GTT:

⁴⁹ Participou apenas de um evento no GTT: Políticas Públicas.

Escola, a procura de um novo espaço, justamente para encontrar tais oportunidades. Nas palavras de Certeau “caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente à procura de um próprio” (2007, p.183). Compreende-se, então, que as mudanças de GTT são fruto da busca pelo próprio, pelo seu lugar no campo científico.

Segundo a mencionada entrevistada, o motor propulsor de sua mudança do GTT: Lazer e Sociedade para o GTT: Escola foi o esgotamento, em um dado momento, da discussão acerca do conceito de lazer, restando apenas outros dois desdobramentos possíveis: debate pedagógico ou no âmbito das políticas públicas, tendo ela optado por trilhar estes dois outros caminhos, vez que em relação ao conceito de lazer a quantidade de conhecimento acumulado durante a construção de sua dissertação de mestrado, para ela, foi considerado suficiente.

Hoje, no campo da Educação Física eu discuto escola e particularmente políticas educacionais. Então até para pensar o lazer, eu também estou focando do ponto de vista das políticas ou da prática pedagógica, que para mim são as perspectivas que tem ainda muito para ser explorado no campo do lazer. Nesse sentido, não fazia mais sentido ficar no GTT Lazer. Porque se a gente vai discutir escola, discutir prática pedagógica, acho que a gente tem que discutir com quem domina o debate sobre práticas pedagógicas, que são os pesquisadores da escola, que historicamente acumularam essa discussão. (Entrevistada Marcassa)

Depreende-se que com o passar dos anos os pesquisadores de cada temática acabaram fazendo escolhas, ora disciplinares, ora interdisciplinares, o que será especificamente aprofundado no decorrer desta pesquisa.

Nesta perspectiva, observa-se a existência de pesquisadores estabelecidos no GTT e outros que migraram para outros GTT em busca de um lugar para desenvolver sua autoridade científica. Segundo Misky (2015):

A constituição do GTT nas três edições estudadas (2009, 2011 e 2013), no que se refere aos autores, ocorre diante da participação de um grande grupo com intervenções mais pontuais (estes fortemente vinculados a cursos de Graduação em Educação Física) e de um grupo menor de pessoas, com investimentos recorrentes, este mais claramente vinculados aos cursos de Pós-Graduação (em diferentes áreas, com destaque para os Programas de Pós-Graduação nas áreas de Educação Física, de Educação, de Lazer), que configuram uma rede de Instituições de Ensino Superior interessadas na temática do lazer. Essa rede é articulada em torno da participação de Grupos de Pesquisa e de seus coordenadores / líderes bastante ocupados com as discussões que lhes são pertinentes. (2015, p.387)

Atualmente, pode-se dizer que o GTT: Lazer e Sociedade é formado basicamente por alguns grupos de pesquisadores, assim localizados:

Quadro 52 - Grupos de Pesquisa/Instituição de atuação.

Grupo de pesquisa	Professor graduação
GEPELC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Lazer e Comunicação	UFG
Grupo de Estudos e pesquisas em Políticas Públicas e Lazer	UNICAMP
GESEF- Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física	UFRGS
ORICOLÊ- Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação profissional em Lazer da UFMG	UFMG
GEFut- Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas	UFMG
NaPratica- Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social	UFMG
OTIUM- Lazer, Brasil & América latina	UFMG
GEPLEC- Grupo de Estudos e Pesquisas em espaço, Lazer e Cidade	UFPR

Fonte: A autora (2016).

O mapeamento apresentado na tabela acima foi reforçado em uma perspectiva da atual produção do conhecimento no lazer no contexto brasileiro, nas palavras de uma das entrevistadas:

Se pensar hoje, quem mais produz na área de lazer no Brasil? Quais são as universidades que têm o maior número de professores? Se na década de 90, início dos anos 2000, era a UNICAMP, hoje é a UFMG. E aí é um mestrado, um doutorado interdisciplinar. Não sei se eles vão continuar circulando aqui. Inclusive, existe um movimento de criar uma associação. Um movimento difícil que concorre, em vez de fortalecer o colégio, há um afastamento. Se você pensar, tem a Simone na UFPR, o Stigger e o Myskiw, estão criando um grupo lá na UFRGS. Agora, eu e a (Olívia) na (UNICAMP). Tem o pessoal da (USP), mas que não vem, nunca vieram aos (CONBRACEs). (Entrevistada Amaral)

Compartilhando do mesmo posicionamento Myskiw (2015) fez um levantamento dos trabalhos apresentados no GTT: Lazer e Sociedade entre os anos de 2009 a 2013, pelo que serão trazidas algumas de suas reflexões para compor com as análises da presente pesquisa.

A primeira consideração do autor foi de que um número grande de pesquisadores contribuem pontualmente com o GTT, por ocasião de um trabalho específico. De outro lado, um pequeno grupo de pesquisadores que apresentou “mais de três trabalhos e que estiveram vinculados a mais de duas edições do evento” (p.371), devem possuir um vínculo não pontual com o GTT. Outro elemento

apontado é que este pequeno grupo tem relações com a formação e com os Programas de Pós-Graduação. Nas palavras do autor:

Para além da Graduação, o GTT: Lazer e Sociedade tem se imbricado com os Programas de Pós-Graduação, o que não é uma novidade diante da política indutiva da CAPES em relação a formação de pesquisadores como critérios de avanço da nação. Atualmente, “vivemos” a 6ª edição do plano Nacional de Pós-Graduação (PNG, 2011-2020) e nesta se reconhece claramente que as ações induzidas pela CAPES têm sido eficientes e devem continuar para enfrentar desafios, dentre os quais a criação de uma agenda nacional de pesquisa. (Miskyw, 2015, p.374)

Em relação às instituições das quais têm origem os autores que mais tiveram publicações no período analisado por Miskyw (2015), tem-se: UFMG, UFPR, UFRGS, UNIMONTES, UNICAMP. Seguindo a mesma lógica, os grupos de pesquisa mais citados foram: GEPLC/UFPR, ORICOLÉ/UFMG, OTIUM/UFMG, GEFUT/UFMG, GESEF/UFRGS, LUDENS/UNIMONTES, GEPL/UNICAMP.

Destaca-se que grande parte dos coordenadores desses grupos são docentes e orientadores em Programas de Pós-Graduação. O autor destacou as professoras Simone Rechia e Sílvia Franco Amaral, ambas líderes de grupo de pesquisa e orientadoras em programas de Pós-Graduação.

Os dados encontrados pelo autor o fizeram afirmar que “os vínculos do GTT: Lazer e Sociedade com os Programas de Pós-Graduação são, em boa medida, mediados pelos Grupos de Pesquisa e pelas discussões que lhes são importantes” (Miskyw, 2015, p. 379).

Trazendo agora os dados coletados nesta pesquisa, todos os pesquisadores entrevistados relataram que o CBCE foi espaço para apresentação e discussão desde seus projetos de monografia, até os de mestrado e doutorado; e exaltaram o nervosismo e seriedade dessas discussões. Neste contexto, é possível inferir que o GTT auxilia no processo de apropriação do conhecimento produzido, este uma vez divulgado, segundo Certeau (2007), pode ser consumido ou até mesmo interpretado.

A discussão acerca de obras publicadas em outros espaços também pode ser discutida no interior do GTT, conforme saliente a entrevistada Gomes:

Então eu não queria dizer que eu influenciei, mas o que eu percebi no (CONBRACE), dentro do (CBCE), e no (GTT) especificamente, é que algumas pessoas conheciam a minha produção. Então eles me identificavam, queriam conversar, fazer algum contato, alguma coisa, pedir às vezes uma dedicatória em um livro, então mais assim. (Entrevistada Gomes)

Além de reforçar as linhas de pesquisa,

O CBCE é um lugar que cria a possibilidade de diálogo entre os pesquisadores e estimula a minha linha de pesquisa. (Entrevistado Stigger)

Participar de espaços como o GTT: Lazer e Sociedade também auxilia na visibilidade, pois, como pondera Bourdieu (1976, p.131) “o pesquisador depende também de sua reputação junto aos colegas para obter fundos para a pesquisa, para atrair estudantes de qualidade, para conseguir subvenções de bolsas, convites, consultas, distinções”.

Explorando a mesma ideia uma das entrevistadas afirma que a participação do GTT: Lazer e Sociedade pode gerar oportunidades em outros espaços acadêmicos:

Quando você frequenta o GTT e conhece as pessoas e as pessoas conhecem tua pesquisa, também tem um reflexo no convite que você vai ter para fazer parte das bancas de mestrado e doutorado da área, porque as pessoas acabam se conhecendo e fazendo uma rede. (Entrevistada Rechia)

Em síntese, o CBCE, e especificamente o CONBRACE, são espaços privilegiados para o diálogo, troca de experiências, debate, sobretudo para os alunos de Pós-Graduação e pesquisadores vinculados a grupos de pesquisa.

6.1 ENTRE PONTES E FRONTEIRAS, O GTT: LAZER E SOCIEDADE

O nosso GTT não nasce com força, ele nasce pela força. (Simone Rechia)

Os GTT foram criados a partir do CONBRACE, em 1997, por uma necessidade de organização das temáticas até então apresentadas em formato de temas livres. Segundo Kunz (2007), eles surgiram de uma demanda da própria instituição:

A partir do CONBRACE de 1997, foram introduzidos os chamados GTTs, que integram ainda hoje os congressos do CBCE. Para alcançar essa integração e esse diálogo, foi realizado um esforço para que os GTTs não se transformassem em grupos de trabalho disciplinares, o que provocaria uma fragmentação ainda maior entre as áreas disciplinares no interior do próprio CBCE. Assim, os GTTs tinham como propósitos abranger áreas maiores como a escola, o treinamento, a mídia, a saúde etc., para

justamente promover um melhor diálogo entre pesquisas e pesquisadores com concepções e referenciais diferenciados. (p.90)

No cenário brasileiro, no período de surgimento da dinâmica dos GTT no interior do CBCE, o lazer estava em pauta como possível área de aprofundamento nos Currículos de formação em Educação Física. Nesse viés, foi elencado como um tema relevante, inclusive para compor um GTT próprio em uma instituição científica como o CBCE.

Lino Castellani também destaca a importância dos GTT, considerando-os como “um dos grandes saltos qualitativos dados pela entidade, o mais representativo da opção pela organização da comunidade em torno da perspectiva temática em detrimento da disciplinar” (p.123). Já Rezer (2010) discorre sobre alguns limites dos GTT e alerta acerca do perigo de se acabar discutindo diferentes “Educações Físicas”. Sendo assim, segundo este autor:

Os GTTs se constituem, em certa medida, com um grau de autonomia que, se assim o desejar, podem desconsiderar as produções e “formas-de-ser” de outros GTT, “especializado” cada vez mais a discussão interna de cada grupo. Como por exemplo, as decisões editoriais dos GTT sobre os textos enviados ao CONBRACE-CONICE são determinadas com “total autonomia”, como consta em comunicado da Direção Nacional datado de 31 de julho de 2009. (REZER, 2010, p. 84)

Lino Castellani Filho (2007) aponta para a inovação afirmativa presente nesta organização “entendemos estar localizada nos GTTs a possibilidade histórica de materialização de uma nova forma de reflexão e produção coletiva do conhecimento” (p.134). Corroborando com a perspectiva apresentada Silva (2005) afirma que:

Naquele período, avaliamos que essa configuração dos grupos de trabalho com base em temáticas supradisciplinares havia sido um passo importante para a entidade, aproximando-a das problemáticas sociais, como no modelo das ciências aplicadas ou de perspectiva interdisciplinar. A organização de GTTs no congresso de 1997 era representativa de um desejo de superar aquela fronteira marcada pela fragmentação disciplinar e pelo afastamento das questões sociais concretas que estavam instaladas em nosso fazer científico. Essa forma de organização foi ganhando um debate interno bastante interessante, ajudando-nos a compreender as várias perspectivas da natureza científica que se encontram abrigadas dentro e fora do CBCE. (p. 145)

A organização dos GTTs possibilita o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares, estas como uma forma de despertar a potência existente entre o domínio dos conhecimentos ditos disciplinares e uma infinidade de outras possibilidades na realidade dos sujeitos. Concomitante a manutenção das especificidades de cada área, contempla-se o movimento entre elas, valorizando tal espaço como solo fértil entre as disciplinas, buscando a superação do conhecimento tido como estanque, dando vazão a contextualização e a correlação.

Em nota, Rezer destaca que

Pela importância no próprio processo de constituição do CBCE, os GTTs se apresentam de forma muito importante nesse contexto, mas não podem correr o risco de se tornarem mais autônomos que a própria sociedade que os abriga. (REZER, 2010, p. 84).

O autor também comenta que a estrutura dos GTT é interessante, pois possibilita a articulação de subcampos em um tempo próprio, e por outro lado fragmenta a discussão de campo como um todo, e ainda destaca que no estatuto está presente a necessidade de “estabelecer intercâmbio científico” com outros GTTs. Corroborando com esta perspectiva tem-se a posição de Carvalho (2009), defendia na introdução do livro *Política Científica e Produção do Conhecimento em Educação Física*:

Os GTT, por sua vez, do nosso ponto de vista, são estratégicos na configuração de um CBCE democrático. São espaços de encontro e articulação de líderes, grupos de pesquisa e pesquisadores com enfoques em determinado tema; são espaços de troca de idéias e experiências que visem ao convívio, à composição, à produção de conhecimento baseada em pontos de vista singulares, e, sobretudo, à construção de redes temáticas de trabalho coletivo e de pesquisa interinstitucional como resultado da construção desses vínculos. Sob a ótica institucional, eles são atores fundamentais na definição dos caminhos a serem trilhados pelo CBCE, haja vista a sua natureza, carregam consigo melhores condições e possibilidades de integrar pessoas, linhas de investigação, saberes e práticas de modo a pautar e garantir, uma outra forma de produção e veiculação do conhecimento e de política científica no campo específico. (p.8)

A organização dos GTTs parece ter contribuído na busca do CBCE pela ampliação da qualidade de suas produções, fato este evidenciado por Silva (2007), ao asseverar que “os anais dos últimos cinco eventos, desde 1997, quando os

grupos foram organizados mais formalmente, até 2005, mostram-nos a riqueza dessa capacidade produtiva, reconhecida inclusive por pesquisadores de outras áreas”. (p.154)

Certeau (2007) lança mão de duas categorias que auxiliam na compreensão da dinâmica dos GTTs no interior da instituição do CBCE, sendo a primeira as fronteiras e a segunda a ponte.

As fronteiras refletem os limites de cada GTT, com a demarcação de um espaço legítimo de cada área do conhecimento, dentre as quais está o lazer.

Já a ponte retrata a possibilidade de conexões feitas pelos pesquisadores, dando fôlego a um trânsito de conhecimento de um GTT para outro. Destaca-se, assim, que a fronteira tem um papel mediador, nas palavras do autor “os relatos são animados por uma contradição que neles representa a relação entre fronteira e ponte, isto é, entre um espaço (legítimo) e sua exterioridade (estranha).” (CERTEAU, 2007, p.212)

Compreende-se, portanto, a delimitação dos GTTs, que a um tempo só define e possibilita a articulação, vez que “há por toda parte a ambiguidade da ponte, que ora solda ora contrasta insularidades. Distingue-as e as ameaça. Livra do fechamento e destrói a autonomia”.(CERTEAU, 2007, p.214)

Em relação a dinâmica dos GTTs os entrevistados apresentaram opiniões diversas:

Enfim, eu sou um pouco crítica a essa linha limítrofe entre os GTTs. Eu acho que eles foram criados, são interessantes, mas não percebo o resultado que se queria na criação deles. (Entrevistada Amaral)

Eu estou cada vez mais pensando que a ideia dos GTTs por demanda a cada 2 (CONBRACEs), e cada (CONBRACE) a cada 2 anos, que é o mesmo modelo de outras entidades científicas, poderia ser experimentada. (Entrevistado Inácio)

Para mim, o conhecimento está muito mais interlaçado do que esse GTTs. (...) já teve, em alguns (Conbraces), mesas que (GTTs) organizavam em conjunto, justamente para colocar em conexão esses temas, que eu acho que foi uma iniciativa muito interessante. (Entrevistada Silveira)

A organização do GTT seguiu uma tendência da Educação brasileira em um momento no qual se pautava na especialização do conhecimento, sendo marcados os limites entre os GTT. Atualmente esta dinâmica vem sendo reinventada,

buscando uma perspectiva mais interdisciplinar. Inicialmente as propostas têm sido pela procura da organização de ações entre GTTs, como por exemplo as mesas temáticas conjuntas.

Em relação a superação da dinâmica dos GTTs, destaca-se que mesmo com uma tendência para a interdisciplinaridade, acredita-se que os estudos do lazer não estão preparados para serem tratados sem a organização do GTT: Lazer e Sociedade, correndo o risco de se perder no emaranhado de fenômenos estudados na Educação Física.

Em relação à dinâmica desse mecanismo do CBCE, tem-se, após a reforma estatutária de 2002, além da figura de um coordenador de GTT (doutor), a constituição de um comitê científico⁵⁰ em cada grupo, e uma coordenação nacional, vinculada à direção científica. No caso do GTT: Lazer e Sociedade, seguem abaixo os coordenadores que já desempenharam esta função:

Quadro 53 - Coordenadores e Comitê Científico GTT: Lazer e Sociedade.

Período referência	Coordenador	Comitê Científico
1997/1999	Leila Mirtes S. Magalhães Pinto	
1999/2001	Cristiane Ker de Melo ⁵¹	
1999/2003	Sandoval Villaverde	
2003/2005	Tereza Luiz França	
2005/2007	Simone Rechia	
2007/2009	Marco Paulo Stigger	
2009/2011	Christianne Luce Gomes Adj. Humberto Luís de Deus Inácio	Luciano Pereira da Silva; Rodrigo Elizalde; Mauro Myskiw.
2011/2013	Sílvio Ricardo da Silva Adj Luciano Pereira da Silva	Simone Rechia; Fábio Santana Nunes; Marcial Cotes Jorge; Rosana de Jesus; Mauro Miskiwi; Marcos Paulo Stigger.
2013/2015	Mauro Myskiw	Aline Tschoke; Ariane Corrêa Pacheco; Bruno Otávio de Lacerda Abrahão; Humberto Inácio; Juliana de Alencar Viana; Luciano Pereira da Silva; Marcial Cotes; Marco Paulo Stigger; Priscila Augusta Ferreira Campos; Sílvia Cristina Franco Amaral.

⁵⁰ Pesquisadores no mínimo mestres

⁵¹ Informação disponível nos arquivos digitalizados no Repositório Digital da UFRGS, mas não confirmado pelos entrevistados.

2015/2017	Luciano Pereira da Silva Adjunto Olívia Cristina Ferreira Ribeiro	Aline Tschoke; Ana Paula Cunha Pereira; Ariane Corrêa Pacheco; Bruno Otávio de Lacerda Abrahão ; Emília Amélia Pinto Costa Silva; Felipe Sobczynski ; Humberto Luís de Deus Inacio; Ileana ; Juliana de Alencar Viana ; Junior Vagner Pereira da Silva ; Maíra Manan; Mirleide Chaar Bahia; Priscila Augusta Ferreira Campos; Silvio Ricardo da Silva; Tânia Mara Vieira Sampaio.
-----------	--	---

Fonte: A autora (2016).

Percebe-se que a maioria dos entrevistados selecionados nessa pesquisa estão inseridos em funções oficializadas do GTT: Lazer e Sociedade.

Dentre os GTTs⁵² que estão em funcionamento no CBCE, existe um diretamente relacionado ao lazer, grupo este que foi inicialmente denominado Lazer e Recreação, e que no ano de 2013 teve sua denominação alterada para Lazer e Sociedade, alteração está fruto do avanço das discussões do grupo de pesquisadores, a determinar as interfaces que vêm se consolidando no interior do grupo.

Em relação a essa trajetória do GTT: Lazer e Sociedade, uma das entrevistadas descreve as diferentes etapas do GTT, especificamente nos últimos 10 anos:

Logo que eu entrei (2003), o GTT lazer tinha muitas vertentes. Chegou um momento que eu acho que ele estabilizou, pois, algumas pessoas que tinham uma visão mais crítica foram saindo da instituição. Eu acho que os trabalhos do grupo que eu participava, o (GESEF) que é o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física, em que o Stigger coordena, assim como o grupo que a Simone Rechia coordena, foram mantendo esse GTT e ao mesmo tempo foram constituindo ele, então todas as pesquisas //que eram trazidas por esses dois grupos foram modelando outros trabalhos. (Entrevistada Silveira)

Sobre a influencia dos pesquisadores no GTT: Lazer e Sociedade a professora Marcassa salienta que sua dissertação foi muito discutida na época no interior do GTT. Pelo tema, sua obra é considerada, segunda a autora, um clássico, e influenciou o GTT e o campo como um todo. Da mesma forma, as discussões no interior do GTT também influenciaram sua trajetória.

Mas sem dúvida que as discussões que a gente fazia no interior do (GTT Lazer) influenciaram as minhas pesquisas, especialmente a minha produção

⁵² Atividade Física e saúde; Comunicação e Mídia; Corpo e Cultura; Epistemologia; Escola; Formação Profissional e Mundo do Trabalho; Gênero; Inclusão e Diferença; Lazer e sociedade; Memórias da Educação Física e Esporte; Movimentos Sociais; Políticas públicas; Treinamento Esportivo.

da graduação para o mestrado, e até para o doutorado também, porque no doutorado, o que motivou a minha tese de doutorado, embora não seja sobre lazer, mas a motivação dela era lazer, era tudo o que eu tinha visto estudando no campo do lazer. (Entrevistada Marcassa)

Verifica-se relações entre às mudanças da nomenclatura e ementa do GTT: Lazer e Sociedade e a trajetória do lazer nos currículos dos cursos de Graduação em Educação física, sendo que os dois processos tiveram nuances semelhantes, passando da Recreação, em um primeiro momento, para Recreação e Lazer, chegando ao momento atual, buscando relacionar ao Lazer termos que reforcem suas relações socioculturais, como por exemplo, “Lazer e Sociedade”.

No quadro a seguir podemos perceber as mudanças realizadas na ementa

Quadro 54 - Comparativo de ementas do GTT: Lazer e Sociedade.

<p>Ementa GTT: Lazer e Recreação “Estudos acerca das questões de ordem conceitual do lazer e suas intersecções com as distintas categorias com as quais estabelece nexos comunicativos (recreação, trabalho), vistas a partir da área de conhecimento Educação Física”. (ANAIS DO CONBRACE, 2007, p.245)</p>	<p>Ementa GTT: Lazer e Sociedade: “Estudos de ordem conceitual e/ou empírica sobre o lazer e possíveis articulações com temáticas afins, vinculados às práticas e problemas da Educação Física e Ciências do Esporte, em interface com as Ciências Sociais e Humanas”. (CBCE, 2014)</p>
--	--

Fonte: A autora (2016).

As mudanças nas ementas⁵³ demarcam a construção de uma identidade do grupo, uma trajetória e não um projeto, tanto em relação ao nome quanto na inclusão de um grupo de disciplinas como prioritárias para as discussões, neste caso as Ciências Sociais e Humanas. Além disso, a inclusão da ordem empírica retoma a valorização na práxis. Os pesquisadores entrevistados relataram e avaliaram o processo de mudança da ementa.

O empenho dos pesquisadores por definir o GTT de forma que abarcasse os seus interesses de pesquisa também é bem exemplificado por Bourdieu, que explica o porquê da escolha, tratando-se da busca pela satisfação de interesses e aquisição de autoridade científica.

⁵³ Justificativa: O campo de estudos do lazer vem ao longo dos anos se modificando e se articulando com a sociedade das mais diversas formas. Sob a análise do comitê científico desse GTT, a nomenclatura Recreação e Lazer e sua respectiva ementa, não condizem com as modificações e articulações supracitadas, dando aos GTT um viés restrito. Dessa forma, o grupo de pesquisadores que compões esses grupos de trabalho temático se articulou no último CONBRACE em Porto Alegre e decidiu por unanimidade solicitar tais alterações. (Relatório de GTT: Recreação e Lazer Período de outubro de 2011 a julho de 2012, disponível em CBCE 2014, acesso em 25-02-2014)

(...) todas as práticas estão orientadas pela aquisição de autoridade científica (prestígio, reconhecimento, celebridade, etc.), o que chamamos comumente de “interesse” por uma atividade científica (uma disciplina, um setor dessa disciplina, um método, etc.) tem sempre dupla face. O mesmo acontece com as estratégias que tendem a assegurar a satisfação desse interesse. (p.124)

A primeira grande mudança foi no título, a discussão que levou a retirada da palavra Recreação e à inclusão da palavra Sociedade.

Para mim não desde o começo talvez, mas logo depois a gente já identificou que lazer e recreação não era uma nomenclatura adequada especialmente pensando em um GTT no CBCE, que se propõe a ser uma entidade avançada, crítica que supera o senso comum mesmo dentro da academia. (Entrevistado Inácio)

Nós começamos a discutir muitas coisas dentro do GTT, a primeira coisa, o nome (Recreação e Lazer). A gente já começou a pensar, "mas como a gente trabalha esse dueto dentro do título? Será que isso se constitui um tema, uma área temática de pesquisa ou será que uma coisa é ferramenta e outra coisa é fenômeno?", nós começamos a discutir isso. (Entrevistada Rechia)

Mas essa mudança não foi imediata, e nem pacífica.

Demorou para os integrantes do GTT aceitarem as mudanças, porque existiam professores, por exemplo, que eram contra a tirada da palavra recreação, porque diziam que a gente ia descaracterizar o grupo. Então houve uma resistência para alteração do título. Destaco ainda que a discussão da ementa e título demorou 10 anos significam 5 (CONBRACES) de discussão, até que chegou no CONBRACE de Porto Alegre e finalmente as alterações foram realizadas. (Entrevistada Rechia)

As mudanças foram reflexo da trajetória do GTT, segundo um dos entrevistados,

Toda discussão do GTT tinha um apelo forte sobre a questão do lazer como uma dinâmica da vida social. (Entrevistado Stigger)

Já o caso da mudança da ementa foi fruto de uma luta de alguns anos, e pode ou não estar relacionada a saída de integrantes que valorizavam mais a parte teórica para que os demais acumulassem capital suficiente para delimitar os novos contornos do GTT. Essa questão é bem explicada no trecho a seguir:

A estrutura do campo científico define, a cada momento, pelo estado das relações de força entre os protagonistas em luta, agentes ou instituições, isto é, pela estrutura da distribuição de capital específico, resultante das lutas anteriores que se encontra objetivado nas instituições e nas disposições e que comanda as estratégias e as chances objetivas dos diferentes agentes ou instituições. (BOURDIEU, p.133)

Os principais protagonistas da mudança do nome e ementa do GTT: Lazer e Sociedade realizaram estudos pós-doutorais ou doutoramento fora do país, e infere-se que esse aprofundamento pode ter auxiliado no processo de empoderamento desses sujeitos, para que tivessem autoridade científica suficiente para propor, aprovar e materializar as mudanças. Notem tais dados no quadro a seguir.

Quadro 55 - Pesquisador/Experiência de Pós-Doutorado.

Pesquisador	Experiencia fora do país
Humberto Luís de Deus Inácio	Pos doc Faculdade de Murcia Espanha
Silvia Cristina Franco Amaral	Pos doc Universidade de Barcelona
Marco Paulo Stigger	Doutorado Universidade do Porto
Silvio Ricardo da Silva	Pós doc atual Universidade de Valência
Christianne Luce Gomes	Pós doc UNCuyo/Argentina
Simone Rechia	Pós doc Instituto Nacional da Catalunha/Barcelona

Fonte: A autora (2016).

Nesta perspectiva o entrevistado elucida que as mudanças aconteceram na hora certa, ao mencionar que

(...) entendendo também que nomes e ementas, conceitos estão sempre em mudança, não necessariamente que as mudanças vão permanecer por muito tempo, mas já tinha passado da hora de acontecer. (Entrevistado Silva)

Comungando de igual ponto de vista, uma das pesquisadoras avalia positivamente a mudança do nome do GTT, justificando:

Eu avalio como muito positiva, eu acho que vai ao encontro do amadurecimento do debate no campo. Porque lazer e recreação na minha concepção, é redundante. Não é que lazer e recreação sejam a mesma coisa, mas é que são fenômenos que se desenvolvem e historicamente de um conceito para o outro, há barreiras deslizantes. (...) A recreação seria praticamente as atividades que você pode desenvolver no campo docente, o desdobramento pedagógico do lazer. Enquanto que você falar de lazer e sociedade exprime uma concepção mais ampliada de toda a abrangência mesmo que o fenômeno lazer requer, do ponto de vista dos estudos e do olhar do pesquisador. O olhar do pesquisador para o lazer tem que ser na sua relação com a sociedade como um todo. Então eu acho que a mudança foi um grande avanço. (Entrevistada Marcassa)

Já outro entrevistado conta um pouco de como foi essa mudança:

Primeiro que o GTT naquele período da 1ª ementa, as pessoas que protagonizavam eram o Fernando Mascarenhas e a Luciana Marcassa. Então, a impressão que dava é que a vontade dos pesquisadores era

estudos conceituais sobre o lazer. E eu sempre dizia, “não, eu quero entender a vida das pessoas”. (Entrevistado Stigger)

O mesmo pesquisador defendeu a inclusão do empírico na ementa e mostra que isso foi uma luta de poder:

Mas a nossa mira não é dimensão conceitual, é entender como o lazer, enquanto uma instância da vida, uma das dimensões da vida humana, se manifesta em diferentes lugares, grupos sociais, etc. Então, por isso eu protagonizei a mudança. Porque a primeira coisa da qual eu criticava era essa, o GTT não está aqui para estudos conceituais sobre lazer, o GTT quer compreender o lazer na vida das pessoas. (Entrevistado Stigger)

Em relação a avaliação do produto final da ementa, destaca-se as seguintes considerações:

Eu acho que de certo modo foi positivo, porque a ideia da recreação vinha muito carregada de uma discussão funcionalista, e a ideia do lazer amplia um pouco. Mas, especificamente nesse último (CONBRACE/2015), eu notei um afastamento dos temas da Educação Física. Eu acho que isso se deve aos mestrados interdisciplinares na área do lazer. (Entrevistada Amaral)

Eu acho que o termo Lazer e Sociedade foi adequado, isso não faz com que a recreação desapareça do contexto, porque a relação entre os termos lazer e recreação é histórica. Então hoje, com essa terminologia lazer e sociedade, eu acho que isso deu uma ampliada e eu sou adepto e favorável dessa nomenclatura. (Entrevistado Isayama)

Nota-se em tais discursos uma preocupação em manter a Educação Física na posição central, em toda discussão no interior do GTT: Lazer e Sociedade. Corroborando com esta faceta, a entrevistada Gomes indica que:

Então ao passar de Recreação e Lazer para Lazer e Sociedade eu entendo que isso é uma evidência de uma preocupação maior, com o aprofundamento de conhecimentos e de saberes sobre a temática de lazer, e nesse caso vinculado com as questões das Ciências Humanas e Sociais. Agora, para mim isso só tem sentido se tiver uma contribuição efetiva para a área que está colhendo essa discussão, que é a Educação Física. Então eu entendo que os conhecimentos e as pessoas interessadas nisso podem discutir a temática a partir de diferentes abordagens, olhares, isso é muito salutar, mas a gente também não pode perder de vista que a Educação Física é o campo, é a seara que está colhendo e fomentando essa discussão. (Entrevistada Gomes)

De outro lado, emerge o receio de perder a Educação Física da centralidade, pois a nova configuração apresenta uma ampliação das áreas de conhecimentos que iluminam as pesquisas no GTT: Lazer e Sociedade.

Lembro que uma das questões era justamente para poder abarcar as temáticas onde o lazer dialogava com outras áreas, que não estavam mais só apresentando o trabalho de levantamento de produção do conhecimento. (Entrevistada Campos)

Segundo Miskyw, 2015 o GTT: Lazer e Sociedade tem se ocupado relativamente das questões disciplinares da Educação Física.

Parece-me prudente, no entanto, destacar a característica multidisciplinar também associada a participação dos autores que cursaram, cursavam ou ainda estão cursando Mestrado e Doutorado no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer PPGIEL (UFMG) e, além destas, as “outras áreas” da Pós-Graduação (com destaque para a Educação), não há como de conjecturar o GTT como um “espaço relativamente aberto”, algo que certamente guarda relação com a característica do lazer enquanto questão social de múltiplos “interesses” a ele associados. O uso do advérbio “relativamente” deve-se ao peso dos vínculos com a área da Educação Física. (Miskyw, 2015, p. 375)

A nova ementa pode contribuir para aproximação de novos pesquisadores, visto que corrigiu as distorções entre a ementa e a realidade do GTT.

Essa nomenclatura não se associa a nenhum olhar para o lazer, mas ela abre possibilidades. Eu acho que é importante, só colabora para integrar mais pessoas. (Entrevistada Silveira).

Porque na hora que a gente pensa recreação, eu acho que a gente pensa muito no fazer, pouco no estudar. E na hora que você pensa em lazer e sociedade você abre para dialogar com varias outras linhas de pesquisas. (Entrevistada Campos)

Então era uma ementa muito antiga que ainda se aproximava muito da ideia que o GTT discutia o lazer como atividades ainda em uma perspectiva pouco focada em uma abordagem interdisciplinar e mesmo que isso não influenciasse diretamente as pessoas que já participavam do GTT porque elas não liam a ementa, já sabiam como o GTT funcionava independente da ementa, do título, mas com certeza influenciava aqueles pesquisadores novos ou que não participavam ainda do CBCE e que procuravam locais para alocar seus trabalhos, então acredito que essa foi uma mudança bastante significativa, aparentemente bem simples, que aprimora a nossa imagem no sentido daquilo que a gente acredita como sendo tanto o perfil do nosso GTT como aquilo que a gente crê sobre questões de conhecimento e no campo lazer. (Entrevistado Pereira)

É importante manter um alinhamento no entendimento do lazer no GTT, nos cursos de Graduação, Pós-Graduação e nos espaços de publicação, considerando que foram os próprios agentes do campo que orquestraram estas mudanças, fruto da ação e articulação no campo científico do lazer.

Em síntese, a mudança do nome e ementa do GTT: Lazer e Recreação para GTT: Lazer e Sociedade, foi consequência da trajetória de um grupo de

pesquisadores que, junto ao seu processo de Doutorado e Pós-Doutorado, foram fazendo escolhas que resultaram na delimitação atual do GTT, valorizando a pesquisa empírica, vinculando pesquisas fruto do ambiente da Pós-Graduação e iluminadas pelos estudos socioculturais.

Tendo essa perspectiva em pauta, passa-se para a análise do GTT materializado nos anais dos eventos do CBCE, entre os anos de 1997 a 2013.

6.2 OS ANAIS DO CONBRACE EM BUSCA DE PISTAS

As publicações nos anais acabam por marcar nuances que foram se consolidando como características do GTT, isto porque, como assevera Bourdieu “a estrutura de distribuição do capital científico está na base das transformações do campo científico e se manifesta por intermédio das estratégias de conservação ou de subversão da estrutura que ela mesma produz.” (1976, p.134)

Os pesquisadores selecionados para esta pesquisa são os que permaneceram por maior tempo na dinâmica do GTT, e podem ser considerados os dominantes deste espaço acadêmico. Bourdieu trata que “aos dominantes consagram-se as estratégias de conservação, visando assegurar a perpetuação da ordem científica estabelecida com a qual compactuam” (1976, p.137), o que justifica a relevância de suas trajetórias.

Algumas características quantitativas podem auxiliar na construção de um perfil dos pesquisadores que publicaram nos anais do GTT.

Em relação às instituições de origem dos pesquisadores, para fins didáticos, foram suprimidas algumas instituições, figurando na tabela apenas as aquelas que tiveram mais de 5 citações.

Quadro 56 – Instituições de origem dos pesquisadores autores de trabalho apresentado no GTT Lazer e Sociedade em CONBRACEs de 1997 á 2013.

	UFMG	UFPR	UFSC	UNICAMP	UFRN	UFPE	UFG	UNESP	UFRGS	UFRJ	UGF	UFES	UEM
1997	3	-	2	3	3	2	2	-	-	2	-	-	2
1999	1	1	2	4	6	4	2	1	-	1	2	2	1
2001	4	2	2	7	5	1	3	3	1	-	2	-	-
2003	-	3	9	2	6	2	3	2	4	-	1	-	1
2005	-	4	8	1	-	6	1	2	1	2	-	-	-
2007	5	5	1	-	-	-	1	2	-	1	1	1	-
2009	6	4	1	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-
2011	10	4	-	1	-	1	1	-	1	-	-	1	1
2013	2	2	-	2	-	-	2	-	2	-	-	1	-
Total	31	25	25	22	20	16	15	10	10	6	6	5	5

Fonte: A autora (2016).

Analisando a tabela constata-se pontos relevantes: a UFMG manteve sua participação constante no GTT e essa frequência pode ser atrelada a presença do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em estudos do Lazer, fomentado pela presença de vários grupos de pesquisa envolvendo a temática.

A UFPR também teve participações constantes, o que pode estar vinculado inicialmente ao CEPELS⁵⁴ e recentemente ao GEPEC, destacando-se somente a permanência da pesquisadora Simone Rechia (UFPR).

No caso da UFSC nota-se o afastamento dos pesquisadores do GTT nas últimas edições do evento, fato este relacionado ao egresso dos pesquisadores oriundos dessa instituição, os quais mudaram de GTT e/ou deixaram os estudos do lazer e também da Pós-Graduação.

Em relação a UNICAMP denota-se que a maioria das participações está vinculada à professora Sílvia Franco Amaral, e que o número de trabalhos é constante.

Na UFRN e na UFPE as participações cessaram a partir do evento de 2005, infere-se que os pesquisadores se aposentaram e/ou pararam de estudar o fenômeno lazer.

⁵⁴ Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS), da Universidade Federal do Paraná.

Essas ausências e presenças podem estar conectadas as linhas de pesquisa nos Programas de Pós-Graduação dessas instituições, como observado no quadro abaixo:

Quadro 57- Programa de Pós Graduação/ Instituição de Ensino Superior.

Programa de Pós-Graduação	Área de Concentração	Área CAPES
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer. ⁵⁵ UFMG. Criado em 2006.	Cultura e Educação (Lazer e sociedade; Lazer, história e memória; Formação, atuação e políticas de lazer.)	Área 45
Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR foi criado em 1998 e passou a atender a comunidade em 2002. ⁵⁶	Atividade física e saúde; Comportamento motor, Desempenho esportivo; Esporte, lazer e sociedade.	Área 21
O Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFSC. Início em 1996. ⁵⁷	Atividade física relacionada a saúde; Teoria e prática pedagógica em Educação Física; e Biodinâmica do desempenho humano.	Área 21
O Programa de Pós-Graduação da FEF/UNICAMP teve origem em 1988.	Atividade física adaptada; Biodinâmica do movimento e esporte e Educação Física e sociedade.	Área 21
Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFRN Criado em 2011. ⁵⁸	Movimento humano, cultura e educação; Movimento Humano, saúde e desempenho.	Área 21
Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPE. ⁵⁹	Biodinâmica do movimento humano.	Área 21
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano UFRGS.	Movimento Humano, Cultura e Educação (Representações Sociais do Movimento Humano, Formação de Professores e Prática Pedagógica); Movimento Humano, Saúde e Performance, (Atividade Física e Saúde, Atividade Física e Performance, Neuromecânica do Movimento Humano).	Área 21

Fonte: A autora (2016).

Em relação ao número de autores por trabalho, tem-se a seguinte sistematização:

⁵⁵ http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/. Acesso em 13/03/2016.

⁵⁶ <http://www.pgdef.ufpr.br/>. Acesso em 13/03/2016.

⁵⁷ <http://ppgef.ufsc.br/o-programa/apresentacao/>. Acesso em 13/03/2016.

⁵⁸ https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/cursos.jsf?lc=pt_BR&id=5591. Acesso em 13/03/2016.

⁵⁹ https://www.ufpe.br/ppgef/index.php?option=com_content&view=article&id=293&Itemid=232. Acesso em 13/03/2016.

Tabela 01 - Número de autores por trabalho apresentado.

Ano evento	Trabalho de autoria única.	Trabalho com dois autores.	Trabalho com 3 autores ou mais.	Total de trabalhos apresentados.
1997	17	8	2	27
1999	20	7	9	36
2001	21	18	5	44
2003	14	13	14	41
2005	9	11	13	33
2007	14	11	9	34
2009	4	15	8	27
2011	10	9	14	33
2013	5	5	14	24

Fonte: A autora (2016).

No início do GTT, em 1997, a maioria dos trabalhos era realizado por autores únicos. A partir de 2003 constata-se o surgimento dos trabalhos coletivos, infere-se que tal fato esteja relacionado a organização de grupos de pesquisa e legitimação de forma coletiva de construção do conhecimento. Por outro lado, também é no mesmo período em que se acentua o fenômeno do produtivismo, e começa a busca desenfreada pelo número de publicações. Nesse período inicial artigos em congresso também geravam pontuação, razão pela qual trabalhos com um número maior de autores podem tanto ser frutos de um trabalho coletivo, quanto arranjos com viés produtivista.

Passa-se, agora, para a análise do tipo de empreendimentos, apresentada logo abaixo:

Quadro 58 - Tipo de empreendimento/ Ano de publicação do trabalho no CONBRACE.

Tipo/Ano	1997	1999	2001	2003	2005	2007	2009	2011	2013
Teóricos	<u>12</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	14	7	18	12	9	2
Empírico	6	15	16	20	14	16	<u>15</u>	<u>17</u>	<u>17</u>
Relato de experiência	5	4	10	7	11	0	0	7	4*

Fonte: A autora (2016).

No início do GTT: Lazer e Sociedade havia um predomínio dos trabalhos teóricos. Outrossim, os relatos de experiência tiveram participações significativas até o ano de 2005, os quais, a partir de 2011, ganharam um reforço analítico, fato este verificado também por Miskyw (2015), destacando os relatos de experiência apresentados no período analisado pelo autor⁶⁰ “como um tipo de trabalho no qual os autores tratam de descrever suas ações em relação a intervenções no campo do lazer e, a partir delas, produzem análises, interpretações e reflexões”. (p.380).

Analisando-se a linha do tempo do GTT é possível concluir que logo após a alteração da ementa ocorre um predomínio dos estudos empíricos no GTT: Lazer e Sociedade, consideração novamente que converge com a pesquisa de Miskyw (2015), o qual acrescenta que a maioria dos trabalhos apresentados nas últimas três edições do GTT resultaram de pesquisas empíricas, mas a produção dos dados se deu de forma heterogênea.

Tal configuração pode ser relacionada com a teoria de Certeau (2007) quando ressalta a importância em compreender a ordem estabelecida para assimilar um contexto, explicando que

Esta ordem seria o equivalente daquilo que as regras de metro e rima eram antigamente para os poetas: um conjunto de imposições estimuladoras da invenção, uma regulamentação para facilitar as improvisações. (CERTEAU 2007, p. 50)

A ordem – metodologia – gera a possibilidade de diferentes interpretações, nesse sentido quando compreendemos de que forma a pesquisa foi realizada

⁶⁰ Anais do CONBRACE de 2009, 2011 e 2013.

conseguimos ampliar as possibilidades de interpretação da mesma, além de estimular novas formas de pesquisa a partir do entendimento das demais.

Nesse caso, torna-se relevante mapear quais as estratégias metodológicas utilizadas pelos autores de trabalho no GTT: Lazer e Sociedade.

Em todas as edições do GTT apenas um trabalho no ano de 1997 foi quantitativo e qualitativo, os demais seguiram a abordagem qualitativa.

Unicamente pela análise dos resumos, não foi possível mapear o tipo de estratégias metodológicas utilizadas, tendo em vista o modelo dos resumos não fornecer informações suficientes para tal classificação e não haver disponibilidade da versão completa dos manuscritos a fim de possibilitar análise mais aprofundada.

Já entre os trabalhos empíricos temos as seguintes estratégias metodológicas apresentadas⁶¹.

Quadro 59 - Mapeamento das Estratégias metodológicas dos estudos empíricos publicados no CONBRACE- GTT: Lazer e Sociedade de 1997 á 2013.

Ano/Estratégia metodológica	Entrevista	Observação	Análise de documento	Etnografia	Pesquisa de campo	Questionário	Exploratória	Outros*
1997	1	1	1	-	-	1	-	1
1999	6	2	1	1	-	2	-	4
2001	8	4	3	-	-	2	-	3
2003	6	6	1	2	5	2	2	3
2005	4	1	3	1	6	1	-	-
2007	3	3	3	3	6	-	1	1
2009	3	3	5	3	1	-	1	3
2011	4	1	4	6	-	1	-	5
2013	3	5	4	4	-	3	-	1
Total	38	26	25	20	18	12	4	21

Fonte: A autora (2016).

*Outros: historia oral, escala de comportamento responsável, historia de vida, estudo de caso, descritiva, grupo focal, pesquisa histórica, analise de discurso, pesquisa ação, pesquisa engajada, análise cultural, bibliográfica.

Percebe-se, analisando o quadro acima, que a entrevista, estratégia metodológica com mais destaque nos trabalhos, busca dar voz aos sujeitos, e a observação, a segunda mais citada, somada a etnografia e a pesquisa de campo, demonstram um anseio em desvendar os sentidos e os significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno lazer. Já a análise de documentos retrata uma tendência de

⁶¹ Destaca-se que foram analisados os resumos dos trabalhos em questão.

estudos relacionados a produção do conhecimento e a avaliação de políticas públicas.

As temáticas identificadas nos trabalhos dos anais do CONBRACE, especificamente referente ao GTT: Lazer e Sociedade entre os anos de 1997 e 2013 foram sistematizadas nas categorias apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 02 - Temas apresentados no GTT: Lazer e Sociedade entre os anos de 1997 e 2013

Tema/Ano de edição do evento	1997	1999	2001	2003	2005	2007	2009	2011	2013	Total
Lazer e idoso	2	16	3	3	2	2	3	2	0	33
Lazer e natureza	1	0	12	3	7	4	0	3	1	31
Lazer, espaço e cidade	1	0	3	3	2	5	6	6	5	31
Lazer formação e atuação profissional	5	0	4	5	2	4	2	3	1	26
Lazer e educação	0	4	3	2	4	3	1	2	5	24
Lazer e esporte	0	3	0	3	2	2	2	5	6	23
Lazer e intervenção	3	1	4	2	7	0	0	0	2	19
Jogos/ Manifestações culturais	0	2	5	6	0	1	2	1	1	18
Políticas públicas e comunidade	0	3	0	0	1	4	5	0	1	14
Lazer e trabalho	4	0	3	4	1	1	0	1	0	14
Lazer (teoria)	3	0	2	2	2	1	2	2	0	14
Lazer e infância	0	1	3	1	1	2	3	1	1	13
Lazer e corpo	4	4	0	1	1	0	0	0	0	10
Produção do conhecimento	0	0	0	2	1	4	2	0	1	10
Saúde, recreação hospitalar, loucura	0	1	2	1	1	0	0	0	0	5
Lazer e juventude	0	0	0	0	0	2	0	1	1	4
Conceito de lazer para um grupo específico	0	0	0	3	0	2	0	0	0	2

Fonte: A autora (2016).

É possível relacionar algumas das temáticas encontradas com as tradições de pesquisa dos grupos de pesquisa e/ou pesquisadores. No quadro a seguir são explicitadas algumas dessas semelhanças, entre os temas mais citados e os pesquisadores que elegeram tais temáticas para suas pesquisas.

Quadro 60 - Pesquisadores em relação aos temas mais citados nos anais do CONBRACE no GTT Lazer e Sociedade.

Pesquisador	Temática
Humberto Luís de Deus Inácio	Lazer e natureza
Simone Rechia	Lazer, espaço e cidade
Helser Ferreira Isayama	Lazer formação e atuação profissional
Christianne Luce Gomes	Lazer e educação
Silvio Ricardo da Silva/ Marco Paulo Stigger	Lazer e esporte
Silvio Ricardo da Silva/ Simone Rechia	Lazer e intervenção
Silvia Cristina Franco Amaral	Políticas públicas e comunidade

Fonte: A autora (2016).

Muitas publicações no começo do GTT eram baseadas em relatos de experiência, pois relacionadas com o cotidiano da área no período e com a falta de tradição científica. Neste sentido, a explanação de Rechia:

E eu acho que a gente foi influenciando, porque essa nova geração da década de 80/90 foi assumindo e foi mudando um pouco a discussão do GTT. Que antes era mais de relato de experiências justamente porque tinha muitas prefeituras, muita gestão pública apresentando trabalho isso ocorria. Porque nós não tínhamos essa tradição de pesquisa dentro da área do lazer, a gente vinha da tradição do fazer. (Entrevistada Rechia)

Na última edição do CONBRACE, em 2015, o grande destaque do GTT foi o fato de que a maioria dos trabalhos estava relacionada aos Programas de Pós-Graduação, como reforça um dos entrevistados, ao tratar dos avanços do GTT, dizendo:

Eu acho que o GTT avançou muito, eles instigam, esses trabalhos são todos ou um resultado de teses ou de dissertações”. (Entrevistado Stigger)

Mais além, sobre os trabalhos apresentados nas edições analisadas por Miskyw (2015):

(...) pude concluir que grande parte dos trabalhos apresentados no GTT resulta de pesquisas empíricas, estas geradas a partir de diferentes modos de produção de informação (diversidade metodológica). Além disso, ficou bastante evidente a predominância do debate em torno de dois grandes campos de discussão - o lazer enquanto universo de formação de sujeitos e produção cultural e o lazer nos espaços urbanos e natureza - e de um conjunto mais diversificado de questões de investigação no interior desses campos. (2015, p.387)

Além disso, Simone Rechia destaca que outros GTT já passaram pelo processo de amadurecimento, mas o “Lazer e Sociedade” ainda está no caminho de

tal maturidade, e indica que seus orientandos, juntos aos demais coordenadores de grupos de pesquisa que atualmente compõe o GTT, serão os responsáveis por efetivar esse processo de abordagem do lazer como fenômeno na sociedade, assumindo o GTT.

Os protagonistas foram assumindo posições de coordenadores, exercendo influência nos comitês científicos sobre as definições dos contornos do GTT, com as temáticas e tipos de trabalhos, o que estabeleceu uma espécie de tradição, cujo exemplo pode ser encontrado no relato de uma das entrevistadas, a qual informou que no último CONBRACE indicou suas orientandas de doutorado para fazerem parte do comitê científico do GTT. Pode-se analisar essa situação a partir da proposta de Bourdieu, pois a forma de introduzir seus orientandos nas diferentes funções do GTT é uma maneira de manter a dinâmica do GTTs, o que vem ocorrendo desde o início.

O amadurecimento da discussão, por vezes, pode afastar um pouco dos conhecimentos específicos da área da Educação Física, bem como uma possibilidade aventada por uma das entrevistadas, consubstanciada na criação de mestrados interdisciplinares, também pode ter contribuído para os afastamentos.

Eu acho que o lazer está em um momento muito difícil de existência dentro do CBCE e na Educação Física. Eu acho que a gente corre o risco de ter que ir para outro lugar, não ficar mais na Educação Física. Mas, acho que a gente perde se sairmos da Educação Física. Enfim, essa é a minha posição. Olhando para os trabalhos do CONBRACE (2013), eu vejo um nítido, não vou dizer cem por cento, mas um nítido afastamento das temáticas do que a gente entendia por Educação Física até aqui. Pode ser que a gente precise ampliar o conceito de Educação Física. (Entrevistada Amaral)

O entrevistado Myskiw, discorrendo sobre mudanças reiteradas pelas alterações na ementa e no título do GTT, acredita que as modificações foram tão intensas que “a Educação Física saiu do GTT? Parece que agora nós temos só sociólogos, turismólogos e antropólogos no GTT e o pessoal de Educação Física não está mais”. (Entrevistado Myskiw)

Atualmente, uma questão importante é manter o equilíbrio entre o número de pesquisadores e de acadêmicos no GTT, a fim de garantir que as discussões progridam.

Então eu entendo que os integrantes do GTT precisam também cuidar muito dessa parte, sempre encontrando alternativas para mobilizar os pesquisadores, professores, pessoas que já tem uma inserção no campo

para que elas permaneçam. Porque aí sim, para quem está chegando vai a reboque dessas discussões, mas a gente continua caminhando. (Entrevistada Gomes)

O GTT teve uma qualidade muito grande de trabalhos (CONBRACE, 2015), isso para mim é a minha leitura, muitas dissertações, muitas teses sendo apresentadas durante os dias do GTT, mas ao mesmo tempo você vê os acadêmicos de graduação um pouco distantes da discussão. (Entrevistado Myskiw)

Em alguns períodos no GTT, nas discussões epistemológicas, ocorria muito o que Stigger chama de patrulhamento epistemológico, convergindo para o egresso de alguns pesquisadores. Isayama relata caso semelhante:

Eu acho que no GTT de lazer havia uma briga muito grande entre os diferentes grupos, uma briga que, do meu ponto de vista, era originária ainda daquela formação da (UNICAMP), eu vivi esse momento na (UNICAMP) e eu vivia essas relações um pouco tumultuadas entre as pessoas lá na (UNICAMP) e a gente tinha até grupos que não dialogavam. Então acho que isso também foi expresso dentro das ações do (CBCE). Então os primeiros anos que eu participei do GTT, eu sinceramente tive uma dificuldade grande e eu não tinha vontade de apresentar o trabalho. Eu achava que não era saudável a forma como as pessoas lidavam ou se relacionavam dentro daquele espaço. (Entrevistada Isayama)

Esse patrulhamento pode ser entendido como uma forma de violência simbólica, esta que nas palavras de Medeiros (2007):

Trata-se de um tipo de violência, de uma forma particular de constrangimento, exercida com a cumplicidade daqueles que dela são vítima que extorpe submissões que não são percebidas como submissões, extorquindo também crenças socialmente inculcadas. A teoria da violência simbólica repousa, portanto, em uma teoria da produção da crença, aspecto responsável pela convicção do pertencimento a um campo social. (p.21)

Destaca-se que muitos pesquisadores preferem sofrer a violência simbólica e galgar uma posição no campo, do que sair do cenário concorrencial. Por outro lado, esse patrulhamento pode ser percebido também como algo positivo, como ocorrido no caso das tendências metodológicas. Segundo o depoimento de Rechia foi a partir das investidas de Stigger – criticando as formas metodológicas escolhidas pelo grupo de pesquisa dela, tanto no ambiente do CBCE, quanto nas Bancas de defesa de dissertações e teses – que gerou o amadurecimento da perspectiva do grupo na pesquisa em questão, revelando que resistir a esse patrulhamento permitiu aos pesquisadores amadurecerem cientificamente, e fazer com que suas pesquisas se desenvolvessem.

Circunstância idêntica é encontrada no pronunciamento de Pereira, ao discorrer acerca de uma apresentação sua realizada no CONBRACE de Salvador, esclarecendo que sua pesquisa possuía como objetivo diagnosticar as atividades de lazer de uma cidade e na análise dos dados foi utilizada a classificação de Camargo dos interesses culturais:

Na época isso foi muito questionado, eles não entenderam, eles achavam que eu perguntava o que as pessoas faziam a partir dos interesses, mas a gente perguntava o que as pessoas faziam e nós classificávamos. Mas eu lembro que essa era uma época que já estavam tentando superar essa ideia dessa rigidez dessas classificações e taxonomias. No interior do GTT a gente teve um debate bastante interessante na época e isso não que mudou, mas me fez pensar a partir do que foi discutido lá, me fez pensar em alguns desdobramentos para essa investigação. Porque logo na sequência, ainda em (Montes Claros), o grupo que eu liderava lá foi contemplado por outro projeto, por outro financiamento, esse já era um edital específico da (Fapemig) que chama “Extensão Interface com a Pesquisa” aonde a gente se apropriou, a gente se valeu dos dados da investigação para pensar em algumas intervenções e também algumas ações de pesquisa. E a partir dessa reflexão do (CBCE), do (CONBRACE) e também de outras porque o trabalho foi bastante divulgado, nós demos outros rumos. Então para a minha formação tem sido um espaço de diálogo muito interessante. (Entrevistado Pereira)

A diminuição dessa forma de discussão, com “brigas” e patrulhamento epistemológico, segundo um dos entrevistados, diminuiu logo após este evento de Salvador, tendo ele afirmado:

Outra coisa que está avançando no GTT, e isso eu acho que eu protagonizei um pouco quando eu fui coordenador do GTT, é que até (Salvador) tinha muita briga, tinha muita divergência das pessoas. (Entrevistado Stigger)

Um ponto que não passou despercebido foi o empoderamento dos pesquisadores, a partir da realização de pos-doc fora do país e do fortalecimento de seus grupos de pesquisa, culminando com acúmulo de capital científico, que possibilitou os avanços da ementa e título do GTT.

Sobre o GTT hoje, alguns professores comentaram os avanços percebidos, discorrendo que

(...) o GTT avançou muito na qualidade dos trabalhos e no tipo de diálogo que está acontecendo dentro do GTT. (Entrevistado Stigger)

Em relação aos frequentadores do GTT, Myskiw faz uma inferência sobre a relação entre os Programas de Pós-Graduação e a ampliação ou estagnação do evento.

Do ponto de vista de envolvimento de mais gente, ou de um crescimento, isso vai depender muito dos Programas de Pós-Graduação, e de como o tema do lazer está inserido nesses programas. Me parece que é isso, se o tema lazer, nos Programas de Pós-Graduação crescer eu acho que o GTT vai ter um crescimento.

Outro elemento que também considera central no futuro do GTT é a permanência dos grupos de pesquisa:

Outra coisa que sustenta o GTT são os grupos de pesquisa, sobretudo alguns coordenadores de grupo de pesquisa que tem um vínculo muito grande com o GTT, então se futuramente a gente conseguir manter esses pesquisadores (...) o (GT) vai continuar na mesma configuração que ela está acontecendo. (Entrevistado Myskiw)

Já outro entrevistado destaca a ausência de pesquisadores nas discussões:

A gente sabe que o jogo de interesses e a possibilidade de estar presente e de ter um espaço pra falar e pra ser ouvido é necessário pra todo acadêmico. Então vejo um número muito pequeno de pesquisadores. Não é a totalidade, é claro, mas eu vejo pesquisadores que ainda não tem outros espaços, então acabam ficando ali. E um número muito pequeno. Eu to chamando aqui de pesquisador e novamente, sem querer ser elitista, não é isso, mas pra mim é doutor e pessoas que estão galgando isso ou que estão em processo disso. E eu vi um número muito pequeno de pesquisadores na sala. (Relacionando-se ao CONBRACE 2015) (Entrevistado Isayama)

Outro pesquisador mostra preocupação com a renovação dos pesquisadores no GTT e a migração de alguns autores para outros GTTs.

A gente fala do movimento renovador da Educação Física, não tenho dúvida de que houve um movimento renovador das pesquisas e dos estudos do lazer no Brasil justamente logo após os anos 2000, com Simone Rechia, Fernando Mascarenhas, Luciana Marcassa. O grupo da Heloisa Brhuns de maneira geral, veio muitos orientandos do Marcelino na época. Então eu acho que houve um movimento de renovação, essas pessoas estavam no GTT Lazer de Recreação, e já faz algum tempo que algumas dessas pessoas migraram para outros GTTs. (Entrevistado Inácio)

O que o pesquisador escolhe estudar precisa ser considerado importante e interessante para ele e para os outros, pois só assim é conquistada a autoridade científica. Nas trajetórias dos pesquisadores é possível identificar, gradativamente, como cada um foi construindo seu objeto de pesquisa e quão importante o

considera. A busca por espaço no campo científico também contribui nesta delimitação e na flutuação de problemas de pesquisa.

(...) a tendência dos pesquisadores a se concentrarem em problemas considerados como mais importantes se explica pelo fato de que uma contribuição ou descoberta concernente a essas questões traz um lucro simbólico mais importante. A intensa competição assim desencadeada tem todas as chances de determinar uma baixa nas taxas médias de lucro material e/ou simbólico e, conseqüentemente, uma migração de pesquisadores em direção a novos objetos menos prestigiados, mas em torno dos quais a competição é menos forte.” (BOURDIEU, p.125)

A procura pela área interdisciplinar e a recente discussão em busca de uma área de estudos socioculturais é um bom exemplo da migração de pesquisadores da área 21.

Em relação a trajetória do GTT: Lazer e Sociedade, uma das entrevistadas disserta:

A história se repete e avança, porque nós saímos de uma falta total de cientificismo do GTT para um movimento de ciência mais forte, de produção científica. Então eu acho que de 1995 que foi o meu primeiro CONBRACE para esse último que eu fui agora em 2013 você percebe claramente que quase não existem mais pessoas no GTT que vão apenas para assistir trabalho, mas sim grupos de pesquisa que se encontram nesse espaço científico. (...) é uma área que precisou se fortalecer e vem se fortalecendo, ela já não nasce forte, ela nasce fraca no sentido de a área ser uma ferramenta, serem jogos e brincadeiras, muito mais uma ferramenta que um objeto de pesquisa, de ciência e vai construindo isso dentro do próprio GTT, diferente do GTT de saúde ou do treinamento desportivo, que já nasce com a força. O nosso GTT não nasce com força, ele nasce pela força. (Entrevistada Rechia)

A partir desse relato, destaca-se a necessidade de valorizar a capacidade de mobilização dos pesquisadores, mantendo os líderes de grupos de pesquisa vinculados ao comitê científico e conectar cada vez mais com os Programas de Pós-Graduação, pois no CBCE as engrenagens ainda funcionam parcialmente de forma personificadas.

Inspirado na visão de Certeau, considerando-se que sua orientação epistemológica não é ingênua, não ignorando a existência do capitalismo e do consumismo, é primordial dar voz ao sujeito, e encontrar nas astúcias o grande potencial da resistência e da transformação.

A identidade fornecida por esse lugar é tanto mais simbólica (nomeada) quanto, malgrado a desigualdade dos títulos e das rendas entre habitantes da cidade, existe somente um pulular de passantes, uma rede de estadas tomadas de empréstimo por uma circulação, uma agitação através das

aparências por um não-lugar ou por lugares sonhados. (CERTEAU, 2007, p.183)

Com o domínio das teorias e metodologias sobre os estudos do fenômeno lazer, os pesquisadores que permanecem no GTT demonstram pertencimento ao coletivo, ao tema e as discussões, nas palavras de Certeau o “gosto muito de estar aqui é uma prática do espaço, este bem-estar tranquilo sobre a linguagem onde se traça, um instante, como um clarão” (CERTEAU, 2007, p.190), ou seja, os professores percebem as maneiras de fazer acadêmico presentes no GTT e se identificam com elas, tendo assim clareza nos trajetos a serem percorridos para manutenção da ordem estabelecida.

As mudanças na nomenclatura e ementa do GTT Recreação e Lazer para Lazer e Sociedade acompanharam as mudanças nos Currículos da Graduação e nas discussões promovidas pela Pós-Graduação. A materialização dessas alterações foi fruto dos esforços dos agentes do campo em pauta, os quais acumulando capital científico e legitimando sua autoridade científica, delimitaram os novos contornos que podem ser identificados na atual configuração da instituição, como o predomínio dos estudos empíricos com abordagem sociocultural e pedagógica.

Nesse sentido, o CBCE, a partir da configuração dos GTTs, e aqui, especificamente o GTT Lazer e Sociedade, pode ser hoje entendido, com base nos dados e análises apresentadas, com uma brecha de resistência no cenário estratégico construído pela CAPES. Pois, se por um lado a CAPES gerou um processo acelerado de produção científica, muitas vezes sem qualidade, em decorrência do estabelecimento de seus critérios de avaliação; por outro lado contribuiu para o avanço da produção científica no campo do lazer na área da Educação Física.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tem como tema central o conhecimento no campo do Lazer na área da Educação Física. O cenário é o CBCE, especificamente o GTT Lazer e Sociedade; e os atores sociais são professores pesquisadores que fazem parte desse coletivo. O enredo se desenrola à medida que se identificam as modalidades de ação: a Graduação em Educação Física e a Pós-Graduação. A partir disso foram localizadas as formas das práticas que definem cada modalidade, quer sejam: ensino, extensão e pesquisa. E, finalmente, tentou-se desvendar os tipos de operações especificados pelas maneiras de fazer acadêmico, procurando explicar a prática cotidiana.

Parte-se do princípio que o campo científico é uma área concorrencial, em busca do monopólio da autoridade científica. Assim, a capacidade técnica é aqui compreendida como conhecimento e experiência com a metodologia escolhida, e o poder social ou a busca pela legitimidade de um saber. Nesse sentido, a competência científica pode ser compreendida como um modo de retratar a forma e o conteúdo de uma ciência, que possa ser considerada como legítima.

Identificaram-se os caminhos percorridos pela Educação Física, e em seguida pelo Lazer, na descoberta do poder de interlocução com os conhecimentos das Ciências Humanas e Sociais. Considerando-se esta análise, percebe-se o protagonismo de instituições como a CAPES e o CBCE, ora na imposição de estratégias, ora na possibilidade de criação de espaços de resistência, frente a tensão constatada entre as Ciências Sociais e as Ciências Biológicas.

Para tanto, buscou-se identificar pesquisadores imersos no contexto universitário, seus grupos de pesquisa e sua inserção em Programas de Pós-Graduação que atualmente figuram como personagens principais nos estudos do lazer no cenário brasileiro, a partir do recorte do GTT Lazer e Sociedade, do CBCE. Encontrou-se na retórica destes entrevistados pistas que levaram a percepção de elementos para descrever as maneiras de fazer acadêmico – no ensino, na extensão e na pesquisa, demarcando as distinções entre Graduação e Pós-Graduação.

Neste panorama, visualizam-se marcas das mudanças históricas no tratamento do lazer no meio acadêmico. Inicialmente, tem-se o próprio surgimento do GTT Lazer e Recreação, no ano de 1997, que pode ser relacionado a tendência das universidades em apresentar a temática como possibilidade de aprofundamento

nos cursos de graduação; cujo exemplo são as propostas contidas no Parecer nº 776/97, do Conselho Nacional de Educação. Destaca-se, ainda, a prioridade na abordagem do tema nos cursos de Bacharelado, em detrimento das Licenciaturas, o que se relaciona ao fato da Recreação ser atrelada à uma ocupação, ou seja, a atuação do Bacharel; e não compreendendo o fenômeno lazer e sua ampla possibilidade de conexões com a Educação, qualidade de vida, e outras possibilidades. Ademais, como os currículos representam a força de pessoas, grupos ou perspectivas, os professores que compõe as licenciaturas em Educação Física parecem não ter força para impor uma abordagem mais ampliada na tematização do fenômeno lazer.

Mapeando a realidade de docentes em relação ao ensino, abordando disciplinas que discutem a temática lazer dentro dos cursos de Graduação em Educação Física, encontram-se alguns docentes que atuam sozinhos dentro de uma instituição, e os que contam com parcerias ou grupos articulados que fortalecem o lazer enquanto área do conhecimento inserida na Educação Física.

Destaca-se ainda que os dados coletados revelaram uma relação direta entre o número de professores na área do lazer na Graduação e o tamanho da força da área do lazer no currículo da formação, tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação.

Especificamente, em relação a extensão, nota-se como este aspecto do cotidiano universitário, em alguns casos, é negligenciado pela dificuldade que os professores têm em trabalhar de forma articulada o ensino, a pesquisa e a extensão. Este fato também pode estar vinculado à busca em atender as metas de pesquisa, que são supervalorizadas em relação ao ensino e extensão. No entanto, constata-se que existem pesquisadores que, ao exercer astúcia, são capazes de materializar tal articulação, considerando a extensão como solo rico de formação e produção científica.

Questão também importante é a dos financiamentos, que por vezes estão diretamente relacionados a uma análise quantitativa da produção científica, aproximando os critérios de avaliação para se credenciar ou se manter em um Programa de Pós-Graduação, com aqueles exigidos para conquista de subsídio de diferentes instituições científicas.

Neste contexto, identificaram-se certas brechas que os docentes usam para sobreviver ao ambiente produtivista e manter sua atuação no ensino, pesquisa e

extensão, tendo o Lazer como bandeira de trabalho. Neste último caso, dá-se especial atenção ao fato da compreensão do potencial de valorização da pesquisa empírica nas experiências extensionistas, ou seja, valorizar a atuação prática no desenvolvimento de um pesquisador e sua capacidade de perceber temas de pesquisa que possibilitem a transformação social.

A proposta desta pesquisa foi dar voz a estes sujeitos, tendo como cenário o campo dos estudos do lazer, composto não só por pesquisas isoladas ou publicações, mas sim por sujeitos inseridos em um campo científico, influenciados de diferentes formas pela atuação de órgãos superiores, como a CAPES. Destaca-se, assim, as diferenças encontradas nos Programas de Pós-Graduação inseridos na Área 21 da Saúde, nos quais as exigências avaliativas parecem ser mais forçadas e pautadas no produtivismo; do que em relação ao Programa de Pós-Graduação da Área 47 Interdisciplinar, aqui representada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos do lazer da UFMG, para o qual satisfazer as exigências aparenta ser mais natural, emergindo então a discussão sobre o produtivismo e suas relações com o cotidiano dos pesquisadores.

Especificamente sobre o CBCE, percebeu-se uma crítica em relação a atual organização em GTTs, por reforçar uma tendência já superada da fragmentação do conhecimento, inobstante a busca em outros momentos do CONBRACE da articulação entre as diferentes vertentes da Educação Física. Atualmente muitos pesquisadores anunciam a necessidade de uma procura pela interdisciplinaridade e pela reorganização da dinâmica dos GTTs.

Nota-se na dinâmica atual do CBCE que os GTTs assumem um caráter dualístico, vez que podem, em uma primeira observação, atuar como pontes entre as diferentes abordagens, possibilitando análises multi ou interdisciplinares, ao passo que, em segunda análise, exercem a figura de fronteiras, que ainda são necessárias para garantir a especificidade nos temas, almejando o amadurecimento do campo do Lazer na área da Educação Física.

Por outro lado, sobre as atividades do GTT: Lazer e Sociedade, os pesquisadores destacaram a importância deste espaço para apresentação de trabalhos e discussões, vez que a participação em tais momentos foi relatada como significativa na formação de parte dos entrevistados, tanto para discussão de suas pesquisas de mestrado e doutorado, quanto para o amadurecimento de seus grupos de pesquisa.

Outra questão discutida foi a mudança na nomenclatura, de “Lazer e Recreação” para “Lazer e Sociedade”, tendência que pode ser percebida também dentro dos cursos de Graduação em Educação Física, como apresentado neste manuscrito. Ressalte-se que inicialmente, no ano de 1969, a disciplina era apenas denominada Recreação, anos mais tarde Recreação e Lazer (Década de 80 e 90), e contemporaneamente, a expressão Lazer é a protagonista, a qual vem acompanhada de outros elementos, não somente do termo Recreação, o qual inclusive foi retirado de muitos currículos.

Emerge, neste cenário de mudanças, que a alteração da ementa do GTT Lazer e Sociedade foi fundamental para demarcar o amadurecimento do coletivo, que em seus primórdios tinha em sua maioria pesquisadores que optavam pelos estudos teóricos e relatos de experiência, e hoje sua composição é majoritariamente de pesquisadores que desenvolvem estudos empíricos, correlacionados com o cotidiano e analisados a partir dos aspectos socioculturais e pedagógicos.

Conclui-se, portanto, que o processo de amadurecimento do GTT Lazer e Sociedade partiu de um espaço de relatos de experiência sobre Recreação e Lazer para um espaço de manifestação da força dos novos estudos sobre Lazer e Sociedade, vinculados a área da Educação Física.

Nessa perspectiva, identifica-se um empoderamento dos docentes para concretizar mudanças na ementa e nomenclatura do GTT Lazer e Sociedade, o qual pode estar relacionado aos processos de doutoramento, pós-doutoramento fora do país e aos processos de produção científica (editores e pareceristas de periódicos, orientadores na Pós-Graduação, autores de artigos e capítulos de livro, conferencistas, gestão administrativa no CBCE, entre outros) que contribuíram para o aumento da autoridade científica de tais pesquisadores.

Acredita-se que as práticas cotidianas no ambiente científico / acadêmico conduziram o avanço da área de estudos do lazer, gerando autoridade científica aos atores sociais pesquisados, a partir da análise das maneiras de fazer acadêmico.

Destaca-se que não se buscou nesta pesquisa reduzir as maneiras de fazer a meras classificações, para não correr o risco de desconsiderar sua complexidade teórica e política, que demarcam nos dias atuais a atividade epistemológica em Educação Física.

Procurando responder o questionamento central desta pesquisa, conclui-se que as maneiras de fazer acadêmico dos estudos do lazer na área da Educação

Física, na perspectiva dos pesquisadores selecionados, seguem tendências epistemológicas relacionadas às Ciências Sociais e Humanidades e aos aspectos socioculturais e pedagógicos. As tendências metodológicas utilizadas seguem uma abordagem qualitativa, fundamentalmente empírica. Saliente-se que tais tendências foram identificadas pela análise das trajetórias dos pesquisadores, entendidas não apenas como a materialização de um produto (artigo), e sim um processo de construção da carreira intelectual.

Verifica-se que tanto CAPES quanto CBCE tiveram importante papel no desenvolvimento do campo de estudos do lazer na área da Educação Física, auxiliando na estipulação dos limites que o legitimam, pois, se por um lado a CAPES gerou, com o estabelecimento de seus critérios de avaliação, um processo acelerado de produção científica, muitas vezes sem qualidade; por outro lado contribuiu para o avanço da produção científica no campo do lazer na área da Educação Física.

Neste contexto, o CBCE, partindo-se da configuração dos GTTs, especificamente o GTT Lazer e Sociedade, pode ser entendido como espaço de formação acadêmica, por possibilitar a relação direta entre pesquisadores de diferentes níveis de desenvolvimento (iniciação científica, mestrado e doutorado), funcionando como um “laboratório de condutas científicas”, com destaque para o denominado “apadrinhamento” e para a resistência, não somente em relação aos processos estratégicos da CAPES, mas também a outras questões políticas que competem a área da Educação Física, tais como o engajamento político, científico e acadêmico, garantindo o CBCE a manutenção do coletivo de professores/pesquisadores.

Infer-se que o conjunto das maneiras de fazer acadêmico dos pesquisadores em pauta ditam os contornos identificados nas maneiras de fazer acadêmico no GTT Lazer e Sociedade no CBCE, fundamentando-se no protagonismo de tais pesquisadores, passando da análise da Recreação e Lazer para a discussão do Lazer e Sociedade.

Conclui-se, ainda, que a tradição metodológica do fazer acadêmico do campo sociocultural e pedagógico é diferente daquela do campo biologicista, materializando-se em distinções no tempo de produção, na quantidade e nos locais para alocação das produções, sendo que a velocidade exigida aos dois campos acaba por desprezar suas especificidades.

Mesmo que se identifique uma ação astuciosa de resistência política e acadêmica – a qual ocorre em alguns espaços, como por exemplo, nos Fóruns da Pós-Graduação promovidos pelo CBCE – os diferentes agentes desse campo, CAPES, CBCE, Programas de Pós-Graduação e Graduação na área da Educação Física, precisam encontrar uma maneira de fazer acadêmico que contemple, de forma igualitária, os diferentes aspectos de estudos, retomando a valorização de ambas as perspectivas, articuladamente, no intuito de amenizar a tensão entre Ciências Sociais e Ciências Biológicas, compreendendo a área da Educação Física como um corpo de conhecimento mais integralizado.

Outro ponto que merece destaque nas linhas finais é o quanto o processo desgastante da cultura do produtivismo vem impactando na formação de professores, que muitas vezes se reduz a preparação técnica de pesquisadores. Os mesmos agentes que discutem o avanço da pesquisa são também os responsáveis pela discussão sobre o fortalecimento da Educação Básica, inferindo-se que falta apenas diálogo e equilíbrio na gestão.

O cenário de protagonismo, detectado no interior do CBCE, é muito interessante, porém pensando no futuro do campo do lazer isso causa certa preocupação, pois quando uma força é personificada ela corre o risco de se fragilizar a partir do afastamento mesmo que momentâneo da fonte de liderança, tornando o cenário incerto.

Já no cotidiano dos cursos de formação em Educação Física é preciso legitimar o Lazer, como campo de atuação tão relevante quanto esporte, escola e saúde. Sendo assim, parece interessante que as maneiras de fazer acadêmico fossem capazes de refletir nas maneiras de fazer profissional, fortalecendo não somente o campo científico do lazer como também o campo de atuação profissional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. Q. de. Desafios (políticos) para uma associação científica: o CBCE em debate. **RBCE**, v.30 n.3, 2009.
- ALMEIDA, F. Q., et all. Classificações epistemológicas na educação física...redescrições. **Movimento**, v. 18, pp. 241-263, 2012.
- ASSIS, T. S. de A.; DRULA, A. J. Ementas de disciplinas com o termo “lazer”. **Kinesis**, v. 30, n.2, jul/dez. 2012.
- ÁVILA, A. **A Pós-Graduação em Educação Física e as Tendências na Produção de Conhecimento**: o debate entre realismo e anti-realismo. 2008, 251f. Tese (Doutorado em Educação Física), Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- BIANCHETTI, I. 30 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: os desafios para uma associação científica e os dilemas dos intelectuais institucionalizados. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v 30, n 3, p.13- 30, 2009.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, S. (Org). **Pierre Bourdieu Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Brasiliense, São Paulo, 1990.
- BRACHT, V. 30 anos do CBCE: os desafios para uma associação científica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v 30, n 3, p.31- 44, 2009.
- BRACHT, V. Desafios e dilemas da Pós-Graduação em Educação Física. In: RECHIA et all. (Org). **Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Ed Unijuí, 2015.
- CARVALHO, Y. M. (Org). **Política científica e produção do conhecimento em educação física**. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Goiânia, 2007.
- CASTELLANI FILHO, L. CBCE: Partilhando de sua história. In: CARVALHO, Y. M. (Org). **Política científica e produção do conhecimento em educação física**. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Goiânia, 2007.
- CBCE- Colégio Brasileiro de Ciências do esporte**. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/> Acesso em: 24/02/2014
- DAMIANI, I. R.; SILVA, A. M. As práticas corporais e os elementos do processo metodológicos da Pesquisa Integrada. In: DAMIANI, I. R.; SILVA, A. M. (Orgs.). **Práticas corporais**. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005. (p. 19-35)
- CERTEAU, M. de **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 2007.
- DESLANDES, S. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, M. (Org). **Pesquisa Social Teoria método e criatividade**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2011.p.31-60.

FALCÃO, Emmanuel Fernandes. **Vivência em comunidade: outra forma de ensino**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.

FRANÇA, R. **Diálogos entre oferta e demanda**: uma análise da relação entre o poder público e os grupos de ativismos sociais referentes aos parques da cidade de Curitiba. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GAMBOA, M.F.C; GAMBOA, S.S. A quantidade –vs-qualidade na produção de conhecimento em educação física. In: RECHIA et all. (Org). **Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Ed Unijuí, 2015.

GAMBOA, S. S. Verbetes: Epistemologia. In: **Dicionário Crítico de Educação Física**. Fernando Jaime Gonzáles (Organizador) e Paulo Evaldo Fensterseifer (Organizador). 1Ed. 421 páginas. Unijui, 2005.

GOMES, C. Pesquisas e produção de conhecimentos sobre o lazer na America Latina: diagnóstico e perspectiva. In: MIRTES, L. P. **Lazer turismo e hospitalidade**: desafios para cidades sede e subsede de megaeventos esportivos. Brasília: Ideal, 2011.

GOMES, R. de O. **Lazer e formação profissional**: entre licenciatura e bacharelado em educação física. 2013, 119f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

ISAYAMA, H. F. **Recreação e lazer como integrantes de currículos dos cursos de graduação em Educação Física**. 2002, 110f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

INÁCIO, H. L. de D. Lazer, educação e meio ambiente: uma aventura em construção. **Revista Pensar a Prática**, v. 9, n. 1, 2006.

KUNZ, E. Ciência do esporte da educação física e do movimento humano: prioridades, privilégios e perspectivas. In: CARVALHO, Y. M. (Org). **Política científica e produção do conhecimento em educação física**. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Goiânia, 2007.

LAVILLE, C.; DIONEE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: ARTMED; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LYRA, V. O protagonismo da Escola de Educação física na formação de professoras e professores no Rio Grande do sul. In: GOELLNER, S. MUILHEN, J. (Org). **Memórias do Esporte e do lazer no Rio Grande do sul**. FUNDERGS, Porto Alegre, 2013.

MANOEL.E.J. Produtivismo e ética na pesquisa em educação física. In: RECHIA et all. (Org). **Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Ed Unijuí, 2015.

MEDEIROS, C. C. **A teoria sociológica de Pierre Bourdieu na produção discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil (1965-2004)**. Tese (Doutorado em Educação) Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007

MINAYO, M. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. (Org). **Pesquisa Social Teoria método e criatividade**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2011.p.9-29.

MYSKIW, M. GTT Lazer e Sociedade: análises sobre a constituição de um espaço de estudos de produção de conhecimentos. In: RECHIA et all. (Org). **Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Ed Unijuí, 2015.

NETO, G. J. de Souza e COSTA, E. G. da. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** - Referências sobre lazer: uma análise das publicações entre 1979-1992. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Anais. Salvador, 2009.

OLIVEIRA, M. A.T. de. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): história e historiografia. **Educação e Pesquisa**. vol.28 no.1 São Paulo Jan./June 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100004 acesso: 21-04-2014.

RECHIA, S.; SILVA, P.C.C.; ALMEIDA, F.Q.; O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e seu fórum e Pós-Graduação. In: RECHIA et all. (Org). **Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Ed Unijuí, 2015.

RECHIA, Simone. **Parques públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer**. Campinas, 2003. Tese de Doutorado em Educação Física, Departamento de Educação Física. Unicamp.

RECHIA, S. et all. Espaço Univer-Cidade e Pelc: a experiência do grupo GEPEC/UFP na gestão do programa de esporte e lazer na cidade de Curitiba. **Licere**, v 15, n1, 2011.

RECHIA, S. et all. (Org). **Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Ed Unijuí, 2015.

RECHIA, S. et all. As Regras do Jogo: reflexões sobre a produção científica na sociologia do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Movimento Humano**, v. 23, p. 161-169, 2015.

REIS, L. J. A. **Novos atores em cena dos estudos do lazer no Brasil: possíveis diálogos a partir da teoria configuracional**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

REIS, L. J. A.; CAVICHIOLLI, F.; STAREPRAVO, F. A OCORRÊNCIA HISTÓRICA DO LAZER: reflexões a partir da perspectiva configuracional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v 30, n 3, p.63-78, 2009.

REZER, R. O CBCE como “solo comum” para diálogos necessários ao campo da Educação Física quatro apontamentos introdutórios... **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v 32, n 1, p.75- 92, 2010.

SCHWARTZ, G. M.; De GÁSPAR, J. C. GTT Recreação e Lazer: tendências temáticas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13., 2003, Caxambu. Anais... Caxambu: CBCE, 2003. CD-ROM.

SETON, M. da G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n.20, p.60-70, 2002.

SILVA, Rossana V. S. **Mestrados em Educação Física no Brasil**: pesquisando suas pesquisas. 1990, 251f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.

SOARES, Carmen. L. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994. p.143.

_____. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. P.145.

STIGGER, M. P.; SILVEIRA, R.; MYSKIW, M. O processo de avaliação da Pós-Graduação em Educação Física e Ciências do Esporte no Brasil e algumas das suas repercussões cotidianas. In: RECHIA et all. (Org). **Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Ed Unijuí, 2015.

TAVARES, O. Desafios e dilemas da Pós-Graduação em Educação Física. In: RECHIA et all. (Org). **Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Ed Unijuí, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

a) Dados de identificação do pesquisador:

- 1) Os dados de formação e trajetória acadêmica disponíveis em seu currículo lattes estão atualizados? Se não, conte um pouco de sua trajetória acadêmica.

b) Sobre o CBCE:

- 2) Quem te influenciou a associar-se ao CBCE?
- 3) Você atualmente é associado ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte? Se sim, desde que ano. Se não, em que período foi associado?
- 4) Você atualmente participa de qual Grupo de Trabalho Temático?
- 5) Você sempre fez parte desse GTT? Se sim, por que permaneceu? Se não, por que ocorreu a mudança ou desistência.
- 6) Você acha que as suas pesquisas influenciaram ou influenciam a trajetória do GTT Lazer e Sociedade? Se sim, em que sentido.
- 7) Como você avalia a mudança na nomenclatura do GTT de “Lazer e Recreação” para “Lazer e Sociedade”.
- 8) Como você avalia o CBCE enquanto uma entidade científica e qual a relação que pode ser estabelecida com o GTT Lazer e Sociedade nos próximos anos?

c) Sobre suas pesquisas científicas e atividades docentes:

- 9) Qual o seu objeto de estudo atualmente. Houveram mudanças na sua trajetória em relação a esse objeto?
- 10) Quais teorias, conceitos, áreas do conhecimento sustentam suas pesquisas?
- 11) Quais as relações ou reflexos de sua pesquisa com a formação de professores de educação física no Brasil?
- 12) Quais metodologias você utiliza em suas pesquisas?
- 13) Que ações você desenvolve na sua prática docente: (Ensino - graduação, Pós-graduação, Formação de professores-, Pesquisa (publicações, estudos, eventos), Extensão(Projetos).
- 14) Qual sua opinião sobre os critérios de pontuação nas tabelas da CAPES?

- 15) Você faz parte ou coordena um grupo de pesquisa? Se sim, qual? De que forma são realizadas as dinâmicas de trabalho do grupo?
- 16) Qual seu trabalho mais relevante? Indique até 3 títulos.
- 17) Quais são os eventos que você prioriza hoje, participando, apresentando trabalhos. Eventos Nacionais ou Internacionais.
- 18) Você está credenciado em algum programa de Pós Graduação? Se sim, em que área do conhecimento?
- 19) Quais as suas possibilidades de publicação nessa área do conhecimento?
- 20) Se não for a área 21(Saúde). Porque não na área 21.
- 21) Você acha que essa inserção em um Programa de Pós-Graduação influencia a sua permanência ou não no GTT Lazer e Sociedade.
- 22) Gostaria de acrescentar mais alguma informação.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Matrizes epistemológicas e metodológicas dos estudos e pesquisas no campo do lazer ligados a área da Educação Física a partir da constituição do Grupo de Trabalho Temático Lazer e Sociedade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte até os dias de hoje.

Pesquisadoras: Aline Tschoke e Simone Rechia (orientadora)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Matrizes epistemológicas e metodológicas dos estudos e pesquisas no campo do lazer ligados a área da Educação Física a partir da constituição do Grupo de Trabalho Temático Lazer e Sociedade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte até os dias de hoje.”

Objetivo: Analisar as matrizes epistemológicas e metodológicas dos estudos e pesquisas no campo do lazer ligados a área da Educação Física a partir da constituição do Grupo de Trabalho Temático: Lazer e Sociedade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte até os dias atuais, na perspectiva dos pesquisadores associados a esta instituição.

Metodologia: A pesquisa será realizada na cidade de residência do entrevistado. A pesquisadora fará contato via e-mail ou telefone e convidará os sujeitos a participar do projeto. Após a aceitação será agendada uma entrevista, que será registrada em áudio em um gravador e em vídeo em uma câmera filmadora. Durante o estudo o voluntário responderá as perguntas formuladas em um roteiro de entrevista semiestrutura.

Riscos e Desconfortos: A pesquisa não apresenta nenhum risco ou desconforto para os voluntários.

Benefícios: O desenho da pesquisa não possibilitará a obtenção de resultados imediatos, porém os participantes receberão uma cópia dos resultados sistematizados em formato de tese em versão digital e uma cópia em versão vídeo documentário logo após a finalização do estudo.

No tocante, a **garantia de esclarecimento e liberdade de recusa** os atores sociais serão esclarecidos sobre a pesquisa a qualquer momento que solicitarem. Você é livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos: a participação no estudo não acarretará custos para você e não será liberada nenhuma compensação financeira adicional.

Dúvidas e Esclarecimentos: Dúvidas ou outras informações posteriores poderão ser obtidas com a equipe de pesquisa por e-mail: aline.tschoke@ifpr.edu.br e geplec.edf@gmail.com Também no endereço: Departamento de Educação Física, Rua Coração de Maria nº 92 Bairro: Jardim Botânico. Curitiba/PR. CEP: 80215-370. Telefone (41) 3360 4329; (41)85074693.

Eu,..... abaixo assinado, tendo recebido todos os esclarecimentos acima citados, e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo toda documentação necessária, a divulgação e a publicação em periódicos, revistas, vídeo documentário bem como apresentação em congressos, workshop e quaisquer eventos de caráter científico.

_____, ____ de _____.

Assinatura do Pesquisado

Assinatura do Pesquisador

Termo de compromisso do(s) pesquisador(es)

Por este termo de responsabilidade, nós, abaixo-assinados, responsáveis pela pesquisa intitulada “Matrizes epistemológicas e metodológicas dos estudos e pesquisas no campo do lazer ligados a área da Educação Física a partir da constituição do Grupo de Trabalho Temático Lazer e Sociedade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte até os dias de hoje.” assumimos cumprir fielmente as diretrizes que visam assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao(s) sujeitos(s) da pesquisa e ao Estado, segundo a legislação vigente. Apresentaremos sempre que solicitado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), ou Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) ou, ainda, aos locais de Coleta dos Dados envolvidos no presente estudo, relatório sobre andamento da pesquisa, comunicando ainda ao CEP, qualquer eventual modificação proposta no supracitado projeto.

Curitiba/PR, _____ de 2014.

Profa. Dra. Simone Rechia

Profa.Ms. Aline Tschoke